UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
MESTRADO

RUAN LEVY ANDRADE REIS

***LETRAS DE FOGO, BARREIRAS DE LENHA - A Produção Intelectual Negra Paulista
em Movimento (1915-1931)***

Orientadora: Profa. Dra. Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez

SÃO PAULO

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R3751 Reis, Ruan
 Letras de Fogo, Barreiras de Lenha: a produção
 intelectual negra em movimento (São Paulo, 1915-
 1931) / Ruan Reis ; orientadora Leila Hernandez. -
 São Paulo, 2017.
 262 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
 Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
 Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
 História Social.

 1. História . 2. História do Brasil. 3. História
 Social. I. Hernandez, Leila, orient. II. Título.

MESTRADO

RUAN LEVY ANDRADE REIS

*LETRAS DE FOGO, BARREIRAS DE LENHA - A Produção Intelectual Negra Paulista em
Movimento (1915-1931)*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História Social do Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, como requisito para
obtenção do título de Mestre em História Social

Área de Concentração: História Social

Orientadora: Professora Doutora Leila Maria Gonçalves
Leite Hernandez

SÃO PAULO

2017

Para Anadja, Lucival e Gressie, pela distância e saudade
Para Vó Ana e os que vieram antes de nós

Agradecimentos

Tenho sérias dúvidas de quem ousa afirmar que o historiador é um profissional solitário. A trajetória que me levou a escrever estes agradecimentos é tão longa e tão marcante (já o sei) na minha vida, que só posso confirmar a ideia de que ninguém faz nada sozinho. Nem deve fazer.

Em primeiro lugar, à minha mãe e ao meu pai. Dona Anadja e Seu Lucival, não há como imaginar sequer a minha vida sem o apoio e amor incondicional de vocês dois. Saibam que tenho tamanha admiração pela história de vida de ambos, onde o estudo fez verter água da pedra mais dura, que custo a valorizar qualquer êxito que eu venha a ter. Nunca serei tão grande e forte quanto vocês, mas sempre terei orgulho de mim quanto conseguir orgulhá-los de alguma forma. Aos maiores exemplos e inspirações da minha vida, muito obrigado por tudo painho e mainha!

À minha larga e especial família.

Minha linda e amada irmã, Gressie Reis, que tantas vezes me puxou e me puxa para ver o lado certo das coisas. Me corrige, me questiona, me impulsiona, me dá coragem, me ama. Te ter na minha vida me fez uma pessoa muito melhor, em todos os sentidos. Que esta conquista ajude a retribuir o tamanho do orgulho que tenho de você.

Às minhas tias e tios, primos e primas, que sempre se preocuparam com meu bem-estar e se mostraram interessados e orgulhosos do meu caminho. Em especial aos e meus tios Luciano Reis e Márcio André Andrade, e ao meu primo Pedro Yuri N. Andrade. O primeiro, uma das pessoas mais bondosas, carinhosas, altruístas e inteligentes que conheci. Um exemplo de ser humano que carreguei e carregarei por toda a vida. O segundo, uma referência. Além de ter sido seu aluno na escola, aprendi demais com sua inteligência, criatividade. Tê-lo por perto foi sem dúvidas um grande privilégio da vida. E seu filho e meu querido primo-irmão, 6 meses de diferença de idade e muita coisa vivia junto. Todos, cada um à sua maneira, foram importantes para a conclusão deste trabalho.

Mas nem só de sangue se faz uma família. Aqui, quero agradecer imensamente a duas pessoas que são fundamentais na minha vida. Aos meus irmãos de vida Gustavo Azevedo e Rafael Domingos Oliveira. Guga, você sabe o quanto eu te amo. Muito obrigado pela parceria, preocupação e tantas conversas que tivemos sobre nossos trabalhos. Você é peça-chave deste trabalho e da minha vida. Rafa, meu amor, você não imagina como eu admiro

você. Mais do que agradecer pela ajuda na revisão e diagramação, seu espírito livre e combativo junto com sua capacidade intelectual das maiores são pra mim mais que um exemplo de historiador, de vida.

Às parceiras e aos parceiros que direta ou indiretamente me ajudaram ao longo dos anos que dediquei a esta pesquisa. Ao povo da Educação do Museu Afro Brasil, com quem tanto aprendi durante os dois anos que trabalhamos juntos. Muito obrigado Amanda Carneiro, André Luiz Leitão (famoso Baiano), Danielle Almeida, Gelson, Jefferson Ferreira, Josiane Rodrigues, Juliana dos Santos, Luciara Ribeiro, Luís Carlos, Márcio Farias, Mirella Santos Maria, Olívia Paradas, Renata Santos, Sidney Féhér, Thiago de Paula e Wasaulua Daniel. Foi maravilhoso compôr e estabelecer links como equipe com vocês! Bruna Amaro, que mais de perto acompanhou as tormentas do caminho, muita admiração e muito obrigado. A Edézio Aragão, meu parceiro do quarto ao lado, muitas vezes segurando a onda da casa e dos trabalhos quando eu estava na loucura da pesquisa e escrita. Allen Alencar, conversamos tanto pelo rumo da vida, da história e da História. Muito obrigado querido. Luma Pinto, muito obrigado pelo carinho da revisão e edição do romance que vem no apêndice do trabalho. Maíra do Nascimento, quantas barras você me ajudou a segurar! Se um dia ler esse trabalho, saiba que tem muito de você aqui. Muito obrigado.

Por fim gostaria de agradecer à todas e todos os professores que passaram pela minha vida, com quem sempre busquei aprender o máximo (ok, nem sempre). Muito obrigado ao meu amigo Prof. Dr. Petrônio Domingues, que me puxou para a iniciação científica, acompanhou o começo de minha trajetória acadêmica e me fez um apaixonado pela História e pela história do negro. Mas em especial agradeço a generosidade, a dedicação, o carinho e os ensinamentos da Prof. Dr. Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez. Mais que uma orientadora, você me ensinou, professora, muito sobre a vida. Saiba da honra que foi para mim estar ao seu lado nesses anos todos e na profunda admiração que tenho pelo seu caráter e sua grandeza intelectual. Tenho total convicção de que os erros desta pesquisa de mestrado estão na minha conta, mas os acertos são sua "culpa". Pensando sobre a trajetória desta pesquisa, revejo muitas das minhas escolhas, e não repetiria um tanto delas. Mas se pudesse voltar e escolher qualquer orientador possível, mil vezes te escolheria. Que felicidade a minha que a história fez com que também me escolhesse. Muito obrigado.

Resumo

REIS, Ruan Levy A. *Letras de Fogo, Barreiras de Lenha: a produção intelectual negra em movimento (São Paulo, 1915-1931)*. 2017. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

A presente pesquisa tem como objetivo estudar a produção de intelectuais negros em São Paulo, entre os anos de 1915 e 1931. Para tanto, utilizamos o conjunto de jornais paulistas feitos por negros e voltados para suas questões, que se convencionou chamar de Imprensa Negra. Estes periódicos foram o principal meio de divulgação de ideias e articulação política do movimento negro do período, num processo de mobilização que culminou com a fundação da Frente Negra Brasileira em 1931, maior entidade brasileira de base racial do século XX até a fundação do Movimento Negro Unificado, em 1978. A partir dos textos produzidos pelos articulistas dos 15 jornais estudados, percebemos como havia a proposta de um "integracionismo alternativo", através de ideias como "educação", "união" e pertença a "nacionalidade brasileira" sempre pautadas pela valorização da "raça negra", como estratégia para combater o racismo. Entre editoriais e artigos que versavam sobre as condições do negro, temos uma série de textos literários publicados nestes periódicos. Entre eles, analisamos o romance *A Boa Severina*, de José de Nazareth, e dezenas de poemas de mais de 15 autores, homens e mulheres. Tanto a literatura quanto os artigos nos permitem perceber que, apesar das divergências internas, o discurso articulado nos jornais compunha uma base comum de pensamento e organização coletiva, voltada para a militância antirracista da época.

Palavras-Chave: *Intelectuais Negros, Imprensa Negra, Literatura Negra, Pós-abolição, Movimento Negro*

Abstract

REIS, Ruan Levy A. *Fire Letters, Firewood Barriers: the black intellectual production in movement (São Paulo, 1915-1931)*. 2017. Dissertation. College of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo.

The present research aims to study the production of black intellectuals in São Paulo between the years of 1915 and 1931. For this purpose, we used the set of Paulista newspapers made by blacks and focused on their issues, which was known as the Black Press. These journals were the main means of disseminating ideas and political articulation of the black movement of the period, in a process of mobilization that culminated in the founding of the Black Front in 1931, the largest racial-based Brazilian entity of the 20th century until the founding of the Black Movement Unified, in 1978. From the texts produced by the writers of the 15 newspapers studied, we perceived the idea of an "alternative integrationism", through ideas such as "education", "union" and belonging to "Brazilian nationality", showing the value of the "black race" as a strategy to combat racism. Between editorials and articles dealing with the conditions of the Negro, we have a number of literary texts published in these journals. Among them, we analyzed the novel *A Boa Severina*, by José de Nazareth, and dozens of poems by more than 15 authors, men and women. Both the literature and the articles allow us to perceive that, despite the internal differences, the discourse articulated in the newspapers formed a common basis of thought and collective organization, focused on the anti-racist militancy of the time.

Keywords: Black Intellectuals, Black Press, Black Literature, Post-abolition, Black Movement

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo I - <i>O Peso das Circunstâncias: o negro paulista no pós-abolição</i>	29
I. 1 - "Trezentos anos de opressão não se eliminam com uma penada"	29
I. 2 - Pós-abolição e sonhos de liberdade efetiva.....	31
I. 3 - São Paulo: desenvolvimento para quem?.....	32
Capítulo II - <i>Imprimindo Ideias: A Imprensa negra e a organização dos dispersos.</i>	37
II. 1 - A Imprensa Negra em São Paulo	39
II. 2 - “Nossa Amada Nação”	49
II. 3 - Transnacionalidade	61
II. 4 - Imprensa Negra Organizativa.....	71
II. 5 - "A União Faz a Força"	72
II. 6 - “As Ideias de Muitos Labutadores Serão Concretizadas”	74
II. 7 - Conclusão	79
Capítulo III - <i>Sob a Lenha dos Empecilhos: produção literária como espaço de produção intelectual e luta antirracista em "A Boa Severina".</i>	82
III. 1 - "A Boa Severina" e a prosa de Combate de José de Nazareth.....	89
Capítulo IV - "Um Punhado de Versos que Traduz Seu Grande Sentimento" - a poesia negra	118
IV. 1 - Deoclé	118
IV. 2 - Laly, Leite e Jim de Araguay.....	124
IV. 3 - "A QUEM ME COMPREENDER" - AS MULHERES POETAS	137
Considerações Finais	155
Fontes documentais	160
Referências Bibliográficas	161
APÊNDICE - A BOA SEVERINA : cenas do cativeiro	168

Introdução

“Patrícios! A Independência é a liberdade das ideias”. É com essa afirmativa que o articulista negro Benedicto Fonseca inicia seu texto, publicado no jornal paulistano *O Alfinete*, em 1918. Seu argumento é o da valorização do "letramento", da educação, como meio para “prosseguir o desenvolvimento da nossa classe” a dos “homens de cor”. De negros e negras descendentes dos africanos feitos cativos e trazidos ao Brasil, escravizados.¹

Fonseca é um destes afro-brasileiros que adotaram uma postura ativa frente aos problemas decorrentes da situação dos negros nos primeiros anos da República pós-abolição. Valendo-se de diversas formas de expressão de suas ideias, os intelectuais negros foram peças-chave, com mais ou menos sucesso, no processo de elaboração, organização e execução de estratégias de luta contra as desigualdades sociais. Desigualdades estas que, no que tange a este grupo, se formam de uma imbricação entre experiências² de classe³ e raça, entre a marginalização social e o preconceito racial.

¹ *O Alfinete*. São Paulo, 22 de setembro de 1918, p.2

² A noção de experiência, aqui, é entendida como o conjunto de ações protagonizadas por sujeitos que “experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada” in THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria, ou uma constelação de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 182. Nesse sentido, a experiência se constitui por meio do conjunto de circunstâncias históricas vividas e, sobretudo, percebidas pelos sujeitos históricos que, por um lado dão substância às condições de classe, gênero, raça, sexo etc. e, por outro, conformam o sentido de ações coletivas de transformação da realidade. A *experiência*, assim, é *algo* dinâmico e está sempre em movimento.

³ Sendo a noção de *classe* fundada em uma relação histórica, é possível afirmar que “a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus” in THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 1. A árvore da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 10. Desse modo, neste trabalho compreendemos *classe* como um fenômeno histórico, ou em outras palavras, como uma experiência vivenciada e percebida historicamente, a partir da confluência de interesses partilhados e em oposição, e não como uma categoria abstrata definida *a priori*, na qual se devem encaixar etapas do desenvolvimento da consciência coletiva.

Nosso foco está na atuação dos intelectuais negros do estado de São Paulo, entre as três primeiras décadas do século XX. Com o fim do regime de escravidão no Brasil, em 1888, e do Império no ano seguinte, as relações sociais passam por processos históricos de transformação, mais ou menos acentuados, acompanhando tais mudanças.

Entre as diversas formas de luta que configuraram a chamada "campanha abolicionista", de finais do século XIX⁴ e a fundação da Frente Negra Brasileira em 16 de setembro de 1931, há certo "hiato" historiográfico e do senso comum sobre os caminhos do movimento negro no Brasil. Quando Márcio Barbosa, intelectual negro militante em finais do século XX decide organizar uma entrevista, assim indica o pensamento inicial do projeto:

Quando pensei em realizar as entrevistas para este trabalho, tinha em mente recuperar um pouco das histórias de vida das pessoas que construíram a Frente Negra. Queria saber suas motivações, suas expectativas e, principalmente, a maneira como reagiram a problemas que ainda hoje se colocam para a população negra. Interessava-me, sobretudo, a forma de organização que estabeleceram e como isso solucionava os problemas. Afinal, temos de aprender com a experiência (BARBOSA, 1998, p.9).

A ideia de Barbosa era, portanto, "aprender com a experiência". Acreditava que, ao ouvir as "motivações", "expectativas e, principalmente, a maneira como reagiram a problemas que ainda hoje se colocam para a população negra", poderia auxiliar na tarefa dos seus companheiros contemporâneos de luta. Desta forma, iriam "aprender com a experiência". Esta mesma intenção motivou outros dois intelectuais negros, esses no Rio de Janeiro, Yedo Ferreira e Amauri Pereira, a produzir o documentário "Frente Negra Brasileira". Nele, encontramos depoimentos de alguns dos antigos "frentenegrinos" como José Correia Leite, Francisco Lucrécio, Raul Joviano do Amaral, Henrique Cunha e Aristides Barbosa⁵. Em

⁴ Para referências sobre a campanha abolicionista no Brasil, Cf. ALONSO, Ângela. *Flores Votos e Balas: o movimento abolicionista brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁵ FERREIRA, Yedo & PEREIRA, Amauri M. *Frente Negra Brasileira*. Rio de Janeiro, 1985. Disponível, em três partes, em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j4H-dqC4Kug>>, <<https://www.youtube.com/watch?v=E9wfuqzbyfg>> e <https://www.youtube.com/watch?v=jI_SOM-moSw> , consultado em 2 de janeiro de 2017.

ambos os casos, recorrer à história da Frente Negra Brasileira - e a dos seus integrantes - era uma forma de- fundar a luta dos dias atuais na História.

Por outro lado, José Correia Leite e Henrique Cunha, por exemplo, foram muito atuantes no movimento negro bem antes da fundação da FNB. Além deles, uma série de outros intelectuais - negros e negras - postularam suas ideias sobre os problemas da população negra no Brasil pós-abolição nas três primeiras décadas do século XX que precederam a fundação da Frente. Ela é fundamental enquanto marco da luta antirracista no país, mas não se pode obliterar os anos de atuação e debate onde se formaram as bases para a criação da Frente Negra.

Se, até 1931, as tentativas de fundação de entidades representativas de cariz racial no Brasil não obtiveram a longevidade, o alcance e a grandeza da FNB, o principal espaço organizativo que o movimento se apropriou como canal privilegiado de elaboração e divulgação das ideias concernentes à situação do negro no pós-abolição e por eles produzidas, foi a chamada Imprensa Negra. Em São Paulo, o conjunto de jornais publicados por e para “homens de côr”⁶ adquiriu um significado único dentro do território brasileiro. O número de títulos, de colaboradores e leitores, além do alcance político, social, literário e artístico destas páginas não foi encontrado em outros estados. Foi em São Paulo que a imprensa negra mais se difundiu enquanto instância de atuação dos intelectuais negros. Assim, esses jornais configuram uma fonte importante para se estudar as suas ideias e proposições.

Deocleciano Nascimento, Lino Guedes, Gervásio Moraes, Luís Barbosa, Abílio Rodrigues, Jayme de Aguiar, Gastão Rodrigues da Silva, Arlindo Veiga dos Santos, Joaquim Domingues, Frederico Batista de Souza, Moysés Cintra, José Augusto Marques, Benedicto Florêncio e outros, redigiram, editaram e publicaram uma miríade de periódicos entre 1915 e 1931. Lá, debateram e divulgaram suas ideias e, com a circulação dos textos no “meio negro”, ajudaram a consolidar o movimento negro paulista do início dos anos 1900.

Nesta pesquisa de mestrado o termo “intelectuais”-se refere ao grupo de publicistas negras e negros que se propunham a falar pelos negros em geral. Sentiam-se representantes de

⁶ Denominação abundante nas páginas dos jornais, que dizia respeito ao conjunto de homens e mulheres que eram reconhecidos socialmente como descendentes de africanos escravizados no Brasil, independente se “pretos”, “pardos” ou “mestiços”.

todo o grupo social, todo o “meio negro” na atividade de produção de ideias sobre, para e por ele.

Pensamos a noção de intelectual como profícua para os homens e mulheres que estão escrevendo nos jornais da imprensa negra paulista nos baseamos na definição de “intelectual orgânico”, como definido pelo filósofo italiano Antônio Gramsci. Para ele,

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político. (GRAMSCI, 1982, p. 3)

Gramsci referia-se aos intelectuais orgânicos das classes dominantes e do seu papel no que chama de “hegemonia”. Para nós está claro que os afropaulistas de que tratamos não compuseram uma classe dominante. Feita esta ressalva, é caro perceber como os “intelectuais negros” estão imbricados com o “grupo social” ao qual são oriundos e representam, e como atuam na formação de uma “consciência da própria função” deste grupo, principalmente no campo “social e político”.

Esta consciência é trabalhada numa chave de questionamento, de combate. Os jornais, e os pensadores que os produziram, se organizam para combater os preconceitos e a sua condição enquanto minoria sociológica. Esta posição “contra-hegemônica” dos intelectuais é defendida por Edward Said, outro importante teórico deste tema (e de tantos outros). Convergindo para as ideias de Gramsci, Said considera que o intelectual “*é dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um grupo*” (SAID, 2005, p. 25). Propõe, ainda, a figura do “intelectual exilado”. Exílio que “*enquanto condição real pode também ser uma condição metafórica*”, já que “*mesmo os intelectuais que são membros vitalícios de uma sociedade podem, por assim dizer, ser divididos em conformados e inconformados*”. Enquanto o conformados se posicionam numa sociedade e “*crecem nela sem um sentimento esmagador de discordância ou incongruência*”, ou seja, “*os que sempre dizem 'sim'*”, os inconformados estão “*em conflito com a sua sociedade e, em consequência, inconformados e exilados no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias*” (p.60). Para o autor, este

intelectual exilado, como representante de um grupo social exilado, pode “*falar a verdade ao poder*” (p.99), ou seja, questionar a ordem vigente.

As ideias teóricas sobre os intelectuais, tanto de Gramsci quanto de Said, convergem para a aplicação que a historiadora Paulina Alberto faz quando estuda o pensamento dos afro-brasileiros que publicam suas ideias na imprensa negra paulista. Para ela, os “intelectuais negros” formam

um grupo de homens e algumas mulheres de certo letramento e posição social que orgulhosamente reivindicaram sua herança racial ou cultural africana e que aspiraram representar outros brasileiros de cor em discussões nacionais sobre raça e identidade nacional desde o começo dos anos 1900.
(ALBERTO, 2011, p. 3)

Ancorados nas reflexões destes autores, pensamos os jornalistas envolvidos com os projetos de imprensa negra em São Paulo, reconhecendo que a publicação de jornais é uma das várias formas possíveis de se engendrar uma atividade intelectual. Vale assinalar que foram vários os intelectuais negros que atuaram em outras searas, como na literatura, no teatro, na música, nas artes plásticas, nas associações e agremiações negras, na política e no esporte. A escolha pelos jornais nesta pesquisa é por eles se configurarem, no período que compreende as primeiras décadas do século XX, como aglutinadores, como principais portavozes do pensamento produzido por diversos intelectuais negros paulistas.

Estes intelectuais, no entanto, estão inseridos num complexo político-cultural conhecido por Atlântico Negro. Em obra homônima, o sociólogo inglês de ascendência guianesa Paul Gilroy explicita que neste espaço estão presentes “*as formas culturais estereofônicas, bilíngues, ou bifocais originadas pelos - mas não propriedade exclusiva dos - negros dispersos nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória (...)*” (GILROY, 2001, p.35). Assim, a experiência da diáspora africana, oriunda do tráfico transatlântico de escravizados teria conformado um espaço comum e transnacional de relação entre os descendentes desta experiência ao redor do Atlântico. Deste modo, os intelectuais negros afropaulistas encarnam uma identidade (ao menos) bipartida, entre a África e a América, entre passado e presente. W.E.B du Bois, em seu livro *The Souls of Black Folk*, de 1903, fez o primeiro esforço de se pensar a chamada dupla consciência, onde se pertence e ao

mesmo tempo não se pertence ao seu local de nascimento. Reforça este sentimento de “dualidade – um Americano, um Negro; duas almas dois pensamentos, dois anseios irreconciliáveis; dois ideais em contenda num corpo escuro que só não se desfaz devido à sua força tenaz”. Esta dupla consciência é, para Du Bois, um traço tão marcante que:

a história do negro americano é a história deste conflito – deste anseio por atingir um estado adulto consciente de si, por fundir esta dupla consciência num ser melhor e mais verdadeiro. Não deseja que nenhuma das anteriores consciências se perca através desta fusão. Não pretende africanizar a América, pois a América tem muito a ensinar ao mundo e à África. Não pretende branquear a sua alma de Negro numa corrente de americanismo branco, pois sabe que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo. Apenas deseja que um homem possa ser, ao mesmo tempo, negro e americano, sem ser amaldiçoado e humilhado pelos seus próximos, sem que as portas da oportunidade lhe sejam brutalmente fechadas na cara (SANCHEZ, 2011, p.51).

Paul Gilroy dedica o quarto capítulo de seu "Atlântico Negro" ao pensamento de Du Bois, "*cuja instigante teoria de 'dupla consciência' é um dos temas centrais que organizam meu trabalho*" (GILROY, 2001, p.28). Esta noção, "*em oposição explícita a um estilo de análise baseado na fixidez do estado-nação moderno como receptáculo para as culturas negras*" teria sido produzida por Du Bois "*não só para expressar o ponto de vista distintivo dos negros americanos, mas também para esclarecer a experiência das populações pós-escravos em geral*" (GILROY, 2001, p. 248).

A hipótese desta pesquisa de mestrado é pensar se estes intelectuais negros foram efetivamente agentes de um “movimento” negro, orgânico e coerente, antes mesmo da fundação de um dos marcos da organização do movimento negro no século XX, a Frente Negra Brasileira, em 1931. Neste sentido faz-se necessário explicitar o que entendemos por “movimento”. Partimos de um clássico da teoria dos movimentos sociais, a obra *From Mobilization to Revolution* do sociólogo estadunidense Charles Tilly (1977). Nela, o autor trabalha com a ideia de “ação coletiva”, que “*consiste em pessoas agindo juntas em busca de interesses comuns*”(p.11), e como esta coletividade se organizaria em “eventos”, “grupos” e “movimentos”, como o estudioso da ação coletiva pode usar estes termos para trabalhar um tema específico.

Pensando na categoria “evento”, o estudioso começa com uma ação, como uma “*revolução particular, cerimônia ou confronto*”, ou um conjunto de ações pontuais, como “*ataques em casas pobres, demonstrações ou revoluções em geral*”. Assim, a partir desta categoria Tilly mostra que os pesquisadores da ação coletiva “*se preocupam com populações e crenças no limite em que se relacionam diretamente com o evento*”. Desta forma, a chave de análise da categoria evento relaciona uma dada população com uma determinada ação. Já a categoria “grupo” indica uma “*população que possui estruturas em comum e compartilham crenças*”. Mas a noção de “movimento” é “*mais complicada do que as ideias de grupos ou eventos*”, uma vez que “*por movimento social nós normalmente queremos dizer um grupo de pessoas identificadas pela sua ligação com conjuntos de crenças específicas. (...) Mas movimento também comumente significa ação*”(p.14). Entende-se como “movimento” uma dada população que compartilha crenças em comum e age na sociedade guiada por elas. Assim, este trabalho se desenvolve com intuito de comprovar que os intelectuais negros em São Paulo, entre os anos de 1915 e 1931, compartilhavam de uma agenda comum e atuavam baseada nela.

Utilizamos como fonte principal a série de jornais da Imprensa Negra produzida por e para negros no estado de São Paulo. Entre 1915 e 1931 diversos títulos foram editados e publicados, como *O Menelik* (1915-1916), *A Rua* (1916), *O Xauter* (1916), *O Bandeirante* (1918-1919), o *Alfinete* (1918-1921), *A Liberdade* (1919-1920), *A Sentinella* (1920), o *Kosmos* (1922-1925), o *Getulino* (1923-1926), o *Clarim d’Alvorada* (1924-1940), o *Elite* (1924), o *Progresso* (1928-1931), o *Patrocínio* (1928-1930) e o *Auriverde* (1928).

Metodologicamente nos baseamos principalmente nas indicações de Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, tanto na importância analítica que se deve dar aos aspectos formais e técnicos do periódico, tanto físicos (tamanho e quantidade de páginas e diagramação, por exemplo) quanto “sociais” (distribuição, circulação, tiragem, vendagem, etc) quanto a considerar a “historicidade da imprensa”, ou seja, que utilizar jornais como fonte histórica “*implica, sim, em trazer para cada conjuntura e problemática que se investiga os desdobramentos teóricos e metodológicos que ela encaminha, articulando a análise de qualquer publicação ou periódico ao campo de lutas sociais no interior do qual se constitui e atua*” (CRUZ & PEIXOTO, 2007, p.257). Deste modo, pensamos os periódicos negros não como “*mero depósito de acontecimentos*”, mas levando em consideração a relação dialética que estabelece na sociedade (e na história) na qual se insere.

O referencial metodológico de Carlo Ginzburg, identificado como “*paradigma indiciário*”, também foi bastante útil na análise das fontes para desenvolvimento desta pesquisa para perceber os indícios, os pormenores, que podem ser peças-chave na análise historiográfica. O paradigma indiciário é “um método interpretativo” centrado na proposta de reconstruir a história por meio dos “resíduos” e “dados marginais, considerados reveladores” (GINZBURG, 1989, p.149). No caso específico desta pesquisa, ao nos depararmos com a imprensa negra, é preciso não somente dar valor ao que está posto, mas também aquilo que os indícios deixam transparecer, o que está abaixo da superfície, nas entrelinhas.

Ao longo do primeiro capítulo, *O Peso das Circunstâncias*, abordaremos o contexto histórico, social e político em que os intelectuais negros estavam inseridos e suas ideias. Discutiremos o processo de abolição do sistema da escravidão e suas repercussões na vida da população negra no Brasil e, mais especificamente, em São Paulo onde de forma mais contundente a política estatal e a ideologia das elites convergiram para propor uma substituição da mão de obra negra pela imigrante européia. A política de imigração, que contemplou também imigrantes asiáticos, estava sendo implementada desde o século XIX, ganhando força nas primeiras décadas do século XX.

A imigração européia para São Paulo foi parte de um projeto político-social das elites paulistas fundadas nas ideias do branqueamento e do racismo científico, muito em voga naquele contexto. A vinda de europeus para substituir a mão-de-obra escravizada e depois negra livre era amparada na crença da inferioridade endêmica da raça negra. Desta forma, os imigrantes brancos que aqui chegaram iriam contribuir com a “civilização” e o “progresso” da nação. Como consequência deste e de outros fatores, a marginalização social da população negra adquiriu carizes diversos daqueles do período da escravidão. No mercado de trabalho, no acesso aos equipamentos urbanos e nas relações cotidianas, o negro se viu desprivilegiado frente às oportunidades e alijado de seus direitos.

Além disso, os primeiros anos da República no Brasil foram de bastante agitação social e política. O país foi palco de revoltas como a que aconteceu em Canudos, a do Contestado em Santa Catarina, e as da Vacina e da Chibata no Rio de Janeiro. Em São Paulo, foi forte a presença do movimento tenentista. Na capital que diz não ser conduzida, e sim conduz, o avanço da industrialização era característica marcante. Neste processo, a migração de trabalhadores, vindos da Europa e Ásia fez da cidade um local de encontro que ocasionaria

o -apregoado cosmopolitismo paulistano. Esta característica moldou uma das especificidades da capital paulista, onde os encontros geram aproximações e afinidades mas muitos conflitos.

Neste cenário sócio histórico, a dinâmica que apresenta uma São Paulo cujo crescimento urbano foi rápido e de grandes proporções, fez com que esta cidade se tornasse um centro de migração de afro-brasileiros sobretudo vindos do interior e dos variados estados brasileiros, em busca das oportunidades que a capital parecia oferecer. O próprio processo de estabelecimento dos territórios negros em São Paulo é fundamental para que possamos compreender a história da cidade e dos intelectuais negros aqui estabelecidos. Foi nesse bojo que o associativismo negro ganhou força entre finais do XIX e início do XX, tomando as mais variadas formas como agremiações religiosas, grupos carnavalescos, associações da ajuda mútua, bailes e clubes sociais e esportivos, os negros encontraram formas de estar e viver numa sociedade que os segregava.

Dentre estas formas e diretamente ligada às agremiações negras, demos destaque aos jornais publicados por e para negros. Em primeiro lugar, iremos fazer um breve apanhado dos estudos que já se debruçaram sobre a temática assinalando que a maior parte dos clássicos sobre a temática, como os textos de Roger Bastide, Florestan Fernandes e Clóvis Moura, concentram-se nas ciências sociais. Em seguida, temos uma série de trabalhos, como de Miriam Ferrara, Regina Pinto, Petrônio Domingues, Flávio Gomes e, mais atualmente, Gilmar de Carvalho e Flávio Thales Francisco que estudaram a Imprensa Negra de São Paulo e permitem identificar uma relação ainda mais direta com a imprensa negra paulista do século XX. Em seguida, situamos a jornais deste período dentro da história dos jornais negros e tecemos considerações sobre seus aspectos físicos e técnicos.

A pesquisa de mestrado de Miriam Nicolau Ferrara, vinda a lume nos anos 1980, é de grande valia para os estudos sobre Imprensa Negra. Em primeiro lugar por compilar e disponibilizar a coleção de jornais que a maioria dos pesquisadores dos anos 1990 em diante utilizaram. Esta compilação, feita através da coleta direta com intelectuais negros e seus arquivos particulares, encontra-se disponível para consulta na biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Em segundo lugar, pela proposta de periodização da coleção, dividindo-a em fases. Nestas fases, acentuou suas diferenças e pontos de inflexão, influenciando diversos trabalhos posteriores, inclusive a presente dissertação de mestrado. Nossa baliza temporal encontra-se entre a primeira (1915-

1923) e a segunda (1924-1937) fases estabelecidas por Ferrara⁷. Para ela, a mudança entre estas fases se dá com a publicação do jornal *Getulino*, "*onde se iniciam, efetivamente, na imprensa negra as reivindicações que irão prosseguir até 1937*"(Ferrara, 1985, p.201) e assumem "*abertamente as reivindicações como instrumento de luta*" (FERRARA, 1985, p.205). As interpretações de Ferrara influenciaram pesquisas seguintes, e desdobramentos de suas ideias podem ser encontrados, por exemplo, na obra de Regina Pinto. A autora se utilizou do referencial proposto por Ferrara para mostrar a importância da Imprensa Negra para a formação do movimento negro no Brasil. (PINTO, 1993)

No fim dos anos 1990, a pesquisa de Kim Butler trouxe relevantes contribuições ao debate sobre os periódicos negros. Primeiro por ter estabelecido diferenças marcantes entre o caso paulista e o baiano. Para ela, a identidade e a luta da população negra baiana teve como base a cultura, enquanto em São Paulo, a cor da pele. Dada a grande quantidade de africanos presentes em Salvador desde o século XIV até o XIX, os laços de solidariedade muitas vezes se construíram em torno da "nação"⁸. Com o tempo, as diferenças culturais entre as "nações" foram sendo minimizadas, em detrimento de uma identidade cultural africana, sempre contraposta socialmente pela identidade branca européia. Deste modo, a cultura de origem africana foi se tornando o eixo que marcava a resistência de negros e negras na Bahia. Já em São Paulo, cujo crescimento numérico dos negros é significativo entre os séculos XIX e XX, com maioria já nascida no Brasil, os laços de solidariedade se formaram em torno da cor da pele, e não da origem cultural. O grande afluxo de imigrantes europeus também acirrou as tensões sociais entre brancos e negros. (BUTLER, 1998, pp. 47-62).

Além desta importante consideração, que nos ajuda a pensar as especificidades do movimento negro paulista, Butler desenvolve a noção de "*integracionismo alternativo*", bastante útil para situar as ideias dos intelectuais em torno dos periódicos negros. Para autora, enquanto o "*integracionista busca tornar-se parte da sociedade usando os mecanismos de acesso sancionados pelo setor dominante*", se utilizando de "*privilégios de cor, cultura, riqueza e gênero*". De outro modo, o "*integracionista alternativo busca tornar-se parte da*

⁷ O porquê da adoção da nossa baliza temporal será melhor explicitada adiante.

⁸ Designações de "nação", como Mina, Nagô, Angola, Congo, e outras, eram determinações ligadas ao local de embarque nos navios escravistas em África, ou seja, não diziam respeito aos grupos étnicos a que as pessoas escravizadas pertenciam. Mesmo assim, laços de solidariedades se construíram na diáspora baseados nessas designações.

sociedade usando mecanismos alternativos". A Frente Negra Brasileira teria essa característica, pois fez-se valer da "*identidade étnica negra para formar um grupo de pressão de massa advogando acesso igual à sociedade brasileira*" (BUTLER, 1998, p.63). Como iremos demonstrar ao longo desta pesquisa, este "integracionismo alternativo" já estava fortemente presente na Imprensa Negra antes da fundação da Frente Negra.

Nos anos 2000, houve um aumento considerável das pesquisas que utilizaram os jornais negros como fonte histórica. Dentre eles, destacamos as pesquisas de Petrônio Domingues, Flávio Gomes, Gilmar Carvalho e Micol Seigel.

Atualmente, Petrônio Domingues pode ser considerado a principal referência nos estudos históricos acerca da Imprensa Negra. Desde a tese de doutorado sobre a Frente Negra Brasileira, onde utilizou o jornal *A Voz da Raça* como uma de suas fontes (DOMINGUES, 2005), o autor publicou dezenas de textos a partir da pesquisa nos periódicos negros. Além de escrever sobre a Imprensa Negra em si (DOMINGUES, 2008), escreveu artigos sobre carnaval⁹, futebol¹⁰, música¹¹, teatro¹², intelectuais e personalidades negras como Lino Guedes¹³, Arlindo Veiga dos Santos¹⁴ e a dançarina Josephine Baker¹⁵, além de reflexões sobre eventos importantes para o "meio negro" paulista como as comemorações do 13 de maio¹⁶ e a construção da herma a Luiz Gama¹⁷. Assim, um dos méritos da pesquisa de

⁹ DOMINGUES, Petrônio. O 'tríduo da loucura': Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico. *Tempo* (Niterói. Online), v. 19, p. 117-142, 2013.

¹⁰ DOMINGUES, Petrônio. O 'campeão do Centenário': raça e nação no futebol paulista. *História Unisinos*, v. 19, p. 368-376, 2015.

¹¹ DOMINGUES, Petrônio. 'Esse samba selvagem': o charleston na arena afro-atlântica. *Afro-Hispanic Review*, v. 30, p. ---, 2010.

¹² DOMINGUES, Petrônio. Tudo preto: a invenção do teatro negro no Brasil. *Luso-Brazilian Review*, v. 46, p. 113-128, 2009.

¹³ DOMINGUES, Petrônio. Lino Guedes: de filho de ex-escravo a 'elite de cor'. *Afro-Ásia* (UFBA. Impresso), v. 41, p. 133-166, 2010.

¹⁴ DOMINGUES, Petrônio. O "messias" negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): "Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro II!". *Varia História* (UFMG. Impresso), v. 22, p. 517-536, 2006.

¹⁵ DOMINGUES, Petrônio. A "Vênus negra": Josephine Baker e a modernidade afro-atlântica. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 45, p. 95-124, 2010.

¹⁶ DOMINGUES, Petrônio. "A redenção da nossa raça": as comemorações da abolição da escravidão no Brasil. *Revista Brasileira de História* (Impresso), v. 31, p. 19-48, 2011.

Domingues é demonstrar a amplitude de temas possíveis a serem trabalhados se valendo dos impressos negros como fonte.

Parceiro intelectual de Domingues, Flávio Gomes também trabalha com a Imprensa Negra. Em *Negros e Política* o autor faz um apanhado breve e acurado de momentos do movimento negro entre 1888 e 1837. Relacionando Rio de Janeiro e São Paulo, Gomes trata do associativismo e dos periódicos a partir das fontes impressas. Além de ser um trabalho que historiciza o movimento negro e salienta a importância dos intelectuais negros que aqui tratamos, a linguagem acessível e a capacidade de síntese fazem deste pequeno livro uma ferramenta eficaz na divulgação da pesquisa acadêmica sobre o tema para um público ampliado. (GOMES, 2005).

A dissertação de mestrado de Gilmar Luiz de Carvalho se coloca em linha de continuidade aos trabalhos de Clóvis Moura, Miriam Ferrara e outros, que tomaram a Imprensa Negra como fonte e objeto de estudo. Focando nos periódicos publicados entre 1915 e 1937, se embasou nas pesquisas anteriores mas avançou em alguns pontos. O mais considerável deles, é a preocupação em apontar e discutir as divergências políticas e de ideias entre intelectuais negros como Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite, Lino Guedes e Vicente Ferreira. Mesmo não concordando com a conclusão de que as "*diversas disputas ideológicas dentro da imprensa e do próprio movimento negro*" tiveram um papel importante em "*acelerar um processo de decadência que se estenderia até 1945*" (CARVALHO, 2009, p.190), pois divergências estão sempre presentes em qualquer grupo político e, neste caso, a conjuntura política da constituição do Estado Novo acabou determinando a situação do movimento à época, reconhecemos a necessidade de não obliterar as divergências internas ao grupo dos intelectuais negros.

No mesmo ano em que Carvalho conclui sua dissertação de mestrado, é publicado nos Estados Unidos o livro *Uneven Encounters*, da historiadora Micol Seigel. Seu importante trabalho, bastante influenciado pela pesquisa de Kim Butler, se destaca por adotar com bastante êxito o "método transnacional" para estudar a história do negro no pós-abolição no Brasil. Ao explicar seu método, diz que para ela "*história transnacional explora o global no local, via interações de grupos ou entidades que não se encaixam em fronteiras nacionais,*

¹⁷ DOMINGUES, Petrônio. A aurora de um grande feito: a herma a Luiz Gama. Anos 90 (Online) (Porto Alegre), v. 23, p. 389-416, 2016.

seja por serem maiores, menores ou os dois". Este método, entretanto, não significa dizer que a "nação" não seja uma categoria que necessite atenção. Em sua visão, *"o valor do método transnacional é sua habilidade de examinar e criticar o nacionalismo que permanece uma força política e intelectual poderosa"*(SEIGEL, 2009, p. xiii) . É a partir desta perspectiva que ela analisa os periódicos negros em São Paulo.

Esta perspectiva influencia dois importantes e recentes trabalhos sobre o negro no pós-abolição em São Paulo. A já citada obra de Paulina Alberto, *Terms of Inclusion*, estuda os intelectuais negros no Brasil do século XX. Sua pesquisa abarca os anos entre a virada do 1900 e 1985, aliando uma baliza temporal alargada a uma análise aprofundada. Esta característica é uma das virtudes do livro. Ademais, define bem o que ela considera por "intelectual" e aprofunda o método transnacional nesta área de estudos, como proposto e desenvolvido por Micol Seigel poucos anos antes. (ALBERTO, 2011)

No Brasil, os trabalhos de Flávio Thales Francisco são não só excelentes como apontam o futuro das pesquisas sobre a temática. Aplicando com maestria o método transnacional, desenvolve em sua pesquisa de mestrado uma análise de como o jornal *O Clarim d'Alvorada* pensou a luta do negro em São Paulo levando em consideração os negros da diáspora, nos Estados Unidos e na África. O *Clarim* celebrava em suas páginas as conquistas do negro estadunidense através dos jornais *Chicago Defender*, editado por Robert Abbott e *Negro World*, do líder jamaicano Marcus Garvey. Através da leitura destes jornais, os jornalistas negros do *Clarim* repensaram *"as imagens e símbolos retirados das experiências estrangeiras"* e as acomodaram num *"arranjo criativo"*, visando o seu *"projeto de ascensão social d[os] negros"* (FRANCISCO, 2010, p.10). Já em seu doutorado, o autor propôs o caminho inverso e analisou como as representações sobre as relações raciais no Brasil e na França, pensadas como *"fraternidades raciais"*, contribuíram para o discurso do *Chicago Defender* sobre a ideia de Novo Negro (FRANCISCO, 2015). Ou seja, entre as duas obras, o autor não só utilizou como aprimorou o "método transnacional", indicando caminhos para futuras pesquisas sobre a temática.

A presente pesquisa se encontra ancorada nas reflexões e contribuições desta historiografia. Atentos às mudanças internas que caracterizam fases diferentes da Imprensa Negra, privilegiamos a primeira e parte da segunda fase. Buscamos também perceber as especificidades da experiência e da luta dos negros em São Paulo e pensar estes intelectuais

como parte de um contexto transnacional sem esquecer o local. O que consideramos trazer de avanços pode ser resumido em dois itens.

Em primeiro lugar, é pensar o grupo em torno da Imprensa Negra produzida entre 1915 e 1931 como articulação efetiva de um movimento, dotado de organicidade, com pautas e agenda comum. Grande parte da historiografia sobre o tema ainda vê este momento como um "pré-movimento negro". Ao longo desta dissertação, pretendemos mostrar que o caráter político e reivindicatório já está presente na primeira fase das publicações, ao contrário do que preconizam Ferrara (1985, p. 200) e Domingues (2008, p.29), por exemplo¹⁸.

Em segundo lugar, nenhum dos trabalhos supracitados se preocupou em analisar a produção literária negra publicada através dos jornais. Dado que quase todos os periódicos publicaram literatura, na forma de contos, crônicas, poesia e folhetins, acreditamos ser uma lacuna historiográfica o fato de que elas não tenham ainda recebido a atenção devida. O discurso presente nas diversas obras literárias, tanto na forma quanto no conteúdo, enriquece a análise sobre as ideias presentes na Imprensa Negra. As ideias nele presentes pode concordar, discordar, enfatizar este ou aquele aspecto, além de incluir mais intelectuais na arena de embate de ideias propiciada pelos periódicos. Com esse horizonte, iremos dedicar especial atenção à literatura presente na Imprensa Negra com objetivo de possibilitar novas questões e buscar novas conclusões sobre este momento do movimento negro paulista.

Partimos, então, para a análise do discurso presente nesses periódicos. A superação dos problemas "da raça" pela via da integração à nação é, talvez, o princípio fundador, o mote de todos os textos. Esta estratégia, portanto, norteou a defesa de vários pontos que surgem nos artigos publicados nesses periódicos. A "união" dos "homens de cor", a "educação moral" e a defesa de formas específicas de comportamento teriam, portanto, este fim. Percebemos, também, como estes intelectuais negros estão conectados às experiências dos negros espalhados pelas várias localidades em que se deu a diáspora africana. O olhar transnacional compõe com as demandas locais da população negra, e direciona o pensamento desses intelectuais¹⁹.

¹⁸ Concordamos, portanto, com a análise de Carvalho, ao afirmar que na primeira fase (1915-1922), o protesto contido nas manifestações escritas e trazidas ao público negro através dos editoriais desses jornais é veemente". (2009, p.99).

¹⁹ Este aspecto será trabalhado mais adiante.

Uma parte da bibliografia clássica sobre o tema e grande parte do senso comum sobre os homens e mulheres que formam a "comunidade da imprensa"²⁰ negra, viram sua luta como inócua, apesar de importante historicamente. Afirmava-se que os argumentos contidos nos artigos não propunham uma mudança de condição, mas sim uma simples adequação. Para nós, as ideias contidas nos jornais mostram um duplo plano de atuação. Em primeiro lugar, no plano do cotidiano, onde os articulistas visavam informar e convencer os seus leitores do comportamento e da "postura correta" a se seguir. Tinham com isso a intenção de combater, imediatamente, uma série de manifestações do racismo que funcionavam como barreiras às oportunidades, por exemplo de acesso ao emprego. Ideias como a inferioridade intelectual inerente, a negação da beleza às mulheres negras, o alegado ímpeto ontológico às festas e à bebida que era impedimento para certas contratações e a instabilidade familiar eram discursos aos quais negros e negras conviviam diariamente. Em segundo lugar, num plano mais amplo, combatendo o racismo enquanto ideologia. Ou seja, com artigos e textos literários que visam por exemplo, "*mostrar ao mundo a sabedoria que oculta vagamente no cérebro da classe*"²¹, como Deocleciano Nascimento afirma ser um dos objetivos do jornal que edita, *O Menelik*, ou defender uma narrativa da história nacional que mostre a importância e o valor da população negra para o "progresso" e "civilização" do país.

Assim, divulgar e defender o "gênio da raça negra", promover concursos de beleza, uma vida regrada, seguindo parâmetros da religião cristã, e a formação de uma família, com papéis sociais muito bem divididos, era uma forma de superar o racismo no plano mais imediato. Por outro lado, a defesa de uma história nacional que inseria o negro como fundamental no progresso do país, o culto a certas personalidades negras que confirmaram o "valor da nossa raça", as denúncias de diversos casos de racismo e a divulgação das conquistas dos afrodescendentes ao redor do Atlântico Negro eram formas de atacar o racismo, se não no plano estrutural, ao menos não imediato.

Por fim, observamos como os diferentes jornais publicados por diferentes intelectuais, em diferentes cidades ao longo de 16 anos, articulam pensamentos, ideias e estratégias

²⁰ Comunidade da imprensa é um termo utilizado por Micol Seigel para se referir ao conjunto de editores, articulistas, literatos e leitores em torno da Imprensa Negra. Esta "comunidade" excede "categorias em termos de classe, geografia e certamente raça", o que aponta para a heterogeneidade da experiência dos afrobrasileiros em São Paulo. (SEIGEL, 2009, p.182).

²¹ "Destino". *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.1.

comuns a um determinado grupo. Estes intelectuais, pertencentes a uma classe-média negra, produziram um discurso articulado e orgânico, que mobilizou uma considerável quantidade de pessoas em torno dos objetivos comuns de melhorias de condições de vida e combate ao racismo. Se, naquele momento, a maioria das iniciativas de tipo institucional não lograram êxito, até a experiência da Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 1931, a Imprensa Negra cumpriu esta função de agregar e organizar vários intelectuais negros e negras.

Sendo o nosso objetivo analisar a formação de um movimento que precedeu a fundação da FNB e organizado através da publicação de periódicos, utilizamos como baliza cronológica os anos de 1915 e 1931. Mesmo existindo a publicação de outros jornais negros anteriores a 1915²², é a partir deste ano que se forma um conjunto de periódicos com tiragem (igual ou superior a mil exemplares) e periodicidade (igual ou superior a mensal) suficientes para configurar um "movimento". A partir de 1915, ao menos um jornal negro circulava no estado de São Paulo. Como marco inicial deste processo, indicamos a publicação do jornal *O Menelik*, cujo primeiro número é de outubro de 1915. Já o ano de 1931 marca o fim da nossa baliza por ser o ano da fundação da Frente Negra Brasileira. Dali em diante, passa a existir uma entidade que se propõe a unificar a luta da população negra brasileira, não sendo este papel unicamente exercido pela imprensa. Estes anos marcam, portanto, um momento específico do movimento negro em São Paulo, onde a Imprensa Negra cumpriu uma função organizativa da atuação de militantes, que só irá sofrer modificações com a fundação da FNB.

Nos capítulos III e IV, iremos focar na produção literária presente nos jornais da Imprensa Negra. A maioria destas publicações traziam em suas páginas ao menos um texto literário, entre contos, crônicas, poesia e até romances. Deste modo, estudar a literatura presente na Imprensa Negra é fundamental para este trabalho, que tem como objetivo escrutinar o pensamento e as ideias deste grupo de intelectuais em movimento.

Muitos dos editores e articulistas negros produziram também obras literárias. Lino Guedes, por exemplo, uma das principais intelectuais negros, é também o poeta mais lembrado desta geração. É, inclusive, o único que é lembrado pelas compilações de literatura negra. Jornalista durante toda a sua vida, editou dois dos maiores jornais da Imprensa Negra (*Getulino* e *Progresso*) e, ao mesmo tempo, consagrou-se como poeta. Além de Guedes, que

²² Até o momento, sabe-se da existência em São Paulo dos jornais *A Pátria* (1899) e *O Baluarte* (1904), *A Pérola* (1911), *O Combate* (1912) e *O Patrocínio* (1913). Cf. DOMINGUES, 2008, p. 21.

combinou a escrita de artigos e literatura, podemos citar Deocleciano Nascimento, Jayme de Aguiar, José Correia Leite, entre vários outros.

A partir da literatura temos acesso ao pensamento de uma parcela desprivilegiada, mesmo dentro do contexto da Imprensa Negra: as mulheres. Como publicações dominadas por homens, poucas são as mulheres que conseguem escrever artigos sobre as diversas mazelas da população negra. Encontrando na poesia um espaço de atuação, várias poetisas negras como Ignez do Amaral, Josephina Toledo, Maria de Lourdes de Sousa e Benedicta Prado, deram vazão às suas ideias através de sua obra poética.

Por último, é importante destacar que esta pesquisa buscou analisar não só artigos e textos opinativos, mas também os textos literários publicados através da Imprensa Negra. Dentre eles o romance de José de Nazareth *A Boa Severina* e a poesia de intelectuais negros e negras. Por questões metodológicas, decidimos não analisar os inúmeros contos e crônicas que estão publicados nos periódicos negros. Ambos são muito ricos de sentidos e estão ainda por serem estudados. Contudo, os textos aqui referidos nos proporcionam uma série de discussões que enriquecem a busca dos sentidos possíveis por trás do discurso intelectual, literário ou não, produzido por estes jornalistas-literatos negros e negras.

A Boa Severina é o único romance publicado pela Imprensa Negra em São Paulo a que se tem acesso. Em forma de folhetim, ao longo de 48 edições do jornal negro *Getulino*, de Campinas esta obra de José de Nazareth ainda carece ser melhor conhecida-por pesquisadores e pelo público leitor em geral. No capítulo III, "*A Boa Severina*" e a prosa de combate de José de Nazareth, faremos uma análise do texto, buscando identificar os sentidos menos evidentes. Para tanto, nos amparamos nas propostas de Antonio Cândido e Terry Eagleton, na crítica literária, e Nicolau Sevcenko na história, que mostram em linhas gerais como estão dialeticamente interligados texto literário e contexto em que ele foi produzido, interessando dessa forma para o historiador que deseja entender as tensões sociais ao seu entorno reveladas para nós pela literatura enquanto fonte histórica.

A obra do crítico literário britânico Terry Eagleton chama atenção para a "historicidade" da literatura. Para ele, uma obra literária está intrinsecamente relacionada com o contexto histórico em que foi produzida e lida, e é mais importante buscar compreender essa relação do que um inexistente "valor real" da obra *per se*. Deste modo, é preciso "*abandonar de uma vez por todas, a ilusão de que a categoria 'literatura' é 'objetiva', no sentido de ser eterna e imutável*" e focar por exemplo no tipo de impacto que a obra teve na época de sua

publicação, quem e por que a leu, como foi publicada, se e em que grau o que está escrito se relaciona com as ideias vigentes na época. Ou seja, considerar a obra literária enquanto sujeita da História. Afinal, "*a literatura, no sentido de uma coleção de obras de valor real e inalterável, distinguidas por certas propriedades comuns, não existe*"(EAGLETON, 2003, pp.14-15). Deste modo, mais do que uma crua análise dos personagens, estrutura narrativa e outros aspectos literários, "*compreender a literatura significa, pois, compreender a totalidade do processo social de que ela faz parte*". Ainda segundo o crítico britânico,

Compreender *King Lear*, *The Dunciad* ou *Ulisses* não é, por conseguinte, interpretar o seu simbolismo, estudar a sua história literária e adicionar notas de rodapé sobre fatos sociológicos que nelas entram. É, antes de mais, compreender as relações indiretas e complexas entre essas obras e o mundo ideológico que habitam - relações que não surgem apenas em "temas" e preocupações, mas no estilo, ritmo, imagens, qualidade e (como veremos mais tarde) na forma (EAGLETON, 1976, p. 19)

Estas afirmações são importantes para pensar a literatura como fonte. Uma vez que a literatura, em sua produção e recepção são historicamente determinadas, é possível trilhar o caminho inverso e pensar quais as circunstâncias históricas possibilitaram determinada criação literária e como texto(s) e autor(es) atuam nestas condições. Assim, partimos do olhar do historiador, de uma "*História socialmente orientada*", entendendo "*a dimensão social como fator de arte*" e buscando uma "*interpretação dialeticamente íntegra*" e partindo do pressuposto que "*o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno*" (CÂNDIDO, 2003, pp.12-13).

Iniciamos o texto com uma apresentação do autor José de Nazareth. De forma geral, sua história de vida está ainda por se revelar, dado as pouquíssimas vezes em que seu nome aparece citado nos jornais, todas com muito poucas informações. Mas percebe-se que é um autor respeitado pelos colegas editores do *Getulino* e reconhecido pela sua habilidade narrativa e domínio da "língua pátria". Infelizmente, sua obra é ainda desconhecida dos trabalhos tanto em crítica literária quanto em história. Se somarmos as poucas informações sobre Nazareth com o fato de não se tornou um escritor conhecido ao longo da história, as questões sobre este romancista geram mais questionamentos do que respostas. Quem foi José de Nazareth? Ele produziu mais obras? Se sim, somente romances ou enveredou por contos e

poesias? Será que ele realmente existiu ou tratava-se, como era comum na literatura que aparece na Imprensa Negra, de um pseudônimo, ou até de um heterônimo?

No capítulo IV, "*Um Punhado de Versos que Traduz seu Grande Sentimento*" - a poesia negra, mergulharemos na vasta produção poética presente nos periódicos negros de São Paulo. Assim como aconteceu no capítulo anterior, nos interessa perceber os vestígios que estas obras nos deixam para buscar significados sobre os processos coletivos e experiências individuais em torno dos poemas. A obra literária, e principalmente a poesia, nos permite tanto enriquecer o debate sobre as ideias dos intelectuais negros em seus artigos, como esboçar algumas conclusões proporcionadas unicamente por características poéticas.

O que a forma poética pode nos dizer sobre essas produções, por exemplo? A vasta utilização da estrutura do soneto, nos aproxima da importância que a autodeterminação intelectual tinha para estes poetas. O domínio e o estudo necessário para produzir bons sonetos, com suas regras rígidas de métrica e rima, indica sua erudição. Mais do que isso, indica a vontade de demonstrar tal erudição.

Este fato é importante, uma vez que nem todos os poemas tinham como tema as questões relacionadas aos anseios dos "homens de cor". O amor, a conquista de uma dama, a reflexão sobre questões primordiais da vida humana e até a descrição simples de objetos, à moda parnasiana, predominam nas escolhas temáticas dos autores. Mas, isso não significa que estes textos não tinham nenhuma conotação política. Pelo contrário, dado que o objetivo final era a superação das desigualdades, sendo a integração à nacionalidade brasileira a principal estratégia, além de demonstrar que os negros eram aptos a produzir poesia sobre qualquer tema, falar tão bem sobre si e ter tanto conhecimento sobre a forma quanto os brancos, o que é um ato político.

Mesmo assim, muitas poesias refletiram especificamente sobre a situação do negro. Algumas convocavam os "irmão de cor" à luta, como no poema "*Avante!*", de José Augusto Marques. Outros saudavam os esforços do *Clarim d'Alvorada*, um dos mais importantes jornais da Imprensa Negra, como o poema da dupla Leite & Jim de Araguay; outros homenageavam personalidades negras históricas e outras até teciam loas de valorização à mulher negra, como nas obras dos poetas Deocleciano Nascimento e Lino Guedes. Além destes, uma série de outros poetas poderiam ser trabalhados neste capítulo, mas este esforço demandaria uma pesquisa de maiores proporções.

Além dos homens, as mulheres negras também produziram poesias. Uma vez que sua participação enquanto articulistas era bastante limitada, a sua produção poética se torna uma fonte especial para que nos aproximemos dos anseios e questões da mulher negra dentro do movimento. Ao longo deste capítulo, analisamos poesias de Ignez do Amaral, Eponina da Silva, Virgínia Victorino, Dirce, Maria de Lourdes Souza, Adalgisa Lobo, Julieta Teixeira, Benedicta Prado e Josephina Toledo. Dada a limitação da atuação feminina em outras frentes, optamos por analisar todos os poemas de autoras negras que foram publicados entre 1915 e 1931.

Mas, se os editores negros não publicaram textos opinativos e artigos de mulheres, de forma geral, porque a relativamente grande ocorrência de autoras mulheres quando se trata de literatura? A resposta talvez esteja no "papel social" e na imagem "correta" que os intelectuais negros tinham sobre as mulheres. Uma vez que a mulher "ideal" era vista como "delicada", "pura", "maternal", e adjetivos afins, a feitura dos "singelos versos" da poesia se encaixava perfeitamente nesse ideal. O que as mulheres negras decidiram fazer com este pequeno espaço que conquistaram foi, justamente, questionar esses paradigmas, mesmo que de forma sutil.

De uma forma ou de outra, a poesia produzida por poetas negros e negras tem grande relevância para os estudos sobre estes intelectuais e a formação deste movimento. Se artigos contêm ideias, argumentos, justificativas, problematizações e indicações de caminhos possíveis, a poesia também o tem. Ou seja, a poesia compõe parte fundamental, assim como a literatura em geral, da fonte que escolhemos consultar e analisar nesta pesquisa.

Em seu clássico estudo denominado "*A poesia afrobrasileira*", Roger Bastide lembra uma definição de Paul Valéry, "*em seus estudos sobre a gênese da criação literária*": "*a poesia é uma espécie de fogo cuja força é alimentada pelos empecilhos, pelas cadeias, pelas dificuldades que encontra*" (BASTIDE, 1983, p.107). Aos descendentes da diáspora africana no Brasil, não faltavam empecilhos, cadeias e dificuldades. Tanto que ensejou, ao longo de toda a história do Brasil, uma rica produção cultural, artística e intelectual. Para o grupo de intelectuais negros que estudamos, as suas letras foram o fogo que intencionavam incendiar as barreiras às quais eram submetidas, enquanto que elas próprias eram a lenha que esta chama se alimentava para seguir existindo. Esta pesquisa se dedica sobre esta produção intelectual negra, tão carregada de sentidos e ideais.

Capítulo I - *O Peso das Circunstâncias: o negro paulista no pós-abolição*

Ao longo deste capítulo abordaremos o contexto histórico, social e político em que os intelectuais negros que tratamos nesta pesquisa, e por conseguinte suas ideias, estão inseridos. Discutiremos o processo de abolição do sistema da escravidão e suas repercussões na vida da população negra no Brasil e, mais especificamente, em São Paulo. Neste estado, de forma mais contundente que em outros, a política estatal e a ideologia das elites convergiram para propor uma substituição da mão de obra negra pela imigrante européia. A política de imigração, que contemplou também imigrantes asiáticos, vem sendo implementada desde o século XIX, mas foi nas primeiras décadas do século XX que ela ganhou força.

As três primeiras décadas da República no Brasil foram de bastante agitação social e política, palco de revoltas como a que aconteceu em Canudos, a do Contestado em Santa Catarina, e as da Vacina e da Chibata no Rio de Janeiro. Em São Paulo, foi forte a presença do movimento tenentista, de caráter diversos das revoltas supracitadas mas de forte cariz contestatório. Na capital que diz não ser conduzida, e sim conduz, o avanço da industrialização era característica marcante. Neste processo, a migração de trabalhadores, vindos da Europa e Ásia, além da migração dentro do próprio território nacional e estadual, fez da cidade um local de encontro, o tão apregoado cosmopolitismo paulistano. Esta característica moldou uma especificidade da capital paulista, onde os encontros geram aproximações e afinidades mas, geralmente, muitos conflitos.

É este cenário sócio-histórico que será abordado neste capítulo. Ele será, portanto, de fundamental importância para o transcorrer desta dissertação. Afinal, a análise do pensamento e da formação do movimento dos intelectuais negros em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, portanto no período pós-abolição, não pode ser feita sem a devida compreensão espacial e histórica em que estão inseridos.

I. 1 - "Trezentos anos de opressão não se eliminam com uma penada"

Eram as décadas finais do século XIX, e o aproximar do fim do século guardariam grandes mudanças no quadro sócio-político brasileiro. "As doutrinas que justificavam a escravidão foram, no entanto, abaladas no decorrer do século XVIII", onde "encontram-se as

raízes teóricas do abolicionismo". Segundo Emília Viotti da Costa, foi a partir do século XVIII, ganhando força no Brasil do século XIX, que "passou-se a criticar a escravidão em nome da moral, da religião e da racionalidade econômica"(COSTA, 2008, p.14).

A esta nova racionalidade antiescravista, junta-se um largo histórico de lutas de escravizados por liberdade. A revolta²³, a fuga e formação de quilombos era, segundo Clóvis Moura, a normalidade, onde "quilombo não foi portanto apenas um fenômeno esporádico. Constituía-se um fato normal dentro da sociedade escravista. Era reação organizada de combate a uma forma de trabalho contra a qual se voltava o próprio sujeito que a sustentava". Assim, "em Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Maranhão, onde quer que o trabalho escravo se estratificava, ali estava o quilombo, o mocambo de negros fugidos oferecendo resistência. Lutando" (MOURA, 1981, p.87).

Mas não só da formação de quilombos se fez a resistência escrava no Brasil. "Na defesa de suas instituições e de si próprios", dentro do amplo espectro entre as figuras míticas do Zumbi e do Pai-João, os escravizados "inventaram e levaram à quase perfeição uma singular astúcia pessoal na exploração das brechas do poder escravocrata"(REIS & SILVA, 1989, p.48). Como afirma Eduardo Silva, "no Brasil, como em outras partes, os escravos negociaram mais do que lutaram abertamente contra o sistema. Trata-se do heroísmo prosaico de cada dia"(REIS & SILVA, 1989, p.14). No entanto, é importante frisar que "tais negociações, por outro lado, nada tiveram a ver com a vigência de relações harmoniosas, para alguns autores até idílicas, entre escravo e senhor"(REIS & SILVA, 1989, p.7). Pelo contrário, aponta para mostrar a amplitude de formas da resistência cotidiana dos escravizados ao sistema escravista.

Deste modo, o histórico contexto de insurgência escrava e a nova incompatibilidade do escravismo com os ideais liberais²⁴, a lei que determinava o fim do regime escravocrata foi votada na câmara dos deputados e assinada pela regente princesa Isabel. Como marco de um processo, a lei significou um grande avanço para a melhoria de vida da população negra brasileira. Mas, ela não foi suficiente para equiparar as condições sociais, entre brancos e

²³ Sobre a maior revolta de escravizados no Brasil, a revolta dos malês, cf. REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

²⁴ Sobre o abolicionismo e os meandros do processo que culminou com a lei áurea, cf. ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

negros. Como afirma Viotti da Costa, comentando uma fala feita na câmara dos deputados em regozijo à abolição:

Com essas palavras, a Câmara dos Deputados dava por encerrada sua responsabilidade em relação aos escravos. Cumprira sua missão: libertar os homens brancos do peso da escravidão e das contradições que existiam entre a escravidão e os princípios liberais adotados pela Constituição brasileira, em vigor desde 1824. Removera a pecha de atraso que desmoralizava a Nação diante do mundo. O Brasil era o último país do mundo ocidental a eliminar a escravidão! Para a maioria dos parlamentares, que se tinham empenhado pela abolição, a questão estava encerrada. Os ex-escravos foram abandonados à sua própria sorte. Caberia a eles, daí por diante, converter sua emancipação em realidade. Se a lei lhes garantia o *status* jurídico de homens livres, ela não lhes fornecia os meios para tornar sua liberdade efetiva. A igualdade jurídica não era suficiente para eliminar as enormes distâncias sociais e os preconceitos que mais de trezentos anos de cativeiro haviam criado. A Lei Áurea abolia a escravidão mas não seu legado. Trezentos anos de opressão não se eliminam com uma penada. A abolição foi apenas o primeiro passo na direção da emancipação do negro. (COSTA, 2008, p.12)

I. 2 - Pós-abolição e sonhos de liberdade efetiva

Na esteira do pensamento de Emilia Viotti, Wlamyra Albuquerque mostra como, nas últimas décadas do século XIX, houve uma intensa racialização das relações sociais, deixando marcas na sociedade brasileira pós-abolição. Segundo a autora, "*a manutenção de certos esquemas hierárquicos foi o principal saldo do longo e tortuoso percurso que levou a sociedade brasileira à extinção legal do cativeiro em 1888*"(ALBUQUERQUE, 2009, p.37). Esquemas estes que pautaram as condições materiais de vida e impuseram barreiras à vivência plena da cidadania pela população negra no século XX.

No Brasil Republicano de então, os setores da oligarquia agrícola continuaram tomando as rédeas da política. Foi com a República que o estado de São Paulo passou a ter papel preponderante no cenário político-econômico. Desde a "*eleição de Prudente de Morais, o primeiro civil a presidir a República, São Paulo, então a principal oligarquia do país, ascende ao poder, e o Partido Republicano Paulista consolida-se como a principal força política do Brasil*". Quando assume, em 1898, o paulista "*Campos Sales fez coincidir o*

desenho republicano com os interesses oligárquicos que o haviam conduzido ao Catete (...) e a República brasileira encontrou seu fundamento na consolidação de uma lógica fortemente excludente e hierarquizadora". (NEVES, 2008, pp. 36-37)

Em inícios do século XX vemos, deste modo, uma nascente República que “representava o esforço dos fazendeiros para conter e reverter as consequências políticas, sociais e econômicas desta revolução [a abolição]”. Este novo regime político,

Em vez de acabar com as “distinções de classe e raça”(…) iria solidificar o domínio do proprietário de terras e depois se envolver em uma campanha em que o “embranquecimento” da população nacional e a substituição da herança racial africana pela europeia assumiriam um papel proeminente. (ANDREWS, 1998. p.90)

I. 3 - São Paulo: desenvolvimento para quem?

Esse contexto de exclusão foi sentido sobremaneira pelos afropaulistas, pois “em parte alguma do Brasil este esforço para europeizar o país foi maior que em São Paulo, e em parte alguma do Brasil seus efeitos foram mais fortemente sentidos”(ANDREWS, 1998, p.91). Contexto reforçado pelas ideias racialistas europeias de meados do XIX que encontraram eco nas academias brasileiras (institutos históricos e geográficos, faculdades e museus) entre fins do XIX e começo do XX. Elas propunham um “modelo racial de análise”, imputando aos negros e à miscigenação um caráter de atraso para a sociedade nacional projetada por aquele pensamento. Estas ideias foram propostas acomodando

modelos cujas decorrências teóricas eram originalmente diversas. (...) Do darwinismo social adotou-se o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia(...). Das máximas do evolucionismo social sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e “aperfeiçoamento” (SCHWARCZ, 1993, p.18)

Um dos principais expoentes desta geração de pensadores é o médico, professor e antropólogo maranhense Raymundo de Nina Rodrigues. Foi Nina Rodrigues quem deu corpo

às ideias de uma época, de tal forma que ainda hoje é considerado um clássico nos estudos das relações raciais no Brasil. Em sua mais conhecida obra, elaborada entre os anos de 1890 e 1905, o autor escreve muito claramente que:

a raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros de seus defensores, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo. (NINA RODRIGUES, 2008, p.24).

A preponderância no cenário político, social e econômico brasileiro, torna São Paulo um centro que adquire dimensões de metrópole na virada do século XIX pro XX. Principalmente na década de 1920, a capital paulista "era uma cidade animada pela industrialização, urbanização, o fervilhante comércio do café e o desenvolvimento tecnológico". Nesse período, seu "tecido social era atravessado pela imigração e migração de voga de migrantes rurais e imigrantes europeus e asiáticos fizeram deste local sua casa" (SEIGEL, 2009, pp.183-184). Essa São Paulo moderna e dinâmica, propagandeada como grande centro cosmopolita da economia, do progresso e das artes²⁵, atraiu muitos escravizados e seus descendentes, em busca de oportunidades que as áreas rurais do estado já não ofereciam e de sonhos de melhoria de vida.

Mas, com a chegada de pessoas de diversas origens e histórias, a política excludente em voga pelos governos federal e estadual interferiu no modo como a cidade era ocupada. A formação dos territórios negros na capital paulista é simbólica da marginalização social legada à população negra. Como aponta Raquel Rolnik,

Em São Paulo, desde logo se configurou um padrão de segregação urbana marcado por uma espécie de zoneamento social: os ricos abandonaram a contigüidade dos sobrados do Centro da cidade para desenhar um espaço de privacidade e exclusividade burguesas. Assim, novos loteamentos foram surgindo em áreas de antigas chácaras, abrigando palacetes neoclássicos

²⁵ Sobre a cidade de São Paulo nos "fremescentes anos 1920", cf. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

circundados por muros e jardins. Por essa época, a população negra da cidade concentrava-se nos cortiços e porões do velho Centro de São Paulo, recém-abandonado pelos ricos, ao mesmo tempo em que novos núcleos iam surgindo literalmente aos pés das novas zonas ricas da cidade (Campos Elíseos, Higienópolis). Isso, evidentemente, está ligado ao fato de que uma das poucas fontes de emprego para os pretos e pardos da cidade era, naquele período, o serviço doméstico, uma vez que o imigrante realmente lhes havia substituído nas ocupações mecânicas antes realizadas por libertos. (ROLNIK, 1989, p.6)

Entre as três primeiras décadas do século XX, os territórios negros na cidade de São Paulo passaram dos bairros do Bexiga, Lavapés, Barra Funda e Liberdade, regiões próximas de "zonas ricas" e de concentração de linhas de transporte ferroviário, para novas áreas residenciais que se abriam na periferia da cidade. Ou seja, houve um "movimento geral de periferização" da população negra "o antigo padrão do cômodo de aluguel superdenso e da cidade limitada ao percurso do bonde foi gradativamente cedendo lugar à chamada expansão periférica, caracterizada pela abertura de loteamento e a autoconstrução em bairros distantes da área equipada da cidade e pelo transporte por ônibus". Foi nesse contexto que começaram a surgir e se formar os bairros "Casa Verde, Vila Formosa, Parque Peruche, Cruz das Almas e Bosque da Saúde" (ROLNIK, 1989, p.10-11) também enquanto territórios negros.

Foram justamente nesses territórios que surgiram formas coletivas de articulação política e cultural da população negra em São Paulo, como verdadeiros espaços de resistência e autoafirmação. Como afirma Kim Butler, os negros e negras em São Paulo "criaram uma variedade de coletivos depois da abolição que refletiram novas identidades e necessidades adequadas às mudanças da vida urbana". Deste associativismo negro surgiram "clubes sociais, grupos de advocacia política e cooperativas de imprensa, mas estes eram apenas uma parte de um largo espectro de atividades coletivas". Dentre elas se encontram as irmandades religiosas, existindo desde o período colonial e bastante atuantes ainda no século XX. Dentre as mais conhecidas, a autora cita as irmandades de "Santa Efigênia, São Bento, São Francisco, São Benedito" e a irmandade do Rosário dos Homens Pretos. De forma geral, as irmandades negras, além de espaços de sociabilidade, auxiliavam seus membros de diversas formas, por exemplo "empréstimos e custas funerárias" (BUTLER, 1998, p.78).

Além das irmandades, o associativismo negro se estruturou fortemente, neste início de século XX, através de diversos tipos de agremiações. Esportivas, literárias, dançantes, e carnavalescas, por exemplo. Tendo o samba como marco cultural que catalisa simbolicamente a identidade e a sociabilidade destes homens e mulheres descendentes da diáspora africana em São Paulo, os grêmios carnavalescos (cordões e grupos) que foram a base da formação das escolas de samba, são fundamentais nesta história. Não à toa, os primeiros grupos carnavalescos surgiram nos territórios negros da Barra Funda, Bexiga e Glicério. O primeiro cordão, fundado em 1914 pelo lendário sambista Dionísio Barbosa, foi o Camisa Verde. Neto de um escravizado baiano, a liderança de Barbosa era notória. Segundo Von Simson, o sambista "recebeu o cognome de Nhonhô da Chácara, pois, além do cordão carnavalesco, liderava também romarias, piqueniques e outras atividades da população negra e pobre da cidade"(SIMSON, 2007, p.104), o que aponta para a proeminência do próprio Barbosa dentro da comunidade negra da Barra Funda, mas também para a importância das agremiações carnavalescas como espaços de sociabilidade para os afropaulistas.

O cordão camisa verde deu origem à escola de samba Camisa Verde, que posteriormente adotou o nome de Camisa Verde e Branco. Também na Barra Funda, em 1918 surge o cordão Campos Elísios, que futuramente viria a ser o maior rival do cordão do Bexiga, fundado em 1930 e talvez o mais famoso cordão da história do carnaval paulista: o Vai-Vai. Nos anos 1930 surge na região do Glicério, aos pés do córrego do Lavapés, os cordões Baianas Teimosas e Paulistano da Glória. Mas a filha mais famosa da região é a primeira escola de samba de São Paulo, a Lavapés de 1937, sob os auspícios da matriarca "Madrinha Eunice".

É importante notar, como já assinalamos, que as agremiações carnavalescas e suas atividades "não se restringia[m] ao período de Momo, abrangendo as atividades de lazer da população pobre e negra da cidade durante todo o ano". (SIMSON, 2007, p.106). Desta forma, podemos pensar o associativismo negro em São Paulo deste período como uma teia de contatos. Grêmios carnavalescos organizam piqueniques, clubes sociais organizavam cordões carnavalescos, que organizavam jornais²⁶ que divulgavam as atividades dos clubes, dos grêmios carnavalescos e das irmandades católicas. Assim, temos a formação de um quadro em

²⁶ O cordão carnavalesco Campos Elísios, por exemplo, começa a publicar o jornal *Progresso* em 1928, dez anos após sua fundação.

que a população negra em São Paulo estava de alguma forma conectada, através dos diversos tipos de associativismo que existiam nesta época.

Dentre estas várias formas, escolhemos estudar uma bastante específica: A Imprensa Negra. Este conjunto de jornais que circularam com bastante força entre os anos 1915 e 1931. através deles eram divulgadas não só os acontecimentos e festividades relacionadas ao "meio negro" paulista, mas também (e progressivamente) uma série de ideias sobre as condições de vida do negro no Brasil, e estratégias para melhorá-la. De certa forma, estes periódicos conseguiram trazer algum grau de unidade a essa sociabilidade afropaulista e, justamente por isso iremos utilizá-la como uma janela para se aproximar desta história, que será "contada" nos próximos capítulos.

Capítulo II - *Imprimindo Ideias: A Imprensa negra e a organização dos dispersos.*

*Perdura qual sendo uma crença
Qual sonho infinito e adorado
Deixando a lembrança imensa
De todo o ideal sonhado
(...)
É o Kosmos que segue ufano
Uma rota de glórias futuras
Qual barco no imenso oceano
Deslizando em águas seguras*

15 de março de 1923. O título da notícia, *Oferta*. Segue a matéria comunicando ser “da lavra do senhor Abilio Rodrigues as quadras que abaixo transcrevemos e que foi oferecido ao grêmio para ser adotado como hino por ocasião de ser inaugurado nosso estandarte”. As duas “quadras” transcritas, foram adotadas pelo Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos. O Kosmos foi um clube social fundado em 1908, na-cidade de São Paulo, voltado exclusivamente para homens e mulheres “de cor”, como-diziam à época. E foi por meio de seu “órgão oficial”, o jornal *O Kosmos*, que foi publicado o hino do clube, 15 anos após a sua fundação e “aprovado em sessão de diretoria de 1º de março” de 1923.²⁷

Autor da letra do hino, este intelectual negro era um sócio importante do grêmio. Além de ser o redator do jornal, era um dos responsáveis pelo setor “Dramático” presente no nome do clube. Atuava e dirigia encenações teatrais, levadas ao palco diante dos sócios que frequentavam os bailes e reuniões do Kosmos. Isto mostra como Abilio Rodrigues vivia intensamente o cotidiano da agremiação, atuando nas primordiais frentes jornalística e artística. A legitimidade das quadras propostas por ele eram inquestionáveis. O sócio perfeito para por no papel o sentimento que representava e representaria aquela associação de negros em São Paulo.

²⁷ *O Kosmos*. São Paulo, 15 de março de 1923, pp. 3.

Assim como Rodrigues, vários intelectuais negros que atuavam em São Paulo nas três primeiras décadas do século XX viam no jornal a possibilidade de divulgar suas ideias e obras. Era nos jornais que Lino Guedes e Deocleciano Nascimento, por exemplo, divulgavam suas poesias, que José Correia Leite e Jayme Aguiar publicavam seus editoriais conclamando a população negra à união, que Argentino Celso Wanderlei noticiava os acontecimentos do seu cordão carnavalesco – o Campos Elyseos – e o próprio Abílio Rodrigues convidava o público para as apresentações das peças teatrais que dirigia, à frente do grupo dramático Kosmos. Mas, como parte de uma sociedade paulista marcada pelo racismo, sua voz era sistematicamente não ouvida pelos jornais da grande imprensa. Quando o negro aparecia nestes jornais, era no papel de objeto, com todos os preconceitos vigentes, e não de sujeito. Por um lado, as páginas policiais, cômicas e as notícias sensacionalistas reverberavam imagens preconceituosas sobre a população negra, retratando-a sob os estigmas da desordem, criminalidade e imoralidade. Por outro, o seu protagonismo na imprensa era praticamente nulo. Ou seja, os anseios, feitos, interesses da comunidade negra não tinha espaço nos periódicos de grande circulação (DOMINGUES, 2008, p.30).

Dá a importância do surgimento de jornais que fossem produzidos. Inclusive em termos numéricos, pois entre 1915 e 1931 existiram diversos títulos, como *O Menelik* (1915-1916), *A Rua* (1916), *O Xauter* (1916), *O Bandeirante* (1918-1919), o *Alfinete* (1918-1921), *A Liberdade* (1919-1920), *A Sentinella* (1920), o *Kosmos* (1922-1925), o *Getulino* (1923-1926), o *Clarim d'Alvorada* (1924-1940), o *Elite* (1924), o *Progresso* (1928-1931), o *Patrocínio* (1928-1930) e o *Auriverde* (1928). Todos eles serviram como centro difusor das ideias de um grupo de intelectuais negros dispostos a intervir na sociedade com o objetivo de melhorar a vida de todo o “meio negro” afropaulista.

Porém, como esta imprensa negra – como é conhecido o conjunto destes jornais – pode cumprir este papel de espaço de organização e difusão de ideias? Que ideias eram ~~são~~ essas? Quais os consensos e as divergências de ideias? Havia um corpo de ideias comum entre os intelectuais negros que estão publicando na Imprensa Negra? Este capítulo pretende responder estas perguntas, encaminhando a discussão do papel destes jornais negros no aglutinamento de pessoas e ideias entre os anos 1915 e 1931, formando um dos diversos movimentos negros de São Paulo no pós-abolição.

II. 1 - A Imprensa Negra em São Paulo

Como fenômeno editorial, podemos pensar o surgimento da imprensa negra a partir de uma dupla influência. Primeiro, a existência de uma grande quantidade de jornais da imprensa abolicionista, discutindo questões relativas ao negro, sobretudo a presença de uma imprensa negra já no Brasil desde o século XIX. Segundo, o exemplo da imprensa operária e de comunidades como italianos e alemães, na São Paulo das décadas de 1910 e 1920. Enquanto a imprensa negra do século XX tem sido trabalhada pela historiografia acerca do negro no pós-abolição desde os anos 1950²⁸, os jornais produzidos por negros ainda no oitocentos foram pouco estudados.

O recente estudo de Ana Flávia Pinto trabalha com impressos deste tipo no Rio de Janeiro, Recife, São Paulo e Rio Grande do Sul. Segundo a autora, o primeiro jornal da imprensa negra no Brasil data de 1833, *O Mulato ou o Homem de Cor*, editado pela Tipografia Fluminense de Brito, no Rio de Janeiro. Este título nasceu em um espaço simbólico do que viria a ser a mobilização negra em torno dos jornais, de vez que a tipografia de Francisco de Paula Brito “*era ambiente de debate bastante frequentado, onde ocorriam as reuniões da Petalógica, sociedade lítero-humorística liderada por ele*” (PINTO, 2010, p.35). Curiosamente, foi nesta tipografia que se deu a iniciação jornalística e literária de Joaquim Maria Machado de Assis, um homem negro consagrado pela literatura como um dos maiores (senão o maior) escritores brasileiros.

Em 1854, Machado de Assis começou como revisor de provas e, em 1855, lançou seu primeiro poema, *Ela*, no jornal *Marmota Fluminense*, editado pela Fluminense de Brito. Além de *O mulato ou o Homem de Cor*, publicaram-se ainda no Rio de Janeiro o *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito* e *O Lafuente*, todos no mesmo ano de 1833. O motivo para que este ano tenha sido tão profícuo na produção jornalística negra no Rio de Janeiro ainda pode ser mais bem estudado, mas, com certeza, as disputas políticas e a instabilidade característica do período regencial condicionaram este contexto. Imersos em um conjunto de disputas políticas, estes

²⁸ Para citar alguns destes autores podemos falar de Roger Bastide (1951), Florestan Fernandes (1978), Miriam Nicolau Ferrara (1981, 1986), Clóvis Moura (1988), Regina Pahim Pinto (1993), Flávio Gomes (2005), Petrônio Domingues (2008) e os norte-americanos George Reid Andrews (1998), Kim Butler (1998), Micol Seigel (2009) e Paulina Alberto (2011).

impressos se posicionavam em relação a questão escravizados e dos negros livres. *O Mulato* “apostava em D. Pedro II, a personificar um tempo em que seria suplantada a ‘pestilenta corja de chimangos’ que perseguia os homens negros livres”. Desta forma, a partir desta imprensa negra carioca do XIX, era possível perceber que

Os “homens de cor” tinham um afinado entendimento da situação vivida. Às práticas cotidianas de resistência ao racismo, vindas de bem antes, não era difícil incorporar o repertório do liberalismo – fosse exaltado ou moderado – e dar mais substância a suas ações políticas. De diferentes modos, aproveitavam os mais variados recursos disponíveis para a conquista e o respeito de seus direitos. (...) Esses jornais conseguiram demarcar e registrar um avanço de parte da população negra em seu próprio benefício. (PINTO, 2010, p.51-52)

Já no período imediato ao pós-abolição dois jornais da imprensa negra foram editados em São Paulo: *A Pátria*, em 1889 e *O Progresso*, em 1899. Permitem identificar uma relação ainda mais direta com a imprensa negra paulista do século XX. Em ambos – fica notório o caráter combativo e de denúncia frente à situação do negro em São Paulo com forte traço de pertencimento racial, que evidencia uma “*identidade fundada em ancestrais africanos e no pertencimento à ‘raça negra’, (...) nós que sentimos correr em nossas veias o sangue Africano, nós que nos orgulhamos em pertencer a essa raça*” (*A Pátria*, n.2, p.2 apud PINTO, 2010, p.118). Este sentimento de pertença à raça negra foi algo enfatizado também mais tarde, na imprensa negra. Pinto ressalta que

Das conclusões a que se pode chegar a partir da leitura desse jornal, uma é inquestionável: os constrangimentos por que os negros passavam na cidade e o processo de diminuição de sua representatividade entre a população paulistana não impediram que vigorassem articulações capazes de sustentar a opinião dessas pessoas. Em *A Pátria*, se não falaram por todos os “homens de cor”, ao menos conseguiram expressar os anseios de uma parcela. (PINTO, 2010, p.123)

Outra característica destes jornais – e passível de ser observada também nos impressos negros do século XX – é a exaltação da nacionalidade a partir de “heróis dos negros”, sejam eles negros ou brancos. Presente em *A Pátria*, a exaltação dessas figuras é ainda mais perceptível já no primeiro número de *O Progresso*, por exemplo, com o destaque dado à

figura do advogado e abolicionista Luiz Gama, com um texto a ele dedicado já em seu número de estreia, que se inicia com uma conclamação: “Pretos! É preciso que se pague tributo ao morto ilustre: é preciso que seu nome brilhe dentro de nossas almas, tanto quanto a estrela mais adorada do Firmamento” (*O Progresso*, n.1, p.1 apud PINTO, 2010, p.126). A figura de Gama, assim como todas as imagens dos “heróis da raça” era trabalhada no jornal como um símbolo que resumia, demonstrava e exemplificava um discurso que os intelectuais negros defendiam. Com Luiz Gama, desejavam “*incitar em seu público a fibra e a astúcia do homem que se livrou da escravização indevida e se tornou um respeitado advogado na cidade de São Paulo ao defender causas de indivíduos escravizados*”. (PINTO, 2010, p.126).

Luiz Gama, nascido escravo, homem que conseguiu superar os estigmas da escravidão e, depois de lograr sucesso na vida profissional, passou a lutar em defesa dos escravizados durante os últimos anos da vigência do cativeiro no Brasil, pode ser considerado a personalidade mais ressaltada pela imprensa negra paulista do século XX. Faz-se oportuno ressaltar o artigo escrito em 1928, quase 30 anos após *O Progresso* de 1899, pelos intelectuais negros à frente de um jornal paulistano, lamentando que trinta e cinco anos após a sua morte, “*poucos se recordam e quase ninguém mais conhece os contornos da sua auréola luminosa*”. Ele que, “*ao lado de Antônio Bento, lutou com raro denodo pela libertação desses homens cuja inferioridade consistia numa epiderme de cor*”, que “*possuía a elegância de um príncipe*” e cuja “*presença era uma aleluia nas ruas, porque nenhum homem preto o avistava sem vivas demonstrações de incontida alegria*” era um “*liberto extraordinário*”, um “*lutador de têmpera, em cuja mão tudo se transformava em arma de combate*”²⁹. Esta saudação à memória de Gama aparece tanto em 1899 quanto em 1928, marcando esta influência na imprensa negra paulista do XIX e do XX. Inclusive, ambos os jornais ostentavam o mesmo título. Coincidência?

Além da importante influência da própria Imprensa Negra produzida nos anos 1800, o surgimento destas publicações em São Paulo esteve intimamente relacionada à “imprensa alternativa” ligada aos vários segmentos da sociedade paulista de finais do XIX e começo do XX (DOMINGUES, 2008, pp. 30-32), das “colônias estrangeiras” aos grupos políticos. José Correia Leite, em suas memórias, conta como “*a comunidade negra tinha necessidade dessa imprensa alternativa. Não se tinha outro meio a não ser copiar o que as colônias*

²⁹ *Progresso*, 19 de agosto de 1928, p.1.

estrangeiras faziam. O negro, de certa forma, era também uma minoria como os italianos, os alemães e os espanhóis. E todos eles tinham jornais e sociedades” (LEITE, 1992, p.33). Ubirajara Damaceno Motta mostra como as publicações da Imprensa Negra se assemelhavam, desde os seus aspectos gráficos até os de conteúdo, aos periódicos operários e anarquistas (MOTTA, 1986, p.78), denotando um grau elevado de influência. No jornal *Clarim d'Alvorada*, por exemplo, no seu número de estreia, foi publicada uma nota, em italiano (ou ítalo-português), do “*prof. dott. Jno P. Carretta*”, colaborador do jornal, saudando a sua fundação: “*Viva U Clarino e tudo o pissualo di ridaço e io també co'as minha collaboraço batutima*”³⁰, num exemplo claro do intercâmbio entre estes jornalistas afropaulistas e outras comunidades que também atuavam no estado de São Paulo.

Ao noticiar a comemoração do “*dia dos gráficos*”, o *Elite* elogiou a comemoração “*com brilhantismo*” que a “*União dos trabalhadores gráficos*” organizou para esta data que “*assinala uma brilhante conquista econômica e moral de uma classe organizada, disciplinada e forte*”³¹. Esta organização caracterizada por disciplina e força parece ser exatamente um dos principais anseios dos intelectuais negros para toda a sua “*classe*”, a população negra paulista.

Esta “*classe dos homens de cor*” que os intelectuais negros se dispunham a representar dizia respeito a todos os homens e mulheres descendentes da diáspora africana em São Paulo. Faz-se necessário saber quem eram e a que situação social estes jornalistas negros faziam parte. Para Roger Bastide (BASTIDE:1951)³², aqueles afropaulistas que estavam em torno da imprensa negra e suas irradiações (clubes e agremiações) conformariam uma “*elite negra*”, uma “*classe superior*” financeira e destacada das demais quanto às suas ideias. Na medida em que trabalhamos com as fontes, percebemos que este termo talvez não seja o mais acurado. Preferimos denominar este grupo de “*classe média negra*”. Ela seria formada “*por professores, advogados, jornalistas, revisores de provas tipográficas, [que] há pouco saiu da classe baixa*” (BASTIDE, 1983, p.130). José Correia Leite lembra de sua infância, quando chegou a “*trabalhar de entregador de marmitas, menino de recados e ajudante numa carpintaria*” (LEITE, 1992, p.23), para complementar a renda familiar e ajudar a mãe,

³⁰ *O Clarim* (d'Alvorada). São Paulo, 6 de janeiro de 1924, p.4.

³¹ *Elite*. São Paulo, 17 de fevereiro de 1924, p.4.

³² Bastide, como pioneiro, cunhou o termo “*elite negra*”, que passou a ser largamente utilizado pela historiografia por ele influenciada. Cf FERNANDES, 1978; SILVA, 1998; dentre outros.

trabalhadora doméstica. Deocleciano Nascimento, fundador do jornal *Menelik* e da Frente Negra Brasileira, foi guarda-livros e contador. Lino Guedes, do *Getulino* e *Progresso*, era jornalista também em jornais da grande imprensa. Em seu estudo sobre o grupo de intelectuais que Leite, Nascimento e Guedes fazem parte, a historiadora Paulina Alberto escreve:

As pessoas que se juntaram às associações recreacionais e literárias de base racial em São Paulo e Campinas parecem ter vindo de um escalão superior ainda menor desses setores médios e devem ser mais corretamente chamados de *classe média de cor*. Eram professores em escolas públicas; atendentes e funcionários de baixo-escalão no governo federal, estadual ou municipal; ou oficiais de baixo a médio-nível nas forças policiais ou militares. (ALBERTO, 2011, p.30) [grifo nosso]

Este grupo de intelectuais, pertencentes à referida classe média negra, utilizou a escrita como uma de suas principais atividades reivindicatórias, e a imprensa periódica foi o meio escolhido para tanto. A diversidade da origem dos jornais nos permite perceber o esforço em diversas situações de se manter a publicação de um periódico. Muitos títulos eram ligados a agremiações negras de diversos caracteres, como clubes sociais "da raça", grêmios literários, carnavalescos, esportivos e recreativos. Existiam também aqueles que eram editados por iniciativa particular de uma ou duas pessoas. Os já mencionados jornais *O Kosmos*, fruto do Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos e o *Elite*, do Grêmio Dramático, Recreativo e Literário Elite da Liberdade, são exemplos da relação entre imprensa e associações negras, assim como *O Bandeirante*, do Grêmio Bandeirantes, *O Baluarte* do Centro Literário dos Homens de Cor, da cidade de Campinas (DOMINGUES, 2008, p.42) e o *A Voz da Raça*, impresso da Frente Negra Brasileira. Já o *Menelik*, “*órgão mensal, noticioso literário e crítico dedicado aos homens de cor*” resultou de uma associação de intelectuais negros liderados por Deocleciano Nascimento que, em “*18 de julho do corrente ano*” de 1915, “*em sua residência, sita a Rua da Graça, 207*” realizou uma reunião que contou com a presença de “*Geralcino de Souza, Juvenal de Padua Mello, Paulo de Souza Lima, Otaviano Ferraz, Marceano Marques de Oliveira, João Benedito, Marcellino Cruz, Reginaldo Máximo Gonçalves, José Paulino, Aristides Alves da Costa, Avelino Paiva e José Luiz Sampaio*”. Nesta reunião, “*o Snr. Deocleciano Nascimento (...) expôs o motivo da mesma, a qual se tratava da fundação deste jornal [O Menelik]*”, e “*nenhuma só voz se manifestou contra a opinião deste ideador (sic)*”. Ainda neste dia 18, o jornal foi batizado com um nome “*que*

não deveria, mas era esquecido dos Homens de Cor, é esse o nome, o de Menelik II, grande rei da raça preta, falecido em 1913”³³. De iniciativas associativas menores nasceram também dois dos mais importantes jornais negros do estado, pela periodicidade, longevidade, alcance e prestígio: *O Clarim* e o *Getulino*. Quanto a *O Clarim*, que depois alterou o nome para *O Clarim d’Alvorada*, “órgão que surge hoje, pobre mas cheios de esperanças” pelas mãos de Jayme Aguiar e José Correia Leite, que em 1924 se diziam ainda “jovens inexperientes mas de bons intentos”³⁴ – se tornaram dois dos mais eminentes intelectuais negros em São Paulo.

Por sua vez, o *Getulino*, “órgão para a defesa dos interesses dos homens pretos”, de Campinas, teve como “diretores proprietários os srs. Martinho Andrade e Alcino de Moraes, dois elementos que ótimos serviços tem prestado à gente de sua raça” e a redação à cargo da pena do jovem Lino Guedes, “moço de cor dos mais esforçados” e a quem “deve a classe [dos ‘homens de cor’] assinalados serviços”³⁵ foi ininterruptamente publicado de 1924 a 1940. De outra parte, *O Clarim d’Alvorada* foi publicado com interrupções, entre 1924 e 1940, sendo o jornal da imprensa negra com maior longevidade. Tanto José Correia Leite como Lino Guedes dirigiram e escreveram em outros espaços da imprensa negra, além de terem feito parte da fundação da Frente Negra Brasileira.

De iniciativas individuais podemos citar o jornal *Auriverde*, de propriedade de João de Campos, que teve como editor Deocleciano Nascimento (de *O Menelik*) e como principal objetivo “visar os interesses da classe preta”³⁶ e *A Liberdade*, que surgiu “devido à iniciativa do Snr. Gastão Rodrigues da Silva”, descrito como “homem alegre, onde a tristeza não tem morada” e de “fulgurante radiação de espírito”, fundado para “tratar da defesa dos homens de cor”³⁷. Qualquer que seja a origem destes escritos seja por iniciativa de uma agremiação, um grupo ou uma só pessoa, todos foram plataformas para a atuação de intelectuais negros dispostos para a luta pela “classe dos homens de cor”, da população negra em São Paulo.

A partir da leitura dos jornais da imprensa negra, é possível traçar algumas de suas características. De forma geral, os editores se viam diante da problemática da falta de recursos. Este fato foi responsável por desencadear uma série de outras características, quanto

³³ “O Menelik”. *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.1.

³⁴ “Apresentação”. *O Clarim*. São Paulo, 6 de janeiro de 1924, p.1.

³⁵ “O Nosso Aparecimento”. *Getulino*. Campinas, 5 de agosto de 1923, p.1.

³⁶ “A Nossa Folha”. *Auriverde*. São Paulo, 8 de abril de 1928, p.1.

³⁷ “A Liberdade”. *A Liberdade*. São Paulo, 14 de julho de 1919, p.1.

à editoração, ao formato, periodicidade, circulação e longevidade. A redação destes jornais era, em geral, chefiada por um ou dois intelectuais negros que não só se responsabilizavam pela parte técnica da impressão e diagramação, quanto de grande parte do conteúdo. É comum encontrar escritos de colaboradores ou reimpressões de artigos publicados em outros jornais, o que dificilmente era remunerado. Eram normalmente produzidos em tamanho A4, contanto com 4 páginas em média. Em caso de edições especiais poderiam sair números com seis³⁸, oito³⁹ ou mais⁴⁰ páginas.

Estes impressos eram subdivididos em algumas seções, que se pode afirmar ser um modelo comum entre eles. As duas primeiras páginas eram dedicadas aos editoriais, textos opinativos e críticos que representavam a “voz” do jornal, sob a autoria dos seus editores. Nem sempre estes artigos vinham assinados, o que reforça a ideia de serem textos “do jornal”. As outras duas páginas eram divididas entre as seções “vida social”, onde eram noticiados os eventos da comunidade negra em geral, como reuniões de agremiações, bailes, eventos esportivos, festas de aniversário, casamentos, batizados, nascimentos e falecimentos, além da publicidade. Pela já citada questão do baixo orçamento, muitos jornais dedicavam mais de uma página como espaço publicitário. Em 1923, por exemplo, o *Getulino* lançou uma edição que, das suas 10 páginas, cinco e metade de uma sexta eram guardadas para propaganda⁴¹.

A literatura ocupava sempre espaço privilegiado nas publicações, em geral, não tendo um espaço definido aos textos. Podiam aparecer em qualquer uma das páginas, sempre merecendo um destaque especial. Os gêneros textuais variavam entre poesia⁴², onde grande parte dos intelectuais negros encontrou espaço de atuação, contos⁴³, crônicas⁴⁴ e prosa⁴⁵.

³⁸ *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 13 de maio de 1924; *Elite*. São Paulo, 2 de março de 1924.

³⁹ *Progresso*. São Paulo, 13 de janeiro de 1929.

⁴⁰ *Getulino*. Campinas, 13 de outubro de 1923.

⁴¹ *Getulino*. Campinas, 13 de outubro de 1923, pp. 4-10.

⁴² GUEDES, Lino. “Carvão Nacional”. *O Patrocínio*. Piracicaba, 7 de setembro de 1928, p.1; RODRIGUES, Abílio. “O Olhar”. *O Kosmos*. São Paulo, novembro de 1922, p.3; AGUIAR, Jayme. “Versos de um velho”. *O Clarim*. São Paulo, 3 de fevereiro de 1924, p.2, dentre outros.

⁴³ EUZÉBIO. “Cólica”. *O Alfinete*. São Paulo, 4 de janeiro de 1919, p.1 .

⁴⁴ FORASTEIRO. “De Auscult e Binóculo”. *Getulino*. Campinas, 5 de agosto de 1923.

⁴⁵ NAZARETH, José de. *A Boa Severina – Cenas do Cativo*. In: “Folhetim do *Getulino* ‘2’”. *Getulino*. Campinas, 12 de agosto de 1923, p.2.

Tamanha a riqueza desta característica clama, inclusive, por atenção especial⁴⁶. Além dessas seções era possível encontrar ainda espaços para divulgar textos ditos “femininos” – artigos sobre moda, comportamento e receitas culinárias – e artigos comentando e/ou noticiando eventos ligados aos negros nos Estados Unidos e na África.

Quanto à periodicidade, alguns jornais eram semanais e outros mensais. Para citar alguns, *O Clarim d’Alvorada* e o *Progresso* eram mensais, o *A Liberdade* era quinzenal e o *Getulino*, semanal. Em sua maioria, alcançavam uma circulação local, como no caso do *Elite* e do *Kosmos*, vendidos e distribuídos entre os sócios e frequentadores dos seus respectivos eventos. De forma geral, os homens e mulheres participantes das agremiações negras do estado de São Paulo eram o principal público leitor. Os editores de *O Clarim d’Alvorada*, numa atitude de demonstrar seu “contentamento e gratidão pela feliz aceitação” dos seus escritos, mencionavam os grêmios “XV de Novembro, XIII de maio, Paulistano, Primaveras, Bandeirantes, Flor da Mocidade, União Brasil e [União] Militar, Rio Branco e Princesa do Sul”. Agradecia, ainda, “as senhorinhas Iracema dos Santos, Valentina Miranda, Maria de Lourdes, Hermínia Cruz e Nair Cruz, que se encarregaram de vender no XV de Novembro”⁴⁷. O artigo supracitado, além de nos permitir perceber uma das partes da muito importante função que as mulheres tinham dentro deste grupo, evidencia a existência de um circuito das manifestações culturais e sócio-políticas da classe média negra.

O trecho acima nos permite, ainda, questionar o aspecto comercial da imprensa negra. Todos os jornais poderiam ser adquiridos de forma avulsa ou por meio de assinaturas, nem sempre os dois ao mesmo tempo. *O Menelik* só poderia ser comprado via assinatura que em 1915 custava 1\$500 réis por semestre⁴⁸. O *A Liberdade* vendia assinaturas em 1919 por 5\$000 réis por ano ou 3\$000 por semestre, além de vender apenas o exemplar do dia por \$100 réis (se fosse um número anterior era vendido pelo dobro do preço)⁴⁹. Já o *Getulino* começou em 1923 vendendo assinaturas anuais por 10\$000 réis, semestrais por 6\$000 réis, mensais por 1\$000 – lembrando que sua tiragem era semanal – e números avulsos por \$200 réis⁵⁰, mas em

⁴⁶ A literatura encontrada na imprensa negra será abordada de forma mais acurada nos capítulos III e IV desta dissertação.

⁴⁷ “Agradecimentos”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 3 de fevereiro de 1924, p.1.

⁴⁸ *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.1.

⁴⁹ *A Liberdade*. São Paulo, 14 de julho de 1919, p.1.

⁵⁰ *Getulino*. Campinas, 13 de outubro de 1923, p.1.

1924, “devido a grande alta do papel e carência de mão de obra”, reajustou os preços anuais para “12\$000, semestre 7\$000, mês 1\$500 e número avulso \$300” para assinantes de Campinas e “ano 15\$000, semestre 8\$000 e mês 2\$000” para os do interior. Além disso, informa ainda que “por absoluta falta de pagamento suspendemos já a remessa de 103 assinantes”⁵¹. O baixo preço dos exemplares e assinaturas, para os valores da época⁵², sugere que a produção destes jornais tinha menos o objetivo de visar o lucro do que o de comunicar, divulgar e amplificar as suas ideias para a maior quantidade de leitores possível.

Não obstante as dificuldades financeiras, alguns títulos alcançaram um nível de circulação e importância relativamente grande. Jornais como o *Clarim d’Alvorada*, *Progresso* e *Getulino* publicavam edições periódicas constantes, com uma tiragem média de 2 a 3 mil exemplares e mantinham representantes em várias cidades do interior e até em outros estados. Este é o caso do *Getulino*, que teve como “correspondente em Santos, o senhor Orlando de Paula”, “em Limeira, o sr. Geraldo Rodrigues”, “em Itapira, o sr. Adão G. Pereira”, “em Socorro, o sr. Noé Julião”, “em Jundiaí, o sr. Etelvino Barbosa”, “em Vila America, o prof. João Solidário Pedroso”, “em Pouso Alegre, o sr. Joaquim Mariano”, “em Lavras (Minas Gerais), o prof. José Luis de Mesquita” e na capital Deocleciano Nascimento e Manoel Ferraz Junior⁵³.

Quanto ao número de leitores dos jornais, é algo difícil de precisar devido à insuficiência de fontes. Segundo Ferrara (1985, p.202), *O Clarim d’Alvorada* circulou com uma tiragem entre 1000 e 2000 exemplares (média que abarca a maioria dos periódicos negros). Com esses dados, estima-se que entre a população paulistana alfabetizada esse número representa de 4% a 8% da população negra (DOMINGUES, 2008, p.38), o que para um único título já é um número relevante. É importante salutar ainda que entre 1915 e 1931 circularam 15 jornais e, uma vez que cada jornal poderia ser lido por mais de uma pessoa e

⁵¹ *Getulino*. Campinas, 21 de setembro de 1924, p.2.

⁵² Por exemplo, em 1924 o *Getulino* publica propaganda da alfaiataria “casa de lascio”, anunciando seu produto mais barato, um “terno de casemira, sob medida, moderna padronagem, por 85\$000”, enquanto um de “casemira inglesa” era vendido por um valor a partir de 200\$000 pela mesma casa. *Getulino*. São Paulo, 19 de outubro de 1924, p.4; Um calçado de “sola comum” era vendido em Piracicaba, cidade do interior, onde o custo de vida tende a ser menor, por 32\$000, e a Sociedade Beneficente 13 de maio, da mesma cidade, cobrava \$500 de entrada para suas “festas populares” regulares. Cf. *O Patrocínio*. Piracicaba, 28 de setembro de 1929, p. 2 e p.4.

⁵³ *Getulino*. Campinas, 28 de setembro de 1924, p.3

que as informações e ideias publicadas poderiam ser repassadas oralmente, é possível estimar que excedia em ao menos 4 ou 5 vezes a de tiragem. Assim, pode-se conjecturar que a Imprensa Negra alcançou aproximadamente entre 4 a 10 mil pessoas entre os 26 anos aqui estudados, no estado de São Paulo. Mesmo assim, o alcance dos impressos produzidos era em geral restrito à comunidade específica dos clubes sociais e outras agremiações negras.

Mesmo sendo, ainda à época, um circuito restrito, era bastante coeso e integrado. Integração esta propiciada em grande medida pelas publicações da Imprensa Negra. Vale lembrar que Deocleciano Nascimento, fundador de *O Menelik* e redator do *Auriverde* era representante do campineiro *Getulino* em São Paulo. Em *O Patrocínio* é possível encontrar textos de Jayme de Aguiar⁵⁴, “fundador d’*O Clarim d’Alvorada* e nosso ilustre colaborador ao qual prestamos as homenagens”. Um intelectual negro em São Paulo dialogando com um jornal de Piracicaba por meio de textos, quer dizer, ideias. E *O Patrocínio* recomenda que “leiam *O Clarim d’Alvorada*, o mais perfeito e completo jornal da classe preta do estado de São Paulo”⁵⁵. Frederico Batista de Souza, secretário do jornal *A Liberdade*, escreveu artigos para diversos jornais, como *O Alfinete*⁵⁶; Abílio Rodrigues, fundador e redator do *O Kosmos*, ocupou cargos de diretoria no grêmio homônimo, além de diretor e ator dos espetáculos teatrais desta associação, além de ter sido redator-chefe do jornal *Elite*, que em 1924 publicou um artigo em homenagem ao aniversário de Gastão Rodrigues da Silva. Figura emblemática desta imbricação de pessoas e ideias do circuito da imprensa negra,—Gastão da Silva era descrito pelo *Elite* como um homem “altamente conhecido, especialmente no convívio associativo dos homens de cor, onde tem prestado valiosos concursos para o reerguimento de nossa raça”. No seu “currículo” é possível vê-lo como “um dos fundadores do Clube Recreativo São Paulo, do saudoso Clube Atlético Paraíso, do Centro Recreativo Smart, onde foi eleito e reeleito presidente”, além de ter sido membro do *Kosmos*, onde “ocupou cargos de diretoria” e ser o fundador do jornal *A Liberdade*, onde foi o redactor responsável⁵⁷. Horácio Cunha, que em 1929 contribui com o *Progresso*, escrevendo um artigo onde critica um filme recém-lançado chamado “*O preto que tinha a alma branca*”, denunciando que “não compreendemos este título, não estamos de acordo com ele”, uma vez que “as qualidades

⁵⁴ Aguiar era também colaborador do *Getulino* a partir de 1924.

⁵⁵ *O Patrocínio*. Piracicaba, 20 de outubro de 1929, p.2;p.6.

⁵⁶ “É doloroso”. *O Alfinete*. São Paulo, 12 de outubro de 1918, p.2.

⁵⁷ “Gastão Rodrigues da Silva”. *Elite*. São Paulo, 2 de março de 1924, pp.1-2.

abstratas que trazemos no coração”, no caso a alma, “*são um presente da infinita bondade de Deus. Ninguém, branco ou preto, tem o privilégio de ser bom ou ruim, pecador ou virtuoso*”⁵⁸, já em 1925 se tornava colaborador de *O Clarim d’Alvorada*⁵⁹, de José Correia Leite e Jayme de Aguiar.

Poderíamos dar inúmeros exemplos deste fenômeno que o circuito dos homens e mulheres descendentes da diáspora africana em São Paulo, feito em torno do associativismo negro expresso nos jornais. Frederico Batista de Souza, em artigo para *A Liberdade* foi enfático: “*Percorrendo as sociedades de homens de cor em São Paulo, raras vezes não encontramos três ou mais sociedades co-irmãs, representadas por diretores ou sócios dando provas de laços de amizades que unem as mesmas, demonstrando que deste convívio associativo há algum proveito a tirar a classe a que pertencemos*”⁶⁰. Como arremate desta ideia, basta citar que todos – e aqui não há exagero – os impressos publicavam notícias sobre os outros jornais e sobre as diversas agremiações de base racial no estado de São Paulo, no já citado espaço “vida social”. Para nós, não há espaço para dúvidas no que diz respeito à existência, coesão e integração deste circuito.

II. 2 - “Nossa Amada Nação”

Quanto ao conteúdo da imprensa negra - ou seja, o discurso dos intelectuais negros divulgados e amplificados através dos jornais-, a gama de possibilidades interpretativas é bastante grande. No entanto, mesmo havendo debates e opiniões divergentes, é possível perceber um conjunto de proposições comuns conformando uma espécie de coro, nos levando a reforçar a crença na coerência entre as ideias e, portanto, na existência deste grupo de intelectuais como um movimento.

A pauta comum entre os jornais da imprensa negra era a melhoria da vida dos afropaulistas, “*em prol do reerguimento geral da classe dos homens de cor*”⁶¹, como diz o subtítulo de *O Bandeirante*. Para tanto o caminho que se considerou ser o mais profícuo para

⁵⁸ “O preto que tinha a alma branca”. *Progresso*, São Paulo, 13 de janeiro de 1929, p.3.

⁵⁹ “Horácio Cunha”; “Os homens pretos e a instrução”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 27 de dezembro de 1925, p.3.

⁶⁰ “Representações”. *A Liberdade*. São Paulo, 4 de abril de 1920, p.1.

⁶¹ *O Bandeirante*. São Paulo, setembro de 1918, p.1.

atingir determinando fim foi por sua inclusão na nacionalidade brasileira, com os mesmos direitos dos brancos e mestiços o que pressupunha igualdade-sem distinções-baseadas na cor da pele. Como quando na cidade de Ribeirão Preto o “*tenente Francisco Lourenço dos Santos, oficial do exército brasileiro*” foi “*rudemente menosprezado em um salão de barbearia (...) simplesmente pelo fato de não ser branco. “Preto – dissera o barbeiro a quem pedira servi-lo – não pode ser atendido”*”⁶², ou quando foi “*defeso às crianças pretas concorrerem aos prêmios*” do concurso de “robustez” promovido pelas “*autoridades de Higiene Infantil*”⁶³, ou quando um jornalista como Lacerda de Almeida “*publicou [n]o jornal católico-romano ‘A União’- propriedade do Centro da Boa Imprensa- um longo artigo de ataque à raça negra terminando: ‘os negros são uma praga que a divina providência afugentara’*” . Contra argumentando, Lacerda Werneck escreveu um longo artigo dizendo que “*chamar a raça negra de praga é negar a igualdade que Jesus ensinou*”, que “*seja a pele desta ou daquela cor, a alma é sempre da mesma essência*”, e concluiu: “*Sejamos cristãos*”⁶⁴. Estes são exemplos de como a luta por igualdade pela via da inserção na nacionalidade - como defendiam os intelectuais da imprensa negra nas três primeiras décadas do século XX - era pautada pelo sofrimento cotidiano do racismo, levando a uma escolha por um caminho que congregasse igualmente, todos os brasileiros.

Esta proposta de reforço da pertença a nacionalidade brasileira se tornava ainda mais compreensível num estado como São Paulo. Desde meados do século XIX, o pensamento das elites paulistas era de que o “elemento negro” simbolizava atraso e incivilidade. Aos poucos, os esforços da elite para substituir a mão-de-obra de descendência africana por aquela de descendência indo-européia foram apoiados por políticas de Estado. George Andrews comenta esta situação, iniciada sob o regime monárquico, se estendendo no republicano pós-abolição, intencionando “*solidificar o domínio do proprietário de terras*”, “*e depois se envolver em uma campanha em que o ‘embranquecimento’ da população nacional e a substituição da herança racial africana pela europeia assumiriam um papel proeminente*” (ANDREWS, 1998, p.90). Frisou ainda que “*em parte alguma do Brasil este esforço para*

⁶² “Edificante!” *Progresso*. São Paulo, 13 de janeiro de 1929, p.5.

⁶³ *Progresso*. São Paulo, 24 de fevereiro de 1929, p.2.

⁶⁴ *Getulino*. Campinas, 24 de fevereiro de 1924, p.1.

européizar o país foi maior que em São Paulo, e em parte alguma do Brasil seus efeitos foram mais fortemente sentidos” (ANDREWS, 1998, p.91).

Imersos neste contexto, a luta dos pensadores negros se acirrava dentro do binarismo que opunha nacionais *versus* estrangeiros. Sentindo as agruras de serem considerados “*estrangeiros em sua própria terra*”, eles encaram a “*faceta estrangeira do problema*” (ALBERTO, 2001, p.56) através do reforço da sua “*brasilidade*”. Os editores do *Getulino* denunciaram essa segregação dos negros nos postos de trabalho em favor dos brancos, sobretudo quando acontecia da polícia obrigar “*as mulheres que residem em cortiços a procurar emprego porque elas ali se preocupam em ‘nada fazer’, como coisa que o serviço trivial de casa seja nada*”, mas ser comum encontrar anúncios de emprego do tipo “*Precisa-se de empregada à rua tal, número tanto. Prefere-se branca*”⁶⁵. Também Benedito Florêncio e Euclides Oliveira, no mesmo jornal (inclusive num mesmo número) por volta de um ano depois, fizeram suas denúncias. Florêncio escreveu, num tom melancólico, “*esta triste e dolorosa verdade: que os estrangeiros querem nos transformar em hóspedes indesejáveis*”. Enquanto o “preconceito”, o “*ódio incontido contra o homem negro brasileiro*” vindo da “*classe branca escravocrata*” do antigo “*senhor das fazendas*”, que o “*autorizava a dominar de chibata em punho, a arrancar vidas despedaçando almas*”, era visto como “*uma chaga incurável*”, mas que tendia a desaparecer, havia um “*preconceito absolutamente intolerável e bárbaro pela sua origem, que é aquele que certa gente estrangeira está pondo em execução contra o pobre negro brasileiro*”.

Este preconceito era “*muito vário quanto conhecido, começa em alguns barbeiros e vai até certas casas de bebidas!*”. O autor não perde a chance de terminar sua argumentação com “*um aforismo que dá este sábio conselho, aos incomodados...*”⁶⁶. Já Euclides Oliveira brada que “*é lamentável, ou mais ainda, é vergonhoso dizer-se que em São Paulo, a capital cosmopolita por excelência, um cidadão brasileiro, por ser negro (!!!) não encontre colocação!*”. Como exemplo, citou o caso de “*um preto, que em vão andou por meses à cata de um emprego. Recusado em toda parte, mesmo nos ofícios de sua especialidade*” e o de “*Joaquim Brandão Costa*”, que “*escreve e lê corretamente*” e “*tem habilitação para muitos afazeres, mas tão somente por ser preto não obtém ocupação, por mais que a busque*”.

⁶⁵ *Getulino*. Campinas, 11 de novembro de 1923, p.1.

⁶⁶ “Os Pretos em São Paulo”. *Getulino*. Campinas, 5 de outubro de 1924, p.1.

Indicava ainda que *“afinal, não é elegante proteger nacionais. Nacionais, digo negros, pois no dizer da gente que diz repudiar-nos, nacionais são essa raça imprestável”*. E para não correr o risco dos negros se tornarem *“estrangeiros na própria terra onde nasceram”*, como uma proposta de solução para este problema, Oliveira conclamava aos seus “patrícios”: *“espalhemos livros às criancinhas”, “espalhemos livros aos moços”, “espalhemos a instrução por todo o vastíssimo território da nossa pátria!”*⁶⁷.

A defesa da educação, da “instrução” como meio de superar as dificuldades vividas pela população negra no pós-abolição é uma das ideias–encontradas em larga escala na imprensa negra. Esta bandeira, inclusive, perpassa várias instâncias dos movimentos negros atuantes no Brasil, desde o século XIX até os dias de hoje. Poucos meses após a assinatura da Lei Áurea, em 1889, Flávio Gomes aponta um grupo de libertos da região do Vale do Paraíba que endereçou um documento a Rui Barbosa, pedindo seu apoio para denunciar que os recursos do fundo de emancipação, criado em 1871, – um dos vários artigos da Lei do Ventre Livre – não estavam sendo aplicados. Estes recursos deveriam amparar os filhos de escravos nascidos livres pelo benefício da lei, o que não estava ocorrendo mesmo no pós-abolição, principalmente no tocante à “educação dos filhos dos libertos”. Gomes dá lume, ainda, à argumentação do documento e arremata:

A carta da comissão de libertos terminava com um alerta: ‘Para fugir do grande perigo que corremos por falta de instrução, vimos pedi-la [educação] para nossos filhos e para que eles não ergam mão assassina para abater aqueles que querem a República, que é liberdade, igualdade e fraternidade’. Vieram o regime republicano em novembro de 1889 e um ministério para Rui Barbosa em 1891, mas permaneceu a inexistência de políticas públicas para além da intolerância e truculência. (GOMES, 2005, p.10)

Se no século XIX a educação já era uma importante pauta, no século XX ela continua sendo uma questão fundamental para o movimento negro no Brasil⁶⁸. Os intelectuais negros

⁶⁷ “A Teoria do Preconceito”. *Getulino*. Campinas, 5 de outubro de 1924, p.1.

⁶⁸ Os debates sobre políticas públicas de ações afirmativas na educação, como a reserva de vagas nos concursos vestibulares para negros, por exemplo, são presentes no MNU desde sua fundação em 1978. Cf. DOMINGUES, 2007. Como fruto desta e de várias mobilizações de outros setores, foram criadas as leis lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências” e a lei 12.711/2012 que “dispõe sobre o ingresso nas

que estudamos tinham na educação, na instrução - usadas como sinônimos- uma chave para ascensão social, fim dos preconceitos e busca pela igualdade dentro da sociedade que faziam parte. Com ela pensavam conseguir se incorporar na nacionalidade brasileira.⁶⁹

Para Benedicto Fonseca, “*A Independência é a liberdade das ideias*”. É com essa afirmativa que iniciou seu texto publicado no jornal *O Alfinete*, em 1918. Seu argumento é o da valorização do “letramento”, da educação como meio para “*prosseguir o desenvolvimento da nossa classe*”⁷⁰. Para Theóphilo Booker Washington, que naquele momento era descrito pelo *O Clarim d’Alvorada* como “*acadêmico de direito*”, cuja “*inteligência é grande e prometedora*”⁷¹ e que “ *muito há de nos auxiliar com seus trabalhos para o reerguimento da nossa raça a qual felizmente é descendente*”, é somente “*educando e instruindo os nossos irmãos de cor, [que] conseguiremos vencer os escolhos (sic) que cercam a nau do nosso futuro, concorrendo de modo digno para a grandeza da nossa pátria material ou*

universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico e nível médio e dá outras providências”, onde no artigo 1º determina que “As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão (...) no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas”. O § 1º da lei 10.639 indica que “o conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil”, enquanto o §2º, que “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileiras”. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm, acessado em 30/09/2015. LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm, acessado em 30/09/2015

⁶⁹ Como aponta Regina Pahim Pinto, é larga a “preocupação com a educação manifestada pelas diversas entidades, grupos ou movimentos organizados pela comunidade negra” e, no cotidiano da sua atuação, “as organizações negras sempre se bateram pelo aperfeiçoamento cultural do negro” (Pinto, 1987, p. 9) Além de Pinto, Cf. SILVA, Petronilha & BARBOSA, Lúcia(org). *O Pensamento negro em educação no Brasil: expressões do movimento negro*. São Carlos: Ed. Da UFSCar, 1997; FERRARA, Mirian. *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963): um estudo monográfico*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, 1981 dentre outros.

⁷⁰ *O Alfinete*. São Paulo, 22 de setembro de 1918, p. 2.

⁷¹ “Colaborador”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 25 de janeiro de 1925, p.2.

intelectualmente”⁷². O mesmo *Clarim* publicou um texto onde explicava que, para os editores do impresso, a “*instrução é a cultura do nosso espírito quando intelectual e material quando procuramos aprender uma disciplina que nos auxilie materialmente como sejam as várias profissões*”. Fazem ainda a defesa da escola enquanto o espaço privilegiado da instrução, pois “*a escola é o recinto sagrado onde vamos em comunhão buscar as ciências, artes, música etc. É na escola que encontramos os meios precisos para nos fazer entendidos pelos nossos irmãos*”.⁷³

Assim como Jayme de Aguiar e José Correia Leite, editores do *Clarim*, pode-se dizer que o intelectual negro Horácio da Cunha foi um dos mais fervorosos defensores da instrução/educação como meio para o “reerguimento da raça preta”. Em um dos seus artigos, publicado no *Auriverde*, reforçava: “*existem uns incultos e invejosos que sempre procuram obstruir a ascensão dos nossos de cor*” e como resposta a isso, “*para combater esses obstáculos, nós os pretos precisamos educar nossos filhos, dando-lhes uma educação conforme nossa força; assim eles estarão preparados para tomar parte em qualquer cargo que dependa de exame ou concurso*”⁷⁴.

A defesa da educação e da instrução não apenas no campo técnico como forma de ingressar no mercado de trabalho, mas também no aspecto “moral”. Havia na imprensa negra uma propaganda a favor de certos valores aceitos pela elite visando romper com os principais argumentos associados ao racismo daquele momento, como o de que os negros não eram aptos intelectual e moralmente, ao contrário dos brancos. Visando à integração social como meio para o fim dos prejuízos contra a população negra, os intelectuais passaram a defender que os negros tinham as mesmas aptidões intelectuais e valores morais que os brancos, não havendo justificativa para a segregação. Uma amostra deste pensamento aparece em Gervásio Moraes, quando em *O Clarim d’Alvorada* publicou um artigo bastante contundente sobre esta questão. Iniciava afirmando que “*dizer-se que as nossas condições sociais se acham em prometedoras vantagens seria querer insinuar no ânimo de nossa gente uma criminosa inverdade*”, e depois de mostrar como a abolição do sistema escravista “*a nossa entrada para a comunhão nacional*” não significou na verdade uma cidadania plena para a população

⁷² *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 25 de janeiro de 1925, p.2.

⁷³ “Instrução”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 3 de fevereiro de 1924, p.1.

⁷⁴ “Os Homens Pretos e a Evolução Social”. *Auriverde*. São Paulo, 29 de abril de 1928, p.2.

negra, dava o prognóstico de que “o negro brasileiro jamais se compenetrará das necessidades prementes de nossa grande causa, vivendo em pleno contato com todos os preceitos absorventes das funestíssimas desvirtuações morais”. Ao apresentar o problema “moral” como um dos principais impecílios para o fim do racismo e a melhoria de vida dos afropaulistas, defendia sua extinção:

para isso – mal grado os melindres existentes – tem que se tomar a atitude de um atacante entusiasmado, e embora pareça contra a nossa gente, nossos irmãos de cor, essa atitude é apenas um farol que guia um povo, uma raça ou uma nacionalidade. (...) Para se externar a verdade é preciso ir-se até os limites inesgotáveis da energia moral, mesmo que para isso seja necessário banir e desmascarar publicamente a todo aquele que esteja além da justiça, ou aquém do direito, da verdade! Ela, pois, não é pelas presentes anotações da nossa existência lutadora que devemos fazer sentir nosso entusiasmo, mas sim pelo bem estar de um povo e pela glória de uma pátria que o mundo das nações admirado contempla⁷⁵

Interessado em postular os caminhos para o “*reerguimento da nossa raça*”, no papel do “*farol que guia um povo*”, Gervásio de Moraes propunha que se tomasse a “*atitude de um atacante entusiasmado*” contra as práticas morais que não contribuíssem para “o bem estar de um povo” e para a “*glória de uma pátria*” que ansiavam pertencer. Um exemplo desta atitude pode ser dado através do periódico *O Alfinete*, cujo nome é inclusive uma referência às “alfinetadas” que ele direcionava aos “irmãos de cor” que não estavam seguindo uma conduta considerada correta. Ao delatar esta incorretude, o jornal pretendia “educar” os leitores sobre quais eram as práticas que não colaboravam com a “elevação moral do negro”. Por exemplo, “o M.D. andar passeando certas horas da noite pela rua Glicério com certa moça que frequenta ensaios, e ele é casado”⁷⁶, ou “Magdalena com os vestidos muito curtos. Economia” e “Maria Honorina tem dado ponto no ‘Kosmos’, porque será?”⁷⁷. De certo que a publicação tinha como objetivo também o humor, uma vez que se diz um periódico “recreativo”, mas fica perceptível o tom de censura destas chamadas “críticas”.

Certas vezes, inclusive, a crítica foi bem séria. Como quando o articulista Zé Virote denunciou: “em pleno século XX, que a civilização invada (sic) todos os recantos do mundo possa existir pessoas que, não obstante ser de origem africana julgam-se franceza. Como

⁷⁵ “Dominicais”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 25 de abril de 1926, pp.1-2;

⁷⁶ *O Alfinete*. São Paulo, 22 de setembro de 1918, p.3.

⁷⁷ *O Alfinete*. São Paulo, 28 de agosto de 1921, p.3.

*acontece com a senhorita A. C. da Rua dos Gusmões, que apesar de não pertencer à raça caucasiana julga-se branca e escarnece os pretos. Que hipocrisia!”*⁷⁸.

Este anseio pela integração à sociedade não foi, no nosso ponto de vista, bem interpretado pelos primeiros estudiosos das ideias presentes na imprensa negra, em particular, dos jornais publicados entre as três primeiras décadas do século XX. A produção de conhecimento sobre o tema começou, sistematicamente, com os importantes trabalhos de Roger Bastide, nos anos 1950. Foi o primeiro pesquisador a se debruçar sobre a imprensa negra deste período. Entretanto, algumas de suas ideias são hoje um tanto questionáveis. A mais problemática delas é, para nós, a defesa de que os negros portavam um “*complexo de inferioridade*”, fruto da ação do forte preconceito racial existente na sociedade paulista (e brasileira). O referido “complexo” seria responsável por uma série de características destes homens e mulheres, como a “*renegação à raça*” e a “*imitação dos hábitos dos brancos*”, pois “*o preto aceita a priori a superioridade do branco e se esforça por imitá-lo em tudo, buscando esquecer sua ancestralidade*”(BASTIDE, 1983, p.142). Influenciados pela pesquisa pioneira de Bastide, traços de sua interpretação permaneceram não só na produção acadêmica das décadas seguintes⁷⁹, mas no senso comum.

Esta ideia de Bastide pode ser repensada à luz da leitura da própria fonte. Já no primeiro jornal negro de São Paulo é possível ver que o objetivo não era “*esquecer sua ancestralidade*”. Em 1915, “*fundou-se então este jornal, o qual buscou adquirir um nome, que não deveria, mas era esquecido dos homens de cor. É esse o nome, o de Menelick II, o grande rei da raça preta, falecido em 1913*”⁸⁰. É no esforço de sedimentar a ancestralidade, e não o oposto, que Deocleciano Nascimento batizou o jornal de *O Menelick*. Além disso, a própria denúncia supracitada, em que Zé Virote não se contenta com aqueles “*de origem africana*” que “*julgam-se [de origem] francesa*”. Outros exemplos de valorização da ancestralidade africana e da noção do pertencimento à “raça preta” pululam nos periódicos e, sub-repticiamente estão presentes ao longo deste capítulo.

⁷⁸ “Parece incrível...”. *O Alfinete*. São Paulo, 22 de setembro de 1918, p.3.

⁷⁹ Como, por exemplo, as pesquisas do discípulo de Bastide, Florestan Fernandes (1978). Nos anos 1980 há uma viragem nos estudos das “relações raciais” no Brasil, com o advento comemorativo dos 100 anos da abolição (1888) e uma série de novos trabalhos sobre o tema, não mais se pautando pelas premissas de Bastide e da chamada “Escola de Sociologia Paulista”.

⁸⁰ *O Menelick*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.1.

Ser um “homem de cor” e um “nacional” são identidades convergentes e amalgamáveis. Como afirmava o cronista identificado pelo pseudônimo Matuto, “*os homens de cor procuram muitos deles honrar os nomes dos patrícios de cor, para honra da classe e glória da pátria*”⁸¹. A proposta de pertencer à nacionalidade é perceptível em diversos artigos nos jornais, seja de forma direta ou indireta. Falamos direta quando nos vemos com textos onde está escrito literalmente “somos brasileiros” ou “pertencemos à pátria” e congêneres. J. D’Alencastro, diretor do jornal paulistano *O Bandeirante*, escreveu, por exemplo, que era um “grave erro”, chegando mesmo a configurar “crime de lesa-pátria”, pregar a “separação de raças, selecionando a nossa da raça branca”. Dizia ainda que “vinte e um estados constituem este colosso Brasil, e a nossa bandeira é uma só”, pois “se os nossos antepassados tiveram por berço a terra africana, é preciso que se note, nós temos por berço e pátria este grande país”. E concluiu seu pensamento em uma frase: “Não somos africanos, somos brasileiros!”⁸². A defesa de D’Alencastro era mostrar que havia possibilidade de unidade, mesmo resguardadas as diferenças. Salientava que o Brasil contava com “vinte e um estados” diferentes, mas possuía uma só bandeira, ou seja, o país podia ser formado por grupos de origens distintas, mas seus cidadãos estavam unidos pela pertença ao povo brasileiro.

As passagens que indiretamente indicam o anseio de partilhar a nacionalidade brasileira são ainda mais visíveis nas publicações. Como os encômios às “belezas pátrias”, “*belezas naturais que sem conta adornam nossa terra [grifo nosso]*”, aparentes no texto do articulista Cyclone – um pseudônimo, obviamente – publicado em *O Kosmos* em 1924. Nele aparece “a natureza na sua grande obra criadora, na plenitude triunfal do seu vigor”. Na “estética aprimorada de nossas paisagens” é possível se admirar com “o Pão de Açúcar e o Corcovado”, com as “plácidas ou tumultuosas artérias fluviais”, com as “florestas frondeantes e maravilhosamente verdes” e outras paisagens “que falar no nosso Brasil, essa terra sublime em todos os aspectos”, “país predestinado, paraíso aberto em esplendores e o mais vivo orgulho de um continente inteiro”⁸³. É a valorização de um país “sublime em todos os aspectos” como forma de demonstrar o apreço e o carinho, ou seja, o desejo de desfrutar desta comunidade nacional.

⁸¹ “Vagando”. *A Liberdade*. São Paulo, 4 de abril de 1920, p.2

⁸² “Grave erro”. *O Bandeirante*. São Paulo, setembro de 1918, pp.2-3

⁸³ “Belezas Pátrias”. *O Kosmos*. São Paulo, 18 de maio de 1924, p.1

Outras formas das mais comuns nos jornais de valorizar o país e demonstrar que a população negra tinha de fazer parte deste povo em igualdade de condições foi a defesa histórica relacionada ao passado escravista e ao culto aos “heróis da raça”, ambas muitas vezes interligadas. O argumento se baseia na ideia de que foi o negro quem construiu o Brasil e, portanto, é legítimo filho da pátria. O periódico *Getulino* publica um texto da lavra do intelectual negro carioca Evaristo de Moraes – figura de alto prestígio junto aos intelectuais negros paulistas, notável por ser o advogado de defesa de João Cândido nos desdobramentos da Revolta da Chibata – que não por acaso é intitulado “*O Papel do Escravo na Civilização Brasileira*”. O artigo começa com a afirmação de que “*foi a escravidão fator irrecusável da nacionalidade brasileira. No meio familiar, na vida econômica, em tudo e sempre se tem de notar a influência do deplorável fenômeno social do cativo*”. A escravidão faz parte da nacionalidade brasileira, portanto, os descendentes dos escravizados tem o direito histórico de pertencer a ela. No intuito de reforçar seu argumento, Moraes buscava citações de diversos autores que corroboravam a importância do negro para a “civilização brasileira”. Cita Alberto Torres, ao afirmar que “*social e economicamente, a escravidão deu-nos por largos anos todo o esforço e toda a ordem que possuímos, e fundou toda a produção material que ainda temos*”; cita João Ribeiro, defensor de que “*o negro, fruto da escravidão africana, foi o verdadeiro elemento econômico, criador do país e quase o único*”. Cita ainda Eunápio Deiró, afirmando que “*os africanos civilizaram campos, enriqueceram o Brasil. Cultivando os senhores, opulentaram a herança das famílias, criaram a riqueza, facilitaram a propagação da instrução, foram os obreiros reais da transformação da nação*” e arremata com a exposição de Tito Lívio de Castro, sustentando que “*pode-se dizer que, por meios indiretos, a raça escravizada, pela transformação do seu trabalho muscular em estradas, academias, esquadra, armamento, etc., foi quem trouxe ao Brasil o pouco de civilização que nele existe*”.

Evaristo de Moraes arrolou todas estas citações para comprovar seu argumento no seu artigo, tão propagado por outros intelectuais negros em seus jornais entre os anos 1910 e 1920: a defesa do “*papel preponderante, primacial do negro e seus descendentes escravos nos progressos, embora tardinhos, do Brasil*”⁸⁴. Portanto, como Horácio da Cunha publicou em 1926 n’*O Clarim da Alvorada*, “*Nós, os pretos da América do Sul, devemos ter um orgulho, não lamentarmos, porque muitos dos nossos antepassados deixaram seus nomes*

⁸⁴ “O papel do escravo na civilização brasileira”. *Getulino*. Campinas, 12 de agosto de 1923, p.1.

bem recomendados nas páginas belíssimas da nossa história. Esses fatos são os que servem para o orgulho dos pretos da época atual” e, com base nisso dirá “*sempre com orgulho: sou negro, mas sou brasileiro. Vivo em comunhão com meus patrícios e cooperando para os melhores dias da minha raça*”⁸⁵.

Além desta de legitimidade histórica, os impressos também exaltavam os “heróis da raça”. Não raro, essas figuras eram relacionadas a datas importantes do calendário nacional, como forma de valorizar as grandes figuras da “classe dos homens de cor” e mostrar a sua importância para os grandes eventos da história brasileira. A principal destas datas é, sem dúvidas, o 13 de maio de 1888, que marca não só o fim da escravidão, quer dizer, a conquista da liberdade para os negros feitos cativos no Brasil (o que não é pouca coisa), mas também o dia em que se acreditava que a sociedade não era mais dividida entre escravizados e livres, entre cidadãos e não cidadãos⁸⁶.

Todos os jornais festejavam o 13 de maio. Muitos, inclusive, lançando edições especiais. Assim o fez *O Clarim d’Alvorada* de 1926, publicando um número com 10 páginas, duas vezes e meia maior do que as edições mensais de 4 páginas, para comemorar “*com alto orgulho esta data, a da extinção da escravidão em nossa terra!*”. Logo na primeira página os editores prestavam homenagens “*a D. Izabel e aos abolicionistas*”, pedindo “*a Deus que lhes dê recompensa e bem assim aos mártires da escravidão*”.

Dos nomes dos abolicionistas eram lembrados “*Rio Branco, Patrocínio, José Antonio Bento, Luiz Gama, José Bonifácio, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco e outros mais também*”. É a imagem de José do Patrocínio que estampa o centro da página de capa, mas poderia ser a de qualquer um dos demais. Afinal, para eles, “*é de justiça rendermos homenagens a esses brasileiros sensatos, apóstolos fervorosos de uma causa justíssima, com o elevado sentimento de uma gratidão imorredoura que lhes devemos. Salve a liberdade!*”. No mesmo número, aparece ainda um poema em homenagem “*Aos Palmares*” e na página três, uma grande imagem de Luiz Gama⁸⁷. Gama é, talvez, o “herói da raça” mais festejado pelos intelectuais

⁸⁵ “Sentimentalismo dos pretos”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 21 de março de 1926, p.4.

⁸⁶ A importância simbólica do 13 de maio é perceptível inclusive nas agremiações que adotavam este nome, como a Sociedade Beneficente 13 de maio (Cf. *O Progresso*. Piracicaba, 7 de abril de 1928, p.3), o Club 13 de Maio dos Homens Pretos um dos mais antigos do gênero em São Paulo, fundado em 1902, a Sociedade Propugnadora 13 de Maio, de 1906. Cf. DOMINGUES, 2007, p.103.

⁸⁷ *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 13 de maio de 1926, pp.1-3.

negros paulistas. Não à toa. Reiteramos que sua história de vida era um forte símbolo da mensagem que a imprensa negra ansiava em propagar. *O Kosmos*, por exemplo, não deixou passar despercebido o “40º aniversário da morte nesta capital do grande chefe abolicionista Luiz Gama”, o grande “batalhador incansável em prol da redenção dos escravos, (...) pela igualdade de todos os brasileiros e pelo direito dos seus irmãos de raça”, motivo pelo qual “ainda hoje seus patrícios venera[m] e respeita[m] a sua memória”⁸⁸. O próprio nome do jornal *Getulino*, é uma homenagem a Luiz Gama, pois este era um de seus apelidos. Tão importante era a imagem de Gama para estes intelectuais que uma das ações mais contundentes deste movimento foi justamente a campanha vitoriosa pela construção da “herma a Luiz Gama”, no final dos anos 1920.

Outras figuras de destaque que aparecem nas publicações como “heróis da raça” são a Princesa Isabel “A redentora”, José do Patrocínio, os poetas Cruz e Souza e Castro Alves e Henrique Dias. As loas à Redentora, “o anjo benfeitor”⁸⁹, “que assinou o decreto abolindo a escravatura no Brasil” são constantes, e “por esse motivo, nós os brasileiros, em conjunto, rendemos-lhe mais profunda homenagem”⁹⁰. Quanto a José do Patrocínio foi sempre lembrado como um abolicionista negro que atuou nos jornais e na política para o fim da escravidão. Um dos jornais, *O Patrocínio* de Piracicaba, foi batizado em sua homenagem. Cruz e Souza, o “Dante Negro”, é um dos literatos mais celebrados pela imprensa negra, tanto que – como mencionamos – foi um de seus poemas o escolhido para publicação no primeiro número do jornal *O Clarim d’Alvorada*, quando ainda chamava-se apenas *O Clarim*.

Além do poema “Coração”, o periódico publicou ainda um artigo biográfico sobre o poeta de “Desterro – estado de Santa Catarina”, atual Florianópolis, cuja “obra é germinalmente nossa”, pois “foi o homem que soube demonstrar o sentimento nobre e o amor sincero que existe no homem preto”⁹¹. “O legendário Henrique Dias”, outra figura sempre rememorada, brasileiro liberto, filho de africanos que batalhou na guerra de expulsão dos holandeses que invadiam Pernambuco no século XVII, onde “dez vezes ferido, perdendo

⁸⁸ “Luiz Gama”. *O Kosmos*. São Paulo, setembro de 1922, p.1.

⁸⁹ “Imortais”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 13 de maio de 1926, p.3.

⁹⁰ A capa deste fascículo é uma grande imagem da Princesa Isabel ao fundo, com um negro ajoelhado sendo abençoado por uma mulher, onde lê-se: Salve o 13 de maio. “A Lei Áurea”. *Auriverde*. São Paulo, 13 de maio de 1928, p.1.

⁹¹ “Coração” e “Cruz e Souza”. *O Clarim*. São Paulo, 6 de janeiro de 1924, pp.1-2.

umas das mãos na guerra (...) exclama que cada um dos seus cinco dedos restantes batalhariam como uma nova mão por seu Deus e por sua Pátria". Depois de receber honrarias do governo português, a coroa criou "*em várias províncias (...) corpos de soldados e oficiais todos pretos com o nome de Henriques*"⁹². Será coincidência eleger um herói negro como Henrique Dias, negro brasileiro, filho de africanos, que lutou para defender sua pátria contra a invasão dos estrangeiros, naquele contexto onde crescia entre os intelectuais negros a preocupação com a "faceta estrangeira do problema"?

II. 3 - Transnacionalidade

Mas o estrangeiro pode ser um problema, tanto como uma possibilidade de inspiração para as lutas locais. Aqui pretendemos mostrar a presença do transnacional na atuação dos intelectuais negros com forte peso da nacionalidade. A todo o momento, a imprensa negra dá mostras desse olhar que reflete um diálogo entre as experiências locais, regionais e transnacionais. A historiadora estadunidense Micol Seigel se utiliza do "método transnacional" para estudar estes homens e mulheres descendentes da diáspora africana, entre o Brasil e os Estados Unidos. Para ela, a "*história transnacional explora o global no local, via interações de grupos ou entidades que não cabem nas fronteiras nacionais, seja porque são maiores ou menores ou ambos*". Pode parecer que, depois de tanto enfatizarmos a questão da nacionalidade presente no discurso dos pensadores negros do começo do XX, esta ideia de transnacionalidade não faça muito sentido. Mas, segundo a própria Seigel nos alerta que

Muitos observadores pensam que o método transnacional assume a obsolescência das nações. Pelo contrário; na minha opinião, o valor do método transnacional é a sua habilidade de examinar e criticar o nacionalismo que permanece uma poderosa força política e intelectual. Assuntos transnacionais sobrecarregam e desafiam fronteiras nacionais não numa negligência jovial por estas fronteiras mas porque estados-nação tão profundamente, até violentamente, as constroem. Nacionalismo não tem cedido para formações globalizadas nem na política mundial nem na academia, onde as estruturas nacionais continuam definindo os campos de estudos. (SEIGEL, 2009, p.XIII)

⁹² "Os negros". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 26 de julho de 1925, p.4.

Portanto, a perspectiva transnacional não invalida a importância política da nacionalidade. Como uma dupla consciência, onde pensar seus problemas locais não invalida se interessar, buscar e interpretar as questões transnacionais, até para criticamente aproveitar as experiências de outros grupos negros ao redor do mundo. Se por um lado eles pensam na nacionalidade, também estão atentos à luta dos negros de fora, no plano transnacional. É o intelectual afro-americano W.E.B du Bois, importante figura pensamento negro no mundo, em seu livro *The Souls of Black Folk*, de 1903, faz o primeiro esforço de se pensar a chamada dupla consciência, onde ao mesmo tempo se pertence e não pertence ao seu local de nascimento, “*esta sensação de se estar sempre a olhar a si mesmo pela bitola de um mundo que nos observa com desprezo trocista e piedade*”. Reforça este sentimento de “*dualidade – um Americano, um Negro; duas almas dois pensamentos, dois anseios irreconciliáveis; dois ideais em contenda num corpo escuro que só não se desfaz devido à sua força tenaz*”. Esta dupla consciência é, para Du Bois, um traço marcante:

a história do negro americano é a história deste conflito – deste anseio por atingir um estado adulto consciente de si, por fundir esta dupla consciência num ser melhor e mais verdadeiro. Não deseja que nenhuma das anteriores consciências se perca através desta fusão. Não pretende africanizar a América, pois a América tem muito a ensinar ao mundo e à África. Não pretende branquear a sua alma de Negro numa corrente de americanismo branco, pois sabe que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo. Apenas deseja que um homem possa ser, ao mesmo tempo, negro e americano, sem ser amaldiçoado e humilhado pelos seus próximos, sem que as portas da oportunidade lhe sejam brutalmente fechadas na cara (Du BOIS in SANCHEZ, 2011, p.51).

Esta dupla consciência dos primeiros anos da obra de Du Bois vem sendo crescentemente retomada desde os anos 1990 pelos estudos sobre os descendentes da diáspora africana. Um dos autores que recebem esta influência é o especialista em Estudos Culturais e cultura diaspórica do Atlântico Paul Gilroy, em sua já célebre obra *O Atlântico Negro*. Nela, o autor sugere que “*Du Bois produziu este conceito [dupla consciência] no ponto de junção de seus interesses filosóficos e psicológicos não só para expressar o ponto de vista distintivo dos negros americanos, mas também para esclarecer a experiência das populações pós-escravas em geral*.”(GILROY, 2001, p.248). Calcados nesta ideia é que percebemos que os intelectuais

negros em São Paulo, no cerne da sua “experiência pós-escrava”, apresentavam a presença desta dupla consciência, onde a nacionalidade e a transnacionalidade não operavam como identidades contrastantes.

Alguns casos emblemáticos desta relação entre o local, regional, transnacional e transcontinental apareciam na imprensa negra, em primeiro lugar utilizando a experiência dos negros nos Estados Unidos comparando-a com a situação da população negra no Brasil, seja para aproximar ou para distanciar. É interessante salientar que o cronista Matuto, no afã de criticar a falta de união da “classe de cor” no Brasil – uma forma de pedir mais união – dizia: “*Nos Estados Unidos da América do Norte, a luta é do branco contra o negro. Nos Estados Unidos do Brasil é a do preto contra o preto! Que contraste!*”⁹³, enquanto Joaquim Domingues, na mesma edição de *A Liberdade* aproximava as duas experiências dizendo que “*o preto é desprezado em todos os pontos de vista, mesmo em algumas sociedades que alguns escuros pensam ser claros. Igualmente em muitos países, especialmente na terra da civilização, nos Estados Unidos*”⁹⁴. Por sua vez, um artigo não assinado do *Auriverde*, provavelmente escrito pelo seu redator Deocleciano Nascimento, denunciava: “*recrudescer agora, nos Estados Unidos, a campanha contra os negros. É uma nova de ira, ódios, de preconceito que passa pela grande nação norte-americana*”, e “*portanto, neste ponto, não invejemos a civilização yankee*”⁹⁵.

Um episódio desta relação transnacional merece aqui o devido destaque. O Dr. Robert S. Abbott, dono de um jornal da imprensa negra norte-americana, o *The Chicago Defender*, esteve em visita ao Brasil nos primeiros meses de 1923 para proferir palestras e participar de eventos no Rio de Janeiro e em São Paulo, para onde já tinham sido enviados emissários desde 1916. Após sua visita estreitou laços com intelectuais e entidades negras, sobretudo com os responsáveis pelos periódicos *O Clarim d’Alvorada* e o *Progresso* (SEIGEL, 2009, p.182). Em ambos os estados foi recebido com festa por setores da população negra interessadas nas palavras do diretor de uma das maiores e mais longevas publicações feita por negros e para eles voltada. Porém sua passagem em terras brasileiras acabou não agradando a muitos. No seu jornal de atuação, o *Kosmos*, Abílio Rodrigues repercutiu de forma crítica uma

⁹³ “Vagando”. *A Liberdade*. São Paulo, 28 de dezembro de 1919, p.1.

⁹⁴ “Hipocrisia da cor”. *A Liberdade*. São Paulo, 28 de dezembro de 1919, pp.1-2.

⁹⁵ “A questão de raça”. *Auriverde*. São Paulo, 29 de abril de 1928, p.3.

palestra em que o “ilustre jornalista norte-americano Dr. Robert S. Abbott, 'leader' da raça negra em Chicago” apresentou no Rio de Janeiro, nos primeiros meses de 1923. O motivo da celeuma é que o tema escolhido foi: “a verdadeira democracia é a brasileira, porque ela repousa sobre os princípios estabelecidos pela igualdade humana”. Como não seria de se surpreender, as ideias de que o Brasil era uma democracia racial, propagadas desde o fim do século XIX e que ganharam corpo com a obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, chegaram aos ouvidos do jornalista afro-americano. No entanto aqueles que viviam o cotidiano do país sabiam que democracia racial não passava de mito. Rodrigues era um deles e rebateu afirmando que “a cada passo nos deparamos com o preconceito que exclui, que humilha, que esmaga o homem de cor”, como quando “atualmente, na Liga Metropolitana de futebol, os jogadores de cor escura são excluídos dos matches representativos” e quanto Cruz e Souza, “chefe da escola que renovava a poesia brasileira”, foi “expulso da fundação da Academia de Letras”. Mas o exemplo mais ilustrativo o jornalista deixou para o fim da matéria:

o que lamento deveras, depois do ilustre conferencista ter chegado a nossa Paulicéia e tomar aposentos num dos nossos hotéis, “O Palace Hotel”, de volta de um passei, foi convidado pelo proprietário não mais continuar como hóspede, porque o quarto já tinha sido tomado por outro. Porque? Devido achar-se hospedado no mesmo hotel alguns norte-americanos brancos, que impuseram o dono despedir o hóspede preto. Até aqui, em terra estranha, querem fazer valer o velho preconceito existente em Norte América. Porém, qual foi a atitude do proprietário do hotel, como brasileiro? Foi em atender o pedido feito pelos hóspedes norte-americanos. **É essa a igualdade apontada como padrão da verdadeira democracia brasileira?...Ilusão, perfeita ilusão!**⁹⁶

Mesmo sendo vítima do racismo presente na sociedade brasileira, Robert Abbott defendeu a não existência dos prejuízos de cor no país. Abílio Rodrigues não foi o único a se revoltar com tal ideia. Benedito Florêncio escreve no *Getulino* uma crítica feroz ao resultado da passagem do jornalista afro-americano. Inicia seu artigo dizendo que “as conferências do Dr. Robert Abbot, o chamado campeão da raça negra norte-americana, redator e proprietário do ‘Chicago Defender’, não resistem absolutamente a uma análise rigorosa, porque tem fundo vazio”, chegando a afirmar que “os melhores atrativos do ilustre visitante

⁹⁶ *O Kosmos*. São Paulo, 18 de abril de 1923, pp. 1-2.

negro” foram apenas da “sua presença curiosa” ao “seu muito dinheiro”. Isto porque, “ofuscado pelo cosmopolitismo típico do tradicional povo carioca” resolveu afirmar “que aqui predomina a verdadeira igualdade humana, que aqui não há preconceito e que a lei é um evangelho social rigorosamente igual para todos na sua ampla aplicação, dando quase a impressão de haver encontrado o bíblico seio de Abraão, a lendária terra da promessa, ou seja, a verdadeira Canaã dos negros!”. O tom irônico dá a dimensão da fúria que tal declaração causou nos intelectuais negros, afinal, era uma figura negra importante falando contra décadas de sua militância contra o racismo, e assim, “nós, porém, os negros brasileiros, não endossamos de forma alguma os sugestivos entusiasmos do Dr. Abbot”. Florêncio assumiu que “aqui, felizmente”, em comparação à situação da população negra nos Estados Unidos daquele momento, “o ódio contra o negro não assume proporções tão bárbaras, pois não somos queimados vivos em fogueiras públicas, nem linchados pelas multidões sedentas de vinganças”, mas adverte que “daí a vir afirmar que não existe preconceito de cor no Brasil é como negar a derrota da Alemanha” na Primeira Guerra Mundial. Ou seja, para além de terem sido quebradas as grandes expectativas nutridas por estes afropaulistas, o testemunho do Abbott foi fortemente criticado, tanto pelo cariz das ideias quanto por não dar a eles o crédito de se dispor a ouvir seus pensamentos. Desta forma, Benedito Florêncio concluiu seu artigo escrevendo:

A atitude do ilustre visitante devia ter sido a de nos familiarizar com a situação do negro norte-americano e a de conhecer também a da raça aqui, isso porém, de acordo com as nossas informações e nunca com as suas impressões de minutos, apenas. Isso do Dr. Abbot vir nos falar da situação do negro no Brasil, foi o mesmo que querer ensinar o padre nosso ao vigário!⁹⁷

Além de exemplo de comparação das experiências, os Estados Unidos-também eram foco de interesse por conta do pensamento afro-americano. Por exemplo, *O Clarim d’Alvorada*, a partir de sua edição de 26 de julho de 1931, passa a publicar uma coluna só com textos sobre a comunidade afrodiaspórica chamada “*Mundo Negro – movimento pan-negro*”. Este nome é uma homenagem ao jornal da Universal Negro Improvement Association (UNIA), do ativista jamaicano Marcus Mosiah Garvey, que se chamava “The Negro World”. Para *O Clarim*, “o programa da Associação Universal para o Levantamento da Raça Negra”, tradução que os editores fizeram para o nome em inglês da UNIA, “é um credo que deve ser

⁹⁷ “Cartas d’um Negro”. *Getulino*. Campinas, 21 de outubro de 1923, p.3

defendido por todos os negros da terra". Nesta coluna, republica as palavras do "hon. Marcus Garvey, pelas colunas do 'The Negro World'", defendendo que "para se gozar o melhor da vida devemos criar uma filosofia nossa e transladar aos nossos filhos um credo, uma política para o levantamento da raça"⁹⁸. Mais de um ano antes, *O Clarim* já mantinha uma coluna chamada "O Clarim d'Alvorada no exterior". Nela, publicou uma notícia sobre Garvey, "o famoso líder negro", "presidente geral da Associação Universal para o Adiantamento da Raça Negra", que fora preso por 3 meses em seu país, "condenação que lhe foi imposta do tribunal jamaicano", "por ter proferido palavras que o juiz não gostou". Provavelmente, palavras de ordem de cunho antirracista, uma vez que Garvey é um "homem de nome conhecido em todo o mundo pelo ardor com que defende sua raça."⁹⁹.

Não foi só *O Clarim* que esteve antenado ao que se passava no "mundo negro". O *Getulino*, já no começo de 1924, noticia que "está reunida em Lisboa a conferência internacional dos negros, com a presença de representantes da Universal Negro Improvement Association e delegados de vários agrupamentos de homens de cor", e reitera que "o *Getulino*, no intuito de informar nossos inúmeros leitores do que se passa no mundo com a nossa gente, e não medindo sacrifícios para bem servi-los, começará no dia 27 do corrente a publicar os resultados da importante reunião"¹⁰⁰. Esta "conferência" dizia respeito a uma das sessões do 3º congresso pan-africano, que aconteceu em duas sessões, entre Londres e Lisboa. O 1º congresso pan-africano foi organizado por W.E.B Du Bois e Blaise Diane, aconteceu em Paris, contando com 57 delegados negros de territórios africanos, das Antilhas e dos Estados Unidos da América. "Nele, foram reivindicados a adoção de um 'código de proteção internacional dos indígenas da África'; o direito à terra, à educação e ao trabalho livre; e a abolição dos castigos corporais nas colônias" (HERNANDEZ, 2008, p.153). De forma geral, congressos pan-africanos foram eventos marcantes na discussão dos problemas da população afrodiáspórica. Como todo movimento de caráter amplo, variou bastante quanto à quantidade de participantes e os temas e reivindicações, mas sempre em torno da questão no negro. O 3º e o 4º congresso pan-africano, por exemplo,

⁹⁸ *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 26 de julho de 1931, p.4.

⁹⁹ "Marcus Garvey". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 25 de janeiro de 1930, p.4.

¹⁰⁰ "Conferência internacional de pretos". *Getulino*. Campinas, 6 de janeiro de 1924, p.2.

variaram quanto à composição dos participantes. Variaram também quanto ao temário, que oscilou de reivindicações mais pontuais – como direito à terra e à segurança individual nos marcos do esquema político vigente e o direito ao reconhecimento da igualdade entre brancos e negros – até a “libertação dos povos”, que continha a proclamação de que o continente africano era um “direito dos negros (HERNANDEZ, 2008, pp. 153-154)

Como prometido, nos dias 27 de janeiro e 3 de fevereiro o *Getulino* republica uma reportagem do jornal Correio de Portugal sobre a conferência. Os personagens-informantes da matéria assinada por Adriano Vasconcelos são Mr. Logan, membro da *Associacion Pan-africaine* e João de Castro, membro da Federação Africana de Lisboa, ligada à UNIA. Através deles, o autor do artigo deduz, “*por nossa conta em risco*”, que havia “*duas correntes em divergência*” dentro do congresso. “*Uma dirigida pelo americano Barghadat (sic) Du Bois, preconiza a união dos homens de cor para, pela propaganda, obter dos governos dominadores o maior número de garantias possível em favor dos dominados*”, enquanto a outra, “*chefiada por um outro americano, um tal Marcus Garvey*”, que não era estadunidense, por sinal, “*pretende conseguir a apropriação da África em favor dos negros, ou queiram ou não queiram os brancos*”¹⁰¹. Claro, o texto não apresentou nenhum tipo de simpatia pelas ideias de Garvey. As colônias portuguesas no continente africano, por sinal, foram as últimas a conseguir a independência nacional, em 1974-75, depois de anos de duras guerras de libertação.

A demonstração da dupla consciência dos intelectuais negros em São Paulo continua com as notícias sobre personagens e personalidades negras ao redor do mundo, no mundo das artes, da ciência, do esporte e da política. Assim como o sacramento dos “heróis da raça” negra brasileira tinha um fundo educativo e afirmativo das aptidões físicas, morais e intelectuais dos descendentes da “raça africana”. No artigo de sugestivo título “*Pelo Mundo*”, relata o caso da “*snr. Walker*”, “*a negra mais rica do mundo*”, que “*era lavadeira de profissão, mas inventou um tonico para o cabelo. Ao morrer, deixou uma fortuna calculara em cinco milhões de dólares*”. Noticia também a construção de dois grandes prédios, um em Chicago, “*edifício de 8 andares que conterà um grande teatro para variedades e exibição de filmes*” e outro em Cincinatti, um “cinema-teatro” que foi orçado em “*150.000 dólares (1.200 contos de réis)*”,

¹⁰¹ *Getulino*. Campinas, 3 de fevereiro de 1924, p.2.

ambos construídos “*por negros, com seus próprios recursos, e só para uso de negros*”¹⁰². Em dezembro do mesmo ano, o mesmo periódico publica um artigo sobre o “*tenor negro*” Roland Hayes, “*filho de uma escrava*” e “*nascido no estado americano da Geórgia*” que “*nos salões da fina flor parisiense o disputam à custa de bilhetes de mil francos*”, não sem antes comentar que “*a hora atual pertence em França aos pretos*”, pois “*são soldados pretos os que ocupam a Renânia*” e “*é o preto [René] Maran que recebe dos literatos o prêmio de Goncourt*”¹⁰³, romance que denunciou as violentas práticas coloniais francesas no Oubangui-Chari, atual República Centro-Africana, e em 1921 ganhou o prêmio máximo da literatura francesa.

Flávio Thales Francisco, estudando a imagem do Brasil nas páginas do *Chicago Defender*, aponta como o editor Robert Abbot se refere aos negros do sul dos Estados Unidos chegando ao norte. Em uma coluna denominada “*alguns não*”, Abbot “*demonstrou a preocupação com os migrantes negros da cidade, que, segundo a sua opinião, não possuíam os hábitos adequados para conviver entre os cidadãos do norte*”, e indicou:

Não utilizar linguagem vulgar em espaço público;
Não se envolver em brigas;
Não usar a liberdade para fazer qualquer coisa que quiser;
Não se juntar a pessoas que cometem delitos, sejam elas homens, mulheres ou crianças;
Não seja um estorvo público;
Não se aglomere nas ruas, atrapalhando os transeuntes;
Não gaste seu tempo em bares e salões de jogos;
Não more em casas insalubres ou durma em quartos sem ventilação;
Não abuse ou viole a confiança daqueles que oferecem emprego;
Não deixe o emprego depois de ganhar alguns dólares;
Não trabalhe por um salário menor enquanto outros trabalhadores desempenham a mesma atividade por uma quantia maior;
Não permita que crianças menores de 15 anos circulem pelas ruas depois das 21 horas;

¹⁰² “Pelo Mundo”. *Getulino*. Campinas, 30 de setembro de 1923, p.2 .

¹⁰³ “O Tenor Negro”. *Getulino*. Campinas, 9 de dezembro de 1923, p.2.

Não beba e saia pelas ruas insultando mulheres e crianças como se fosse uma besta¹⁰⁴.

É notório, nestas indicações, a presença do mesmo tom "moralista" que parte dos trabalhos já clássicos sobre a Imprensa Negra de São Paulo identificam nos jornais paulistas. Estas indicações de comportamento serviam para "*evitar comentários racistas*", por isso "*era necessário que os migrantes dominassem um código de condutas para 'manter a saúde, a sobriedade e a moralidade, evitando que todos os negros, inclusive os respeitáveis, caíssem em descrédito'*". É importante notar como uma mesma ideia circula ao redor do Atlântico Negro. Com vimos, ao menos parte desses intelectuais afropaulistas conhecem o *Chicago Defender* e portanto as ideias de Robert Abbot sobre o "novo negro", não era novidade. Este "novo negro" seria o "*produto da mobilidade social negra nos grandes centros*" que deixava para trás imagens cristalizadas e preconceitos relacionados ao passado escravista, e era recorrente na produção intelectual estadunidense, "*se apresentando sempre como um conjunto de representações positivas sobre a população negra, utilizada para confrontar um velho negro que circulava na literatura, em fotografias, ilustrações e discursos racistas*" (FRANCISCO, 2015, p. 84). É possível afirmar que, apesar desse termo não aparecer nos periódicos negros em São Paulo, há uma grande aproximação entre esta ideia de "novo negro" e as aspirações que os intelectuais afropaulistas anseiam para si e para o conjunto da população negra.

Não intenciono com isso afirmar que os intelectuais negros simplesmente repetiram e aplicaram as ideias contidas no *Chicago Defender* para o caso brasileiro. Tanto que a lista do que "não fazer" proposta por Abbot foi publicada em 1919, enquanto desde 1915 já vemos colunas nos jornais negros paulistanos voltados especificamente para a observação e crítica de comportamentos cotidianos no mesmo sentido do artigo do *Defender*. Mas é fundamental

¹⁰⁴“Some don'ts”. *Chicago Defender* (Chicago, 17 de maio de 1919), p.20. in: FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *O Novo Negro em Perspectiva Transnacional: Representações afro-americanas sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940)*. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (USP), 2015, p. 83.

perceber como certas ideias, relativas as questões próprias aos homens de cor, assumem colorações locais a partir das experiências específicas, mas encontram pontos de contato dados pela dupla consciência fruto da história em comum da diáspora africana no Atlântico Negro.

Os olhos dos pensadores negros não estavam voltados somente para os Estados Unidos, como o exemplo da repercussão de Roland Hayes na França aponta. A transnacionalidade também alcançava o continente africano. A já citada escolha do nome do jornal *O Menelik* já é disto um indício. A Etiópia é, por sinal, um espaço simbólico sempre lembrado nas publicações da imprensa negra. *O Clarim d'Alvorada* não hesita em dizer que “A Etiópia é o nosso coração”¹⁰⁵. Em 1929, o *Progresso* noticia a coroação do Ras Tafari, “Imperador negro da Abissínia”. O “Rei dos Reis”, “um dos doze títulos como é conhecido na Europa e na América, vinha como regente, governando a Etiópia a 12 anos”, mas “cansado de governar somente em nome, exigiu Tafari que lhe fossem asseguradas as mesmas prerrogativas de que goza a Imperatriz Zauditu”, afinal “Tafari, como Zauditu, sua tia, é descendente do Rei Salomão e da Rainha de Sabá”. As festas pela coroação “prolongaram-se durante 7 dias e 7 noites” e foi publicado um manifesto “mostrando que ‘sobre a terra nenhum poder pode ser comparado ao do Negus da Abissínia, contra quem pela graça de Deus, pouco vale qualquer dos outros reis ou todos eles reunidos’”¹⁰⁶. Esta mesma edição publica ainda um pequeno artigo sobre língua faladas na África em “grandes territórios de milhões de indivíduos”, como o “árabe ao norte, o haussá no Sudão ocidental” e o “suahili na África Oriental até o Congo”¹⁰⁷. O *Getulino*, em 1923, publica uma nota de pesar pela morte de “Khama, chefe dos bamanguatos”, “um grande homem africano” pelo seu “valor físico e moral, a independência do seu caráter e a originalidade de suas ideias”¹⁰⁸.

A África é, portanto, um dos centros de atenção dos pensadores negros, o que mais uma vez atesta não uma recusa mas uma valorização da ancestralidade representada pelo continente africano. Junto com os Estados Unidos e a Europa, principalmente, formam os principais espaços da diáspora africana que estes intelectuais estavam interessados em participar, mesmo que marginalmente, e divulgar as experiências afrodiaspóricas no bojo da

¹⁰⁵ *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 26 de julho de 1931, p.5.

¹⁰⁶ “Tafari, o imperador negro da Abissínia”. *Progresso*. São Paulo, 13 de janeiro de 1929, p. 5.

¹⁰⁷ “Na África”. *Progresso*. São Paulo, 13 de janeiro de 1929, p.3.

¹⁰⁸ “Um grande homem da raça negra”. *Getulino*. Campinas, 28 de outubro de 1923, p.3.

sua argumentação por mais direitos para – e menos preconceito com - a “classe preta” paulista.

II. 4 - Imprensa Negra Organizativa

Até o presente momento deste capítulo, intencionamos elucidar as diferentes ideias que circulavam entre os intelectuais negros em São Paulo e, principalmente, demonstrar que havia uma certa padronização dos discursos. Na defesa da nacionalidade brasileira, no anseio de partilhar dela em igualdade de direitos com os brancos, na promoção da “educação” e da “instrução”, técnica e “moral” e na existência de uma dupla consciência, cuja identidade se posiciona no epicentro de uma encruzilhada entre passado e presente (HALL, 2003). Todas essas ideias se expressam através da imprensa negra. Mas nosso objetivo vai além. Queremos discutir sobre como as publicações destes editores negros teve o papel de agregar não só ideias, mas também pessoas interessadas em lutar por elas. No limite, pensamos que a imprensa negra – e todo o circuito que se criou em torno dela – funcionou nestas décadas iniciais do século XX como uma entidade política organizativa.

Foi a partir destes periódicos que um grupo de intelectuais negros conseguiu propagar seus ideais. A partir deles que o “meio negro” era informado dos variados eventos de sociabilidade feitos por e voltados para ele, como bailes, reuniões de associações literárias, dramáticas, carnavalescas e políticas. Espaços onde era possível estreitar os laços afetivos e políticos, a tão desejada “união da raça”. Partia dos jornais também as mobilizações para as ações que este movimento negro propunha naquele momento, como a criação e a divulgação das ideias do Centro Cívico Palmares, a luta pela criação da Confederação dos Homens de Cor e a construção de um monumento público em homenagem ao grande “herói da raça” Luiz Gama. Afinal, como foi publicado em um editorial do *Auriverde*, “*o jornal é o transmissor de ideias, é o arquivo da palavra escrita, portanto é necessário é necessário a sua existência no seio dos povos civilizados*”

II. 5 - "A União Faz a Força"

A união, para estes pensadores negros, é a grande chave para se alcançar os seus objetivos sociais e políticos. Um artigo de Moyses Cintra, no jornal *O Clarim* (que se transformaria no *Clarim d'Alvorada*), por exemplo, chama para a “união da raça”. Com um sugestivo título, “Um dever”, o autor faz a denúncia do péssimo estado em que alguns indivíduos negros se encontram na capital. Começa o texto citando as precárias condições dos escravos de outrora e compara, afirmando haver “muitos patrícios que são escravos, não daqueles senhorios carrascos, mas dos vícios que os tornam incapazes para tudo: principalmente para o trabalho”. Esta situação, para Cintra, era devastadora para as famílias chefiadas por estes homens, pois “os vícios, principalmente o álcool, roubam o essencial de um chefe de família, que é a força moral”. Sem conseguir “ministrar num lar a educação”, esses “pobres infelizes” não contribuiriam para a melhoria das suas condições de vida e, principalmente, influenciaria a que seus filhos fizessem o mesmo. Estes “que andam dominados pelos vícios” precisam, para o seu próprio bem e do coletivo, buscar “uma táboa de salvação: a regeneração”. Mas há ainda outro tipo de viciado, “os pobres de espírito”. Os ataca quando defende que “é o tempo de pensarmos no futuro” e se questiona: “Estes é que serão os nossos homens de amanhã?”. A busca pelo seu ideal deve ser expressa principalmente na ação individual cotidiana, em paralelo às diversas ações coletivas do movimento. Assim, Cintra aponta qual seria o “dever que urge” que dá título ao artigo: “zelar pela nossa raça, em reuniões mais frequentes, nas associações, a fim de se tratar com seriedade dos [seus] interesses mais inadiáveis e palpitantes”, “assim, dentro em breve, seremos tão felizes quanto os povos de outras raças, que são respeitados e progressistas, mercê de seus próprios esforços”¹⁰⁹.

No mesmo *Clarim*, já em seu número de estréia, um dos diretores do jornal escreve uma nota na mesma linha daquela de Moyses Cintra. É José Correia Leite quem escreve que a “desorganização social que existe entre nós devia findar nestes belos tempos”. Segue denunciando que “centenas de homens de cor se debatem contra misérias” e defende “a fundação de um centro beneficente entre nós”. Conhecendo a dificuldade da empreitada,

¹⁰⁹ *O Clarim*. São Paulo, 2 de março de 1924, p.2-3.

assume que “para isso seria preciso que um punhado de homens de nobres ideais assumisse essa santa cruzada”. Mesmo assim, clama que

entrelacemos nossas mãos, assim conseguiremos uma só força, lutando para o mesmo ideal. Hoje um punhado, amanhã uma multidão unida combateremos todos os vícios, arrancando da lama os fracos de espírito, socorrendo os desprotegidos da sorte, indicando o verdadeiro caminho do bem à mocidade

Leite defende ainda no mesmo artigo que, assim como Cintra o fez, a união dos “homens de cor” como meio para dar corpo a “luta para o mesmo ideal”. No fim do artigo, complementa: “aqui ficam os sonhos do primeiro pastor, esperando que se realize daqui algum tempo, embora que tarde”. Apesar de não ser o “primeiro” dos sonhadores, é mais um deles. Não qualquer um, mais um. Uma soma de esforços que se esperava passar de um “punhado” para uma “multidão unida”. O título do artigo? “A união faz a força”¹¹⁰.

A força desta união, desta estratégia de alcançar o desejado, também é defendida no jornal *Getulino*. No terceiro número de seu jornal é publicado um pequeno artigo de autoria de F. Marcondes, intitulado “Unidos sempre”. Se utilizando da metáfora da aurora, assim como Abílio Rodrigues o faz no hino produzido para o *Kosmos*, o autor escreve que se “ao cair da tarde o sol cada vez mais fraco e mais frio desaparece no horizonte”, “todos esperam com ansiedade a luz brilhante e forte de amanhã que o astro rei vem nos trazer”. Da mesma forma, “os poucos unidos de hoje esperam com braços abertos aqueles que não pensam no futuro, e que por sua frieza e desleixo próprio abandonam as sociedades e escolas”. É um apelo à união e ao pensamento no futuro, na melhoria de vida. Marcondes ainda, como uma forma de chamar atenção para a urgência da causa, afirma que somente “*tarde, mas muito tarde, com a convivência dos que sabem cumprir seu dever de bom brasileiro, trabalhando pelo bem estar de seus irmãos poderão arrepender-se do passado infrutífero que tiveram*”¹¹¹.

¹¹⁰ *O Clarim*. São Paulo, 6 de janeiro de 1924, p.3.

¹¹¹ *Getulino*. Campinas, 12 de agosto de 1923, p.1

II. 6 - “As Ideias de Muitos Labutadores Serão Concretizadas”

Se a “união faz a força”, ela também gera frutos. Como resultado da luta por uma maior integração entre a classe dos “homens de cor” é possível aventar algumas experiências simbólicas deste processo. Dentre elas citamos a criação do Centro Cívico Palmares e, a campanha pela criação de uma Confederação dos Homens Pretos de São Paulo, o Congresso da Mocidade Negra e a campanha pela construção do monumento a Luiz Gama. Juntos, esses eventos já apontavam para os caminhos que o movimento negro tomaria a partir dos anos de 1930.

Criado em 1926, o Centro Cívico Palmares fora bem recebido pelos intelectuais negros desde a ideia de sua implementação. Em mais um dos seus artigos defendendo a “união da raça”, Correia Leite, ainda não satisfeito com o grau de integração que observava no seio do “meio negro”, afirma que *“existe nessa capital um centro de homens de cor, que muito poderia fazer em prol dos nossos, mas para tal fim era necessário o apoio de todos os nossos patrícios sensatos”*. Esta *“agremiação é o Centro Humanitário José do Patrocínio, bem dirigido, com um programa todo cheio de civismo e norteado numa crença, a cultura intelectual e espiritual dos nossos patrícios”*. Mas, num tom esperançoso, noticia que *“um punhado de patrícios sensatos estão trabalhando com afinco, silenciosamente com afinco, para a fundação nesta capital do grande Centro dos Palmares”* e já oferece *“de antemão os nossos aplausos”* e pede *“ao Criador que derrame a sua graça incomparável no ideal grandioso desses patrícios sensatos”*¹¹². Tamanha a empolgação que menos de um mês depois já noticiava a *“noite memorável para os que tiveram a felicidade de chegar até o teatro Apolo, onde se realizou o festival organizado pelo Centro Cívico Palmares”*¹¹³. Por sinal, *O Clarim* foi o único periódico da imprensa negra em atividade quando da fundação do Centro Cívico Palmares, portanto, o único a acompanhar sua fundação.

Mas todos os jornais lançados a partir da criação do Palmares, *O Patrocínio*, *Progresso* e *Auriverde*, não deixavam de noticiá-lo em suas edições. Em 1928, *O Patrocínio*, mesmo sendo editado em Piracicaba, traz a notícia que a *“direção do Centro Cívico Palmares”*, junto com representantes do *“Club Recreativo Campos Elyseos, Club Atlético*

¹¹² “A vontade também consola...”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 24 de outubro de 1926, pp.1-2.

¹¹³ “Quem somos”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 14 de novembro de 1926, p.3.

*Brasil e Grêmio Recreativo Paulistano, festejará o dia 13 de maio próximo com uma missa rezada na igreja da Nossa Senhora dos Remédios, às 8 horas e uma romaria aos túmulos dos abolicionistas*¹¹⁴, em São Paulo. Informa ainda, com bastante entusiasmo, que receberam “da pujante organização negra de São Paulo, que é o Centro Cívico Palmares, um expressivo e honroso ofício com data de primeiro do corrente, no qual a sua digníssima diretoria faz sentir o desejo de organizar uma caravana Palmarina para visitar nossa cidade”, onde já “se nota a boa impressão que a notícia causou em nosso meio social”¹¹⁵. Aqui, é possível perceber, além do prestígio que os “palmarinos” alcançaram no “meio social” paulista, como o CCV se preocupava em estabelecer relações com entidades negras de todo o estado, num esforço de concretizar a tão desejada “união da raça”.

Logo no número de estreia do *Progresso*, uma grande matéria ocupa duas páginas do jornal, sugestivamente intitulada “Centro Cívico Palmares – só encômios merece a sua ação”. O artigo faz uma cobertura do evento em comemoração ao 13 de maio que foi noticiado em *O Patrocínio*, que ocorreu no ano de 1928 e começou “com uma missa nos Remédios, pelas almas dos abolicionistas”, seguiu-se de uma romaria ao túmulo dos abolicionistas, onde ocorreram discursos de Vicente Ferreira – quando “Benedicto Florêncio tinha lágrimas nos olhos” – e Gervásio de Moraes, “cujo talento força a admiração da gente” e um “moço [que] é uma amostra do que são os homens de cor quando querem com titânico esforço galgar os degraus da escala social, eles vencerão”, e culminou com uma “sessão magna presidida pelo senhor J. Fayes Gittens”¹¹⁶, e contou com falas de “Benedicto Florêncio, Gervásio de Moraes e do prof. Vicente Ferreira”. Dando uma ideia do respaldo que o CCV conquistou no período em que esteve ativo, o *Progresso* mostra a participação do deputado Orlando Prado, numa sessão solene de 24 de maio, e uma palestra do ilustre Dr. Evaristo de Moraes, em sessão do Centro em 11 de junho. A presença de figuras importantes, dentro do “meio negro” e da política nacional foi um norte para o Palmares, como meio de dar visibilidade pública e política às causas do movimento. Por exemplo, o então presidente Washington Luís era

¹¹⁴ “Centro Cívico Palmares”. *O Patrocínio*. Piracicaba, 22 de abril de 1928, p.3.

¹¹⁵ “Centro Cívico Palmares”. *O Patrocínio*. Piracicaba, 7 de setembro de 1928, p.3.

¹¹⁶ Joe Fayes Gittens foi um homem negro de origem inglesa que presidiu o Centro Cívico Palmares, em mais uma demonstração da transnacionalidade deste movimento.

“presidente de honra” da agremiação, e “da presença desses congressistas” nas suas reuniões, o *Progresso* escreve: “muito esperamos”¹¹⁷.

Em 1929, o CCV iniciou seu declínio. Gervásio de Moraes, um dos fundadores do Centro em 1926, sai da diretoria por divergências com a presidência de Fayes Gittens¹¹⁸. Pelo mesmo motivo, João Lúcio Alvarez, que exercia o cargo de cobrador, também se desligou do Palmares¹¹⁹. Outros episódios relacionados aconteceram e aos poucos a entidade foi dispersando até ver seu fim¹²⁰.

Outra iniciativa dos intelectuais negros de São Paulo que simboliza o desejo de união é a tentativa de se formar a Confederação dos Homens Pretos de São Paulo. O grande epicentro desta campanha foi *O Clarim d’Alvorada*. Nos idos de 1926, os editores deste jornal noticiaram com satisfação que “está se realizando com bastante entusiasmo, os trabalhos necessários para a fundação nesta capital de um grande centro de homens de cor, com a denominação supra mencionada”. Para tanto, “um punhado de homens sensatos, na maioria dirigentes de sociedades dançantes, estão já a testa dessa grande iniciativa”, e estando estas sociedades congregadas “por esse laço de união”, será possível lutar com “um só ideal, uma grande força, o necessário recurso para tratarmos de tudo quanto precisamos”¹²¹. O objetivo desta Confederação é proporcionar a tão desejada união, e fazer campanha para a sua existência é fundamental, uma vez que o diagnóstico da situação daquele contexto é que “o preto, nem na dor nem na miséria procura unir-se”¹²². Para tanto, os líderes da campanha buscaram angariar fundos entre o “meio negro”, sem muito êxito¹²³, chegando a ouvir, sem desanimar que “não chegarão, nem daqui a um século, formar a tal sociedade – a

¹¹⁷ “Centro Cívico Palmares”. *Progresso*. São Paulo, 23 de junho de 1928, pp.3-4.

¹¹⁸ “Aos Negros Sensatos de São Paulo”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 3 de fevereiro de 1929, p.4.

¹¹⁹ “Aos diretores do C.C. Palmares”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 3 de fevereiro de 1929, p.3.

¹²⁰ José Correia Leite aponta como um dos motivos da dispersão do CCV um entrevero com “um negro, de nome Inácio Amorim, que frequentou o Centro Cívico Palmares”, que teria adquirido o salão onde o Palmares fazia suas reuniões e continuou por muito tempo cobrando aluguel enquanto dizia estar procurando outro espaço para o grupo. “Com aquela mancada do Inácio Amorim, a entidade dispersou”. LEITE, 1992, pp.74-75.

¹²¹ “Confederação dos Homens Pretos de São Paulo”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 21 de março de 1926, p.1.

¹²² “Porque queremos a confederação”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 25 de abril de 1926, p.2.

¹²³ “Cá Estamos”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 24 de julho de 1926, p.1.

Confederação”¹²⁴. Mas, com a fundação do Centro Cívico Palmares no mesmo ano, que contou boa aceitação do “meio negro”, os esforços de Correia Leite e Jayme de Aguiar na fundação da Confederação diminuem, e passam a dedicar o tempo livre que possuem para formar as fileiras do CCV.

Mas, com a desarticulação do Centro Palmares em 1929, Correia Leite, principalmente, voltou a fazer campanha pela mobilização da população negra, agora através da promoção de um congresso, o Congresso da Mocidade Negra. Na edição d’*O Clarim* de 13 de maio de 1929 já é dada a notícia de que “a comissão intelectual do congresso da mocidade negra está terminando a elaboração do 1º manifesto à raça, que será publicado em nosso próximo número”¹²⁵. A coleção deste período que temos acesso não consta os números de março e abril de 1929 o que sugere, uma vez que nada sobre este congresso aparece nas páginas da edição de fevereiro, que entre estes dois meses deve ter surgido a ideia de promovê-lo.

Como prometido, o manifesto preparado pela Comissão Intelectual do Congresso da Mocidade Negra Brasileira veio à lume n’*O Clarim* de junho. A “mensagem aos negros brasileiros” inicia por dizer que “estas palavras dirigem-se aos negros de São Paulo, quicá do Brasil”. No limite, os idealizadores do evento tinham a população negra brasileira em mente. Depois passa a explicar o que é um congresso, “uma reunião de pessoas unidas por um laço qualquer, permanente ou transitório, de interesses materiais ou espirituais, para trocar ideias, fazer estudos práticos ou especulativos, para aplicar ou espalhar”. Depois afirma a necessidade de se discutir as questões próprias do negro, sua importância dentro da sociedade brasileira, os infortúnios da escravidão e a necessidade da união. Um programa que parece sintético das aspirações dos intelectuais negros do período que viemos apresentando ao longo deste capítulo. A mensagem termina pedindo à “gente negra” para pregar o congresso e convoca: “como quer que seja, sê-de congressista”¹²⁶.

A ideia do “1º Congresso” teve certa adesão do movimento associativo negro, muito mais do que a Confederação dos Homens de Cor. O “G. R. União Militar” realizou “o dia do congresso”, um evento onde seriam arrecadados fundos para auxiliar na realização do

¹²⁴ “Patacoadas”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 22 de agosto de 1926, p.1.

¹²⁵ *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 13 de maio de 1929, p.2.

¹²⁶ “Congresso da Mocidade Negra Brasileira”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 9 de junho de 1929, p.1.

congresso. Ao todo foi arrecadada no “dia do congresso” a considerável quantia de 322\$800 mil réis, todos doados à comissão organizadora. *O Patrocínio* publica um texto de seu colaborador, Jayme de Aguiar, que pede pela adesão dos piracicabanos ao congresso. No artigo, Aguiar fala sobre o “preconceito intolerante” que os negros sofrem em todo país e “para que não se propale mais a inferioridade do negro”, a proposta é aderir ao “Congresso Negro que há de se reunir na Paulicéia”¹²⁷. Na edição seguinte, publica uma imagem sugestiva de um homem negro quebrando os grilhões que prendem suas mãos e a seguinte legenda: “O homem negro no Brasil só ocupara outra posição de destaque na sociedade quando a classe for unida e instruída. Com a realização do Primeiro Congresso da Mocidade Negra do Brasil, estará dado o primeiro passo para a ascensão definitiva da raça”¹²⁸. Também o *Progresso*, mesmo bastante engajado na campanha pró-herma de Luiz Gama, encontrou espaço em um de seus números para divulgar o congresso, “cujas resoluções finais muito a classe tem que esperar”¹²⁹. Ainda em janeiro de 1930 os idealizadores do congresso encontravam dificuldades para realizá-lo¹³⁰ e pediam apoio dos leitores, inclusive financeira, para promover o evento¹³¹. Não é possível encontrar nas fontes se o Congresso realmente aconteceu¹³², mas certamente a mobilização à sua volta é mais um símbolo dos anseios do movimento dos intelectuais negros no estado de São Paulo.

A mais emblemática ação coletiva realizada por este movimento talvez tenha sido a campanha exitosa pela criação de um monumento, a “herma a Luiz Gama”. Em primeiro lugar porque a já discutida figura de Gama simbolizava em grande parte os anseios deste movimento e, em segundo lugar, porque ter um monumento em praça pública de um “herói da raça” era marcar na história a atuação daquele movimento. Tanto que, até hoje, a herma de Luiz Gama se encontra firme, na praça do Largo do Arouche.

¹²⁷ “Ascensão do negro”. *O Patrocínio*. Piracicaba, 28 de setembro de 1929, p.1.

¹²⁸ *O Patrocínio*. Piracicaba, 20 de outubro de 1929, p.3.

¹²⁹ “Congresso da Mocidade Negra”. *Progresso*. São Paulo, 26 de setembro de 1929, p.4.

¹³⁰ “Os adversários de si mesmos e o nosso congresso”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 25 de janeiro de 1930, p.1.

¹³¹ “Precisamos do vosso apoio”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 25 de janeiro de 1930, p.3.

¹³² Em entrevista que consta em um documentário sobre a Frente Negra Brasileira, José Correia Leite afirma que o congresso aconteceu, mas sem a esperada repercussão. Várias personalidades negras de fora do círculo dos intelectuais negros em torno da imprensa negra teriam sido convidadas mas apenas Evaristo de Moraes aceitou o convite.

O Patrocínio traz a notícia que “projeta-se erguer, em São Paulo, uma herma ao grande abolicionista”, como parte das comemorações dos 100 anos do nascimento de Gama. Com o objetivo de “dar execução ao projeto foi organizada uma comissão, composta pelos snrs. Alípio da Silva, Horácio Cunha, Benedicto Henrique Dias, Euclides dos Santos, Argentino Celso Wanderley, João Eugênio da Costa e Lino Guedes”¹³³. Dadas todas as dificuldades encontradas, de captação de recursos e de cunho político¹³⁴, somente em fevereiro de 1931, quase dois anos depois de formada a “comissão pró herma de Luiz Gama” conseguiu o alvará de implantação do movimento, “assinada no dia 7 do corrente pelo Dr. Luiz de Anhanha Melo, prefeito municipal”¹³⁵. A implantação da “primeira pedra” do monumento, no Largo do Arouche, se deu em 15 de novembro de 1931, com muita comemoração pelo “grande feito”¹³⁶, o de imortalizar em bronze a histórica luta da população negra no Brasil.

II. 7 - Conclusão

Em *O Princípio Esperança*, o filósofo alemão Ernst Bloch traz a ideia do sonho diurno em contraposição ao sonho noturno. Sonhos noturnos, fantasias que nos perpassam enquanto dormimos e sonhos diurnos, o sonhar acordado, o “sonho desejante”. Para Bloch

o sonho noturno se passa em regressão, sendo atraído a esmo para dentro de suas imagens, enquanto o sonho diurno projeta as suas imagens em coisas futuras, de forma alguma a esmo, mas passível de ser direcionado, por mais intempestiva que seja a imaginação, podendo ser intermediado pelo objetivamente possível (BLOCH, 2005, p. 100)

¹³³ “Centenário de Luiz Gama”. *O Patrocínio*. Piracicaba, 20 de outubro de 1929, p.2.

¹³⁴ Entre 1929 e 1930 houve a chamada “Revolução de Trinta” que mudou a organização política do país e do Estado de São Paulo, onde a comissão pró-herma de Luiz Gama negociava com políticos e, depois da “revolução”, teve que reiniciar as negociações com os novos agentes da política estadual.

¹³⁵ *Progresso*. São Paulo, fevereiro de 1931, p.1.

¹³⁶ “Aurora de um grande feito”. *Progresso*. São Paulo, 15 de novembro de 1931, p.1.

A diferenciação entre sonhos diurnos e noturnos é importante para o autor para reforçar o sentido proponente do sonhar acordado. Isto é observado quando Bloch ressalta que “se em sua origem o sonho desejante desconhece qualquer medida, tal qual o sonho noturno, por outro lado, ao revés dos espectros noturnos, ele tem um alvo, e vai em sua direção”(p.100). Esta direção é a utopia que se quer alcançar, um mundo utópico onde seus desejos se realizariam, onde determinado problema deixaria de existir, um lugar ideal. Este lugar que contrasta com a realidade vivida, pois para o filósofo o “sonho diurno visa a melhoria pública”, uma vez que “Quem dorme está sozinho com seus tesouros, mas o ego de quem devaneia pode se reportar aos demais”(p. 93). Melhora de uma realidade indesejada, tanto individual quanto coletivamente. “Enquanto o ser humano se encontrar em maus lençóis, a sua existência tanto privada quanto pública será perpassada por sonhos diurnos, por sonhos de uma vida melhor que a que lhe coube até aquele momento”(p.15).

Não parece haver dúvida quanto aos “maus lençóis” a que os descendentes da diáspora africana se encontravam na São Paulo da Imprensa Negra. Esta situação desfavorável fez com que surgissem sonhos diurnos de uma vida melhor, e a esperança que os alimentava fez com que várias iniciativas fossem implantadas com este propósito utópico. Duas dessas iniciativas as mais latentes foram a criação de associações negras e a divulgação de ideias através da publicação de jornais próprios.

Este movimento associativo, este circuito que foi propiciado pela imprensa negra, se não unificou ao menos agregou não só intelectuais negros atuantes naquele período entre as décadas de 1910 e 1920, como suas ideias e aspirações. Foi a partir deste órgão organizativo que se possibilitou, naquele momento, a existência desta importante manifestação de movimento negro.

Movimento que pregou a integração na sociedade brasileira, a defesa da nacionalidade, a educação e a instrução como fundamentais para alcançar o melhoramento da situação da população negra e a união da raça. Todos pontos em comum entre os intelectuais negros do período. Não por acaso, este movimento é considerado uma “primeira fase” do movimento negro no Brasil (Domingues, 2007, pp.102-107). Mesmo acreditando que não se pode chamar esse momento de “primeira fase” pois ele está situado no processo histórico, antecedido por uma imprensa negra já no século XIX, esta afirmação faz sentido quando se percebe que as bases para a formação da Frente Negra Brasileira, primeira organização de massa de base

racial no Brasil. Várias das lideranças do circuito da imprensa negra foram fundadoras da FNB, em setembro de 1931. José Correia Leite, Deocleciano Nascimento, Horácio Cunha, Jayme de Aguiar, Benedito Florêncio, Francisco Lucrécio, Arlindo e Isaltino Veiga dos Santos, para citar apenas alguns. A Frente Negra congregou, não só grande parte dos pensadores negros da época, como seus anseios e ideias. Depois do Centro Cívico Palmares, Confederação dos Homens Pretos de São Paulo e outras tentativas organizativas, a FNB significou, ao menos num primeiro momento, a concretização de uma luta que durava décadas. Afinal, será coincidência que, em maio de 1929, José Correia Leite escrevia sobre como “*os negros de São Paulo precisam formar a sua frente única*”¹³⁷?

Sendo a FNB esta concretização de um processo que levou décadas de debates sobre ideias, estratégias e experiências, analisar os textos publicados nos jornais negros é fundamental para entender o movimento negro de São Paulo nas primeiras três décadas do século XX. Mas que textos? será que analisando apenas os artigos e editoriais, é possível compreender plenamente o(s) discurso(s) presentes na Imprensa Negra? Uma parte fundamental destas publicações é a grande quantidade de textos literários que são publicados através delas. Como essa literatura se relaciona com os textos opinativos? reforçam as mesmas ideias? discordam? Certo é que são capazes de ampliar a análise sobre os intelectuais afropaulistas e sua luta antirracista entre 1915 e 1931. Os próximos capítulos se dedicarão a essas questões, tendo os textos literários - a prosa no capítulo III e a poesia no capítulo IV - como foco.

¹³⁷ “À mocidade negra”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 13 de maio de 1929, p.6

Capítulo III - Sob a Lenha dos Empecilhos: produção literária como espaço de produção intelectual e luta antirracista em "A Boa Severina".

A partir de meados do século XX, os textos literários são utilizados como fonte histórica de maneira crescente. Este fato pode se dar pela literatura, como afirma Nicolau Sevcenko, ser "*a porção mais dúctil, o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro*". Para ele, "*essa é a razão por que ela aparece como um ângulo estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social*"(SEVCENKO, 1999, p. 20), e seu estudo favorece a compreensão do contexto em que determinada obra foi produzida e lida. A percepção de Sevcenko sobre a potência da literatura como fonte é compartilhada por Sidney Chalhoub, cuja "*releitura de Machado [de Assis], mediada por vários anos de pesquisa sobre a história social do Rio no século XIX*" o fez encontrar "*exposição detalhada das políticas de dominação social que buscava reconstruir a partir de outras fontes históricas*" (CHALOUB, 2003, p.9). Mas, se a literatura é uma fonte histórica importante, sua análise exige um cuidado metodológico especial. Sevcenko recomenda

que se preserve toda a riqueza estética e comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social. Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo - e é destes que eles falam. (SEVCENKO, 1999, p.20)

É a partir destes referenciais que iremos tratar dos textos literários publicados na Imprensa Negra, atentos à "riqueza estética e comunicativa" mas preocupados especialmente com "o conjunto de significados condensados na sua dimensão social". Se há algo que perpassa toda a produção escrita dos intelectuais negros em São Paulo entre os anos 1915 e 1931, é a literatura. Diversos periódicos se autodenominavam desde os cabeçalhos, "órgãos

literários"¹³⁸ e, invariavelmente traziam em suas páginas - além dos artigos de opinião, notícias e propagandas - uma série de contos, crônicas, poemas e até romances. É de se admirar o tamanho do espaço que os textos literários recebem nestes jornais, caracterizados pela sua atuação antirracista.

É que a literatura, esta "arte da palavra" "de todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil"¹³⁹ é um meio eficaz de expressão e circulação de ideias, de unificação e mobilização política. Um exemplo eficaz é o poema *Avante!*, de Augusto Marques, que conclama aos "homens de cor":

"Avante! homens de cor, à nossa ideia!
Formemos nosso 'Centro', carinhoso,
Dar Luz e instrução é ter o gozo
De brilhante epopéia!...

Que Importa a nossa cor, se a nossa raça,
Outrora maltratada, hoje ufanante,
Nas páginas da história que ela traça,
Levanta-se possante!...

Lembremos Patrocínio, o morto ilustre,
E Gama, o grande herói, em outros tempos,
Por isso, nós devemos com igual lustre
Seguir os seus exemplos!..."¹⁴⁰

Neste pequeno poema de apenas três estrofes ficam evidentes algumas das características do discurso dos intelectuais negros do período as quais reiteramos. A primeira

¹³⁸ *A Liberdade*. São Paulo, 14 de julho de 1919, p.1; *A Rua*. São Paulo, 24 de fevereiro de 1926, p.1; *O Patrocínio*. Piracicaba, 7 de abril de 1928, p.1; *O Clarim* (d'Alvorada). São Paulo, 6 de janeiro de 1924, p.1; para citar alguns exemplos.

¹³⁹ "A Palavra". *O Kosmos*. São Paulo, 21 de fevereiro de 1923, p.1

¹⁴⁰ Nas poesias reproduzidas ao longo deste capítulo, mantivemos a grafia original MARQUES, Augusto. "AVANTE!". *Getulino*. Campinas, 22 de junho de 1924, p.2

se refere a importância dada ao ideal da "união" como meio para a superação das agruras sociais próprias da "classe". Este discurso é perceptível nos textos de Correia Leite no paulistano *Clarim d'Alvorada*¹⁴¹, no poema de Marques publicado no campineiro *Getulino* e n'*O Patrocínio*, no qual Jayme de Aguiar - colega de *Clarim* de Correia Leite- escreve "*à mocidade negra de Piracicaba*" a necessária reunião entre os negros.¹⁴²

Já a segunda característica diz respeito a valorização da educação, pois "*dar luz e instrução é ter o gozo de brilhante epopéia*

". Educação, aqui, tendo um duplo sentido: educação técnica, para buscar melhores colocações no mercado de trabalho, e educação moral, indicando os caminhos do "portar-se bem" para se integrar à sociedade da época, como resposta aos preconceitos racistas e etnocêntricos relativos ao comportamento.-Educação (nestes termos) também enaltecida pelo periódico *Progresso*¹⁴³ e pelo próprio *Clarim d'Alvorada*¹⁴⁴ como atesta um artigo de Orlando Correa publicado na primeira página do *Getulino*¹⁴⁵ ou ainda pela escrita de Frederico Batista de Souza, elogiando o "*surto de energia, a favor do levantamento moral da classe, no meio deste desalento em que vivemos*" do redator d'*A Liberdade*, Gastão Rodrigues¹⁴⁶, além de ser tema de poema "evolução" de Deocleciano Nascimento, publicado n'*O Kosmos*¹⁴⁷.

Já a terceira característica reivindica uma narrativa da História nacional que aponta a participação do negro como fundamental, destacando o papel do escravizado para a "construção do Brasil", como argumento contrário à inferiorização com que são tratados. A disputa por uma agência na História do Brasil é ao mesmo tempo uma disputa pelo lugar dos negros na identidade nacional. Neste sentido, a discriminação racial é condenada: "*nossa raça/outrora maltratada, hoje ufanante*" aparece no poema, portanto, como injusta e ultrapassada. Este artigo faz parte de uma série de outros ora exaltando "*o papel do escravo na civilização brasileira*", como o que o intelectual negro carioca Evaristo de Moraes publicou

¹⁴¹ "A União Faz a Força". *O Clarim* (d'Alvorada). São Paulo, 6 de janeiro de 1924, p.3

¹⁴² "Congremo-nos". *O Patrocínio*. Piracicaba, 7 de julho de 1928, p.1

¹⁴³ "Os homens pretos e a instrução". *Progresso*. São Paulo, 23 de junho de 1928, p.1

¹⁴⁴ "Instrução" e "Educação". *O Clarim* (d'Alvorada). São Paulo, 3 de fevereiro de 1924, p.2 e p.4.

¹⁴⁵ "A Educação Moral". *Getulino*. Campinas, 16 de setembro de 1923, p.1

¹⁴⁶ "A Liberdade". *A Liberdade*. São Paulo, 14 de julho de 1919, p.1

¹⁴⁷ NASCIMENTO, Deocleciano. "Evolução". *O Kosmos*. São Paulo, 16 de março de 1924, p.1

no *Getulino*¹⁴⁸, ora celebrando datas consideradas importantes para a população negra brasileira, como o 13 de maio¹⁴⁹ e o 28 de setembro que, "*não sendo esse dia considerado feriado nacional, no entanto é para os homens de cor, de grata recordação*", pois relembra a "*decretação de duas leis*", a do *Ventre Livre* e a *Lei Saraiva-Cotegipe*, a *Lei dos Sexagenários*¹⁵⁰.

Outra forma de exaltar o valor do negro brasileiro, portanto deslegitimar os argumentos racistas de então, era celebrar a figura pública de personalidades negras, alçando-os à categoria de "heróis da raça". Homens como José do "Patrocínio, o morto ilustre" e Luiz "Gama, o grande herói, em outros tempos", eram constantemente exaltados, não só como modelos que deveriam ter seus exemplos seguidos por sua grandeza histórica, mas porque esta grandeza atestava os atributos inquestionavelmente positivos de todos os negros. Na verdade, é tamanha a importância dos "heróis" para os intelectuais negros paulistas que sua memória é homenageada dando seus nomes aos jornais e agremiações, como o *Getulino* (aliás, um dos nomes pelos quais Luiz Gama era conhecido), o Grêmio Dramático Luiz Gama, de Campinas, *O Patrocínio*¹⁵¹ e *O Menelik* este, por ser um nome "(...) que não deveria, mas que era esquecido dos homens de cor, é esse o nome, o de Menelik II, grande rei da raça preta, falecido em 1913"¹⁵².

Além dos encômios, há diversos artigos celebrando estas figuras, contando suas biografias e dando relevo às suas trajetórias, como quando Lino Guedes publica no *Getulino* sua conferência "por ocasião da inauguração do G. Dramático Luiz Gama, em 15 de fevereiro de 1919", do qual "foi fundador e sócio benemérito" (DOMINGUES, 2010, p.140). Em três partes, conta desde a sua infância escrava, quando nasceu "*entre os andrajos de um pobre berço numa senzala*", filho de Luiza Mahim, uma "africana livre" escravizada no Brasil,

¹⁴⁸ "O papel do escravo na civilização brasileira". *Getulino*. Campinas, 12 de agosto de 1923, p.1

¹⁴⁹ *O Kosmos*, em maio de 1923, apresenta editorial em homenagem ao 13 de maio ("Consagrado à comemoração da fraternidade dos brasileiros". *O Kosmos*. São Paulo, 18 de maio de 1923, p.1),

¹⁵⁰ Em uma edição que conta com 2 artigos e um poema em homenagem ao dia da independência do Brasil, os redatores d'*O Kosmos* destacaram a justeza da celebração de leis abolicionistas como a Lei do Ventre Livre (1871), e a dos "Sexagenários", (1885). In "28 de setembro". *O Kosmos*. São Paulo, setembro de 1923, p.2

¹⁵¹ Dentre as homenagens ao jornalista, abolicionista e deputado carioca José do Patrocínio, citamos o poema de Leoncio Correia e um editorial homônimo, ambos publicados em um mesmo número do *Getulino*. "José do Patrocínio". *Getulino*. Campinas, 9 de outubro de 1924, p.1.

¹⁵² "O Menelik". *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.1.

"presa e, com os outros escravos, deportada para o Rio de Janeiro" depois de sua participação na Revolta dos Malês e na Sabinada¹⁵³, vendido como escravo pelo pai, "fidalgo de origem portuguesa, filho de uma das melhores famílias baianas", sua chegada no Rio de Janeiro¹⁵⁴, até sua atuação jornalística, onde "fazia-se conhecido na imprensa como extremo democrata" e abolicionista, quando "esmolava, como até hoje, para remir os cativos"¹⁵⁵.

Grande parte dos "heróis da raça" teve uma atuação literária. Seja em jornais abolicionistas como José do Patrocínio e/ou na poesia, como Luiz Gama e Cruz e Souza, os intelectuais negros em São Paulo valorizaram as trajetórias de personalidades que aliaram, em diferentes graus, literatura e política. Consideravam-se seguidores destes grandes mestres, buscando "com igual lustre" trilhar caminhos por eles inspirados.

Para eles a literatura é um meio de expressão e uma arena de disputa política. Deocleciano Nascimento, ao explicar "*como reza o subtítulo deste jornalzinho*", o seu periódico *O Menelik* - diz que o jornal "*É literário para mostrar ao mundo a sabedoria que ocultamente vagueia no cérebro da classe*". Dominar os preceitos estéticos e formais da literatura é "mostrar ao mundo" a aptidão e a capacidade intelectual do negro brasileiro, e assim a inadequação das ideias racistas que preconizam o contrário, vetando a eles oportunidades de ascensão social, trabalho e - no limite - igualdade¹⁵⁶.

Em artigo publicado no *Getulino*, José Luiz de Mesquita combate o racismo partindo da celebração de duas das figuras que se destacavam também como literatos: José Carlos do Patrocínio e João da Cruz e Souza. Logo no primeiro parágrafo de "O negro e a literatura nacional", Mesquita ataca:

Espíritos retrógrados, mesquinamente apaixonados; cérebros entumecidos e carcomidos de inveja, nulidades em conhecimentos históricos e despidos das ideias de altruísmo e de sentimentos de nobreza, costumam, às vezes, para fazer rir a outros tantos incompetentes, nos atirar esta frase de gloriosa memória: - Os negros não burros e sem capacidade intelectual.

¹⁵³ "Luiz Gama I". *Getulino*. Campinas, 24 de agosto de 1924, p.2.

¹⁵⁴ "Luiz Gama II". *Getulino*. Campinas, 7 de setembro de 1924, p.2.

¹⁵⁵ "Luiz Gama III". *Getulino*. Campinas, 21 de setembro de 1924, p.3.

¹⁵⁶ "Destino". *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.1.

O autor se posiciona contra os preconceitos correntes, ao classificar a afirmação sobre a incapacidade intelectual dos negros de *"asneira"* e falta de conhecimento sobre *"ao menos os rudimentos da História Pátria"*. Afirma que *"essa raça simpática muito está fazendo e continuará a fazer pela formação e prestígio da nossa nacionalidade"*, ou seja, reivindica um lugar, senão de destaque, ao menos de pertencimento à nação de forma igualitária, uma vez que os *"homens de cor (...) avançam (...) na conquista dos altos desígnios da nação e cooperam com admirável eficácia na grande obra do progresso da Pátria"*.

"Mas, o valor dos negros não podia ficar assim; estreito, entre os feitos da lavoura agrícola", então Mesquita reivindica ainda que *"a literatura nacional, não podia destarte dispensar o concurso do negro"*, pois *"teria um vácuo as letras brasileiras, se entre os seus mais ilustres próceres, um negro não figurasse"*. Para formar sua argumentação, o autor lança mão de José do Patrocínio, *"o autor do primoroso Motta Coqueiro, de Os Retirantes, Pedro Espanhol, As meninas Godin, Manifesto da Confederação Abolicionista, algumas poesias, além de centenas de discursos e conferências"*. Patrocínio, que *"foi eleito para na Academia de Letras, ocupar a cadeira Joaquim Serra"*, com *"suas obras de impecável correção (que) mostram com que facilidade ele maneja a língua de Camões"*, fez com que ele ganhasse *"a admiração dos intelectuais, não só do Brasil, mas também da Europa"*. E, além de Patrocínio, *"outro também que muito enriqueceu a literatura nacional foi o mavioso cantor das musas, filho de Santa Catarina, João da Cruz e Souza, o poeta negro, considerado o chefe da escola simbolista"*. Apesar de *"os despeitados do seu talento adamantino, não pouparam esforços para lhe frustrar o brilho"*, (...) *"hoje Cruz e Sousa é julgado pelos críticos com mais responsabilidade e crédito; com mais justiça, e lhe reconhecem o alto valor e merecimento incontestáveis"* do autor de *"Missal, Broquéis, Faróis, Evocação e Últimos Sonetos"*. Encerrando seu artigo, Mesquita provoca ainda que *"quanto maior for a celeuma inqualificável de insultos e vitupérios, que incompetentes atiram sobre os negros"*, tentando desta forma *"incapacitá-los de ocupar o saliente papel que lhes está reservado no grande concerto social, maior será também a sua vitória"*, pois os ataques de diversos tipos, de caráter racista que o autor defende que os negros sofrem no Brasil, não são capazes de *"deter a marcha dos negros que de dia para dia, ganham maior terreno à luz da História e da Razão"*.¹⁵⁷

¹⁵⁷ "Os negros e a literatura nacional". *Getulino*. Campinas, 20 de dezembro de 1924, p. 8.

Sobre o romance "A família escrava", de Pedro Ribeiro Viana, publicado n'*O Kosmos* que, infelizmente como tem sua coleção incompleta não permite ler o folhetim na íntegra. Significa que apenas no número 20, de janeiro de 1924, encontramos uma menção ao romance, mas apenas em sua terceira parte. As duas primeiras provavelmente foram publicadas em novembro e dezembro de 1923, uma vez que *O Kosmos* tinha tiragem mensal. No último número que se tem acesso, de janeiro de 1925, há a décima segunda parte do folhetim iniciado já no "Capítulo VII - O dono dos cem cativos" e termina com a palavra "continua". Desta forma, sabemos que o texto começou a ser publicado no final de 1923, se estendendo ao longo de todo 1924 até 1925. E mesmo estando incompleto constatamos que o romance tem como tema central a vida e o cotidiano de escravizados no Brasil, desde a captura e o embarque na África, "*no antro escuro*" do navio negreiro, no "*abismo de hediondez infame, que veremos depois encher-se (...) de carga semelhante, que espera pelo dia de porto ou véspera de partida. (...) Africanos*"¹⁵⁸, passando por trechos descritivos de "*como vendiam nossos irmãos*"¹⁵⁹ até os castigos físicos que os senhores, "*com sua alma denegrída e infame*" e "*o cruel feitor*", "*de braço robusto e desnatural*" aplicavam nos escravizados¹⁶⁰. Todas estas cenas são narradas em terceira pessoa e o narrador tem momentos que convida o leitor para segurar "*uma de nossas mãos e desce[r] conosco pela boca da escotilha desse navio e nos acompanh[ar] até o porão*"¹⁶¹, algo próximo ao estilo consagrado do maior escritor negro do Brasil, Machado de Assis.

Outro romance, publicado em forma de folhetim, é o "A Boa Severina - Cenas do Cativo", de José de Nazareth. Este se encontra completo e, curiosamente-foi publicado na mesma época do "A Família Escrava", ou seja, entre cinco de agosto de 1923 e 28 de setembro de 1924. E as coincidências não param por aí. A trama de "A Boa Severina" também se passa no período da escravidão, com momentos que perpassam vários aspectos da vida dos escravizados. Tomamos conhecimento do desenrolar do enredo, na terceira pessoa por meio de um narrador que por vezes se aventura em conversar diretamente com o leitor.

Estas semelhanças indicam uma "tendência" de escrita dos romancistas negros deste período, além de um tema preferencial a ser abordado, revelando a importância de conhecer,

¹⁵⁸ "Folhetim do Kosmos n. 4". *O Kosmos*. São Paulo, 10 de fevereiro de 1924, p.4.

¹⁵⁹ "Folhetim do Kosmos n. 7". *O Kosmos*. São Paulo, 18 de maio de 1924, p.4.

¹⁶⁰ "A família escrava". *O Kosmos*. São Paulo, 21 de dezembro de 1924, p.4

¹⁶¹ "Folhetim do Kosmos n. 4". *O Kosmos*. São Paulo, 10 de fevereiro de 1924, p.4.

discutir e difundir a história da escravidão, menos de 40 anos depois de 1888. Mas as semelhanças acabam por aí, merecendo que nos debrucemos sobre as especificidades, ideias e possíveis significados de *A Boa Severina*.

III. 1 - "A Boa Severina" e a prosa de Combate de José de Nazareth¹⁶²

Proximamente o nosso ilustre colaborador José de Nazareth vai entregar a uma casa editora de São Paulo os originais daquele sugestivo romance, que descreve com muita veracidade as "cenhas do cativo", o qual com sucesso, foi publicado por esta folha.

Cremos que esta nova encherá de alegria, não só aqueles que não possuem a coleção completa do *Getulino* como os que não tiveram a dita ler a comovente narrativa de José de Nazareth, na qual se vê como um anel de valor encontrado por um pobre escravo não produzira senão o mal, que sempre tomou a forma do bem.¹⁶³

Ao que tudo indica, a promessa dos editores do *Getulino* não vingou ou não alcançou o destaque pretendido¹⁶⁴. De qualquer forma, os editores do jornal demonstraram bastante apreço pelo romance, para ("com sucesso") publicá-lo em suas páginas por mais de 1 ano, ao longo de 48 edições. A margem inferior da segunda página do jornal foi 48 vezes reservada para contar a história de Severina, uma "mucama", uma jovem "*descendente da raça mina*"¹⁶⁵, "*escravizada crioula (...) como se chamavam os filhos de africanos, nascidos no Brasil*"¹⁶⁶. A história dela, mas não só dela, foi contada pela "*comovente narrativa de José de Nazareth*". Estava sendo contada, por um hábil escritor uma das possíveis histórias da escravidão.

¹⁶² O romance foi transcrito das páginas do *Getulino* e compilado pelo autor, com revisão técnica de Luma Prado, e encontra-se disponível, em apêndice, neste trabalho.

¹⁶³ "A boa Severina". *Getulino*. Campinas, 30 de novembro de 1924, p. 4.

¹⁶⁴ No base de dados do Escritório de Direitos Autorais, da Biblioteca Nacional, não consta nenhum registro de "A Boa Severina" ou de "José de Nazareth". disponível em <http://arquivo.bn.br/portal/index.jsp?plugin=FbnBuscaEDA>, consultado em 23/12/2016.

¹⁶⁵ "Folhetim do *Getulino* n. 27". *Getulino*. Campinas, 3 de fevereiro de 1924, p.2.

¹⁶⁶ "Folhetim do *Getulino* n. 2". *Getulino*. Campinas, 12 de agosto de 1923, p.2.

Desconhecido da história da literatura brasileira, José de Nazareth não publicou nenhum outro romance, apesar dos editores do *Getulino* terem prometido, ao noticiar o término da publicação de *A Boa Severina* que dariam início "*em breve à publicação de uma narrativa do mesmo escritor, denominada O Herói Henrique Dias*". Mais uma promessa que não vingou. Pelo prestígio que Nazareth conquistou, também os editores sentiram-no "*porque, José de Nazareth como vemos, cultiva com carinho a língua pátria, que ele maneja e escreve com pureza, criando aquele estilo tão apreciado, tão primoroso e que retrata fielmente a firmeza do seu caráter, a concisão das suas ideias*"¹⁶⁷.

Não escreveu outro folhetim, mas parece nas páginas do *Getulino* como autor de dois contos e um artigo. Os contos foram publicados nas edições de 12 e 19 de outubro de 1924, ou seja, após o fim da publicação de *A Boa Severina*. Faziam parte de uma coluna de "contos e fábulas", com o subtítulo "aos meus netos". O primeiro deles narra a história de "*uma pobre velhinha*" que, "*esmolando de porta em porta*", chega à "*porta de uma casucha de gente pobre também*" e consegue "*uma tampa de panela [com] uma pouca comida*". Enquanto ela comia seu "*prato frugal*",(...) "*um cão leproso se postou na sua frente*". A velhinha, então, repartiu a comida com o cão, que afeioou-se a ela e passou a acompanhá-la. Com o tempo e os cuidados da senhora, "*começou a curar[-se] o cão, que se tornou um belo animal*". Até que um certo dia, "*o primitivo dono*" do cachorro, "*que o escorraçara*", resolveu reclamar a posse do animal, resultando numa briga que só teve fim com a chegada da polícia. Então, "*a justiça entende que o cão é daquele que o enxotara*". "*Sozinha e tristonha*" a velhinha volta pra casa. Quando o cão consegue "*livrar-se das peias*" e voltar para a casa da senhora, "*encontra morta a sua benfeitora, junto a qual se deita para também morrer, depois de lancinantes uivos*". A história termina com a seguinte afirmação de Nazareth: "*aos que são bons com os animais deles recebem provas imensas de gratidão, como nem dos próprios homens*"¹⁶⁸.

O segundo conto, publicado na edição seguinte, narra a história de "*um casal de infelizes*", dois velhinhos que moravam "*à beira de uma estrada erma do sertão*". "*O marido, entrevado, vivia deitado, sempre a gemer*", enquanto a mulher cuidava "*da pequena horta*", da "*plantação de cereais*" e da "*criação de galinhas para vender frangos e ovos*". A senhora trazia sempre na boca "*um lenço para ocultar uma ferida de mau caráter; que lhe devorava*

¹⁶⁷ "O nosso folhetim". *Getulino*. Campinas, 28 de setembro de 1924, p.3.

¹⁶⁸ "Contos e Fábulas". *Getulino*. Campinas, 12 de outubro de 1924, p.2.

os lábios". Certo dia, *"um viajante (...) bateu à porta do casebre, pedindo um pouco de água que lhe mitigasse a sede"*. Quando a velha o trouxe água em uma caneca e o viajante percebeu ao mesmo tempo a ferida no lábio da senhora e *"que existia na caneca um corte, escolhe esse lugar para colocar a boca"*. Mal sabia o viajante o que a velhinha te contaria, sorrindo: *"Por aí é que eu sempre bebo"*. O viajante *"seguir o seu caminho bastante apreensivo e dizendo com os seus botões: quem muito escolhe, erra?"*. Mais uma vez, o autor encerra seu conto com uma "lição"¹⁶⁹.

Desta forma, Nazareth segue a tendência da maioria dos contos que são publicados na Imprensa Negra, cuja história, em geral, se encerra com alguma mensagem. Isto é mais uma amostra de como a literatura, nestes periódicos, era usada menos para um puro deleite estético e espaço de vazão de criatividade desinteressada, e mais como mais uma estratégia de se fazer divulgar as ideias dos intelectuais negros de então. Nas mensagens de cunho moralista, percebe-se uma aproximação com a proposta de "educação moral" presente em diversos artigos dos jornais negros, como ressaltado no capítulo anterior. Esta educação moral significava seguir um comportamento considerado "adequado", como forma de diminuir os obstáculos enfrentados pela população negra e, assim, facilitar a integração à sociedade.

Este mesmo autor de diversas formas de expressão literária expressa suas opiniões no *Getulino* também em forma de artigo. Em dezembro de 1924, após as publicações do folhetim e dos dois contos, é publicado o artigo "A Raça Brasileira", onde Nazareth faz um arrazoado sobre a formação étnica do Brasil. Começa afirmando que *"a gênese da nossa raça, a brasileira (...) repousa em três elementos heterogêneos: o indígena (...); o negro, cujo estoicismo reside em Henrique Dias, e o branco"*, (...) *"três fatores de diversos continentes, da América, da Europa e da África, e de diferentes cores, unindo-se para o nascimento de um povo"*. Nota-se, neste trecho, que o autor exclui os imigrantes asiáticos, sejam árabes ou do extremo oriente. Não que ele ignore a presença destes segmentos no país, pois adiante afirma que *"a ideia cosmopolita domina o nosso patricio que recebe o estrangeiro como um amigo, como um irmão: nem mesmo a diversidade do ideal religioso o impele de execrar o semita ou o islamita"*, num lugar onde *"Cristãos, judeus e maometanos, todos encontram no Brasil a segurança de vida e a garantia do livre exercício das profissões"*.

¹⁶⁹ "Contos e Fábulas". *Getulino*. Campinas, 19 de outubro de 1924, p.1.

Mas, isso não significa que esses "estrangeiros" façam parte da identidade nacional. Mesmo sendo ele "um irmão" é ainda um estrangeiro. Ao que tudo indica, esta noção se dá no bojo de afirmar a presença do negro na identidade nacional, em contraposição ao elemento estrangeiro. Este olhar para o estrangeiro em disputa com o negro pela participação da nacionalidade brasileira é algo muito presente no discurso dos intelectuais negros do período, sendo um deles José de Nazareth. Esta mesma questão aparece também em *A Boa Severina*.

Após afirmar que a raça brasileira é formada pela fusão das três raças, Nazareth busca afirmar a "*superioridade da raça africana (...) se estabelecermos um paralelo entre o negro e o índio*". Para tanto, ele invoca as figuras de Henrique Dias, Marcílio Dias, que "*legou seu nome a um navio de guerra, graças aos seus heróicos feitos como valoroso marinheiro*", (...) "*Luiz Gama, André Rebouças, José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, Justiniano da Rocha*", que "*se salientaram nas letras jurídicas ou nas jornalísticas*". Após elencar os nomes destes "heróis da raça", compara a situação negra com a indígena: "*Qual o indígena que se apresenta na nossa história do primeiro e do segundo reinado, em posição de destaque? (...) Nenhum*". Não que seja por incompetência ou a inabilidade do indígena, *per si*, mas vítimas da ação dos "*destruidores da grande obra de José de Anchieta*", os que "*embrenham-se nos sertões (...) em busca de bens (...) matando-os como 'intrusos'*". Por mais infelizes que essas afirmações pareçam aos olhos do leitor atual, Nazareth a faz no intuito de defender a superioridade do negro frente ao indígena. O que não é de se estranhar, uma vez que ao longo da História da América Portuguesa o negro era preterido frente ao indígena, tanto no imaginário nacional oficial quanto na legislação¹⁷⁰. Este artigo evidencia uma disputa por espaço na identidade nacional, encampada pelo autor. Para ele, a população negra também é merecedora de um lugar de prestígio na nação, assim como os "elementos" estrangeiro e o indígena de lugares de mais ou menos possuem. Concluindo, o autor afirma categoricamente que "*mestiçado, ou não, é o negro brasileiro de índole boa, de coração nobre, de espírito*

¹⁷⁰ Enquanto o fim da escravidão indígena se deu em 1755 para os indígenas do Grão-Pará e Maranhão, estendendo-se para os de todo o país em 1758, por decreto do Marquês de Pombal, o fim da escravidão negra só se deu 130 anos depois, em 1888, nos estertores do reinado de Pedro II, sob a regência de sua filha, a princesa Isabel. cf. PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Inventário da Legislação Indigenista 1500-1800. CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ativo e digno e, portanto, precioso elemento contribuinte para o caldeamento da nossa raça"¹⁷¹.

O pensamento e o estilo literário de Nazareth que em parte aparecem nos seus contos e no artigo, encontram eco no seu *A Boa Severina*. Para percebê-los, trataremos de mais alguns aspectos do folhetim. Como foi explicitado anteriormente, o romance se passa em meados do século XIX, "*à margem direita do caudaloso Paraíba, que, majestosamente, serpeia pelos territórios dos três Estados do Brasil*", onde "*o teatro das cenas que vamos narrar (...) se desenrolaram nas fazendas de São Paulo, como nas do Rio de Janeiro ou ainda nas de Minas Gerais*". As "cenas do cativeiro" se desenrolam nesta região de grande efervescência econômica que está intrinsecamente ligada às fazendas de cultivo do café que utilizam a mão-de-obra escravizada em larga escala. O que é apropriado pois o objetivo do autor é "*que se compreenda, em toda a sua extensão, o que foi o cativeiro no Brasil*". Não só o que foi mas como foi, pois "*o que queremos é narrar (...) que em 1850, isto é, quase meio século antes da abolição da escravidão, como em 1888, exercia-se, no Brasil, a mais cruel e ignominiosa prática de inominável barbaridade*"¹⁷².

O principal espaço de referência da trama é a Fazenda São Solano, ao que tudo indica fictícia (mas factível), descrita pelo autor como "*uma das melhores do Brasil*", onde havia, "*cobrando-lhe o ubérrimo solo extensas plantações de café, cultivando-se o milho, o feijão e a cana e cuidando-se da indústria pastoril com muito esmero*". Para demonstrar a solidez histórica e a pujança econômica da fazenda, escreve Nazareth, que a "*casa da fazenda*" foi "*construída ainda nos tempos coloniais*", como "*um longo e largo sobrado, com as suas altas paredes ornadas de sacadas*".

Além da Casa Grande, as cenas dentro da fazenda se desenrolam na senzala, que "*se estendiam nos flancos em prolongamento da residência senhorial; as de um lado se destinavam aos homens e as do outro às mulheres*", no pátio, na enfermaria, no "*quarto do 'tronco', instrumento de martírio*", na casa do feitor e na Capela de São Solano, "*bem no meio do pátio*"¹⁷³.

¹⁷¹ "A raça brasileira". *Getulino*. Campinas, 20 de dezembro de 1924, p.4.

¹⁷² "Folhetim do Getulino 1". *Getulino*. Campinas, 5 de agosto de 1923, p.2.

¹⁷³ "Folhetim do Getulino 1". *Getulino*. Campinas, 5 de agosto de 1923, p.2

Apesar do que o título sugere, não afirmamos ser Severina a personagem principal do romance. A construção do enredo é bastante ampla, se dando ao redor de diversos personagens, o que se coaduna com o intento do autor de contar cenas diferentes relativas à realidade da escravidão.

O primeiro personagem a ser descrito é "*o coronel João Manuel Solano*", dono da fazenda, "*moço fidalgo da Casa Imperial e comendador da Ordem da Rosa, só não tendo conseguido o brasão de armas do baronato, por haver incorrido na antipatia do monarca, devido a haver assassinado uma escrava, por motivos dignificantes para ela e infamantes para ele*". Em todo o texto, a construção do personagem do coronel Solano - o principal antagonista do folhetim - por meio de suas ações não deixa dúvidas sobre a sua crueldade, em especial no que tange ao trato dos escravizados. Tanto que logo em sua primeira menção, Nazareth o aponta como assassino de escravos, não sem ressaltar que a culpa é dele.

Em seguida o autor descreve a família do coronel Solano. Além dos filhos, que não tem nenhuma ação própria em todo o texto - são citados apenas pelas presenças ou ausências ao lado dos pais - há a sua esposa, d. Margarida, "mulher de temperamento mau, de instintos sanguinários, de espírito perverso!", personagem fundamental no desencadeamento da trama, sobretudo na que envolve Severina. E quanto aos empregados da fazenda, além dos "agregados", "indivíduos que moravam em terras dos fazendeiros, explorando-as a título gratuito, mas obrigados a desempenharem o 'ofício' aviltante de 'capangas', e do "capitão do mato", "o qual vivia do nefando ofício de prender escravos fugidos"¹⁷⁴, há o feitor de nome Miguel, descrito como "um homem sempre mau, robusto, resolutos e abominável"¹⁷⁵.

Neste núcleo de personagens que envolvem o coronel Solano, d. Margarida, Sr. Miguel, os agregados e o capitão do mato se concentram os principais antagonistas. Mas dentro da fazenda também está a maior parte dos protagonistas. A mucama Severina, uma das "*quatrocentas pessoas [que] formavam a escravatura da fazenda*", é um desses personagens principais. Propriedade do coronel Solano e d. Margarida, foi construída como uma personagem caridosa, amorosa, honesta e pura¹⁷⁶. Além dela, outro personagem importante é Laurindo, "*o bom africano*", "*nascido em Benguela*" e de onde "*fora roubado dos carinhos*

¹⁷⁴ "Folhetim do Getulino n. 3". *Getulino*. Campinas, 19 de agosto de 1923, p.2

¹⁷⁵ "Folhetim do Getulino n. 1". *Getulino*. Campinas, 5 de agosto de 1923, p.2

¹⁷⁶ "Humilde e generosa a pobre rapariga era muito bem-quista por todas as companheiras". in: "Folhetim do Getulino, n. 5. *Getulino*. Campinas, 2 de setembro de 1923, p.2;

maternais bem criança, tendo vindo para o Rio de Janeiro". De lá, Laurindo foi "*vendido para a capital mineira*", onde foi trabalhar "*na extração de diamantes em Garimpo das Canoas, afamado lugar de uma das mais ricas zonas da província de Minas Gerais*". Apesar do seu conhecimento em mineração, em São Solano ele "*desempenhava as funções de alfaiate da escravatura, ofício que bem conhecia*"¹⁷⁷. Severina e Laurindo são os dois principais personagens que Nazareth utiliza para mostrar os valores "intrínsecos" aos negros, aqueles que a "educação moral" tão defendida pelos jornalistas negros deveria ensinar: honestidade, honra, apego ao trabalho como único fruto possível de adquirir - e acumular - riquezas, respeito à noção de "família", pureza, retidão de caráter, profissão do catolicismo e patriotismo, dentre outras.

Há ainda os escravizados Maria Cassange e Marciano, ambos vítimas de maus tratos e violência física por parte do coronel Solano e do feitor Miguel. Cassange, por ter "*colhido café em menor quantidade do que o da 'tâmina'*", ou seja, não ter cumprido a meta estabelecida pelo senhor. Nem as súplicas da escravizada que pedia perdão e alegava que seu "*filho passou mal durante o dia*" por isso tendo de "*parar um pouco para lhe dar de mamar*" foram suficientes. Por sua vez, o coronel Solano, "*irascível, qual Nero (...) imperativamente bradou: Mentira! Tu és muito arдилosa! Couro nela, senhor Miguel*"¹⁷⁸. Já o destino de Marciano foi ainda mais cruel. Seu delito foi o de, enquanto "*apanhavam os escravos o café, que lhes escapara da peneira caindo ao chão*" e, "*não percebendo a presença do capataz, Marciano, ajoelhado, deteve-se um minuto a fim de bater o isqueiro, para acender o seu pito*". Ao contrário de Maria Cassange, Marciano não suplicou misericórdia quando o feitor "*deu dois passos à retaguarda e ergueu com os seus fortes braços o látigo de volumosa trança de couro cru*", preparando o castigo. O que o escravizado faz é reagir, quando "*num gesto de natural repulsa, destemido e valoroso, avança para o seu algoz e, com um terrível 'abraço', o deita ao chão*". Tal atitude foi o suficiente para que fosse "*posto no tronco*", onde "*Marciano passou o resto do dia e a noite privado de alimento e presa de grande sede*"¹⁷⁹.

No dia seguinte, foi colocado no "*pelourinho*", onde "*vencido pela fome, pela sede e pelo martírio, é amarrado à escada e, desprovido de qualquer vestimenta, começa logo o seu*

¹⁷⁷ "Folhetim do Getulino n. 16". *Getulino*. Campinas, 18 de novembro de 1923, p.2

¹⁷⁸ "Folhetim do Getulino n.2". *Getulino*. Campinas, 12 de agosto de 1923, p.2

¹⁷⁹ "Folhetim do Getulino n.10". *Getulino*. Campinas, 7 de outubro de 1923, p.2.

corpo, desde as costas até as nádegas, a verter copioso sangue, emanado das feridas feitas pelos chicotes"¹⁸⁰. Tamanha a violência da cena, que Nazareth faz questão, "*para dar uma pálida ideia do todo bárbaro que revelavam os fazendeiros*" de "*descrever, pormenorizadamente, a cena do 'bacalhau'*"¹⁸¹, que Marciano não resistiu aos ferimentos e acaba por fenecer.

A morte de Marciano é um momento importante da trama porque é o principal episódio que marca a violência do coronel Solano, portanto da escravidão como a injusta e difícil vida à qual os escravizados foram submetidos no Brasil de não muito tempo atrás, considerando a data de lançamento do livro. Mas não só por isso. É com a morte de Marciano que segue a viragem de um importante personagem de *A Boa Severina*: o padre Marcondes.

De início Marcondes aparece como uma figura indiferente ao escravismo tanto que, quando d. Margarida conta-lhe sobre quando "*tomada de uma colher de pau, quebrou-a à ação das pancadas, que deu em Severina, deixando esta com grande brecha na cabeça, e de onde jorrava sangue*"¹⁸² devido ao sumiço de um frango - episódio que relataremos adiante - o padre Marcondes responde: "*Negra assim é um perigo dentro de casa; o seu lugar é no 'eito', sob chicotes do feitor e dos capatazes*"¹⁸³. Mas, quando Marciano está à beira da morte, o vigário é chamado para dar-lhe a última bênção, "*o escravo abre desmesuradamente os olhos e, sorrindo o último sorrir, gozando já da bem-aventurança, exclama: Padre! Vai-te! Eu sou filho de padre!*"¹⁸⁴. A partir deste momento, "*o passamento de Marciano, presenciado pelo padre Marcondes, tocara-lhe tanto a alma que ele se tornara abolicionista, tendo feito o firme propósito de trabalhar, à surdina, por uma ação oculta, pela redenção dos cativos*"¹⁸⁵.

Outro importante personagem que José de Nazareth escolhe colocar em seu enredo é Pai Pedro, "*congo de criação*" e chefe de um quilombo que ficava a "*uns três quilômetros da fazenda S. Solano, no espigão da alta serra do Bugio, ramificação da cordilheira da Mantiqueira*". Pai Pedro é a janela pela qual Nazareth faz referência ao movimento quilombola, uma das principais formas de resistência escrava que existiu no país. Pai Pedro

¹⁸⁰ "Folhetim do Getulino n. 11". *Getulino*. Campinas, 13 de outubro de 1924, p.2.

¹⁸¹ "Folhetim do Getulino n.10". *Getulino*. Campinas, 7 de outubro de 1923, p.2.

¹⁸² "Folhetim do Getulino n. 4". *Getulino*. Campinas, 26 de agosto de 1923, p.2.

¹⁸³ "Folhetim do Getulino, n. 5". *Getulino*. Campinas, 2 de setembro de 1923, p.2.

¹⁸⁴ "Folhetim do Getulino, n. 11". *Getulino*. Campinas, 13 de outubro de 1923, p.2.

¹⁸⁵ "Folhetim do Getulino, n.17". *Getulino*. Campinas, 23 de novembro de 1923, p.2.

chefiava um quilombo formado por seis quilombolas, entre eles Ângelo, um personagem que aparece em duas cenas importantes: uma de luta entre ele e um dos agregados de São Solano, no alto da serra do Bugio, próximo ao quilombo. Em outra, Ângelo é mandado por Pai Pedro para ir à fazenda do coronel Solano e tentar conseguir algo para trazer ao quilombo. Lá encontra Severina, "*à beira do fogo, que, entre três pedras crepitava no chão da casinha*", que se assusta ao vê-lo. Ângelo, "*com ares mais de súplica do que de exigência*", pede: "*Que levaria daqui, 'malunga'? Tenho fome*". A boa Severina responde: "*Isto, vá depressa! (...) entregando-lhe um frango assado, retirado do forno*". É por causa da falta deste frango dado ao quilombola, que d. Margarida havia ordenado reservar para alimentar o padre Marcondes, que a mucama acaba sendo vítima da violência da sua "sinhá"¹⁸⁶.

Os últimos personagens que identificamos como importantes no enredo desenhado por Nazareth são "*um espanhol de nome d. Aguirra*"¹⁸⁷ e o "*mestre-escola*"¹⁸⁸ Manoel Silveira. Ambos têm em comum o fato de serem personagens que tentaram enganar e "tirar vantagem" de ex-escravizados.

D. Braz Aguirra é descrito como "*um branco [que] conseguira maquear a boa fé de Pai Pedro, e, com falazes promessas, captara as boas graças do velho, que estava negociando com ele a 'redenção' sua e a dos seus 'companheiros'*". O espanhol, "*astuto, perverso e hipócrita*", chega ao quilombo de Pai Pedro e propõe "*seguirem todos para Goiás, onde poderiam enriquecer com a extração de diamantes de ouro*"¹⁸⁹. Lá, os quilombolas seriam trabalhadores à soldo de d. Aguirra, deixando assim de serem escravizados. Mas na verdade, o intento do personagem se mostra em seguida. Sugerindo o caminho, "*rumo oposto ao da fazenda São Solano, descendo a alcantilada serra dos Bugios, com destino à vila do Piquete*", Aguirra faz com que "*todos os quilombolas*" parem para descansar na "*venda do sr. Gervásio Alves, que tinha também uma estalagem*". Durante a noite, chega ao estabelecimento "*um fazendeiro e seu 'pajem'*". Era o sr. Pinto, que "*vinha de além da vila do Piquete e se destinava ao Rio de Janeiro, onde pretendia comprar alguns escravos*"¹⁹⁰. Ao

¹⁸⁶ "Folhetim do Getulino n. 3". *Getulino*. Campinas, 19 de agosto de 1923, p.2.

¹⁸⁷ "Folhetim do Getulino n. 7". *Getulino*. Campinas, 16 de setembro de 1923, p.2.

¹⁸⁸ "Folhetim do Getulino n. 47". *Getulino*. Campinas, 21 de setembro de 1924, p.2.

¹⁸⁹ "Folhetim do Getulino n. 7". *Getulino*. Campinas, 16 de setembro de 1923, p.2.

¹⁹⁰ "Folhetim do Getulino n. 8". *Getulino*. Campinas, 23 de setembro de 1923, p.2

ver a oportunidade de negócio em suas mãos, Aguirra vende ao sr. Pinto todos os seis homens que o acompanhavam por dois contos de réis cada um.

O caso do sr. Silveira é de outro tipo, apesar de mesma natureza. Quando Laurindo está para morrer, já como homem livre, decide deixar toda a sua herança, "*cujo acervo atingia a elevado número de contos de réis*", para Severina. Mal sabia ele que, àquela altura, Severina não estava mais viva (pedimos desculpas por revelar assim o final do livro!). É o sr. Silveira, depois da morte de Laurindo quem fica encarregado de encontrar a beneficiária do testamento. Sem sucesso, ele maquina "*um terrível plano para se apossar da herança*"¹⁹¹. Para tanto, ele encontra uma falsa Severina, "*uma pobre africana que mal entendia a nossa língua*", e precisa de testemunha que comprove ser aquela falsa, a verdadeira herdeira. Para isso, o "*mestre-escola*" conta com a ajuda de "*um vendeiro de nacionalidade portuguesa, conhecido por 'morgado', mas cujo nome era Joaquim Seixas Mendes*". Pessoa de "*moralidade duvidosa*", por ser apresentado como "*afeito a compra de contrabandos de gêneros de estiva*", "*este tipo repelente*" se presta a ajudar Silveira na causa, "*fascinado pela soma que lhe era prometida, cerca de cinco contos*" de réis. O Morgado arranja ainda "*outra testemunha, um espanhol que tinha um pequeno sítio em Jacarepaguá*"¹⁹². Todos juntos, o "*mestre Silveira*", a pretensa Severina e as testemunhas foram "*à presença do Juiz de Órfãos e Ausentes*" para dar cabo ao plano. Com sucesso.

Apresentados os personagens que consideramos fundamentais para o enredo de *A Boa Severina*, é possível apresentar algumas das mais importantes "cenas do cativo". Faremos, a seguir, um apanhado geral dos principais acontecimentos que desenvolvem a trama do folhetim. Este esforço é fundamental para que possamos investigar possíveis sentidos que se dão ao longo do romance.

A estória começa na fazenda São Solano, onde "*organizava-se a festa comemorativa do nascimento do coronel Solano, com uma parte profana e outra religiosa*", em 27 de julho de 1850. Enquanto se davam os preparativos da festa, com alguns convidados presentes na fazenda, acontecia no pátio a "*prestação de contas*", o momento em que os escravizados que retornavam do dia de trabalho na lavoura do café deveriam, com o produto do seu trabalho diário, bater uma determinada meta, a tamina. A tamina "*estabelecida na véspera era de seis*

¹⁹¹ "Folhetim do Getulino n. 47". *Getulino*. Campinas, 21 de setembro de 1924, p.2

¹⁹² "Folhetim do Getulino n. 48". *Getulino*. Campinas, 28 de setembro de 1924, p.2

alqueires para as mulheres e de dez para os homens", e se "algum ultrapassasse a 'tamina', nada ganharia, mas o que não a atingisse receberia o pronto castigo". Fato é que dez dos escravizados, "inclusive sete escravas", não cumpriram a meta. É quando "o feitor, afeito aos misteres de algoz, dava pastos aos seus desumanos apetites, surrando ali na presença do senhor, os cativos, que tinham colhido café em menor quantidade do que o da 'tamina'". Nesse momento, Maria Cassange suplica sem êxito ao feitor Miguel por misericórdia, afirmando ter sido necessário parar o trabalho por um curto tempo para cuidar de seu filho doente. Findos os castigos, "lá se foi para a sua casa, esse Miguel que nunca teve remorso", os escravizados foram para a senzala, onde "choravam a sua sorte" e a festa continuava. Com alguns convidados, inclusive, que explicavam "ao coronel Solano a necessidade da existência da escravidão e os benefícios que advinham dos rigorosos castigos corporais".

A divisão do mesmo espaço, de festa para uns e suplício para outros, ressalta a carga de injustiça social a qual o autor quer dar relevo no cotidiano das relações durante a vigência da escravidão. Enquanto no pátio acontecia a prestação de contas e os castigos do feitor acontecia também a festa de aniversário do senhor da fazenda. Em uma "*grande mesa, que era um enorme U, improvisada no pátio, banquetevam-se os convivas ao som de uma harpa tangida com maestria pelas mãos do 'Precatoria', um bom músico italiano*"¹⁹³, com fama na região. Entre conversas variadas um dos convidados, o padre Marcondes, pede à d. Margarida que guarde para ele um frango que desejava comer somente mais tarde. Atendendo ao pedido, a senhora ordena a Severina que o faça, e ela assim o faz.

No meio da noite, em plena festa, chega sorrateiramente na cozinha da casa grande um dos quilombolas da serra do Bugio, Ângelo, que fora mandado por Pai Pedro a São Solano, buscando aproveitar a distração da festa para conseguir levar ao quilombo algo aproveitável. É aí onde Ângelo encontra Severina, pede ajuda e ela secretamente o entrega o frango até então reservado para o padre Marcondes. O ato de bondade e caridade de Severina seria mais tarde punido com violência por d. Margarida, e apoiada pelo vigário. "*Longe estava d. Margarida de prever que o frango mandado reservar para o padre Marcondes, serviria de ceia a pobres criaturas de Deus, reduzidas pela barbaridade dos homens, ao estado de escravos*"¹⁹⁴.

¹⁹³ "Folhetim do Getulino n. 2". *Getulino*. Campinas, 12 de agosto de 1923, p.2.

¹⁹⁴ "Folhetim do Getulino n. 3". *Getulino*. Campinas, 19 de agosto de 1923, p.2.

Alguns dias após a festa do coronel Solano o feitor vai ao encontro do seu patrão para contar-lhe que *"um dos agregados, destacado para observar o movimento na serra do Bugio, encontrou um 'quilombola', (...) parecendo-me certo que existe lá a toca, onde vivem Pai Pedro, Ângelo, Joaquim, Rafael e outros negros fugidos"*¹⁹⁵. Sem pestanejar, Solano manda Miguel *"organizar uma batida na mata"* para localizar o quilombo. Recebendo a concordância do feitor, o coronel ainda reforça que ele pode *"matar os mais rebeldes, pois a lição será frutífera"*¹⁹⁶.

Enquanto isso no quilombo de Pai Pedro se dá a chegada de d. Aguirra. O "castelhano" estava tentando pôr em prática o seu plano de *"fazer fortuna, sem esforço de espécie alguma"*. O plano *"consistia em penetrar nos 'quilombos', sequestrando os negros fugidos prometendo-lhes a liberdade e fascinando-lhes o espírito com a promessa de irem, como homens livres, trabalhar em minas auríferas que dizia possuir"*. Desta forma, d. Aguirra já havia conseguido *"arrebanhar muitos escravos fugidos de Maxambomba até S. José do Barreiro, vendendo-os em Conservatória, Barra Mansa, Resende até Pindamonhangaba"*¹⁹⁷. Como já foi dito o espanhol os convenceu a partir da serra do Bugio e, em determinado ponto da viagem, consegue vendê-los ao sr. Pinto, da fazenda Santa Clara, *"onde, a mais de trinta léguas da serra do Bugio, caiu o 'quilombo' em novo cativoiro"*¹⁹⁸. Com a partida dos quilombolas acompanhando d. Aguirra, *"os emissários do sr. Miguel, o desumano feitor, penetravam no 'quilombo', onde nada encontraram, senão umas panelas de barro, rudimentarmente fabricadas pelos que se tinham ido"*¹⁹⁹.

Em seguida acontece a cena do castigo seguido de morte de Marciano. Este é o momento em que ocorre a mudança de visão do Madre Marcondes sobre o cativoiro. Ao ouvir as últimas palavras de Marciano o padre se compadece. *"Desde esse dia evadiu-se-lhe do espírito a sua perene alegria"*, passando então a *"bem compreender a doutrina ensinada pelo Messias, afagando as ideias abolicionistas e revoltando-se sempre contra o desumano poder absoluto outorgado pela lei dos senhores de escravos"*²⁰⁰.

¹⁹⁵ "Folhetim do Getulino n 5". *Getulino*. Campinas, 2 de setembro de 1923, p.2.

¹⁹⁶ "Folhetim do Getulino n. 6". *Getulino*. Campinas, 9 de setembro de 1923, p.2.

¹⁹⁷ "Folhetim do Getulino n. 7". *Getulino*. Campinas, 16 de setembro de 1923, p.2.

¹⁹⁸ "Folhetim do Getulino n. 8". *Getulino*. Campinas, 23 de setembro de 1923, p.2.

¹⁹⁹ "Folhetim do Getulino n. 10". *Getulino*. Campinas, 7 de outubro de 1923, p.2.

²⁰⁰ "Folhetim do Getulino n. 12" *Getulino*. Campinas, 21 de outubro de 1924, p.2.

Foi essa "tomada de consciência" que fez com que o padre Marcondes ajudasse Laurindo com o seu plano de liberdade. É chegado o dia, em São Solano, da "desobriga". Este dia é marcado pela confissão coletiva, em que todos os moradores da fazenda deveriam pedir perdão pelos seus pecados ao padre Marcondes. Por volta deste dia, *"havia desaparecido um rico anel, que ostentava um 'solitário' muito custoso e que d. Margarida recebera como presente de noivado"*. Quem havia encontrado o anel foi Laurindo, que na fazenda desempenhava a função de alfaiate, mas já havia trabalhado na mineração. *"Conhecendo, aproximadamente, o valor do achado, o pobre escravo bem sabia que a sua inestimável liberdade residia naquele objeto, que, Deus lhe fizera encontrar, e, por isso, o escondera dos olhos de todos"*. Laurindo não sabia direito o que fazer com o anel, pois qualquer saída mal pensada poderia recair não só castigos sobre ele, mas poderia correr risco de vida, como se passou com Marciano. Mas, *"o espírito do infeliz cativo sonhava com a liberdade, toda a vez que nas retinas dos seus olhos se apresentava a figura do enorme brilhante, cujo lampejar se lhe afigurava como a auréola da sua alforria"*²⁰¹. Então, o "bom africano", no momento em que fazia a sua confissão, contou ao padre Marcondes ter achado o anel e pediu sua ajuda.

Com as novas ideias abolicionistas rondando a sua cabeça, *"tendo feito o firme propósito de trabalhar, à surdina, por uma ação oculta, pela redenção dos cativos"*, o vigário decide ajudar Laurindo. Para isso ele até se dispõe a contrariar o pedido de d. Margarida, o de quebrar o *"sacramento da confissão"*²⁰² e assim que alguém confessar que está com o anel, contar para ela.

O Padre então, não só esconde o paradeiro do anel como ajuda Laurindo na sua empreitada. Em posse do objeto, *"partiu para o Rio de Janeiro, aí vendendo a preciosa pedra, conservando o aro do anel para poder Laurindo, a todo o tempo, mandar nele cravar um brilhante de igual dimensão"*. Com o dinheiro que conseguiu, *"cerca de quatro contos de réis"*²⁰³, o vigário retorna a São Solano e efetua a compra de Laurindo, concedendo-lhe assim a liberdade.

O "bom africano", alforriado, se dirige ao Rio de Janeiro e lá, *"com o pouco dinheiro que ganhara do patrão e o que lhe entregara o padre Marcondes, começou vida nova,*

²⁰¹ "Folhetim do Getulino n. 16". *Getulino*. Campinas, 18 de novembro de 1923, p.2.

²⁰² "Folhetim do Getulino n. 17". *Getulino*. Campinas, 25 de novembro de 1923, p.2.

²⁰³ "Folhetim do Getulino n. 18". *Getulino*. Campinas, 2 de dezembro de 1923, p.2.

*empregando-se numa oficina de alfaiate sita no largo do Moura". Lá, "a sorte começou logo a bafejar a vida do ex-escravo, que sentia o quanto valia a liberdade"*²⁰⁴. *"Em poucos anos o alfaiate da fazenda S. Solano se tornara possuidor de elevada quantia, ganha com a sua tesoura, com toda probidade, trabalhando afanosamente, dia e noite"*²⁰⁵. Até o dia em que Laurindo consegue ter em mãos o suficiente para pagar não só a dívida que acreditava ter, uma vez que o anel que lhe proporcionou a liberdade não era seu. Foi então em busca do padre Marcondes para que este o ajudasse tanto a liquidar a sua dívida quanto para comprar a liberdade de Severina. Neste momento é revelado que os dois nutriam um amor verdadeiro, tendo Laurindo prometido a Severina que iria comprar sua liberdade para que se casassem e vivessem em liberdade.

Na sequência o padre irá devolver o anel para d. Margarida, reformado com um novo brilhante comprado com o dinheiro de Laurindo. A esta altura, a ex-senhora se encontra *"na mais negra penúria"*, pois a família perdeu toda a sua fortuna depois da morte do coronel Solano e sua viúva fica sozinha, *"tendo a sorte querido que os seus filhos ficassem todos espalhados, longe dela"*²⁰⁶. Por essa razão, Severina não era mais propriedade dela, tendo sido vendida junto com as terras da fazenda São Solano para a família Breves. A dificuldade de realizar o plano estava dada, pois a nova família proprietária de São Solano *"era gente muito pouco propensa a se desfazer do que era seu: compravam quando podiam e nada vendiam"*. Tanto que foi com espanto que d. Emília Breves recebe a proposta de compra que o vigário a fez: *"Vender a Severina, a melhor 'mucama' que tenho e a 'ama-seca' do meu filho Nico?"*²⁰⁷. Mesmo assim, após oferecer dois contos de réis, o padre Marcondes consegue concluir a compra de Severina. Prontamente, começam a traçar o caminho que uniria os dois amantes e, assim que se encontraram na vila, o padre fez o casamento.

Mas Laurindo ainda sentia-se devedor, mesmo depois de ter sua dívida quitada com a d. Margarida. Solicitou então que o padre levasse ele e Severina ao encontro da ex-senhora, para uma visita. Foram no dia seguinte e encontraram uma lamuriosa velha senhora, cuja nova condição *"amaciou"* o coração. D. Margarida recebeu com satisfação os recém-casados, dizendo: *"Parabéns, Severina, então estás fôrra e esposa do Laurindo. Parabéns! Parabéns"*

²⁰⁴ "Folhetim do Getulino n. 25". *Getulino*. Campinas, 20 de janeiro de 1924, p.2.

²⁰⁵ "Folhetim do Getulino n. 26". *Getulino*. Campinas, 27 de janeiro de 1924, p.2.

²⁰⁶ "Folhetim do Getulino n. 28". *Getulino*. Campinas, 17 de fevereiro de 1924, p.2.

²⁰⁷ "Folhetim do Getulino n. 33". *Getulino*. Campinas, 16 de março de 1924, p.2.

sinceros. Sentem-se..". Em dado momento da visita, a senhora revela a Laurindo que pensa em vender o anel que havia recuperado para *"ver se, com o produto, poderia adquirir uma pequena chácara, onde explorasse a venda de verduras e de leite"*. Tal é a surpresa de todos quando o ex-escravizado responde: *"'Sinhá' não faça isso. Eu quero que nunca saia do seu dedo essa preciosa jóia e o meu desejo é de ter 'sinhá' sempre em nossa casa"*. D. Margarida recusa o convite, alegando que não teria como estar na companhia deles sem auxiliá-los e sem ter dinheiro, mas Laurindo não desiste e mantém o convite. Quando Severina o questiona do porquê daquela atitude, o "bom africano" apenas posterga a explicação²⁰⁸.

Somente quando já se encontram no Rio de Janeiro, Laurindo conta toda a história de como conseguiu sua liberdade após encontrar o anel perdido de d. Margarida e, por isso, se sente grato a ela, mesmo que indiretamente. Severina não fica contente com a história e rebate o seu marido falando: *"mas o que fez d. Margarida por nós? Ao padre, sim, e só a ele é que devemos nossa felicidade"*. Mesmo contra argumentando, Laurindo não consegue convencer sua esposa. *"Severina, cujo espírito era de absoluta pureza e de muita vivacidade, pairando-lhe no pensamento uma dúvida terrível, quanto à sua liberdade, pois ela pensava ser preferível a condição de escrava, à de liberta, em virtude de um crime, isto é, de um roubo"*²⁰⁹.

A honestidade de Severina não deixou com que sua consciência se acomodasse com a situação, e com o tempo foi ficando mais difícil. Quando d. Margarida morreu, já morando com o casal no Rio de Janeiro, antes que Laurindo revelasse toda a verdade, Severina tomou uma decisão. Como era *"preferível a condição de escrava, à de liberta, em virtude de um crime"*, e o *"seu espírito não se conformava com o fato de gozar de uma liberdade nascida de um delito, praticado por Laurindo"*²¹⁰, a ex-mucama vendeu a sua própria liberdade, retornando à condição de escravizada.

Severina procurou um conhecido ex-escravo, habitante da mesma vizinhança, chamado Pai Casimiro. Foi ele quem negociou com um mercador de escravos *"a venda de Severina para fora do Rio de Janeiro, devendo o dinheiro ser dividido entre eles dois"*.

²⁰⁸ "Folhetim do Getulino n. 36". *Getulino*. Campinas, 6 de abril de 1924, p.2.

²⁰⁹ "Folhetim do Getulino n. 39". *Getulino*. Campinas, 1 de maio de 1924, p.2.

²¹⁰ "Folhetim do Getulino n. 42". *Getulino*. Campinas, 8 de junho de 1924, p.2.

Sabendo do combinado, Severina "*o aceitou com grande prazer*"²¹¹ sem contar nada a Laurindo, sendo vendida para uma próspera fazenda do Vale do Paraíba paulista, na região da cidade de Bananal. Foi enquanto escrava nesta fazenda que, ao "*picada por um urutu, réptil cujo letal veneno é bem conhecido*"²¹², Severina encontra a sua morte.

Sem saber do destino de sua esposa, nem do real motivo pelo qual ela havia partido Laurindo não se contém. Chega mesmo a perseguir um português, com a alcunha de "Vinagre", em outra cidade, pensando ser ele o responsável pelo sumiço de Severina. –Em seguida, vivendo "*a vida de um condenado; cheio de atribulações, sentia o aguilhão de o desespero chegar-lhe ao espírito sempre sobressaltado pelo remorso que lhe envolvia a consciência*", acaba morrendo.

Em seus últimos momentos de vida Laurindo prepara o seu testamento, considerando Severina como sua única herdeira, e encarrega o "mestre-escola" Manoel Silveira de cumpri-lo. A partir de sua morte, e da falta de sucesso em encontrar a verdadeira Severina, o mestre Silveira, "*com cerca de cinquenta anos de idade, tendo passado a vida toda a trabalhar em vão para a conquista de alguns haveres, bem compreendeu (...) o todo propício desse momento, para se tornar rico*"²¹³. Logo após esse momento é que começam os preparativos do exitoso plano de Manoel Silveira para ficar com toda a herança de Severina. Assim, fugindo para a Europa com o dinheiro conquistado, José de Nazareth encerra o seu romance *A Boa Severina*.

Todas estas personagens e cenas são apresentadas por um narrador em terceira pessoa, que acessa os subterfúgios da mente de seus personagens e intercala momentos de conversa com o leitor. É possível perceber a preocupação de José de Nazareth de evidenciar a sua erudição, e a principal maneira de fazê-lo é por meio do apuro com o uso da língua. É justamente esse elogio que os editores do jornal o fazem. Ou seja, não só o "correto" uso da língua algo valorizado pelos intelectuais negros de São Paulo, o que ia ao encontro à visão que eles têm sobre a importância da literatura para comprovar a capacidade intelectual dos "homens de cor".

²¹¹ "Folhetim do Getulino n. 43" *Getulino*. Campinas, 15 de junho de 1924, p.2.

²¹² "Folhetim do Getulino n. 46". *Getulino*. Campinas, 15 de setembro de 1924, p.2.

²¹³ "Folhetim do Getulino n. 47". *Getulino*. Campinas, 21 de setembro de 1924, p.2.

Uma das formas que José de Nazareth busca demonstrar esse "apreço pela língua pátria" é no rebuscamento do seu vocabulário. Poucos são os adjetivos que se repetem ao longo do texto. Ele usa ainda uma gama de palavras pouco usuais, como "Hético" (magro, descarnado)²¹⁴, "falazes" (enganosos)²¹⁵, "rutilar" (brilhar, cintilar)²¹⁶, "genuflexo" (ajoelhado)²¹⁷, comenos (ocasião)²¹⁸, tálamo (leito conjugal)²¹⁹, azada (oportuna)²²⁰ e adrede (de propósito)²²¹, são apenas alguns exemplos. Ao comparar os vocábulos usados tanto nos jornais da imprensa negra quanto em outros romances da época é possível notar a impressionante extensão do vocabulário de Nazareth.

Outra maneira de demonstrar o seu domínio da "língua pátria" e a sua erudição é a citação de outros textos literários. Ao longo do romance, Nazareth cita grandes escritores negros brasileiros, alguns deles corriqueiramente rememorados e saudados pelos jornalistas negros em suas publicações. Um deles é Machado de Assis, aludido não somente uma vez, mas duas. Na primeira, O autor cita um trecho do importante conto *Pai Contra Mãe*, "para descrever o quanto de desumano havia, por exemplo, na forma de se capturar um negro fugido"²²². Na segunda, ao falar sobre Severina, diz que "dela não se poderia dizer como disseram Machado de Assis da sua 'Sabina'". Além de Machado, José de Nazareth menciona ainda Castro Alves e Gonçalves Crespo, e os brancos Aluísio de Azevedo (mas abolicionista) e Bernardo de Guimarães (autor de *A Escrava Isaura*)²²³.

Além das palavras e da pretensa demonstração de domínio da língua portuguesa, o autor revela ao longo do folhetim conhecer ao menos os rudimentos de três línguas estrangeiras. Primeiro o inglês, quando fala sobre a venda dos filhos dos escravizados por parte dos senhores. O autor cita o viajante inglês "Buckingham, [que] visitando os Estados

²¹⁴ "Folhetim do Getulino n. 20". *Getulino*. Campinas, 16 de dezembro de 1923, p.2.

²¹⁵ "Folhetim do Getulino n. 7". *Getulino*. Campinas, 16 de setembro de 1923, p.2.

²¹⁶ "Folhetim do Getulino n. 9". *Getulino*. Campinas, 30 de setembro de 1923, p.2.

²¹⁷ "Folhetim do Getulino n. 18". *Getulino*. Campinas, 2 de dezembro de 1923, p.2.

²¹⁸ "Folhetim do Getulino n. 10". *Getulino*. Campinas, 7 de outubro de 1923, p.2.

²¹⁹ "Folhetim do Getulino n. 9". *Getulino*. Campinas, 30 de setembro de 1923, p.2; e "Folhetim do Getulino n. 47". *Getulino*. Campinas, 21 de setembro de 1924, p.2.

²²⁰ "Folhetim do Getulino n. 42". *Getulino*. Campinas, 8 de junho de 1924, p.2.

²²¹ "Folhetim do Getulino n. 48". *Getulino*. Campinas, 28 de setembro de 1924, p.2.

²²² "Folhetim do Getulino n. 22". *Getulino*. Campinas, 6 de janeiro de 1924, p.2.

²²³ "Folhetim do Getulino n. 27". *Getulino*. Campinas, 3 de fevereiro de 1924, p.2.

Unidos da América do Norte, em sua narrativa revelou coisas exatamente iguais às que se observavam no Brasil, quanto à venda dos filhos pelos senhores e quanto à 'indústria' da procriação dos escravos"²²⁴. Para isso, faz três citações em inglês que apresentou em tradução livre para o leitor: "Jornais de Washington e de Augusta inseriam anúncios diários prometendo dinheiro por um escravo provável: '*Cash for likely negroes*'", ou "*lá, narrava o forasteiro, os escravos eram criados para negócio como se fossem gado: These are regularly bred and multiplied for sale; like cattle*". Faz ainda um resumo explicativo, não necessariamente uma tradução, do funcionamento desta indústria:

Um lavrador "yankee" disse ao visitante bretão que toda a sua produção de escravos era considerada como objeto seguro de renda: I have, at this time, a hundred and fifty of these people; and their annual increase may be estimated, as adding as much to my income, as arises from other sources!²²⁵

Em seguida, há o uso de alguns vocábulos em espanhol. Quando o "castellano" d. Aguirra, no momento em que seu esquema de venda dos quilombolas da serra do Bugio foi descoberto e ele preso, seus captores percebem a existência de uma pequena bolsa de couro pendurada em seu pescoço. Assim que eles cortam

à canivete a costura da bolsa, dela saltou um papel, assaz bem conservado, e no qual se lia em espanhol, o que vamos verter para o vernáculo:

'Declaro chamar-me Braz Aguirra y Perez, filho de d. Antônio Obes y Perez e dona Conceição Aguirra.

Nasci em Valladolid e fui batizado em Málaga.

Com catorze anos matei um rapaz de doze, com vinte e três estrangulei uma moça e, ultimamente, para roubar, assassinei a golpes de navalha, um homem de oitenta anos.

²²⁴ Além do estímulo à procriação de escravos o autor fala ainda da venda de filhos próprios como escravizados: "Como no Brasil, o senhor vendia o próprio filho, havido com mulher escrava!". Não consideramos uma coincidência ter Nazareth tratado de uma questão ligada à vida de Luiz Gama, que foi vendido pelo próprio pai, ainda na infância. Nazareth, como intelectual negro do período, demonstra assim ter uma alta estima pela história e pela figura do "ilustre abolicionista".

²²⁵ "Folhetim do Getulino n. 12" *Getulino*. Campinas, 21 de outubro de 1924, p.2.

Dos dois primeiros crimes me livre, mas pelo último fui condenado à morte, razão por que fugi para o Brasil.

Peço que depois de minha morte, escreva quem este achar, a minha mãe d. Conceição Aguirra, comunicando-lhe o fato. Sua residência é Calle de la Victoria, 312, Málaga, Espanha'

Aguirra foi pego e "*metido no tronco, seguindo mais tarde para a corte, de onde foi remetido pela polícia para a Espanha, no brigue 'Ciudad de Madrid'*", onde foi "*posto a ferros*" e, com o naufrágio do brigue "*nos rochedos dos Abrolhos*", "*recebeu Aguirra o castigo merecido*"²²⁶.

Tirando o fato de que o autor afirma ter "*vertido ao vernáculo*" o texto em espanhol, que não nos diz necessariamente sobre o conhecimento de Nazareth do idioma hispânico, percebemos como o uso do "y" como conectivo (Aguirra y Perez), o correto descrever do endereço como "*Calle de la*"²²⁷ e do nome da embarcação "*Ciudad de Madri*"²²⁸ mostram que o idioma não era um completo desconhecido de José de Nazareth.

A terceira língua, além do português, que aparece no romance é de difícil definição. Provavelmente é alguma língua africana do tronco linguístico banto, das faladas na região centro-africana entre os países República Democrática do Congo e Angola, podendo ser por exemplo o quicongo, o quimbundo ou mesmo o lingala²²⁹. De qualquer forma, a historiografia aponta o tronco linguístico banto com um dos que mais influenciou no português brasileiro, justamente por concentrar línguas faladas em uma das regiões africanas de onde mais vieram pessoas na condição de escravizados ao Brasil.

D. Aguirra, que "*aprendera algumas palavras da língua falada pelos negros do Congo*", chega ao quilombo de Pai Pedro, buscando se comunicar e estreitar possíveis laços de confiança com os quilombolas. Então,

²²⁶ "Folhetim do Getulino n. 16". *Getulino*. Campinas, 18 de novembro de 1923, p.2.

²²⁷ Em português, "Rua da".

²²⁸ Em português, Cidade de Madrid.

²²⁹ PRANDI, Reginaldo. "De Africano a Afro-brasileiro: etnia, identidade e religião". in: REVISTA USP, São Paulo, n.46, p. 52-65, junho/agosto 2000, p. 54.

sem saber que se dirigindo ao chefe do 'quilombo', se entendia com um filho dessa terra, o astucioso aventureiro dirigiu-lhes estas palavras:

- "Aiê! Guere comgome ticombambe".

A essa saudação, respondeu Pai Pedro:

- "Aiê, Guere combombe tietate!"²³⁰.

Importa menos expressar com exatidão que língua africana está citada do que refletir sobre a escolha de sua utilização. Nazareth afirma ser essa uma "*língua falada pelos negros do congo*", ou seja, não só o autor conhece as diferentes línguas que são faladas em cada região da África, como reconhece que há uma grande concentração de escravizados desta origem, caso contrário não colocaria um quilombo chefiado por um "negro congo" em sua narrativa.

Ademais, a proposta do autor é "*quanto a formar a narrativa*", aquilo que "*é autêntico, é verídico, pois como se impressos numa chapa fotográfica, se conservam os passados fatos*". Isso se expressa na atenção despendida com as informações contidas no texto. Geograficamente, por exemplo, a descrição do espaço onde se situa a fazenda São Solano é bastante verídica. A serra do Bugio, onde se localiza o quilombo de Pai Pedro, realmente existe e está no município mineiro de Olímpio Noronha, parte da Microrregião de São Lourenço, próxima a região do Vale do Paraíba, justamente onde o autor diz estar a fazenda do coronel Solano. Outro exemplo, a rua onde o autor afirma morar a mãe de d. Braz Aguirra, *Calle de la Victoria*, em Málaga, é uma das principais ruas do centro da cidade espanhola.

Corroborando com o acuro com que Nazareth apresenta as "cenar do cativo", há alguns trechos do folhetim em que o autor interrompe a estrutura narrativa para apresentar dados, fatos e estatísticas relativas à escravidão e ao que está narrando. Exemplificando, no momento no texto em que o escritor fala sobre o comércio interprovincial de cativos e, principalmente, o contrabando de escravizados após a lei Eusébio de Queirós, ele expõe como a "*lei de 4 de setembro de 1850, extinguiu o tráfico de africanos, mas continuou ele a ser exercido por contrabando, como se deduz das provas que vamos produzir*". Em seguida, o autor elenca alguns documentos, como o "Rio de Janeiro - 1821-1921", do "*dr. Hermeto Lima*". Nele, o autor "*refere a prisão do espanhol d. Francisco Ruvirosa*", espanhol como d.

²³⁰ "Folhetim do Getulino n. 7". *Getulino*. Campinas, 16 de setembro de 1923, p.2.

Aguirra, tendo sido "*efetuada na chácara da Lagoa, em plena capital do império, a 10 de maio de 1853, (três anos quase depois da promulgação da lei abolidora), por entregar-se o criminoso ao tráfico de africano*"²³¹. Conta ainda, segundo o relatório do Ministro da Justiça de 1852 (o próprio Eusébio de Queirós), outros dois episódios. O primeiro, em que "*na erva praia de Tramandaí, Rio Grande do Sul, foram desembarcados, clandestinamente, 300 africanos, dos quais só pôde o governo, salvar 24 da escravidão*". O segundo, fala sobre "*um navio negreiro dera, na praia de Bracuí, desembarque a africanos*". A embarcação norte-americana, de nome "Camargo" faria "*comércio lícito*" entre Rio de Janeiro e o Cabo da Boa Esperança, mas "*seguira depois para Moçambique e Quelimane, de onde trouxeram 500 africanos, que foram vendidos a fazendeiros das províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro*".

Note-se como a estrutura narrativa de Nazareth engloba esses momentos de suspensão literária para jornalística, misturando ficção e realidade. Curioso mas não esdrúxulo, considerando a concepção do texto e os objetivos que o autor pretende alcançar. O próprio Nazareth explica, dentro do romance:

Intercalando aqui, notas, como esta, temos por objetivo único provar ao leitor que não nos entregamos à fantasia, e sim só narramos o que é autêntico.

Esses fatos, buscados em documentos oficiais de tal cunho, bastam para, de vez, convencer o leitor do quanto de sinceros somos na execução da tarefa a que nos impusemos de dizer o que de bárbaro, de aviltante, de degradante envolveu o negro manto que agasalhou a maldita instituição.²³²

"*Dizer o que de bárbaro, de aviltante, de degradante envolveu o negro manto que agasalhou a maldita instituição*" é uma das formas pela qual José de Nazareth, assim como outros intelectuais negros daquele momento, travam a disputa pela história oficial, por uma narrativa histórica do Brasil que coloque o negro na condição de protagonista. Por isso a validade de se escrever um romance que narra as "cenas do cativeiro". Assim, é possível fazer

²³¹ "Folhetim do Getulino n. 12". *Getulino*. Campinas, 21 de setembro de 1923, p.2.

²³² "Folhetim do Getulino n. 13". *Getulino*. 28 de outubro de 1923, p.2.

com que mais homens e mulheres, negros e negras, conheçam alguns aspectos da sua história e possam—investir em sua auto-estima e utilizar este conhecimento como arma contra os preconceitos. Não só narrar, mas evidenciar o lado "bárbaro", "aviltante" e "degradante", portanto injusto desta história. Como já mencionado no capítulo anterior, esta é uma das "frentes" que os intelectuais negros assumem, em seus artigos nos jornais. Mais uma convergência possível entre o texto jornalístico e literário, tanto de abordagem quanto de objetivo.

Além de uma disputa pela História, ou seja, um olhar para o passado, o romance nos mostra como o intuito de Nazareth é também um olhar para o presente. A busca por uma afirmação histórica é uma das estratégias para uma plena integração na sociedade paulista - e no limite, brasileira - das primeiras décadas do século XX. Um modo viável de conquistar espaço seja no mercado de trabalho, nas relações interpessoais e institucionais e a partir da ideia de "evolução moral" e "retidão de caráter". Vimos previamente como, no plano cotidiano, o racismo se manifesta em afirmações de incapacidade como inerentes ao negro, vetando oportunidades. Defender a "evolução moral" é, portanto, um ataque - no mesmo plano - a esses argumentos.

Esta questão aparece no romance quando dois de seus protagonistas, Laurindo e Severina são louvados pelo autor por terem qualidades reconhecidas pela sociedade como fortemente positivas. Laurindo, por exemplo, era "*econômico e sem vícios*", e "*tudo fazia para acumular dinheiro a fim de cumprir a sua promessa feita, em confissão, ao padre Marcondes, quando asseverou a este que havia de indenizar o coronel Solano, do valor da jóia*". Significa dizer que o "bom africano" conseguiu acumular dinheiro suficiente para quitar a sua dívida, tanto pela sua força de vontade e honestidade, quanto pela sua vida sem vícios como o álcool, constantemente combatidos pelos articulistas negros do período. O personagem do coronel, inclusive, ao ficar pobre, "*só possuía uma modesta vivenda no arraial, onde ia diariamente, se entregando abusivamente às libações alcoólicas até o dia em que entregou a alma a Deus*"²³³, indicando o quão perniciosas são as "*libações alcoólicas*" por serem associadas ao grande vilão da história, quanto por terem levado ele à morte.

Já Severina concentrava vários dos atributos que se considerava ideais para uma mulher: pureza, bondade, caridade, honestidade, castidade, entre outros. Até o "*amor nutrido*

²³³ "Folhetim do Getulino n. 29". *Getulino*. Campinas, 17 de fevereiro de 1924, p.2.

no generoso coração de Severina" era puro. Afastando-se de ideias de promiscuidade, o que ela sentia "*era o verdadeiro sentimento, que para ser sincero deve ser puro, tão casto como o afeto maternal*". Mas não só o amor da mulher deveria ser puro, como também o do homem. E este amor "correto", "*era retribuído por Laurindo com toda a igualdade (...) Amavam-se igualmente*". Deste modo, o autor se preocupou em compor dois personagens que personificam um padrão moral valorizado, em várias instâncias da vida social, aproximando discurso político e literário. Não por serem estes intelectuais simples "puritanos" e "carolas", ou "negros aburguesados", "de alma branca", como parte da historiografia mais tradicional²³⁴ e do senso comum pode dar a entender.

Mas por que são defendidos certos padrões de comportamento, mais do que julgá-los. Numa sociedade ávida por comprovações de que o negro é inferior, física e moralmente, a defesa de um comportamento que não dê força a esses argumentos, ao contrário, acentue características iguais aos dos brancos "quase perfeitos" é bastante plausível.

Mais um aspecto importante que é visível em *A Boa Severina* e que aproxima o discurso de José de Nazareth do de outros intelectuais negros da década de 1920 em São Paulo, é a forma como o romance representa os personagens estrangeiros. Como já mencionamos o estado de São Paulo, desde o século XIX, privilegia a mão-de-obra estrangeira branca frente a negra. O imigrante europeu é recebido como o elemento que irá "civilizar" o país, afastando-o do atraso representado pela escravidão e - no limite - pelo negro. Nas primeiras duas décadas do século XX, imigrante europeu é maioria do operariado das fábricas paulistas e dos pequenos comerciantes, onde "em 1893 os imigrantes já constituíam 80% do pessoal ocupado nas atividades manufatureiras e artesanais", enquanto a maioria dos homens negros ocupa postos de trabalho informal e as mulheres são empregadas

²³⁴ Roger Bastide, por exemplo, fala em um "puritanismo negro", afirmando ainda ser a poesia de Lino Guedes "o mais puro retrato de tal puritanismo", pois "estigmatiza a indecência das vestes" e pede "a essas mocinhas que não procurem emprego nas fábrica" ou as "casas dos brancos", pois a "usina, as residências da gente abastada são lugares de perdição". O poeta diria ainda que não "nos censuram por sermos pretos", mas por afirmarem que "somos escandalosos, que não prestamos senão para a concubinação, tratam-nos de 'sujeira', e por isso, devemos nos adstringir a uma severa moral e ao respeito dos antigos costumes". (BASTIDE, 1983 [1944], pp. 107-109).

no serviço doméstico. No bairro do Bixiga, por exemplo, várias pessoas negras moravam ou em cortiços ou nos porões das casas de italianos e portugueses²³⁵.

Desta feita, os intelectuais negros do período nutriam certas hostilidades para com o imigrante europeu. Benedito Florêncio, em seu artigo "Os pretos em São Paulo", publicado no *Getulino* e republicado no paulistano *O Kosmos*²³⁶ afirma categoricamente que "*os estrangeiros querem nos transformar em hóspedes indesejáveis*" em sua própria pátria, quando "*certa gente estrangeira está pondo em execução contra o pobre negro brasileiro*" um "*preconceito absolutamente intolerável*"²³⁷. Na mesma toada, Lacerda Werneck brada, em 1923: "*malditos sejam os brasileiros que julgam o negro patricio um ser fora da comunhão nacional desta pátria*". E em relação aos "neo-brasileiros", parte destes "malditos" afirma:

Senhores meus, bem sei que os "neo-brasileiros" não podem como nós, nutrir o mesmo sentimento que nós, pois eles tem a lhes clamar a voz do sangue.

Eles tem como brasileiros, o "jus soli", mas nós, os representantes das gerações remotas, brancos ou pretos, temos além da que um direito mais lidimo, qual o "jus sanguinis".

Eles, como nós, nasceram no Brasil, mas não podem invocar o direito do sangue, que clama sempre, ao impulsionarmos o coração, pelos parentes, pelas coisas da pátria.²³⁸

Enquanto alguns ressaltavam que o Brasil aceitava todos, afirmando que aqui todos eram (ou deveriam ser) irmãos (ALBERTO, 2001, pp. 40-44), outros tratavam os estrangeiros como aproveitadores, mesquinhos e desonestos. É desse último modo que os personagens estrangeiros são construídos por Nazareth.

O mais evidente deles é d. Braz Aguirra. Uma vez que "*o Brasil era a Terra da Promissão, o Eldorado, com o qual sonhavam os que precisavam se furtar às agruras do cárcere, com passaportes falsos para aqui vinham, aos bandos, os que procuravam viver vida*

²³⁵ Cf. ROLNIK, Raquel. "Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro)" *Estudos Afro-Asiáticos*, nº17, 1989, Rio de Janeiro.

²³⁶ *O Kosmos*. São Paulo, 21 de dezembro de 1924, p.1

²³⁷ "Os Pretos em São Paulo". *Getulino*. Campinas, 5 de outubro de 1924, p.1

²³⁸ "Concurso de Beleza". *Getulino*. Campinas, 21 de outubro de 1923, p.1

de aventuras", Aguirra, "cujo cadastro criminal figuram o seu nome num processo por crime de morte para roubar"²³⁹, aqui chegou para lucrar - e explorar - o negro "nacional". Tanto que Aguirra, este "audacioso ladrão"²⁴⁰, colocava em prática vários planos de como ganhar dinheiro em cima da exploração da venda de escravizados. Tamanha a falta de empatia que Nazareth nutria por d. Aguirra, que o destino do personagem foi não só perder tudo o que conquistara com seus "crimes", mas foi colocado no tronco, sofrendo o mesmo castigo que tantos escravizados sofreram, e deportado no brigue "Ciudad de Madrid". Mais tarde, o brigue naufragara. "Assim recebeu Aguirra o castigo merecido"²⁴¹.

Além de Aguirra, surgem no texto mais 3 personagens estrangeiros com características parecidas, dois portugueses e um espanhol. Os portugueses são o "avarento" comerciante Custódio de alcunha "Vinagre", de quem Laurindo suspeitava ter seduzido Severina²⁴², e outro "vendeiro", Joaquim de Seixas Mendes. Conhecido como "morgado", foi este tipo "afeito a compra de contrabandos de gêneros de estiva" que ajudou o mestre Silveira a dar cabo ao plano de ficar com a herança de Laurindo. Ajudou se fazendo de testemunha e ainda "arranjou outra testemunha, um espanhol que tinha um pequeno sítio em Jacarepaguá"²⁴³. Assim, todos os personagens estrangeiros, portugueses e espanhóis, que surgem na trama de *A Boa Severina* compartilham do estigma de serem aproveitadores, enganadores, desonestos e outros "predicados" que os coloca como pessoas de má índole.

Outra questão importante que surge na obra de Nazareth é a religião. A todo o momento o autor se refere à cristandade, à igreja católica e a figura de Deus. A própria palavra "Deus" se repete cerca de 70 vezes ao longo do romance, junto com mais 5 em que aparece o termo "criador", como sinônimo²⁴⁴. Quando o personagem apresenta ações ruins, é porque não segue os ensinamentos de Deus. Como o feitor Miguel, "que nunca teve remorso,

²³⁹ "Folhetim do Getulino n. 7". *Getulino*. Campinas, 16 de setembro de 1923, p.2

²⁴⁰ "Folhetim do Getulino n. 12". *Getulino*. Campinas, 21 de outubro de 1923, p.2

²⁴¹ "Folhetim do Getulino n. 16". *Getulino*. Campinas, 18 de novembro de 1923, p.2

²⁴² "Folhetim do Getulino n. 45". *Getulino*. Campinas, 6 de setembro de 1924, p.2

²⁴³ "Folhetim do Getulino n. 48". *Getulino*. Campinas, 28 de setembro de 1924, p.2

²⁴⁴ A transcrição do romance feita pelo autor e disponível em apêndice, conta com 100 páginas, em fonte Arial 12 e espaçamento 1.5 entre as linhas. Ou seja, uma referência a Deus aparece em 3 de cada 4 páginas do romance.

porque este só medra nas consciências puras, nos espíritos eleitos de Deus"²⁴⁵ ou os filhos do coronel Solano e d. Margarida, quando ela lembra das palavras do seu então falecido marido: "*Margarida, nossos filhos entregaram-se aos vícios, perderam o amor de família e o respeito devido a Deus. Eu vejo em tudo isso o dedo de Deus. É o castigo do céu que cai sobre nós*"²⁴⁶. Quando se apresenta ideias ligadas à noção de bem, também se invoca a Deus, como os quilombolas, "*pobres criaturas de Deus, reduzidas pela barbaridade dos homens, ao estado de escravos*"²⁴⁷ e quando d. Margarida muda sua índole e passa a ser uma boa pessoa, é porque a ex-senhora "*havia purificado pelas lágrimas que se lhe não orvalhavam as faces, inundavam-lhe o coração. A regeneração é, de fato, possível, enquanto negá-la é negar a misericórdia infinita de Deus!*"²⁴⁸. O próprio fato de Laurindo ter encontrado o anel, e a posterior felicidade do casal era graças aos desígnios do "criador". Severina exclama ao seu companheiro: "*Como somos felizes! Laurindo, Deus nos concedeu a grande ventura de nos tornarmos livres e a felicidade de nos libertarmos da vida taciturna da roça*"²⁴⁹. Mas quando seu marido conta toda a história sobre como encontrou o anel e como conseguiu sua liberdade, ela indaga: "*Mas Laurindo, devemos, então, a nossa liberdade a um simples acaso?*". Laurindo, tacitamente responde: "*Não! À misericórdia de Deus, que assim nos proporcionou tamanho bem*"²⁵⁰. A presença da igreja e da religião católica é tão grande no romance que a fazenda São Solano, principal espaço da narrativa, é descrita como "*propriedade de católicos práticos, como bem o atestava a capela ereta no centro do pátio, sob a invocação de São Solano*"²⁵¹, cujo santo dava nome à fazenda. Além disso, o grande personagem que une todos os outros, desde o coronel e sua família até Laurindo e Severina é o padre Marcondes.

Nos jornais da Imprensa Negra, os articulistas sempre se remetem à religião católica, de forma muito parecida com a que faz Nazareth no seu folhetim. Associando o Deus católico ao que há de bom e a um distanciamento de seus ensinamentos quando se referem a algo de

²⁴⁵ "Folhetim do Getulino n. 2". *Getulino*. Campinas, 12 de agosto de 1923, p.2.

²⁴⁶ "Folhetim do Getulino n. 38". *Getulino*. Campinas, 19 de abril de 1924, p.2.

²⁴⁷ "Folhetim do Getulino n. 4". *Getulino*. Campinas, 26 de agosto de 1923, p.2.

²⁴⁸ "Folhetim do Getulino n. 40". *Getulino*. Campinas, 13 de maio de 1924, p.2.

²⁴⁹ "Folhetim do Getulino n. 38". *Getulino*. Campinas, 19 de abril de 1924, p.2.

²⁵⁰ "Folhetim do Getulino n. 39". *Getulino*. Campinas, 1 de maio de 1924, p.2.

²⁵¹ "Folhetim do Getulino n.1". *Getulino*. Campinas, 5 de agosto de 1923, p.2

ruim. Por exemplo, somente na primeira do *Getulino* de 5 de outubro de 1924, encontramos dois artigos com este cariz. Um, afirma categoricamente que a escravidão é uma "*praga inominável, contra a qual a Igreja sempre se bateu com valentes armas nas mãos*", e o outro diz que "*o amor é o único reflexo da etérea luz [que] Deus permitiu escapar do manto celestial*"²⁵². Desta forma, encontramos na documentação consultada mais um exemplo de como o folhetim de José de Nazareth está em diálogo com as ideias dos jornalistas negros na São Paulo das primeiras décadas do século XX.

Não só a Literatura fala como pode trazer questões que os textos opinativos não trazem. Por exemplo, é em *A Boa Severina* que se encontra a única manifestação latente de religiosidade afro-brasileira. Se lembrarmos de que na década em que o folhetim é publicado, o culto de religiões de matriz africana ainda é considerado crime, a escrita literária possibilita uma brecha que os artigos não permitem. Lembramos de uma conversa entre Laurindo e o padre Marcondes na qual o vigário conta como o coronel Solano

morreu numa alucinação diabólica, gritando: Passem o bacalhau nesse negro! Tirem daí para fora o Marciano e levem para o tronco esse diabo que se chama Pai Pedro! Senhor Miguel, não me quer o senhor atender! Era enfim a visão do passado! Você ainda não pertencia ao coronel, quando foi supliciado o Marciano, morrendo em virtude das pancadas, que recebeu no "bacalhau".

Em seu leito de morte, o coronel Solano via Marciano. Aproveitando o ensejo, Laurindo pergunta ao padre: "*Que me diz, senhor padre! Seria visão mesmo, ou coisa imaginária? Olhe que no Rio de Janeiro há gente que acredita na aparição das almas dos mortos*". Faz questão de evidenciar que "*não é isso, o que chamam no interior de 'alma do outro mundo', nem 'mula sem cabeça', ou 'sacis', mas coisa diferente*". Começa então a contar que "*no caminho do Realengo e na estrada real de Santa Cruz, não passa ninguém, à noite, indo sozinho. No 'Pouso do Tenente', encruzilhada, que fica na estrada do Iguaçu, toda a sexta-feira aparece um oficial de milícias, que, bramindo a espada, avança contra todos*"²⁵³.

²⁵² *Getulino*. Campinas, 5 de outubro de 1924, p.1

²⁵³ "Folhetim do *Getulino* n. 29". *Getulino*. Campinas, 17 de fevereiro de 1924, p.2.

O importante aqui é notar a palavra encruzilhada. Nas religiões de matriz africana, a encruzilhada é um espaço energético muito forte e o domínio de Exu, orixá dos caminhos²⁵⁴.

Para nós, o uso desta palavra associada à aparição de um espírito, uma entidade, não é coincidência. Principalmente porque após esse momento, outras referências à aparições de espíritos surgem no texto. Quando Severina resolve vender-se como escrava, por não considerar justa a forma como conquistou sua liberdade, teve "*uma visão consoladora: apareceu-lhe d. Margarida, que lhe disse ter o seu sacrifício agradado a Deus e que ela ia em breve, ter a recompensa dos que cumprem o seu dever*"²⁵⁵, é uma delas. Em outra, foi Laurindo quem, "*nos últimos momentos de vida*" do "*pobre africano (...) teve visões belíssimas, nas quais Severina se lhe apresentou em espírito*"²⁵⁶. A junção da referência à encruzilhada com as aparições "*em espírito*" nos levam a crer que estamos diante de uma referência que parece ser à Umbanda, religião de matriz africana cujo nascimento é reconhecido como sendo no mesmo Rio de Janeiro em que Laurindo afirma ter "*gente que acredita na aparição da alma dos mortos*" entre os séculos XIX e XX, da confluência de simbologias e cosmogonias típicas das religiões católica, espiritismo kardecista e do candomblé, como hoje convencionase chamar a religião de culto às entidades africanas relacionadas à força da natureza, os orixás²⁵⁷.

O desfecho do enredo das "cenas do cativo" reserva um triste fim para o casal Severina e Laurindo. Tanto escravizados como livres, não lograram ter uma vida de paz e felicidade. Durante a "inominável" escravidão, uma vida de muito trabalho, castigos e privação de liberdade e, depois de uma liberdade que foi conquistada de forma que não trouxe tranquilidade à consciência, Laurindo com a sensação de dívida para com o padre Marcondes e d. Margarida e mais ainda, Severina com a crença de que aquela liberdade não era digna, a intranquilidade imperou. Veio do padre Marcondes a justificativa da legitimidade do uso do anel para a conquista da liberdade:

Represento, pois, concluiu o padre, a santa igreja católica, apostólica romana, a qual, esposa do Espírito Santo, não pode de forma alguma, obrigar

²⁵⁴ Cf. SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exu: o guardião da casa do futuro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

²⁵⁵ "Folhetim do Getulino n. 43". *Getulino*. Campinas, 15 de junho de 1924, p. 2.

²⁵⁶ "Folhetim do Getulino n. 47". *Getulino*. Campinas, 21 de setembro de 1924, p.2.

²⁵⁷ Cf. SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

a ser restituído por um cristão - um ente roubado na longínqua África - um objeto por ele achado, desde que o possuidor dessa vítima é o detentor de um homem roubado à família e privado da sua liberdade, salve-se, antes, o homem, porque é resgatável a dívida que Laurindo contrairá!²⁵⁸

Mesmo com a alegação do padre os personagens mantêm-se firmes no que acreditam, tanto que Laurindo faz de tudo para recompensar sua ex-senhora e Severina prefere voltar à condição de escravizada. O que os impede é a sua consciência, sua retidão de caráter e elevada "moralidade". Mesmo sabendo Nazareth que o verdadeiro crime era aquele praticado pelos que usufruem do trabalho escravizado, a mensagem que queria transmitir não estaria completa se não deixasse bem clara a honestidade de seus protagonistas. A prosa de José de Nazareth, resultando em um interessante romance, em diversos aspectos, não é desinteressada. Como tudo que se publicou na Imprensa Negra paulista do começo do século XX, o folhetim é uma tomada de posição na arena social, onde se disputa pelas letras, espaço e direitos, braço a braço. Punho a punho.

E, enquanto nas brenhas de uma cordilheira cheia de abismos, descansam os restos mortais de Severina e na necrópole pomposa da Corte se achava o corpo de Laurindo, todos os haveres deste foram parar na velha Europa, atravessando as mesmas águas sulcadas pelo navio negreiro que trouxe ao Brasil o africano infeliz.

Por sobre o argento lenço do Atlântico, esvoaçavam as garças alvas, enquanto na última morada de Severina, o solitário "curiango" com o seu cantar monótono vai despertando infinita tristeza e a coruja no cemitério carioca com o seu piu agourento pousa na tosca cruz onde os ossos de Laurindo, reduzido aos restos mortais se confundem com os de outros atirados na grande vala comum destinada ao recolhimento dos esqueletos existentes nos túmulos abandonados.

Ao menos, à boa Severina coube repousar perpetuamente na sua sepultura nesse silêncio e nessa quietude reservada aos que foram bons na peregrinação errante.²⁵⁹

²⁵⁸ "Folhetim do Getulino n. 18". *Getulino*. Campinas, 2 de dezembro de 1923, p.2.

²⁵⁹ "Folhetim do Getulino n. 48". *Getulino*. Campinas, 28 de setembro de 1924, p.2.

Capítulo IV - "Um Punhado de Versos que Traduz Seu Grande Sentimento" - a poesia negra

"A poesia é a florescência radiosa e divina da espiritualidade". Assim começa Amadeu Amaral a falar sobre esta forma literária tão cara aos intelectuais negros em São Paulo. Como explicitamos é a poesia o principal elemento de ligação entre toda a Imprensa Negra paulista, entre 1915 e 1931. Fazem-se presentes em quase todas as edições de todos os títulos²⁶⁰ destes periódicos.

A poesia, "*a mais fina e melindrosa expressão da vida intelectual*", assume nos jornais diversas facetas, variando nas formas e nos temas. Mesmo assim, é possível identificar alguns traços fundamentais e pontos de encontro entre a produção poética de intelectuais negros. Para isso, centraremos nosso olhar na produção de alguns poetas, que em conjunto contêm as principais características da poesia publicada nos jornais da Imprensa Negra. A maioria destes intelectuais consegue convergir na sua trajetória apresentando uma produção literária e uma ativa militância no movimento negro daquele período, mostrando como a poesia adquire um tom combativo, contestatório, fundamental na luta em prol da "classe dos homens de cor". Além disso, parecem seguir a indicação de Amadeu Amaral, de amar "*com religioso fervor a vossa arte, a misteriosa, a augusta, a eretora e benfazeja Poesia*"²⁶¹

IV. 1 - Deoclé

"Um dos nomes de mais evidência na intelectualidade paulistana", que "*enche de orgulho, no Brasil, a raça negra*"²⁶², o guarda-livros e contador nascido em Minas Gerais e radicado em São Paulo, Deocleciano Nascimento, conforme já destacamos é um dos intelectuais negros mais atuantes na Imprensa Negra de São Paulo. Foi ele o redator-chefe de *O Menelik*, jornal que marca o início da nossa baliza cronológica. Deocleciano foi ainda redator do jornal *Auriverde* e, com o prestígio adquirido no meio jornalístico negro, vem a ser

²⁶⁰ Exceções: *O Alfinete*. São Paulo, 9 de março de 1919 e 28 de setembro de 1921; *O Bandeirante*. São Paulo, setembro de 1918 e abril de 1919; *O Xauter*. São Paulo, 16 de maio de 1916.

²⁶¹ "A Poesia". *Getulino*. Campinas, 10 de agosto de 1924, p. 3.

²⁶² *Getulino*. Campinas, 7 de setembro de 1924, p.1.

redator responsável e diretor, entre 1933 e 1936 do órgão oficial da Frente Negra Brasileira, o periódico *A Voz da Raça*. Nascimento, além de um jornalista consagrado em seu meio se destacou como um literato bastante produtivo. Só no primeiro número de *O Menelik* publicou 2 poemas, 2 contos e uma coluna assinada como "deoclé", além dos textos editoriais não assinados, mas provavelmente de sua lavra. Podemos ver sua poesia ainda nos jornais *Getulino*, *Auriverde*, *Clarim d'Alvorada* e *O Kosmos*.

"Regozijo

À Exma. Sra. D. Maria José de Almeida, distinta oradora e presidente do Clube 13 de Maio de São Paulo

São dias felizes, repletos de venturas,
Esses que vos leva de glórias rodeada,
Porque sois vós a mais gentil e admirada
Do quadro juvenil das lindas criaturas.

Nas festas certo é: das tantas formosuras,
A voz do oradora, a ti é confiada;
E ouve-se ela, terna, suave e denodada
que de tu'alma vem guiadas de returas!

No meio da palavra que de tu'alma salta,
as vozes - muito bem - do auditório, aparta
a tua que é sonora, meiga e primorosa!

Sempre no final da tua oração
Ouve-se profunda e longa ovação
De palmas que dá glória a ti que és talentosa"²⁶³.

Como "Regozijo", poema que estampa a primeira página do primeiro número de *O Menelik*, a grande maioria dos escritos de Nascimento encontram-se na forma de soneto. A escolha parece bastante consciente. O soneto é uma forma poética cuja origem remonta ao século XIII, popularizou-se no XVI e foi bastante importante nos movimentos literários dos

²⁶³NASCIMENTO, Deocleciano. "Regozijo". *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p. 1 .

séculos XIX e princípios do XX. Ele é formado por duas quadras e dois tercetos, ou seja, quatorze versos em geral decassílabos, que obedecem a uma rígida estrutura de rimas (abba / abba / cde / cde e variações) e métrica. Foi uma das formas prediletas de poetas brasileiros consagrados, inclusive dos intelectuais negros da época como Olavo Bilac, Machado de Assis e Cruz e Sousa. Nas palavras de Massaud Moisés, "*por essas características e pela dificuldade que interpõem ao poeta, o soneto tem constituído uma espécie de pedra de toque para todos quantos se abalançam a escrever poesia*" (MOISÉS, 1968, pp. 81-82). Foi a forma poética preferida dos literatos dos jornais negros.

Como Deocleciano Nascimento descreve *O Menelik "é literário, para mostrar ao mundo a sabedoria que ocultamente vagueia no cérebro da classe"*. Se este é o objetivo final, o soneto como estrutura que exige domínio da língua, rimas e métricas é uma ótima maneira de expressar esta "sabedoria". Dominar a forma é argumentar a favor da capacidade de um poeta. No limite, da capacidade intelectual dos negros.

Em "Regozijo" vemos como a homenagem que o autor presta à uma mulher, D. Maria José de Almeida, que em 1915 era presidente de um dos principais clubes negros de São Paulo, o Clube 13 de Maio²⁶⁴. A partir deste poema, verificamos como a preocupação com a métrica e a descrição de um "objeto" aproximam o autor da estética do Parnasianismo, cuja poética se situa "*na convergência de ideais antirromânticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma*" (BOSI, 2015 [1970], p.233).

Apesar do culto da forma não consideramos possível afirmar que este poema nem o conjunto da obra de Deocleciano Nascimento apresentam a pura "*arte pela arte, aspirando a desfazer-se de qualquer compromisso com os níveis da existência que não os do puro fazer mimético*" (BOSI, 2015 [1970], p.235). Aqui, o poeta escolheu homenagear uma figura proeminente do movimento negro daquele momento, e isto não pode ser entendido como "objetividade no trato do tema". Uma vez mais encontramos uma poesia dedicada aos "homens de cor" e a sua luta por direitos na sociedade brasileira. "*Mostrar ao mundo a sabedoria que ocultamente vagueia no cérebro da classe*" é aqui forma e conteúdo.

²⁶⁴ Deocleciano escreve outro texto com inspiração feminina, em "dedicado ao quadro de damas do G. R. José do Patrocínio, de Campinas. É o poema "Boas Festas", onde fala da beleza das flores e em seguida diz, às homenageadas leitoras: "De boas festas, eu sem ter receio / vos darei flores, que eu colher do prado / Em meros versos, que aceitá-los creio". "Boas Festas". *Getulino*. Campinas, 16 de dezembro de 1923, p.1.

Entretanto, nem todos os poemas de Nascimento contemplam a luta antirracista. Há sim poemas em que o autor conversa com "um passarinho" sobre uma mulher, perguntando: "*não viste a turba encantada/de faleninhas mimosas/ao redor da minha amada/risonha colhendo rosas?*"²⁶⁵. Ou seja, mesmo a preocupação com a rima, o ritmo, a métrica e o vocabulário rebuscado continuam existindo e demonstrando "a sabedoria" de Nascimento que não se furtou a variar os temas escolhidos para tratar em seus poemas. Aparentemente, foi entre os anos de 1923 e 1924 que se concentrou a maior parte de sua produção literária tratando de temas relacionados ao negro enquanto grupo social, mais do que sujeito individual.

Foi ao longo desses anos que sempre que publicava um poema, Deocleciano Nascimento o colocava como parte de "a Musa Etiópica, em preparo". Este livro, que seria uma compilação de diversos poemas de sua autoria e que traria o negro, sua história suas questões próprias como grande temática, ao que tudo indica, não foi publicado. Mas, graças aos jornais negros do período, temos acesso a uma parte da sua obra, como o poema "Evolução":

Surge a casta aurora beijando as perfumosas
Flores do além prado!...Do meu jardim, contente,
Desperta um colibri, que olha, atentamente,
Da borda de seu ninho, as orvalhadas rosas!

Talvez que borboletas, muitas e mimosas,
Que moram também lá no prado florescente,
Contemplam o sumir da lua no poente
Ao som da cantarola d'aves primorosas

Some-se no clarão infindo, desmaiado,
Do céu, a estrela d'alva, ao perceber a aurora,
Beijar o coração do meu Brasil amado!...

E o hino do progresso, nesse coração
Fecundo, altivo surge em tom que revigora,

²⁶⁵ NASCIMENTO, Deocleciano. "A um passarinho". *O Auriverde*. São Paulo, 29 de abril de 1928, p.3.

O nascer do sol, a "casta aurora" que surge das trevas e ilumina a natureza trazendo consigo a ideia de vida, de renascimento, representados entre outros pelos "colibris", "borboletas" e "rosas". Da mesma forma invoca o autor o surgimento da "bela e franca evolução" no "coração fecundo, altivo" da "raça negra". Assim como visto no capítulo anterior, a ideia de "evolução" e "progresso", tanto material quanto "moral" é presença perene no discurso dos intelectuais negros. Também indicado como parte do "Musa Etiópica" Nascimento escreveu em 1924, versos bastante didáticos. Conversa com um poeta - talvez ele mesmo - e indica o caminho que deve seguir na sua poesia, sobre o quê deveria escrever um "Poeta Negro". Não deveria ser qualquer escrita, mas "versos imortais", já que o poeta negro precisava ser "altivo em plena linha reta".

Poeta Negro

Na margem dum formoso ribeirão,
Eu vi-te pensativo!
Que pensavas, genuíno coração,
Dos poemas cativo?...

Meditavas algum fecundo tema,
À meiga poesia,
Daquele deslizar de água fria,
- Um lindo teorema!

Eu vi que tu: poeta com amor,
Olhava-te nascente,
Enquanto, então, da líquida corrente,
Ouvia-se o rumor.

Oxalá que um anjinho meigo e louro,
Embalando o teu sonho,
Condene-te a traçar com pena d'ouro
Um poema risonho!

²⁶⁶ NASCIMENTO, Deocleciano. "Evolução". *O Kosmos*. São Paulo, 16 de março de 1924, p.1.

Aí tu deves, genial poeta,
Uns versos imortais,
traçar, altivo em plena linha reta,
À raça de teus pais.²⁶⁷

Nascimento pede a outro poeta que faça "versos imortais (...) à raça dos teus pais", mas esta indicação é também a ele mesmo. Entretanto, não se furta a falar de outros temas, como um "amor de carnaval". No poema "*lindinha*" conta como "*dentre um esplendor de um baile à fantasia / vi-te, mimosa, muito bem vestida*". Era uma moça que também se enamorou pelo eu lírico, mas "*esse amor, sem amor sentimental / foi um sonho sonhado por nós dois / num delírio sem par, num carnaval*"²⁶⁸. Mesmo assim, quase como um dever, o poeta tem de honra a "raça dos seus pais" não só com a demonstração da sua capacidade intelectual pela forma empregada como pelo tema escolhido. Neste sentido aponta para um esforço mais do que poético, político.

Este esforço se faz presente em outro poema, "*Do meu canto*". Julgando-se ainda pouco capaz na "arte", o autor não se furta ao seu desejo, quase uma necessidade, de compor seu "canto". Deocleciano Nascimento, "*mavioso cantor da Musa Etiópica*"²⁶⁹, como os editores do *Getulino* o qualificam, explica em versos ao leitor a sua lida (e sua lira).

Do Meu Canto

Sonhar um lindo sonho que se refira
Ao canto matinal da passarada,
Minh'alma bem quisera, mas a lira
Que empunho é fraca e está desafinada...

Quisera colocar na madrugada,
Os sons que meus afetos dela tira,
Ou lá no além, na abóbada azulada,
Onde habita o Senhor, que o mundo mira...

²⁶⁷ NASCIMENTO, Deocleciano. "Poeta Negro". *Getulino*. Campinas, 13 de julho de 1924, p.1

²⁶⁸ NASCIMENTO, Deocleciano. "Lindinha". *Getulino*. Campinas, 2 de março de 1924, p.4.

²⁶⁹ *Getulino*. Campinas, 16 de dezembro de 1923, p.1.

Quisera mas não sei da poesia,
Arquitetar-lhe as rimas com encanto,
Entre os sorrisos mudos da magia!...

Mas mesmo sem saber vou afinar
A pobre lira minha e do meu canto,
A evolução do negro vou cantar!"²⁷⁰

IV. 2 - Laly, Leite e Jim de Araguay

Outros três intelectuais negros que como Deocleciano Nascimento uniram atividade jornalística e literária como forma militante foram Laly, Leite e Jim de Araguay. Todos os três eram pseudônimos e suas ideias são reveladas ao longo dos parágrafos.

Laly não é desconhecido da bibliografia como Deocleciano Nascimento. Roger Bastide (1983), Zilá Bernd (1988), Benedita Damasceno (1988), Cuti (2010) e Petrônio Domingues (2010), entre outros se debruçaram sobre a vida e a obra do intelectual que é comumente visto como o grande representante da literatura negra das primeiras décadas do século XX. Referimo-nos ao jornalista, escritor e professor Lino Pinto Guedes.

Nascido em 24 de junho de 1897 na cidade paulista de Socorro, Lino Guedes era filho de dois ex-escravizados: José Pinto Guedes e Benedita Eugênia Guedes. Sua criação e a de sua irmã Gracinda ficou a cargo de dona Benedita, pois seu pai morreu quando Laly ainda era um bebê. Com a ajuda paternalista de Olímpio Gonçalves dos Reis, ex-senhor dos seus pais, frequentou o grupo escolar da sua cidade natal. Aos 15 anos de idade mudou-se para Campinas, quando foi contratado como revisor auxiliar do jornal *Diário do Povo*. Ao mesmo tempo, mantinha-se atuante na militância, frequentando diversas associações negras, como a "Sociedade União cívica dos Homens de Cor". Em 1915, fundou jornal desta agremiação, o *A União*. Assim, aos 17 anos de idade iniciava sua trajetória na Imprensa Negra paulista.

Mas foi o ano de 1923 que marcou sua presença nos "jornais da raça". Na companhia de Gervásio de Moraes, outro intelectual negro de destaque, é fundador e redator-chefe do

²⁷⁰ NASCIMENTO, Deocleciano. "Do meu canto". *Getulino*. Campinas, 20 de janeiro de 1924, p.2.

jornal de propriedade dos irmãos Martinho e José de Andrade, o *Getulino*. Foi atuando neste periódico que Guedes alcançou prestígio no meio jornalístico negro do estado. No *Clarim d'Alvorada* foi saudado, junto com Gervásio Moraes, por serem os responsáveis pelo "*caro confrade Getulino que se publica na bela cidade campineira, órgão defensor dos nossos interesses*"²⁷¹ e elogiado pelos seus "*dotes literários*" que por ser "*jovem ainda, tem diante de si um largo futuro, que será por certo aproveitado para engrandecer a nossa raça*"²⁷².

Incentivado, também, por este deslumbre do "largo futuro", Guedes mudou-se para a capital paulista em 1926. Em janeiro do mesmo ano escreve seu primeiro artigo no *Clarim d'Alvorada*²⁷³ e, dois meses depois, tem início a sua coluna "*Klaxonadas*"²⁷⁴, sob o pseudônimo de Laly. Em 1928, funda o jornal *Progresso*, onde dará ainda mais vazão às suas ideias e aumentará o seu reconhecimento como importante figura do movimento negro. Seus textos, tanto no *Progresso* quanto nas colaborações em outros periódicos são coerentes com a sua trajetória no *Getulino*, defendendo a "evolução moral", o patriotismo e o "progresso da raça". Ao mesmo tempo trabalhou em jornais da grande imprensa como o Jornal do Comércio e o Diário de São Paulo, onde permaneceu até a sua morte em 1951. (DOMINGUES, 2010, pp.136-145)

Durante sua vida publicou diversos livros, principalmente de poesia. Petrônio Domingues lista alguns "*como 'Black' (1926), 'Canto do Cysne Preto' (1927), 'Ressurreição Negra' (1928), 'Negro Preto Cor da Noite' (1932), 'Urucungo' (1936) e 'Suncristo' (1951)*". O autor aponta *Black*, como o "*primeiro livro de poesia*" de Guedes. (DOMINGUES, 2010, p.161). Mas, de acordo com o jornal *Clarim d'Alvorada*, "*o poeta do cysne preto*" publicou "*o seu tão bem feito e engenhoso livrinho que se intitula: 'Black'*", em "*19 de Novembro de 1927*"²⁷⁵. A publicação de *Black* parece ter sido posterior ao "*livro de estreia do nosso prezado amigo e colaborador, Sr. Lino Guedes*". O "*Canto do Cysne Preto*" em junho de 1927 estava "*sobre a mesa de trabalho*" dos editores do *Clarim*.

Estes livros adquiriram hoje *status* de obras raras, posto que não receberam novas impressões ou edições mais recentes, mesmo sendo ele considerado por diversos autores

²⁷¹ *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 25 de janeiro de 1925, p.3

²⁷² "Colaboradores". *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 27 de dezembro de 1925, p.2

²⁷³ "Carecemos de um hospício". *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 24 de janeiro de 1926, p.2

²⁷⁴ "Klaxonadas". *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 21 de março de 1926, p.1

²⁷⁵ "Black!...". *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 5 de fevereiro de 1928, p.3.

como um ator fundamental na literatura negra no século XX, por trazer o "eu-enunciador" em seus textos. Significa dizer que a sua obra marca a presença do negro, não mais apenas como objeto, como era corrente na literatura da época, mas como sujeito poético, literário²⁷⁶. Os redatores do *Clarim* já apontavam em 1927 que "*o novo poeta que surge está destinado a conquistar, futuramente, muitas glórias*", pois sua obra compõe "*um punhado de versos que traduz seu grande sentimento, de uma literatura negra*"²⁷⁷.

Curiosamente, nos periódicos negros consultados aparecem publicados apenas dois poemas do "*aplaudido poeta*"²⁷⁸. Nem no *Getulino* ou no *Progresso*, jornais que dirigiu sua poesia estampa alguma de suas páginas. Pode ser por Guedes não querer "advogar em causa própria" e abrir mais espaço para outros poetas ou mesmo preferir aproveitar a liberdade que estas publicações lhe permitiam para expressar suas ideias em forma de artigo. De todo modo, a documentação consultada permite alguns comentários acerca de dois de seus poemas publicados na Imprensa Negra.

Em Julho de 1925, o *Clarim d'Alvorada* publica o poema *À Esperança* publicado antes do lançamento do seu primeiro livro, o *Canto do Cysne Negro*. Sua estrutura se esquia do soneto, forma poética mais encontrada nos jornais. Talvez estejamos diante de um texto "inicial" na trajetória de Guedes, uma vez que neste poema, fugindo das características pelas quais o poeta ficou conhecido não apresenta uma relação direta com as questões relativas aos negros. Vejamos:

A Esperança

à Felícia Assis

Sob um pálio bordado de turquesas,
Em verde sombra, como estranha fada,
Adormece a esperança desejada,

²⁷⁶ cf. BERND, op. cit, e CUTI, op. cit.

²⁷⁷ "O Canto do Cysne Preto". *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 18 de junho de 1927, p.2.

²⁷⁸ É bastante provável que mais de seus poemas tivessem sido publicados em o *Clarim d'Alvorada*, Em dezembro de 1925, o *Clarim* elogia Guedes, "de quem já publicamos uns excelentes versos". Uma vez que a série deste periódico está incompleta indicamos apenas que é provável que o poema seja da sua autoria cf. "Colaboradores". *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 27 de dezembro de 1925, p.2.

Como em seus leitos dormem as princesas;

A contemplá-la, assim, às vezes fico:

Sinto d'alma nos íntimos refólhos,

Estranha comoção que não explico,

Lembrando-me de ti, desses teus olhos!²⁷⁹

Reiteramos que o fazer poético destes intelectuais negros é em si uma tomada de posição política, como mostram estas duas quadras que falam de amor, mas que são também versos de combate. O outro poema de Laly que aparece nos jornais negros, ainda nos anos 1920 foi retirado de "*O Canto*" e publicado em *O Patrocínio*, de Piracicaba, em 1928, um ano após a publicação do livro impresso. Aqui, os versos já harmonizam forma e conteúdo na luta em defesa da "classe dos homens de cor":

Carvão Nacional

Um diabinho é Aracy

Parece até um Sacy

A travessa da negrinha

Em certa roda de samba

Fica a gente meio bamba

Com a graça da tiazinha

Indiscretos arregaços

Da saia mostram os passos

A poesia que tem

O samba. Ela requebrando

A todos vai convidando

Para dançarmos também.

E a Aracy, um certo dia

Aparece, quem diria,

Feita estrela teatral!

E ao refulgir da ribalta

Toda a negrada se exalta

²⁷⁹ GUEDES, Lino. "A Esperança". *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 26 de julho de 1925, p.3.

Neste poema pode-se notar que o "fecho de ouro" comum nos sonetos apresenta a valorização da mulher negra. Quando se torna "estrela teatral" Aracy, que já se destacava "em roda de samba" passa a ser valorizada por "toda a negrada". "A graça da tiazinha" alcança outro patamar quando está sob o "refulgir da ribalta". Sabendo da ideia que os intelectuais negros tinham sobre o "papel social da mulher", enfatizando a "virtude" e a "moralidade", Laly pode estar nos dizendo que a mulher negra para ganhar destaque deve sair das "rodas de samba", que na época não eram vistas com bons olhos por esta "classe média de cor" e alcançar um espaço mais "digno". Assim, conquistariam o lugar que merecem. Porém, neste poema Guedes não se opõe ou combate as "rodas", inclusive associando o samba à estimada palavra "poesia". Há uma exaltação ao "carvão nacional", a "beleza e a "graça" da mulher negra que basta ser posta em evidência para ser enaltecida".

Esta defesa da beleza da mulher negra era, sobretudo, direcionada aos próprios negros para que enaltecessem mais o "carvão nacional" e, assim, a própria raça. Algo semelhante ocorre quando vemos os concursos de beleza voltados para a mulher negra, como o que o *Getulino* promove em 1923. Uma grande festa - com direito a discursos, recitais de poesias, "match" de futebol e baile, foi dada em homenagem ao "*magnífico estupendo maravilhoso (...) sucesso obtido pelo concurso de beleza instituído por esta folha*". Todas as honras dadas, também, à sua vencedora, Laís de Moraes²⁸¹. Todavia fica evidente que o diálogo também é com a parcela branca da sociedade, que naquele período já associava "boa aparência" a "aparência branca", tendo os caracteres fenotípicos brancos como padrão de beleza. Esta manifestação do racismo é percebido pelos intelectuais negros, que propõem os concursos de beleza como uma das possíveis formas de combatê-la.

A exaltação da "graça" da mulher negras se faz de forma análoga aquela produzida pelos escritores do movimento da negritude francófona. Um dos seus expoentes, o senegalês Leopold Sendar Senghor, escreve em seu famoso poema *Femme Noir*, de 1945:

Mulher Negra

²⁸⁰ GUEDES, Lino. "Carvão Nacional". *O Patrocínio*. Piracicaba, 7 de setembro de 1928, p.1.

²⁸¹ "Concurso de Beleza". *Getulino*. Campinas, 21 de outubro de 1923, p.1

Mulher nua, mulher negra
 Vestida de tua cor que é vida, de tua forma que é beleza!
 Cresci à tua sombra; a doçura de tuas mãos acariciou os meus
 olhos.
 E eis que, no auge do verão, em pleno Sul, eu te descobro,
 Terra prometida, do cimo de alto desfiladeiro calcinado,
 E tua beleza me atinge em pleno coração, como o golpe certo
 de uma águia.
 Fêmea nua, fêmea escura.
 Fruto sazonado de carne vigorosa, êxtase escuro de vinho negro,
 boca que faz lírica a minha boca
 savana de horizontes puros, savana que freme com
 as carícias ardentes do vento Leste.
 Tam-tam escultural, tenso tambor que murmura sob os dedos
 do vencedor
 Tua voz grave de contralto é o canto espiritual da Amada.
 Fêmea nua, fêmea negra,
 Lençol de óleo que nenhum sopro enruga, óleo calmo nos flancos
 do atleta,
 nos flancos dos príncipes do Mali.
 Gazela de adornos celestes, as pérolas são estrelas sobre
 a noite da tua pele.
 Delícia do espírito, as cintilações de ouro sobre tua pele que ondula
 à sombra de tua cabeleira. Dissipa-se minha angústia,
 ante o sol dos teus olhos.
 Mulher nua, fêmea negra,
 Eu te canto a beleza passageira para fixá-la eternamente,
 antes que o zelo do destino te reduza a cinzas para
 alimentar as raízes da vida.²⁸²

Apesar de apontarmos essa proximidade temática entre Guedes, em 1927 e Senghor, em 1945, não queremos com isso afirmar ser a obra de Laly parte do que se convencionou chamar de movimento de negritude²⁸³. As ideias estão em movimento no Atlântico Negro e as

²⁸² Traduzido de Souza Castro. disponível em <<http://www.quilombhoje.com.br/ensaio/ieda/senghor.htm>>, acessado em 4 de janeiro de 2017.

²⁸³ Como sugere Oswaldo de Camargo, por exemplo. (CAMARGO, 1987, p. 75)

experiências comuns da diáspora fazem com que as formas de lidar com elas acabem se relacionando, em diferentes espacialidades e temporalidades. Neste sentido concordamos mais com Zilá Bernd quando ao comentar a aproximação entre Guedes e René Maran²⁸⁴, diz que há "*um traço comum em ambos: o embrião da negritude e a aspiração de transpor a linha de cor*" (BERND, 1988, p.73). Em "carvão nacional", podemos notar como a circulação de ideias e experiências comuns podem resultar em obras artísticas (literárias inclusive) que respondam de forma análoga, em circunstâncias que diferem no tempo e espaço.

O caso dos parceiros Leite e Jim de Araguay têm pontos de aproximação e distanciamento com o de Lino Guedes. José Correia Leite e Jayme de Aguiar (cujo pseudônimo é um anagrama) foram parceiros de longa data na militância negra da época, tendo fundado e dirigido o *Clarim d'Alvorada* ao longo dos seus mais de 15 anos de existência. Os dois tiveram infâncias distintas, mas ambas emblemáticas das experiências de vida de grande parte da população negra em São Paulo. Ambos cresceram no bairro do Bixiga. Leite, filho de empregada doméstica, enfrentou dificuldades financeiras quando criança, o que lhe trouxe barreiras ao ensino formal, por exemplo. Aguiar era de uma família "*protegida por antigos senhores - os Paula Sousa*", proporcionando que fosse "*matriculado no Coração de Jesus, um colégio em que não entrava qualquer um naquele momento*". A história de Aguiar, neste sentido, se aproxima da de Lino Guedes, cuja escolaridade formal lhes foi possível graças à interferência de uma família de "antigos senhores". Leite e Aguiar se conheceram ainda rapazes, brincando juntos pelas imediações do Bixiga. Anos depois se reencontraram já adultos, em um baile das diversas agremiações negras existentes na São Paulo daquela época. A partir daí, o caminho dos dois se tornou cada vez mais um caminho comum. Como Leite descreve:

Um dia reencontrei o Jayme de Aguiar. Já não era mais aquele moleque. Dei com ele num baile. Ele fez festa comigo. Era acostumado a frequentar bailes de sociedades. Só que tinha uma coisa que me incomodava. O Jayme de Aguiar, em todo nosso encontro, punha a mão no bolso e tirava um soneto e lia para eu ouvir. E, o que eu entendia de soneto? Outras vezes

²⁸⁴ Lino Guedes sabia quem era René Maran. Em março de 1924, em matéria do *Getulino*, comenta que os negros tem tido destaque na literatura internacional, e "o caso de René Maran, laureado com o prêmio Goncourt, não é isolado". *Getulino*. Campinas, 9 de março de 1924, p.3.

tirava uma crônica que ele não tinha onde publicar e lia também. Ele conhecia negros redatores de jornais...

Um dia ele me disse:

- Zé, você não vai se ofender, mas eu posso te dar umas aulas de português para ajudar a melhorar?

Eu respondi prontamente:

- Me ofender? Não. Você me faz um grande favor. É só marcar.
(CUTI, 1992, pp. 26-29)

Não tardou e eles uniram forças para fundar o *Clarim d'Alvorada*. A esta altura, Leite entendia bastante de soneto. É interessante notar como a experiência de vida destes dois intelectuais negros estabelece paralelos com o que defendem como nas páginas do *Clarim*. Foi com a ajuda de Aguiar que Leite pôde ter acesso a um professor pela primeira vez na vida e foi com a ajuda de Leite que Aguiar conseguiu ter "*onde publicar suas crônicas*". Não à toa, o *Clarim d'Alvorada* defendia sempre que a principal maneira do "homem de cor" sair da "*lastimável situação em que se encontra*" era através da união.

Os poemas de Leite e Aguiar foram publicados em outros jornais negros, como *O Patrocínio*²⁸⁵, *Auriverde*²⁸⁶ e *Getulino*²⁸⁷. Mas, ao contrário de Lino Guedes, o principal canal de divulgação poética de ambos foi o periódico que editavam. No primeiro número, quando ainda se chamava apenas *Clarim*, temos noção de como Leite e Jim da Araguay eram vistos por eles mesmos e pelos outros intelectuais negros. Mesmo os dois tendo atuado em ambas as frentes, Leite era o mais "militante", escrevendo mais artigos de opinião, organizando eventos e incentivando a criação de organizações negras, enquanto Jayme de Aguiar era o literato, o "poeta". Em *O Patrocínio* e no *Auriverde*, por exemplo, apenas poemas de Aguiar são publicados, enquanto Leite publica artigos²⁸⁸. Na edição inaugural de 6 de janeiro de 1924 são publicados, lado a lado, um artigo de nome "a união faz a força", de Leite, e o poema "*as flores*", assinado por Jim de Araguay.

As Flores

²⁸⁵ *O Patrocínio*. Piracicaba, 7 abril de 1927, p.2.

²⁸⁶ *Auriverde*. São Paulo, 15 de abril de 1928, p.1.

²⁸⁷ *Getulino*. Campinas, 23 de novembro de 1924, p.2.

²⁸⁸ "A Vitória do Esforço". *O Patrocínio*. Piracicaba, 20 de outubro de 1929, p.7.

Senhora! és tão delicada,
Tens um nobre coração,
És minha rosa adorada,
Por amor de Deus - Perdão.

Fui uma tarde ao fardim,
colher um botão de rosa,
Passou bem perto de mim
uma donzela graciosa.

Ela me disse: Senhor!
Porque não me leves também
as flores do meu amor
que noutros jardins não tem?

Porque nãoavas Senhor!
Porventura desconheces
a linda rosa do Amor
- o lindo encanto das messes?

Então duvidas donzela
que não creias no que dizes?
Bem sei quanto a rosa é bela
bem conheço seus matizes,

Existem flores nos prados,
lindas rosas e açucenas,
Dessas flores, quero apenas,
Aquelas dos meus pecados.

Aqui tens minha senhora
as rosas do meu canteiro,
colhidas por quem te adora,
por este amor verdadeiro.

Colhi-as quando, pensando,
que este mundo é de ilusão,

Que por ti vivo penando,
Rosa do meu coração!...

A composição do poema de redondilhas maiores e rimas alternadas e interpoladas demonstra o domínio que Aguiar tem do fazer poético. Mais uma vez, nos deparamos com um poema romântico, mas, dadas as circunstâncias históricas, o cuidado e domínio da forma também guardam um tom combativo. Aguiar dominava, além das redondilhas, a forma do soneto, tanto que desde a juventude carregava sonetos no bolso, segundo as memórias de Correia Leite. Em uma das obras onde demonstra a propriedade sobre a forma falando as vicissitudes do amor, intitulada "*Lembrança*", o autor escreve:

Sonhar com quem amamos que ventura
quando a certeza aponta a realidade,
quando esse afeto há muito que perdura
sem sabores, sem falsidade!...

É assim o reviver da mocidade,
da linda primavera sempre pura;
- para o ancião felizardo uma saudade
ao job da sorte apenas desventura

Sonhadores que andais por essas vias,
pela estrada da vida, nestes dias,
cantarolando para não chorar,

Eu quisera sonhar e ter ao lado
aquela idolatrada do passado,
que já não vive; mas que soube amar!...²⁸⁹

Enquanto Jayme de Aguiar traz a lume seus poemas em vários jornais e no seu próprio desde o primeiro número, José Correia Leite demora um pouco mais para publicar seu primeiro poema. Mais de um ano depois do lançamento do *Clarim* apresenta-se o poeta Leite:

Vida que passa tão triste!...

²⁸⁹ AGUIAR, Jayme. "Lembrança". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 27 de dezembro de 1925, p.3.

Tenho chorado na vida,
são bem grandes meus tormentos;
estes meus padecimentos
meu corpo já não resiste.
- Vida que passa tão triste!

Amei na vida; somente
poucas horas fui feliz
logo fiquei bem descrente
de tudo; sorte infeliz...
Viverei na desventura,
Ventura não mais existe.
- Vida que passa tão triste!...

Humanidade fingida
que só me quer ver sofrendo!
Minha alma vai conhecendo,
mas de vier não desiste.
- Vida que passa tão triste!...²⁹⁰

Ademais a melancolia presente no texto, a forma chama bastante atenção. Se assemelha aos poemas de Mote e Glosa, comuns na literatura portuguesa do século XVI por exemplo, onde há um mote (Vida que passa tão triste) e a Glosa, que são os versos que levam a ele. Estrutura semelhante, de "pergunta e resposta" é perceptível nos chamados "cantadores" do sertão dos estados do nordeste, além de presente em ritmos da cultura popular, como o samba de roda e samba de côco, e nas músicas de culto das religiões cristãs e afro-brasileiras. Sem arriscar a origem da influência que inspirou Correia Leite a escrever um poema com esta forma, fato é que ela não é comum de se encontrar na literatura publicada na Imprensa Negra do período. Seja qual for a origem, há de se louvar a criatividade e peculiaridade que o autor manifesta com esse escrito.

Mas Leite também se utilizou do recorrente soneto para dar vazão às suas ideias. No poema "*Aos Palmares*", vemos mais um exemplo que combina forma e conteúdo, estrutura e

²⁹⁰ LEITE, José Correia. "Vida que passa tão triste". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 26 de julho de 1925, p.2.

tema, na produção de uma poesia com fundo reivindicatório. Na edição especial do Clarim em comemoração ao 13 de maio, vemos o seguinte poema:

Aos Palmares

Das solidões das selvas africanas,
os legendários homens medievais
que nos legaram forças soberanas,
à conquistar as glórias atuais;

Assombradores das raças humanas,
pelos seus feitos foram imortais:
- andaram sempre nas garras tiranas,
do cativo que não volta mais!...

Hoje, cantamos, nesta nossa lira,
toda a grandeza dos antepassados
que a humanidade toda se admira.

Ao reviver, nas páginas da história
encontraremos os feitos conquistados,
que o grande povo só colheu vitória!²⁹¹

Saudado a memória do quilombo dos palmares, nesse soneto há o destaque à "grandeza dos antepassados" africanos que a humanidade toda admira, ou deveria admirar, tanto quanto Leite admira. É possível notar, aqui, a defesa e valorização da ancestralidade africana, de onde vem as "forças soberanas" necessárias para "conquistar as glórias atuais". Se o discurso dos jornalistas negros era o da pertença à nacionalidade brasileira, isso não significa o desprezo da sua história e das suas origens africanas. Outra questão importante de se salientar é a já mencionada disputa por uma narrativa da história nacional que integre os afrobrasileiros. Primeiro, reforçando o caráter injusto das "garras tiranas" da escravidão e

²⁹¹ LEITE, José Correia. "Aos Palmares". *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 13 de maio de 1926, p.2.

depois estimulando o olhar atento às "páginas da história", onde tanto o negro encontrará "os feitos conquistados", de onde ele, e o brasileiro em geral, "só colheu vitórias".

Em um pequeno soneto, vemos em apenas 14 versos o levantar de uma bandeira, com um discurso articulado aos diversos artigos publicados ao longo de muitas linhas e alguns anos nos periódicos negros em São Paulo. É esta força que tem a literatura, inclusive a poesia, que provavelmente estimulou os intelectuais negros a produzir poemas. Nem sempre, como no caso do Jayme de Aguiar, essas produções continham no conteúdo um tom reivindicatório, mas o domínio das formas poéticas, numa sociedade que considerava o negro como inferior, incapaz intelectualmente, é em si uma atuação política.

Nas páginas do *Clarim* há um único poema composto à quatro mãos pela dupla Leite - Jim da Araguay. O texto literário, oriundo de uma parceria tão profícua e combativa, que fez deste jornal um dos mais longevos e influentes da Imprensa Negra paulista, não deixou - mesmo que pudesse - de trazer um tema relativo às condições dos "homens de cor" em São Paulo. O poema "A Vitória", de janeiro de 1926, comemora os dois anos desta parceria e resume, em um soneto, muito do que seria o grande objetivo destes intelectuais negros.

A Vitória

Pela harmonia de uma raça inteira
Nós batalhamos tão valentemente;
batalhando, pedimos que Deus queira,
que esta vitória surja brevemente.

Marchando firmes, na fatal jornada
de ver a classe muito bem unida,
hão de ouvir sempre o toque d'Alvorada
deste panfleto tão cheio de vida,

Das lutas que ficaram no passado,
nesta jornada longa, não vencida,
só simpatias temos conquistado

Só contamos com essa mocidade
de homens sensatos, nesta grande lida
para elevar a nossa identidade

Jim de Araguay & Leite²⁹²

²⁹² ARAGUARY, Jim & LEITE. "A Vitória". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 24 de janeiro de 1926, p.1.

IV. 3 - "A QUEM ME COMPREENDER" - AS MULHERES POETAS

Ao longo dos poemas apresentados fica evidente a figura da mulher enquanto tema sempre alvo dos amores, sejam ou não correspondidos. A mulher também é homenageada, não só enquanto amantes, mas como mãe, "*ó divinal figura!/de todas as mulheres é a mais querida*"²⁹³ e como filha, "*pedindo a Deus, à ti que é mimosa, que te conserve puro o coração*"²⁹⁴. Mas a mulher, nos poemas apresentados até agora, apareceu sempre como objeto. Como mãe de alguém, filha de alguém, esposa de alguém, objeto de desejo de alguém. E esse "alguém", é bom reforçar, é sempre um homem.

Ora, onde estão as mulheres e sua subjetividade, entre estes poetas? Elas produziram poesias? Também consideraram os jornais e a literatura uma arena de disputa por direitos e um local de luta por questões próprias, da mulher negra nas primeiras décadas do século XX? E o mais importante, o que suas obras nos dizem sobre estas questões, que muitas vezes aparecem apenas sub-repticiamente nos escritos dos intelectuais negros e na bibliografia especializada na Imprensa Negra? A produção das poetisas desse período compartilham questões com a dos homens, mas os poemas que apresentaremos ajudam a refletir sobre algumas especificidades decorrentes da experiência de vida e de luta da mulher negra, suas congruências e discrepâncias de suas ideias.

Se os textos que falam sobre a literatura negra no Brasil já falam pouco sobre os poetas negros desse período, trazendo apenas referências ao Lino Guedes, no que tange às poetisas negras o que reina é o silenciamento. Em um esforço de contribuir com o preenchimento desta lacuna, apresentamos algumas das poesias produzidas por mulheres e publicadas nos jornais da Imprensa Negra entre 1915 e 1931.

Se em sua primeira edição, *O Menelik* fez questão de trazer dois poemas e dois contos do seu fundador e diretor Deocleciano Nascimento, também divulga o texto de Ignez do Amaral, intitulado "*Versos de Pé Quebrado*". Tão bem recebido foi o poema de Amaral que Nascimento, falando pelo "*Menelik, nomeia-a sua colaboradora efetiva*"²⁹⁵. Vale ressaltar a interessante estrutura do poema, que propõe uma quebra da expectativa do leitor – neste caso nós - no último verso da quadra:

²⁹³ DOS SANTOS, Manoel Antônio. "Bendita sejas". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 4 de março de 1928, p.3.

²⁹⁴ DOS SANTOS, Manoel Antônio. "Abigail". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 23 de agosto de 1930, p.2.

²⁹⁵ "Caixa-Balaio". *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.3.

Versos de Pé Quebrado

Não há pau para tamanco
Como seja do tanueiro
Que põe sua raiz na estrada
Não deixa ninguém passar

Atirei um limão verde
No menino do portão
Louca fiquei por ele
Ele me chamou de louca.

Eu fui indo num caminho
Sant'Antônio me chamou
Mecê livre do pecado
Quando santo chama a gente

E não chupo mais cachaça,
Que a cachaça é pra remédio,
A cachaça faz-me por
Da sala para a cozinha

Tenho meu choro de saudade
Trancado lá na despensa
Se hei de morrer de amores
Não hei de morrer de fome.

Minha laranjeira doce
Carregada de formiga,
Quem por amores se mata
Forte asneira.²⁹⁶

Em comparação com os poemas que apresentamos até aqui, "*Versos de Pé Quebrado*" apresenta uma liberdade maior quanto à rima, por exemplo, ficando mais perto das ideias dos

²⁹⁶ AMARAL, Ignez do. "Versos de Pé Quebrado". *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.4.

movimentos literários de meados do século XX do que com os do XIX. A quebra da expectativa nos quartos versos da estrofe, é não só da rima quanto do sentido. Vejamos: "*louca fiquei por ele / ele me chamou de louca*" e "*Se hei de morrer de amores / não hei de morrer de fome*" são versos que permitem perceber a presença da quebra de expectativa quanto à intenção do eu lírico, expondo um "romantismo" quase "pueril", evocando imagens e símbolos da natureza e da religião, mas que se chocam posteriormente com um tom realista, sintetizando em "*Quem por amores se mata / forte asneira*". Desta forma, o poema atesta tanto o domínio da forma quanto a criatividade e originalidade da autora Ignez do Amaral.

Pouco menos de 4 anos após a publicação de "*Versos de Pé Quebrado*" no Menelik, outra poeta ocupa espaço na primeira página do jornal *A Liberdade*. É Eponina da Silva quem se apropria da forma corrente do soneto para expor os sentimentos da sua "*Alma Morta*":

Estava a Morte ali, em pé, diante,
Sim, diante de mim, como serpente
Que dormisse na estrada, e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante

II

Era de ver a fúnebre bacante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: Que buscas, impudente
Loba faminta, pelo mundo errante?

III

- Não temas, respondeu (e uma ironia
Sinistramente estranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a boca fria)

IV

Eu não busco teu corpo...Era um troféu
Glorioso demais. Busco a tua alma
Respondi-lhe: minha alma já morreu²⁹⁷.

²⁹⁷ SILVA, Eponina da. "Alma Morta". *A Liberdade*. São Paulo, 14 de julho de 1919.

Mais uma vez é perceptível o domínio da forma por parte de poetas que publicaram nestes periódicos negros. Se os sonetos são a expressão favorita desse domínio por parte dos poetas, as poetisas negras também dele se apropriaram, com o mesmo intuito. Porém aqui, esta expressão ganha contornos mais delicados, como demonstração de capacidade intelectual não só dos descendentes de africanos na diáspora frente ao branco, mas das mulheres frente aos homens - e das negras frente aos negros. Nos jornais, poucas são as mulheres que conseguem escrever artigos discutindo as mesmas questões que os homens. Em nenhuma dessas publicações, por exemplo, há mulheres no seu corpo editorial. O que faz com que o espaço da poesia se torne ainda mais precioso para a expressão da intelectual negra destas primeiras três décadas do XX e sua análise nos coloca mais próximo, para ouvir melhor a voz da mulher negra desse período.

Outras poetisas também se valeram da forma do soneto para se expressar. É o caso, por exemplo, da poeta Virgínia Victorino. Sua poesia fala da força das "*Palavras*", e da potência de expressão que elas encerram.

Palavras

Seja alegria, seja mágoa, ciúme,
Pena de amor, ou grito de revolta,
Tudo a palavra humana em si resume,
Tudo arrasta, suspenso, a sua volta!

Palavras! Céu e Inferno! Cinza e lume!
Mistério que a nossa alma traz envolta!
Umas, consolação! outras, queixume...
- Todas correndo como o vento à solta!

Tudo as palavras dizem. A verdade,
A mentira, a doçura, a crueldade...
Mas, afinal o que perturba e espanta,

É o drama das que nunca foram ditas,
Das palavras pequenas e infinitas

Que morrem sufocadas na garganta!²⁹⁸

Este poema pode ser lido como um lamento, uma tristeza pelas palavras que "*nunca foram ditas*". Talvez por desilusão, por medo ou por resignação. Mas estes versos soam, pensando nas experiências dessas mulheres, como um grito contra o silenciamento. Contra uma realidade, que seja por questões de gênero, raça ou classe (ou todas juntas), insistia em querer fazer com que as suas palavras morressem "*sufocadas na garganta*".

Ainda utilizando a forma do soneto para expor suas "palavras" temos a obra da poetisa que se autodenomina Dirce. Em *O Clarim d'Alvorada* publicado entre outros dois outros sonetos de poetas negros surge "*O Mal da Vida*":

Amor, pois é a esplêndida loucura
E a miséria de um sol, que nos invade?
Caiu alguém aos pés da formosura,
Que não lhe deixe aos pés, razão, vontade

Este delírio vem da eternidade,
Vem de mais longe; eu sei: - quem o procura
Acha-o mais velho do que Deus; quem há de
Fugir da vida triste, por ventura?

E o amor é o mal que acaba em paraíso;
E para dar-nos céus num só lampejo,
Basta-lhe um pouco; um nada é-lhe preciso;

De sonhos de ouro e luz calça o desejo
E então de dia, em rosa abre o seu riso,
E em ampla estrela, à noite, abre o seu beijo²⁹⁹

O amor aparece mais uma vez como tema das poesias publicadas na imprensa negra. Contudo, enquanto o amor em geral é revestido de conotações positivas nas produções dos

²⁹⁸ VICTORINO, Virgínia. "Palavras". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 3 de junho de 1928, p.3.

²⁹⁹ DIRCE. "O mal da vida". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 7 de dezembro de 1924, p.3.

poetas negros, as poetas compartilham uma visão menos otimista. Dirce chama o amor de "o mal da vida". É o mal, pois é "delírio", é "loucura", mesmo que "esplêndida". "É o mal que acaba em paraíso", ou seja, mesmo que dê "céus num só lampejo", que traga sentimentos elevados de prazer, experienciar o amor e os "sonhos de ouro e luz que calça o desejo" não é plenamente permitido às mulheres, que não podem se dar ao "desfrute" destes "sonhos de ouro e luz". A poeta Maria de Lourdes de Souza, no *Clarim d'Alvorada*, expressa algumas dessas frustrações em uma frase, na coluna "Pensamentos": *"É mais fácil encontrar-se uma pérola perdida nas profundezas do oceano, que um verdadeiro amor no coração dos homens"*.

Não só o amor lânguido e permeado de negativas é tema das poesias das poetisas em questão. Encontramos nos jornais outros textos que trazem o mesmo tom sofrido e melancólico, mas com outros temas como objeto. Na mesma edição d'*O Clarim* Maria de Lourdes Souza publica seu "pensamento" e traz lembranças ruins em seu poema "Visão":

Há momentos na vida, horríveis, tenebrosos
Em que as trevas da dor a noite de tristeza
Arrebatam minha alma a uns mundos misteriosos
Onde é muda, sombria e triste a natureza.

Através do cenário imenso e sem beleza
Desse teatro sem luz, uns vultos silenciosos
Passam graves...Na frente esquelética pobreza
Segue baixando humilde os olhos lacrimosos

E vem, após sinistra, e lentamente ainda
A ingratidão de olhar cruel e desdenhoso...
Mais o espectro da dor, mas dessa dor infinda

Que nunca mais consegue o tempo exterminar
Eu contemplo a tremer o quadro pavoroso
Da visão que a minha alma eu sinto torturar.³⁰⁰

³⁰⁰ SOUZA, Maria de Lourdes. "Visão". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 27 de dezembro de 1925, p.2.

Como em outros poemas, a forma do soneto é empregada para dar vazão às "torturas" que a alma da poeta sofre. No mesmo *Clarim*, Adalgisa Correa Lobo também escreve sobre o passado, mas não faz uso do soneto. De forma triste pela saudade mostra uma alma que sofre pela saudade vivida:

Saudade...Saudade

Desta janela à vastidão do espaço
eu contemplo a azulada esfera
absorto e as lágrimas caindo no regaço,

Relembro o passado e o seu véu já se levanta,
É raio d'ouro que passa,
E a saudade erguendo das brumas do passado
acinzentada manta
Que evapora e lentamente esgaça!

E tudo ouço, revejo com saudade n'alma,
Tudo! mesmo até
os lábios a sorrir deixando ver
uma linha de pérolas de Talma,
e o ligeiro roçar de um pé
Olhos rasgados a brilhar, brilhar

como estrela luminosa,
os sonhos, beijos e perfumes;
o aperto febril da rósea mão selinosa,
gemidos, ânsias e queixumes.

Mas, na vida tudo que exalta
e brilha também passa:
um instante, um momento
como o cair da folha,
da pétala o crestar, um floco de fumaça
desfeito pelo vento³⁰¹

³⁰¹ LOBO, Adalgisa Correa. "Saudade...Saudade". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 15 de janeiro de 1927, p. 3.

Neste interessante poema de Adalgisa Lobo percebemos uma liberdade maior no que tange aos versos, suas rimas e métricas quando comparados com os sonetos e quadras que formam a maior parte dos poemas aqui expostos. Assim como nos "*Versos de Pé Quebrado*" de Ignez do Amaral, a forma do poema de Lobo se aproxima mais de uma tendência modernista, cujo marco foi a Semana de Arte Moderna de 1922, cinco anos mais tarde. Assim como "*Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade haviam rompido com os códigos acadêmicos e incorporando à nossa lírica as formas livres*" (BOSI, 2015, p. 467), Adalgisa Lobo também se mostra atenta aos movimentos e discussões da arte literária do seu tempo. Se por um lado, não utiliza aqui a estratégia corrente do uso do soneto para afirmar sua competência literária e intelectual, não deixa de fazê-lo de outra forma.

Também sem utilizar o soneto, mas não tão "modernista" quanto Adalgisa Lobo, Julieta Teixeira traz como tema do seu poema "*A cruz da estrada*" a religião. Tema muito caro aos intelectuais negros em São Paulo, como vimos, por exemplo, no romance *A Boa Severina*, surge também como mote literário da produção poética de Teixeira. Assim, podemos perceber mais uma vez como a produção intelectual destes homens e mulheres, negros e negras, está inter-relacionada. Vejamos:

A cruz da estrada

Ó cruz da estrada, espelho do tormento
Porque tu gemes, quando morre o dia?...
Eu ouço sempre a tarde o teu lamento,
Que vem acabrunhar minha alegria...

Sempre que eu passo pensativa e só,
Vejo-te ao longe ó minha pobre cruz!...
Abandonada, coberta de pó,
Modesto leito em que expirou Jesus

E assim modesta, carpindo a saudade
Sempre guardando um silêncio profundo
Eu vejo nos teus braços a expiação,

Onde reflete as misérias do mundo!...³⁰²

Assim como "*Saudade...Saudade*", "A cruz da estrada" não foi escrito por Teixeira na forma do soneto. Diferente de Lobo, ela não se aproxima mais de uma tendência modernista de produção literária, mas sim da simbolista. As quatro quadras com versos decassílabos apontam o cuidado que a autora tem com a forma. Quanto ao tema, a poeta não descreve "a cruz", mas sim conversa com ela. Deixando de ser objeto para ser símbolo, "*categoria fundante da fala humana*" que assume no simbolismo "*a função-chave de vincular as partes ao Todo universal*" (BOSI, 2015, p. 279), a cruz "assim modesta, carpindo a saudade", "reflete as misérias do mundo". Muitas vezes trazendo referências oníricas e metafísicas, usando símbolos da religião, a corrente simbolista tem como expoente máximo no Brasil, o tão bem quisto pelos intelectuais negros, Cruz e Souza. Neste sentido é possível apontar uma inspiração, ou ao menos uma aproximação, do poema de Julieta Teixeira com o simbolismo.

A poeta de que mais encontramos textos publicados na Imprensa Negra foi Benedicta Prado. Seus três poemas, lançados em números diferentes do periódico piracicabano *O Patrocínio*, trazem tons melancólicos, como mostra o soneto "*Estranhas Lágrimas*".

Lágrimas...Noutras épocas verti-as
Não tinha o olhar enxuto como agora,
Alma, dizia então comigo, chora
Que o pranto diminui as agonias.

Ah! Quantas vezes, pelas faces frias
Por mal do meu amor que se ia embora,
Gota a gota rolando, elas outrora
Marcaram noites e marcaram dias!

Vinham do oceano d'alma imenso e fundo,
Ondas de angústia em suspiroso arranco,
Numa desesperança acerba e louca...

Nos olhos hoje as lágrimas estanco
Mas, rolam todas sem que as vejam o mundo

³⁰² TEIXEIRA, Julieta. "A cruz da estrada". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 7 de dezembro de 1924, p.1.

Sob a forma de risos pela boca!³⁰³

Este soneto fala sobre a resignação. Sofria, com "risos pela boca", a poeta? Quantas mulheres negras, nesta dupla condição desprivilegiada, não sofreram e tiveram que encontrar saídas para esta situação? A resignação é uma delas. O poema de Benedicta Prado aponta como os reflexos de uma circunstância são sentidos refletindo sobre a circunstância histórica em que está inserida. Outro soneto de sua autoria publicado 6 meses depois, parece um desdobrar desta resignação. É sugestivo, desde o seu título.

Silêncio

Silêncio - voz do amor, voz da alma, voz das coisas
suave senhor dos céus, dos claustros e das grutas,
quebra-te o encanto o vôo em trêmulas volutas,
do bando singular das lentas mariposas...

Silêncio - alma da dor de pálpebras enxutas,
reino branco da paz, dos lírios e das lousas...
Quando me calo és tu, só tu Silêncio que ousas
falar-me, e quando falo és tu, só que me escutas!

Irmão gêmeo da morte, ó mística linguagem
com que se fala a Deus! Meu coração selvagem
segreda-te a impressão que a flor d'alma resvala...

E tu lhes fazes, mudo a confiança triste
Que te faz a mudez de tudo quanto existe,
porque és, Silêncio, a voz de tudo o que não fala!³⁰⁴

O eu-lírico destes dois poemas de Prado aparenta estar no mesmo estado de resignação. Se não mais verte lágrimas, lembrando de quando "*Não tinha o olhar enxuto como agora*", põe-se em silêncio, que é "*a alma da dor das pálpebras enxutas*". Estes sonetos

³⁰³ PRADO, Benedicta. "Estranhas Lágrimas". *O Patrocínio*. Piracicaba, 28 de setembro de 1929, p.3.

³⁰⁴ PRADO, Benedicta. "Silêncio". *O Patrocínio*. Piracicaba, 23 de março de 1930, p.2.

coadunam com outro escrito da autora situado temporalmente entre "*Estranhas Lágrimas*" e "*Silêncio*". Trata-se de um cativante pequeno poema chamado "*Solidão*":

E chove...Uma goteira, fora,
como alguém que canta de mágoa,
canta, monótona e sonora,
a balada do pingo d'água.

Chovia quando tu foste embora...³⁰⁵

Este talvez seja o poema que mais destoa da produção poética encontrada na Imprensa Negra de São Paulo, tanto de homens quanto de mulheres. Sua estrutura se aparta do soneto e se conecta mais diretamente com a produção modernista pós-1922, apesar de respeitar métrica (versos octossílabos) e rimas (cruzadas). Conta apenas com 5 versos, sendo o quinto separado da estrofe dos outros quatro, que se assemelha ao "fecho de ouro" dos sonetos, pois encaminha alguma interpretação. Apesar disso, sua leitura é mais ampla do que os sonetos em geral possibilitam, e a imagem que ele cria é bastante forte, com teor bastante melancólico.

Não só ele, como os três poemas de Benedicta Prado trazem este teor melancólico, triste. Poder-se-ia imaginar que a autora estivesse atravessando dificuldades ou que a sua marca poética fosse mesmo trabalhar com seus sentimentos, individualizando a análise. É uma possibilidade, mas pensamos que a questão é mais complexa. Afinal todas as poesias aqui arroladas trazem, umas mais outras menos, um teor triste, melancólico. Mera coincidência? Seriam todas as poetisas negras apenas pessoas tristes? Para nós, a análise da obra destas autoras aponta como as condições de existência das mulheres negras deste período estão permeadas por dificuldades, envolvendo questões de raça, gênero e classe.

Em primeiro lugar, a solidão e o abandono são queixas recorrentes nos escritos. Ou se está chorando com saudades de alguém que se foi ou as nem lágrimas secaram. O silenciamento também aparece com força em Benedicta Prado e Virgínia Victorino. Os dissabores do amor, em Ignez do Amaral e Dirce. A resignação, em Eponina da Silva e Benedicta Prado. Todas essas questões se ligam de alguma forma ao machismo. É a ação de/ homens, amparados por uma ideologia, que silencia, abandona, desagrada e entristece.

³⁰⁵ PRADO, Benedicta. "Solidão". *O Patrocínio*. Piracicaba, 20 de outubro de 1929, p.1.

Outra faceta do machismo reside no fato dos homens a quem é tudo permitido, não raro, só aceitarem em seus jornais as contribuições femininas sobre o que consideram preconceituosamente "coisas de mulher" como culinária, serviços domésticos e religião.

É importante perceber como os temas relacionados ao amor, presentes dos poemas das autoras em questão dialogam com a realidade social das mulheres negras. Bell Hooks (2000) e Franz Fanon (2008), por exemplo, escreveram assertivas em torno das relações amorosas envolvendo raça e gênero, fora do Brasil, não obstante dentro do circuito do Atlântico Negro. Ambos mostram como a experiência da escravidão e do racismo nas sociedades pós-abolição interferem sobremaneira na forma como negras e negros vivenciam suas emoções e relações afetivas. Se não é possível afirmar que o caso dos Estados Unidos e das Antilhas sob o jugo colonial francês é idêntico ao do Brasil na época, a partilha das vivências da diáspora e da escravidão aproxima estes espaços permitindo estabelecer paralelos.

Em "Vivendo de Amor", Hooks aponta como a crueldade do regime escravocrata impôs seus próprios termos sobre as relações amorosas, o que "*não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão*". Esta assertiva, no entanto, não implica dizer que não houve relações amorosas entre as pessoas que vivenciavam as agruras da escravidão, mas sim que estas circunstâncias moldaram a forma como estes indivíduos se relacionaram afetivamente, tanto durante quanto após o regime escravista. A autora defende, inclusive, que para os descendentes da diáspora africana nas Américas, amar é um ato de resistência:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos (HOOKS, 2000, p.188).

As feridas às quais Bell Hooks se refere são fundamentais para as análises comportamentais que Franz Fanon descreve, quando cita os relacionamentos de mulheres negras com homens brancos, e homens negros com mulheres brancas, nas Antilhas Francesas de meados do século XX. Essas "feridas emocionais" teriam incutido em negros e negras uma auto referência pautada pela inferioridade, identificando no branco os signos de superioridade. Neste contexto, Fanon identifica certa compreensão que, "do negro ao branco, tal é a linha de mutação. Ser branco é como ser rico, como ser bonito, como ser inteligente". (FANON, 2008, p.60). Deste modo, seria preferível para os negros e negras estabelecerem laços afetivos com parceiros brancos³⁰⁶.

Mesmo não tendo encontrado nos poemas traços que apontem para um "sentimento de inferioridade", nos termos de Fanon, os temas amorosos, sempre carregados de insucessos dos mais variados tipos, mostram como amar e relacionar-se era, para estas poetisas negras, tanto uma questão primordial, quanto um ato de resistência. Não à toa, o desabafo de Maria de Lourdes Souza, sobre a inexistência do amor no "coração dos homens".

Nos poemas fala-se do sentimento de solidão, por exemplo. A partir dos anos 1990, o tema da solidão da mulher negra vem sendo cada vez mais debatido nos círculos da militância feminina negra, como um problema premente. Permeada pelas correlações de forças colocadas em uma sociedade como a brasileira organizada por privilégios de raça, classe, gênero - entre outros - as questões em torno desta solidão são cada vez maiores. Foi pensando nisto que Ana Cláudia Pacheco dedicou sua pesquisa de doutoramento. Entrevistando 25 mulheres negras, entre ativistas e não-ativistas, residentes na capital baiana, a antropóloga percebeu algumas permanências no testemunho delas. Com a média de idade de 30 a 40 anos, estas 25 mulheres não tinham nesse momento nenhum relacionamento estável, sendo que a maioria não chegou a ter um ao longo da sua trajetória.

O estereótipo cristalizado que encarna o erotismo, o corpo e a imagem da mulher negra é, por exemplo, algo que transparece como um forte preconceito presente no imaginário da sociedade brasileira que muitas vezes é vivido pela mulher negra como um fardo. Desde os

³⁰⁶ Esta afirmação não implica que haja entre os negros desse período um "complexo de inferioridade", cuja ideia discutimos no capítulo II. Ela se refere especificamente a questões em torno de relações amorosas, e não a um sentimento tanto pessoal quanto coletivo de inferioridade.

escritos de Gilberto Freyre³⁰⁷ e de outros estudiosos que associaram lascívia e sensualidade à mulher negra, escravizada ou não, o senso comum perpetua esta imagem. Talvez o grande símbolo dessa erotização seja a figura da "mulata". Cito Lélia Gonzalez quando mostra como há um predomínio da visão da sociedade sobre a mulher negra: "doméstica e mulata", sendo a mulata "uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de "mercado de trabalho", um "produto de exportação" (GONZALEZ apud PACHECO, 2013, p.24). Arrematando estas ideias, Bell Hooks afirma, para o contexto estadunidense,,mas válido também para o Brasil:

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas 'só corpo, sem mente'. a utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as 'mulheres desregradas' deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (HOOKS apud PACHECO, 2013, p.23)

A presença da ideia de que "a mulher branca é para casar", em detrimento da mulher negra, é muito forte nos testemunhos realizados por Ana Cláudia Pacheco. Desta forma, se houver uma predileção dos homens negros pelos casamentos com mulheres brancas é compreensível que uma parcela de mulheres negras, a partir de determinada faixa etária, não esteja em uma relação afetiva de tipo estável. Isto acontece quando o homem negro, na sua condição racial, desenvolve uma "predileção" pelas relações estáveis com mulheres brancas, seja pelas questões apontadas, seja pelo *status* que uma relação deste tipo te garante de capital simbólico, como aponta FANON. É o que vem à tona no discurso das "mulheres ativistas", como Pacheco as denomina. Elas afirmam que há a "preferência afetivo-sexual dos homens negros ativistas e não ativistas por mulheres brancas", como transparece em um dos depoimentos por ela colhidos: "Eles querem uma mulher para ostentar, uma mulher sem barriga, magra, com traços brancos, os cabelos lisos nas costas" (PACHECO, 2013, p.266).

³⁰⁷ Cf. FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 25ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, pp. 283-480.

Mas se a relação for entre uma mulher negra e um homem branco outras duas problemáticas são levantadas pela autora. Primeiramente, em decorrência do preconceito em torno da mulher negra haveria uma "pressão social" que indicaria a mulher como "aproveitadora". Esta "pressão" foi apontada por Winnie, uma de suas entrevistadas, que afirmou sentir "um desconforto social" quando estava em um relacionamento com um homem branco, "como se estivesse confirmando os estereótipos negativamente construídos acerca da negra prostituta *que quer se dá bem com o gringo*." (PACHECO, 2013, p.238).

O outro problema é uma forma menos rebuscada do racismo, é o ódio direto à cor da mulher e o que isso ocasiona de "pressão social". Acotirene, outra das mulheres entrevistadas por Pacheco lembra da sua relação com o namorado, que veio a ser seu marido e era "branco, branco mesmo". Ela relata que "seu namorado não era preconceituoso porque ele sempre gostou de namorar meninas escurinhas", mas a sua sogra era, e "não a aceitava na família: 'ela dizia na minha cara, negra! Me xingava toda'". Mesmo tendo conseguido casar com seu então namorado, e só "porque sua sogra já havia falecido na época", a família do seu ex-marido rejeita ela e os dois filhos que teve com ele, por serem negros: "eles não aceitam negros na família" (PACHECO, 2013, p.204).

Mesmo que a pesquisa de Pacheco não verse sobre as três primeiras décadas do século XX, recorrer à pesquisa de Ana Cláudia Pacheco é salutar para o nosso trabalho por permitir perceber como a trajetória de vida de alguns indivíduos se relaciona dialeticamente com as circunstâncias nas quais estão inseridos. Ser mulher negra no Brasil interfere diretamente na forma como as entrevistadas de Pacheco experienciam suas emoções, suas relações interpessoais, sua vida. Por meio da analogia, este trabalho nos ajuda a manter a atenção para este aspecto, quando tratamos das poetisas negras.

Tratando de uma realidade mais próxima, Domingues estuda a participação feminina na Frente Negra Brasileira, na década de 1930. O autor aponta como a "atuação das mulheres negras foi imprescindível para manter a união e coesão dos associados da FNB", por serem elas as principais responsáveis pela produção das festividades e dos bailes, os mais importantes espaços de congregação entre os fretenegrinos(as). Estiveram a frente também de iniciativas como a escola e a biblioteca da FNB. Mesmo assim, a entidade "tinha um indubitável predomínio masculino". Nenhuma mulher assumiu cargos diretivos por exemplo,

a não ser nos departamentos especificamente femininos³⁰⁸. Desta forma, as mulheres da FNB "realizavam apenas aquelas atividades que os homens consideravam de menor relevância: as recreativas e as de assistência social". O jornal da Frente Negra, *A Voz da Raça*, deu pouco espaço para as mulheres na sua linha editorial. Dando indícios sobre qual o papel social que os editores do jornal desejavam que a mulher ocupasse, as fretenegrinas escreveram basicamente sobre questões domésticas, como culinária e família. (DOMINGUES, 2007, p.371)

A participação das mulheres na Imprensa Negra da década anterior seguiu os mesmos parâmetros do *A Voz da Raça*. Regina Pinto contabilizou apenas 15 mulheres entre 244 colaboradores dos periódicos, entre 1907 e 1937. Destas, apenas uma foi diretora de um jornal, *O Clarim d'Alvorada*, em 1935 (PINTO, 1993, p.64). Ou seja, nenhuma dentro da nossa baliza cronológica. Esta estatística ajuda a perceber a importância da poesia enquanto um espaço de expressão possível dentro dos periódicos negros para as mulheres.

Talvez o poema que mais sintetiza a produção dessas autoras negras é "A quem me compreender", de Josephina Toledo. É, inclusive, o único poema que é voltado para as mulheres enquanto coletividade. Toledo parte de uma experiência aparentemente pessoal, mas o individual é apenas ponto de partida para acentuar o coletivo:

A quem me compreender

Maldito seja o homem da terra
Que não tem pena de quem ama!
Que esse pereça numa dura guerra
Em bosque estéril e sem grama!

Mordendo o solo hirto de braços
Que ninguém ouça o seu lamento
Que ninguém leve dos seus soluços
O derradeiro sacramento.

Que na aspereza desse leito

³⁰⁸ Como o grupo das "Rosas Negras", que organizava eventos e a "Cruzada Feminina", dedicada a "trabalhos beneficentes" e ao provimento de material escolar. (DOMINGUES, 2007, p.362).

Sobre essa terra humilde e fria
Coaxe o sapo no seu peito
Para ajudar sua agonia

Que a vida aos poucos se lhe esgote
E os olhos vorazes ao seu lado
De um corvo, seja o sacerdote
Para ouvir o seu pecado.

Que após a morte, seus destroços
Não sejam vistos pela gente
E que apodreça os seus ossos
Sobre a rodinha da serpente.

Que o fogo fátuo que ele encerra
Lhe negue mesmo a última chama!
Maldito seja o homem da terra
Que não tem pena de quem ama!³⁰⁹

Este poema de tom fortemente indignado comunica-se com a mulher que é quem vai melhor compreender os desejos contra "o homem da terra que não tem pena de quem ama". Se a postura de Benedicta Prado era a da resignação, tristeza e introspecção, Toledo demonstra outra atitude, a de enfrentamento. Não é o que há de mais comum na produção poética das intelectuais negras a qual tivemos acesso através dos jornais. Mas, há de se considerar que são homens os redatores, editores e revisores destes periódicos. Quantos poemas foram enviados, com o mesmo tom combativo de Josephina, ou até mais forte, e tiveram sua publicação negada? Não há como saber. De todo modo isso só reforça a coragem de Toledo em divulgar suas letras a quem a compreende, explicando seu sucesso.

Este "punhado de versos" divulgados por meio do principal canal de comunicação e organização do movimento negro nas três primeiras décadas dos anos 1900, pareceu "traduzir seu grande sentimento". Se a potência dos artigos e editoriais da Imprensa Negra está progressivamente ganhando corpo na historiografia sobre os descendentes da diáspora africana na São Paulo pós-abolição, a literatura nela propalada ainda carece de maior

³⁰⁹ TOLEDO, Josephina. "A quem me compreender". *O Patrocínio*. Piracicaba, 28 de setembro de 1929, p.4

destaque. Por meio da análise da prosa e da poesia é possível encorpar os sentidos dos diversos aspectos do discurso dos e das intelectuais afropaulistas. Ademais, há algumas particularidades do texto literário que permitem atingir certas ideias que, em um texto argumentativo, nem sempre é possível.

Tanto *A Boa Severina* quanto a obra poética que encontramos nos jornais consultados apresentam sentidos de combate. Divergindo no teor, todos os textos aqui discutidos apresentam em maior ou menor grau uma intencionalidade de ressignificação da realidade social a qual seus autores estão submetidos. Uns, apresentando uma história que conta a história do negro no período da escravidão com suas mazelas, seus espaços de conflito e negociação, disputando uma narrativa da História considerada justa por eles - como o fez José de Nazareth. Outros apostando na produção poética como expressão do "gênio" da "raça" socialmente negada e/ou utilizando da poesia para conclamar seus "irmãos de cor" à luta, como fizeram Deocleciano Nascimento, Lino Guedes, José Correia Leite, Jayme de Aguiar, Augusto Marques e outros que mesmo sem terem sido estudados merecem ao mesmo menção como Gervásio Moraes, Moysés Cintra, Archimio de Camargo, Luís Barbosa, Abílio Rodrigues e Euclides Oliveira...

Outras, ainda, fizeram da sua dupla condição de exploração, a da mulher e de negra no Brasil, o motor para uma interessantíssima produção literária. Apropriando-se de um veículo de divulgação dominado, sobretudo por homens fizeram emergir uma luz lancinante das pequenas brechas que encontraram. Suas poesias contêm reflexões sobre seu tempo, com as questões pertinentes ao movimento negro. Mais ainda, refletem as especificidades da experiência da mulher negra em São Paulo, naqueles anos passados.

Esta é a importância de se debruçar sobre as peças literárias encontradas na Imprensa Negra. Sem elas não veríamos, por exemplo, referências às religiões de matriz africana como a Umbanda surgida naqueles anos. Não teríamos acesso, por exemplo, ao pensamento, aos sentimentos e à voz da mulher negra neste período, silenciada ou moldada segundo os parâmetros masculinos. Não teríamos, enfim, uma percepção mais ampla da história de luta destes intelectuais negros e negras de inícios do século passado. E a riqueza documental dos jornais da Imprensa Negra, estaria subaproveitada.

Considerações Finais

A edição do periódico *Le Monde Diplomatique Brasil*, deste mês de janeiro de 2017, trás em sua capa uma grande foto de uma mulher negra, com os olhos fechados e rosto iluminado, e o título "Ser Negro do Brasil". Os três artigos que compoem o dossiê da capa discorrem sobre questões atuais que envolvem raça e Brasil³¹⁰. A publicação destes artigos em uma revista com boa reputação como é a *Le Monde* é um indício de que vivemos um período de efervescência no debate racial. Por exemplo, a atuação dos mais variados coletivos negros que pressionam as diversas instâncias da sociedade civil por demandas como representatividade nos meios de comunicação, denúncia de casos de racismo dos mais diferentes tipos e etc. Foi inclusive o caso da própria *Le Monde*. A capa e o dossiê em questão foram nitidamente uma resposta ao imbróglio causado pela capa lançada três meses antes. A capa desta edição, a número 111, causou uma série de reações contrárias nas redes sociais e de entidades do movimento negro que acusavam a ilustração que estampava a capa, do cartunista Jaguar, de racista. Tamanha foi a repercussão que os editores do periódico lançaram uma nota, lamentando o ocorrido, considerado uma "iniciativa infeliz", e pedindo desculpas aos leitores. Afirmando-se sensíveis às lutas da população negra brasileira, assim segue a nota:

Recebemos com apreensão os comentários de que havíamos nos tornado racistas. O jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* sempre esteve solidário ao movimento negro, às mobilizações das jovens mulheres negras, engajado na campanha contra o extermínio da juventude negra, e em defesa dos direitos de cidadania³¹¹.

Além da nota, a revista organizou um debate chamado "Mídia e Racismo", que contou a participação de pesquisadores e/ou militantes negros e negras renomados. Ou seja, a devolutiva da sociedade civil frente à publicação da capa foi levada em consideração pelos diretores da publicação, ao ponto de serem feitas retratações, debates e até o lançamento,

³¹⁰ *Le Monde Diplomatique Brasil*. Ano 10, n. 114, janeiro de 2017

³¹¹ "Mídia e racismo: Nossa capa da edição 111". disponível em: <<http://webserver.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3261&tipo=acervo>>, acessado em 10 de janeiro de 2017.

apenas três números depois, de um dossiê especial sobre a temática. A mobilização, fica evidente, deu certo.

Aparentemente, deu certo também a mobilização de setores do movimento negro contra uma peça teatral que foi encenada na sede do Instituto Itaú Cultural, na Avenida Paulista. *A Mulher do Trem*, da renomada companhia de teatro Os Fofos Encenam, utilizou na encenação da peça a chamada *black-face*, em que pessoas brancas são maquiadas "como negras", tão popular nos Estados Unidos do regime segregacionista das *Jim Crow Laws*³¹². Uma vez que não existe um padrão sobre o que é uma pessoa negra, as *black-faces* são sempre uma expressão de estereótipo.

Assim como no caso da *Le Monde Diplomatique*, o Itaú Cultural cancelou as apresentações de *A Mulher do Trem*, devido à onda de protestos direcionados à peça e ao próprio instituto. Em seu lugar, foi criado internamente um "Comitê de Questões Raciais" e um fórum de debates permanente, que aconteceu ao longo de 2016, com o nome de *Diálogos Ausentes*. Como fruto deste fórum, em dezembro, foi aberta uma exposição homônima, com curadoria da própria Paulino e Diane Lima, com trabalhos de 15 artistas negros e negras discutindo, em diversos suportes artísticos, questões relativas à população negra. Ao mesmo tempo em que *Diálogos Ausentes* é exibida no espaço do subsolo do prédio da Av. Paulista do Itaú Cultural, acontece no primeiro andar a Ocupação Abdias do Nascimento, exposição sobre a vida e a obra deste que foi um dos mais reconhecidos intelectuais negros do século XX, em parceria com o Ipeafro e com curadoria de Elisa Larkin Nascimento.

Provavelmente, este é o momento onde as múltiplas pautas do movimento negro encontram mais eco nas variegadas esferas da sociedade civil, na história recente do Brasil. Se por muito tempo o mito da democracia racial imperou, afirmando que não havia racismo no Brasil e, portanto, causando um silenciamento destas questões, hoje vemos instituições retratando-se publicamente e pautando tais questões. Vemos até programas de TV da grade fixa da Rede Globo, maior empresa de comunicação do país, historicamente reconhecida pela manutenção midiática de uma série de estereótipos contra as minoridades, discutindo e condenando manifestações do racismo.

³¹² O conjunto das "leis do *Jim Crow*" foram responsáveis por legalizar a segregação racial no sul dos Estados Unidos, e vigoraram por 89 anos, entre 1876 e 1965.

Por outro lado, o Mapa da Violência de 2016, ampla pesquisa realizada pelo sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz e publicada pelo governo brasileiro e pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, aponta um cenário mais desolador para a população negra. No que tange aos homicídios por arma de fogo no Brasil, por exemplo, a "vitimização negra no país que, em 2003, era de 71,7% (morrem, proporcionalmente, 71,7% mais negros que brancos), pula para 158,9%, em 2014". Ou seja, hoje morrem em nosso país 158% mais negros do que brancos. Ainda segundo a publicação, em apenas 3 estados (Tocantis, Acre e Paraná) se matam mais brancos do que negros. "Em contraposição, em Alagoas, em 2014, foram assassinados 60 brancos e 1.702 negros", morrendo quase 11 negros para cada branco, naquele estado. E talvez o dado mais alarmante, enquanto o assassinato de pessoas brancas, entre 2003 e 2014, diminuiu 26,1%, o número de vítimas negras aumentou 46,9%³¹³.

Estas ambivalências, postas para a população negra brasileira, mostra como buscar a história do movimento negro no Brasil é, além de atual, necessário e urgente. Se a historiografia da Escravidão é a maior do mundo, em quantidade, tendo o Brasil um dos seus grandes pólos de produção intelectual, a realidade ainda não é a mesma sobre a historiografia do negro no pós-abolição. Enquanto nas ciências sociais os temas correlatos às chamadas "relações raciais" permeiam com força todo o século XX, a História começa a ver o crescimento de publicações e o estabelecimento desta área de estudos históricos a partir dos anos 1990.

No primeiro capítulo deste trabalho, vimos como as circunstâncias históricas do Brasil e de São Paulo no pós-abolição ensejaram as ações dos intelectuais negros paulistas. Evidenciamos o esforço das elites em perpetuar, no pós-abolição uma estrutura de dominação branca e marginalização social dos negros. Nesse contexto, se fortaleceram discursos como o "branqueamento" e, em decorrência, a chegada em massa de imigrantes europeus a São Paulo, entre meados do século XIX e as duas primeiras décadas do XX. Vimos também como São Paulo paulatinamente alcançou o *status* de metrópole, se tornando um grande centro de migração para pessoas de todos os continentes. Do interior, vieram também muitas famílias negras que buscavam na cidade oportunidades de melhorias de vida. Com isto se formaram alguns territórios negros, de onde surgiram espaços de sociabilidade e agremiações, como as

³¹³ WASELFISZ, Júlio Jacobo. *Mapa da Violência 2016: homicídios por arma de fogo no Brasil*. FLACSO Brasil, 2016.

carnavalescas, literárias, esportivas e dramáticas. Fruto deste associativismo, surgiram uma série de jornais feitos por negros e voltados para seus anseios, que convencionou-se chamar de Imprensa Negra.

No capítulo dois apresentamos a Imprensa Negra e apontamos sua importância enquanto principal pólo agregador de intelectuais negros entre 1915 e 1931. Mostramos como havia certa organicidade dentro desta "comunidade da imprensa", com ideias comuns sobre um mesmo objetivo: a "redenção da raça". Para eles, a estratégia escolhida para lutar pela melhoria das condições de vida da população negra era o que Kim Butler chamou de "integracionismo alternativo", ou seja, se apropriando criticamente de símbolos e comportamentos considerados "adequados" pela moralidade dominante. Duas bandeiras importantes para os jornais eram a educação (tanto profissional quanto "moral") e a união dos "homens de cor". Além disso, a nacionalidade brasileira era defendida e almejada pelos periodistas, que muitas vezes elegeram inimigos (imigrantes europeus que tinham posturas preconceituosas), defenderam uma narrativa da história nacional e elegeram "heróis da raça" como forma de valorizar o legado histórico do negro para a formação do Brasil.

Nos capítulos III e IV, passamos a nos concentrar na produção literária vinda a lume através das páginas dos periódicos negros. No capítulo III, foi possível observar como o folhetim *A Boa Severina* se esforça em denunciar as mazelas históricas da população negra brasileira, submetida à escravidão em suas diversas formas. Desta forma, o romance de José de Nazareth intenciona disputar a narrativa da História nacional e assim municiar a militância negra de então de subsídios para as disputas políticas e ideológicas das relações raciais em curso nos anos 1920. Já no capítulo seguinte, IV, o foco muda de gênero literário e se debruça sobre a produção poética de intelectuais negros e negras. A produção de poetas como Benedicta Prado, Jayme Aguiar, Deocleciano Nascimento, Ignez do Amaral e Lino Guedes apresentam um objetivo político menos evidente, concentrando-se mais na forma do que no conteúdo. Dominar os métodos para a produção de poesia era por si uma forma de demarcar posição, dentro de uma sociedade cujo preconceito racial inferioriza intelectualmente os descendentes da diáspora africana.

Assim, podemos perceber diferentes contornos da luta antirracista perpetrada por estes homens e mulheres, nas primeiras décadas do século XX. A produção textual, seja jornalístico seja literário, foi um meio privilegiado de militância por parte dos intelectuais negros pertencentes à "classe média negra". A convergência de temas, estratégias, meios e fins que a

Imprensa Negra evidencia, nos mostra como diferentes pessoas estavam unidas em torno de um objetivo comum. Deste modo, é possível afirmar que, mesmo antes da fundação da Frente Negra Brasileira em 1931, e que viria a ser o primeiro partido de cunho racial da história do Brasil, já existia um movimento negro dotado de organicidade e atuante no estado de São Paulo. Este movimento tinha no associativismo negro seus pontos de articulação e nos jornais seu veículo divulgador de ideias. É, inclusive, decorrência desta organicidade do movimento que se tornou historicamente viável a criação da FNB. A partir da leitura dos jornais podemos afirmar a importância destes anos de intenso debate e propagação de ideias, projetos e estratégias de luta antirracista para a história do movimento negro no Brasil. E como toda história, é possível tirar lições dela. Em que a história dos intelectuais negros e negras em torno da Imprensa Negra pode nos ajudar na tão necessária luta antirracista nos nossos dias?

Fontes documentais

Fontes

- *O Menelik*. São Paulo, 1915-1916;
- *A Rua*. São Paulo, 1916;
- *O Xauter*. São Paulo, 1916;
- *O Bandeirante*. São Paulo, 1918-1919;
- *O Alfinete*. São Paulo, 1918-1921;
- *A Liberdade*. São Paulo, 1919-1920;
- *A Sentinella*. São Paulo, 1920;
- *O Kosmos*. São Paulo, 1922-1925;
- *O Getulino*. Campinas, 1923-1926;
- *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 1924-1940;
- *Elite*. São Paulo, 1924;
- *Progresso*. São Paulo, 1928-1931;
- *O Patrocínio*. Piracicaba, 1928-1930;
- *Auriverde*. São Paulo, 1928;

Referências Bibliográficas

ALBERTO, Paulina. *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O Jogo da Dissimulação: Abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009;

ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru/SP, Edusc, 1998;

_____. *América Afro-Latina*. São Carlos: Edufscar, 2007

APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa de Meu Pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997;

BALANDIER, Georges. “A Noção de Situação Colonial”. In: *Cadernos de Campo*, nº 3, São Paulo, 1993, pp.107-131.

BASTIDE, Roger. “A imprensa negra do Estado de São Paulo”. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sociologia*. São Paulo, vol. CXXI, nº. 2, 1951, pp. 50-78;

_____. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BASTOS, Rafael. “Le Batutas, 1922: uma antropologia da noite parisiense”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 20, n. 58, São Paulo, junho de 2005, pp. 177-196

BARBOSA, Márcio (org.). *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998

BERND, Zilá. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 50ª edição. São Paulo: Cultrix, 2015.

BUTLER, Kim D. *Freedoms given, freedoms won: afro-brazilians in post-abolition*, São Paulo and Salvador. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998;

CAMARGO, Oswaldo. *O Negro Escrito*, São Paulo: Imprensa Oficial, 1987;

CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A Imprensa Negra Paulista entre 1915-1937: características, mudanças e permanências*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, 2009;

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003;

CRUZ, Heloísa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa”. In: *Projeto História*. São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007;

CUTI (org). *...E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. Organização e textos de Cuti. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992;

_____. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DOMINGUES, Petrônio José. “A Crisálida do Teatro Negro no Brasil”. In: *Revista Palmares*. Brasília, v.3, 2006, p.52-53;

_____. *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008;

_____. “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”. In: *Tempo*. Niterói, nº 23, jul/2007, pp. 100-122;

_____. A insurgência de ébano. A história da Frente Negra Brasileira (1931-1937). Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, 2005;

_____. "Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil". in: *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 28, janeiro-junho de 2007, pp.345-374.

_____. "Lino Guedes: de filho de ex-escravo à 'elite de cor'". in: *Afro-Ásia*, n. 41, 2010, pp. 133-166

DOUXAMI, Christine. "Teatro Negro: a realidade de um sonho sem sono". In: *Afro-Ásia*. Salvador, n. 25-26, 2001, p. 313-363

FANON, Franz. *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008;

FERNANDES, Florestan. *A Integração do negro na sociedade de classes*. (3^a. ed.). São Paulo, Ática. 3V, 1978;

FERRARA, Mirian. *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963): um estudo monográfico*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, 1981;

_____. *A Imprensa Negra (1915-1963)*. São Paulo, FFLCH/USP (Antropologia 13), 1986;

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em Definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2010;

_____. *O Novo Negro em Perspectiva Transnacional: Representações afro-americanas sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940)*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2015;

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001;

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143-179;

GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005;

GOMES, Thiago Melo. *Um Espelho do Palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. v. 01.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003;

HERNANDEZ, Leila Leite. “Os movimentos de resistência na África”. In: *Revista de História, USP*, nº 141, 1999, pp. 141-149;

_____. *Os Filhos da Terra do Sol: a formação do Estado-nação em Cabo Verde*. Selo Negro, 2002;

_____. *A África na Sala de Aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 4ª ed., 2008;

_____. “Elites africanas, a circulação de ideias e o nacionalismo anticolonial”. In: *África passado e presente: II encontro de estudos africanos da UFF*. Niterói: PPGHISTÓRIA-UFF, 2010. pp. 143-152;

_____. “A Itinerância das ideias e o pensamento social africano”. In: Anos 90, Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 195-225, dez. 2014.

HOOKS, Bell. "Vivendo de amor", in: WERNECK, Jurema et al. (org.). *O livro da saúde das mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000. p. 188-198.

HOUNTONDJI, Paulin “Tempting Traditions”. *COMPAS magazine*, 2001.

_____. “Conhecimento de África, Conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.80, 2008, p.149-160

LUCA, Tania Regina. “Fontes Impressas – História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla (org). *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 111-154

MELLO, Marina Pereira de Almeida. O ressurgir das cinzas. Negros paulistas no pós-abolição: identidade e alteridade na imprensa negra paulistana (1915-1923). Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 1999.

MBEMBE, Achille. “As formas africanas de auto-inscrição”. In: *Estudos Afro-Asiáticos*. ano 23, nº1, 2001, pp. 171-209;

MENDES, Miriam. *O Negro e o Teatro Brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 1993

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

MOTTA, Ubirajara Damaceno da. *Jornegro: um projeto de comunicação afro-brasileira*. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1986;

MOURA, Clóvis. “A Imprensa Negra em São Paulo”. In: *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988, p. 204-217;

MUDIMBE, Valentin. *The Idea of Africa*. Bloomington: Indiana University, 1994;

PEREIRA, Edimilson. “Panorama da literatura afro-brasileira”. In *Callaloo*. V. 18. N. 4. John Hopkins University Press, 1995;

PINTO, Regina Pahim. “A Educação do Negro: uma revisão da bibliografia”. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 67, ago/1987, pp.3-34;

_____. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1993;

PROENÇA FILHO, Domício. “A trajetória do negro na literatura brasileira”. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 18, n. 50, jan/abr de 2004, p.161-193;

SAID, Edward. *Representações do Intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005;

_____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2011(a);

_____. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo. Companhia das Letras, 2011(b);

SANCHES, Manuela (org). *Malhas que os Impérios Tecem*. Lisboa: Edições 70, 2011

SCHWARCZ, Lilia. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993;

SEIGEL, Micol. *Uneven encounters: making race and nation in Brazil and The United States*. Durham, NC: Duke University Press, 2009;

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992;

_____. Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. 4a ed. São Paulo: Brasiliense, 1999;

SILVA, José Carlos Gomes da. “Negros em São Paulo: espaço público, imagem e cidadania (1900-1930)”. In: NIEMEYER, Ana Maria de e GODOI, Emília Petrafesa (orgs.), *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, pp. 65-96;

TILLY, Charles. From mobilization to revolution. Michigan: University of Michigan Press, 1977.

APÊNDICE - A BOA SEVERINA : cenas do cativoiro

A Boa Severina - Cenas do Cativoiro

Autor: José de Nazareth

Forma de publicação original: Folhetim

Fonte original: jornal *Getulino*

Data de publicação original: De 05 de agosto de 1923 a 28 de setembro de 1924

Local de publicação original: Campinas / SP

*A presente obra foi transcrita, compilada e editada por Ruan Levy Andrade Reis, com revisão técnica de Luma Prado, em dezembro de 2016, a partir do jornal *Getulino*. Neste periódico semanal, o folhetim foi publicado sempre na segunda página, na sua parte inferior, com interrupção entre os números dos dias 10 de agosto e 7 de setembro de 1924. Visto ser uma obra da década de 1920, com grafia da época e singularidades da escrita e edição dos jornais da Imprensa Negra, o autor manteve a estrutura do texto original, aplicando apenas atualizações ortográficas, visando facilitar o acesso e a leitura a pesquisadores e ao público em geral.

Recorreu-se ao "(sic)" quando a numeração do fascículo do folhetim como está na fonte está incorreta, mas foi mantida a forma original, com a intenção de facilitar o entendimento do leitor.

Recorreu-se ao "(ilegível)" quando não é possível ler a fonte, seja pelo seu desgaste ou pelo processo de digitalização.

Recorreu-se ao uso de colchetes quando a palavra encontra-se parcialmente ilegível, pelos mesmos motivos supracitados

Estamos à margem direita do caudaloso Paraíba, que, majestosamente, serpeia pelos territórios dos três Estados do Brasil, no recôncavo de um dos seus múltiplos golfos, onde o rio como que represa as suas águas, para que estas, mais volumosas, precipitando-se, pedras abaixo, formam as colossais e poéticas cachoeiras, cujo doce murmúrio encanta toda uma zona.

Para que havemos de localizar o teatro das cenas que vamos narrar, se elas tanto se desenrolaram nas fazendas de São Paulo, como nas do Rio de Janeiro ou ainda nas de Minas Gerais?

Basta que o leitor saiba que quanto formar a narrativa, é autêntico, é verídico, pois como se impressos numa chapa fotográfica, se conservam os passados fatos, nitidamente, na retina de quem os descreve, para que se compreenda, em toda a sua extensão, o que foi o cativeiro no Brasil.

Não nos abalançamos a fazer uma pesquisa histórica sobre em que povo deva recair a culpabilidade da nefanda "instituição"; para nós, pouco importa saber se foram os ingleses, ou não os exploradores dessa torpe "indústria" nos seus primitivos dias de existência. O que queremos é narrar, provará, porém, que em 1850, isto é, quase meio século antes da abolição da escravidão, como em 1888, exercia-se, no Brasil, a mais cruel e ignominiosa prática de inominável barbaridade.

Na Fazenda São Solano, situada num local como o já descrito, era, então, uma das melhores do Brasil, cobrindo-lhe o ubérrimo solo extensas plantações de café, cultivando-se o milho, o feijão e a cana e cuidando-se da indústria pastoril com muito esmero.

Construída ainda nos tempos coloniais, a casa da fazenda era um longo e largo sobrado, com as suas altas paredes ornadas de sacadas.

As grandes senzalas se estendiam nos flancos em prolongamento da residência senhorial; as de um lado se destinavam aos homens e as do outro às mulheres; ao fundo havia um largo portão, que dava entrada para o pátio e ao lado direito do qual havia a enfermaria,

que se unia ao quarto do "tronco", instrumento de martírio; finalmente, do lado esquerdo ficava a residência do feitor, um homem sempre mau, robusto, resolutivo e abominável.

Pela fralda do íngreme morro, ao sopé do qual jazia a fazenda, vinha o rego, que conduzia a água precisa ao funcionamento dos engenhos de café e cana e serra do moinho do monjolo, etc.

Cerca de quatrocentas pessoas formavam a escravatura da fazenda, propriedade de católicos práticos, como bem o atestava a capela ereta no centro do pátio, sob a invocação de São Solano.

O proprietário, coronel João Manuel Solano, era moço fidalgo da Casa Imperial e comendador da Ordem da Rosa, só não tendo conseguido o brasão de armas do baronato, por haver incorrido na antipatia do monarca, devido a haver assassinado uma escrava, por motivos dignificantes para ela e infamantes para ele.

Não havia, talvez, meia dúzia de fazendeiros, em toda a zona_banhada pelo rio Paraíba, assim tão ricos como o coronel Solano, que via aproximar-se o dia que se atingiria o seu meio centenário de existência.

Formavam-lhe a família sua esposa d. Margarida Pires Solano e meia dúzia de filhos, todos eles criados "à lei da natureza" e herdeiros dos "atributos" paternos e da maldade materna, pois d. Margarida era de temperamento mau, de instintos sanguinários, de espírito perverso!

Folhetim do Getulino 2 (12/08/1923)

Organizava-se a festa comemorativa do nascimento do coronel Solano, com uma parte profana e outra religiosa.

Era ocasião da colheita e pelos terreiros, que se estendiam em frente à fazenda, havia desusado movimento, devido a existência de uma grande turma de negros, que, aqui, amontoavam, uns o café e o recolhiam, outros, acolá, às tulhas, enquanto alguns se entregavam ao trabalho da descarga do café vindo da roça.

Davam a nota, os carreiros, que, ao chiar dos eixos dos carros, iam falando aos bois: "fasta. Piloto; "carrega" Pintado; "ôa" Chibante; num som cadenciado.

Caía de manso a noite e a lua banhava com o belo clarão do seu máximo esplendor, aquele vasto quadro, enquanto o Paraíba, pela voz das suas argentinas águas, cantava canções místicas...

Soara a hora da formatura, pois o sino chamava os escravos a prestação de contas do trabalho cotidiano, com que os pobres negros ganhavam o mísero pão "com suor do seu rosto", conforme o preceito bíblico, mas ao qual fugiam os senhores de escravos, que ganhavam, com o suor daqueles, o seu farto alimento, aumentando o seu erário.

A parte colhida era sita num dos pontos mais carregados do cafezal e a tarefa estabelecida na véspera era de seis alqueires para as mulheres e de dez para os homens.

Formados todos, aproximava-se o escravo de uma mesinha, colocada à entrada da casa do feitor, aí deixando as "chapas", recebidas no cafezal, no momento em que havia sido depositado pelos colhedores o balaio de café no carro; se algum ultrapassasse a "tamina", nada ganharia, mas o que não a atingisse receberia o pronto castigo!

Terminada a "prestação de contas" da escravatura, formaram, à parte, dez negros, inclusive sete escravas. "Um louvado seja N. S. Jesus Cristo", solenemente, ecoou espaço afora, recolhendo-se os infelizes às senzalas, enquanto permaneciam hirtos aqueles dez vultos, na atitude de condenados.

Casava-se, nesse momento, o gemer das águas do rio com os melodiosos sons desferidos do fino "Pleyel" da sala, pelas mãos magistras de d. Mariquinha Soares, gentil moça da corte, a qual fazia parte da comitiva do comendador Oliveira Quaresma, rico comissário, que era o banqueiro do coronel Solano e cuja presença, com toda a numerosa família, era imprescindível no dia, para abrilhantar a comemoração do genetlíaco do coronel.

O momento era tristíssimo: ia começar o suplício.

O feitor, afeito aos misteres de algoz, dava pastos aos seus desumanos apetites, surrando ali na presença do senhor, os cativos, que tinham colhido café em menor quantidade do que o da "tamina"!

Uma voz, voz feminina e lamentosa, esguia-se para implorar misericórdia:

- "Sinhô, me perdoe! meu filho passou mal durante o dia e eu tive de parar um pouco para lhe dar de mamar"

Era uma súplica de Maria Cassange, uma escrava que, com cerca de quarenta anos, dera à fazenda nada menos que oito crias, oito "crioulos", como se chamavam os filhos de africanos, nascidos no Brasil.

Irascível, qual Nero, o coronel Solano, imperativamente bradou:

- Mentira! Tu és muito ardilosa! Couro nela, senhor Miguel.

E o feitor, mais força empregou nas "relhadas", que ia dando na desgraçada.

Terminando o "serviço", lá se foi para a sua casa, esse Miguel que nunca teve remorso, porque este só medra nas consciências puras, nos espíritos eleitos de Deus.

Assim surrados, recolhidos às "tarimbas", onde, em promiscuidade; choravam a sua sorte; viam-se deitadas criaturas, como a que nem do direito de cuidar do filhinho, podiam gozar.

Soluçantes, filho e mãe, num abraço terno, adormeceram, resignadamente, ouvindo a compassada "valsa" do piano longínquo.

No alpendre da casa da fazenda, a um grupo de hóspedes, explicava ao coronel Solano a necessidade da existência da escravidão e os benefícios que advinham dos rigorosos castigos corporais.

Só uma alma se sensibilizara: a de uma pobre "mucama", vinda do Rio com a família do comendador, e que era uma pretinha, a qual tendo visto, através da fresta de uma janela, a bárbara cena, exclamara, assombrada, no momento do castigo impiedoso: "Na Corte, não há disso!"

Manhã radiante, a do dia 27 de julho de 1850, dia em que se ia comemorar o natalício do Coronel Solano.

O rosicler da aurora começava a tingir o horizonte, enquanto corria por sobre o Paraíba um diáfano véu formado pela leve cerração, que amortalhara o rio durante a noite.

Tudo se punha em movimento: ao passo que os carreiros penetravam no curral com a soga em punho, a escravatura com os balaies ao ombro, seguia para o cafezal.

Começava o trabalho.

Na azáfama dos preparativos, todos se movimentavam no interior da casa, onde o entusiasmo dominava.

Acendiam-se os fornos, que recebiam uns, os frangos, os perus, os lombos e, outros, os biscoitos e os bolos.

Antes do almoço, abria-se a capela, onde o padre Marcondes, chegado na véspera, celebrou missa solene em intenção do aniversário.

Após o repasto matutino, começaram a chegar os vizinhos e os amigos do anfitrião, convertendo-se a fazenda em um verdadeiro arraial.

O sol tombava já, quando numa grande mesa, que era um enorme U, improvisada no pátio, banquetavam-se os convivas ao som de uma harpa tangida com maestria pelas mãos do "Precatoria", um bom músico italiano, assaz aplaudido e bastante popular na redondeza.

Lá, a certa altura, o padre Marcondes interpelou d. Margarida, a esposa do coronel Solano sobre a refeição noturna, pois com tanta gente em casa, não cessaria o baile senão quando amanhecesse.

- Não, senhor padre, haverá farta mesa de doces e finíssimo chá...

- Caríssimo chá, aparteou o coronel, como poderá atestar o comendador Quaresma, que comprou na corte...

- A vinte e cinco patacas a libra, diz o comendador.

- Pois eu não gosto de chá, talvez por o não ter tomado em pequeno, obtemperou, risonhamente, o padre Marcondes.

- Severina! grita em voz estridente d. Margarida e apenas chegada a escrava à mesa, ordena-lhe que reserve um frango recheado para o Padre.

O coronel Solano, sob a ação dos capitosos vinhos, não resistiu ao sono e se recolheu ao quarto às nove da noite, hora em que bateu o "silêncio" no sino da fazenda.

Tudo correu, então, mais à vontade; as moças da corte, num trejeito de afetação, zombavam dos gatimanhos das matutas que, por seus trajes e conversas, delas bem se distanciavam.

Deixemos, agora, os convivas uns entregues às danças, e outros, capitaneados pelo padre Marcondes, jogando o "Voltarete" até a hora dos lanceiros, com os quais, saudando o romper do dia, encerrava-se, naqueles tempos, quanto baile havia.

No jardim, à luz baça de uma lâmpada de azeite, sentados sob o caramanchão, uns cariocas cantavam modinhas ao som do violão, dedilhado com arte por um acadêmico de medicina.

A uns três quilômetros da fazenda S. Solano, no espigão da alta serra do Bugio, ramificação da cordilheira da Mantiqueira, existia um "quilombo", cujo chefe "Pai Pedro", congo de criação, fazia incursões pelas matas virgens e estabelecera comércio com seus infelizes companheiros de cativeiro.

Atraído pela bulha existente em S. Solano, expedira "Pai Pedro", alta noite, o quilombola Ângelo com destino à fazenda, a fim de ver se lhes poderia caber algo da festa.

A esse tempo, conquanto que houvesse barulho na casa e no jardim, no resto da herdade um silêncio sepulcral, tudo dominava.

Severina, sozinha, à beira do fogo, que, entre três pedras crepitava no chão da casinha, desprendida das coisas do mundo, pensava somente na sua imensa desdita de ter nascido escrava.

Subitamente surge à porta da casinha Ângelo, com ares mais de súplica do que de exigência:

-Que levaria daqui, "malunga"? Tenho fome.

-Isto, vá depressa! exclama Severina, entregando-lhe um frango assado, retirado do forno.

Ângelo partiu.

O "quilombo", de Pai Pedro era desconhecido até quando, havia bem pouco tempo, fôra quase descoberto, devido as pegadas deixadas nos canteiros da horta da fazenda, por "quilombolas", que lá haviam ido buscar alguma verdura, os quais foram perseguidos por espias até perto do cume da serra, bem próximo do esconderijo.

Já haviam decorrido três dias que o coronel Solano destacara para o serviço de "caça" uns "agregados", como se tratavam os indivíduos que moravam em terras dos fazendeiros, explorando-as a título gratuito, mas obrigados a desempenharem o "ofício" aviltante de "capangas".

Eram eles três perigosos valentões, muito adestrados em tal mister e podia-se contar sempre com o êxito das suas empreitadas.

Ângelo, de regresso, atravessou o paredão do açude e galgou o trilho, que o levaria ao "quilombo".

Já no meio da serra, em cujo solo crescera a vasta mata virgem formada de anosos jequitibás e umbrosas figueiras, que atestavam a uberdade da terra, o solerte Ângelo divisou um vulto humano, sobre cujo chapéu se projetava a luz de prata escoada da lua - que naquele tempo dava ainda combate à escuridão - através da folhagem vicejante da vegetação, dando vida às inóspitas plagas.

Era um dos tais agregados.

Após um momento de indecisão, os dois homens iam-se aproximando fitando-se mutuamente com olhares lampejando ódio - o agregado, agasalhado por uma japona de baeta azul, com o chapéu de aba larga, lembrava um tipo de sicario, pertencente a alguma "societas sceleris", e o escravo, trajando uma tanga de algodão grosso, servindo-lhe de penante um chapéu de palha, desprovido de abas, reduzido, assim a uma espécie de turbante, se assemelhava a um aborígene indígena.

Eram ambos filhos de uma mesma pátria: falavam a mesma língua, tinham a mesma fé; um era, porém, vítima do desacerto das leis e outro um "capitão do mato" o qual vivia do nefando ofício de prender escravos fugidos - aquele herói na defesa da sua liberdade, e que, amputado de comunhão social, queria a gozar na selva, como a desfrutavam ali os seres inferiores da criação, e o último um abjeto parasita ávido de dinheiro ganho com a maior ignomínia.

-Entrega-te negro! bradou o agregado, dando a mão ao gatilho do "trabuco".

Acostumado a ouvir o silvar das bravias cobras e o bramir da terrível onça pintada, Ângelo, célere que nem um raio, não se amedrontando, alípede, num certo salto, como o do ja-

Folhetim do Getulino 4 (26/08/1923)

guar, pulou para o contendor, que, devido a uma "rasteira", caiu, recebendo por sobre o seu corpo, o de Ângelo, que lhe tomou a mortífera arma.

Levantaram-se ambos, agora, Ângelo armado e o mísero agregado, suplicamente implorando misericórdia em nome de Deus.

- Não te mato, caboclo de má raça, diz o crioulo, mas largue já aí, toda a tua roupa e o chapéu e vá depressa, antes que, a um assobio meu, aqui cheguem os meus numerosos companheiros de infortúnio.

Enquanto Ângelo, juntando os troféus colhidos; ía a caminho do esconderijo, o agregado, com o espírito causticado pelo pavor, descia serra abaixo, na escuridão que se fizera, então, com o recolhimento da lua, dando formidáveis encontrões nos gigantes da floresta e recebendo na cara e no corpo desnudado vergastadas que lhe davam as taquaras, como que para estigmatizar-lhe toda a carne numa revolta divina contra a sua indigna ação.

O grande ruído parecia-se com o produzido pela anta, que, perseguida pelos cães de caça, atirava-se pelos despenhadeiros abaixo, perturbando o silêncio das brenhas.

No "quilombo", onde existia somente um pequeno rancho, coberto com folhas de palmito, ressonavam todos no mais completo silêncio e nem uma centelha existia, devido à medida de precaução observada ali, onde só durante o dia se cozinhava, sendo o fogo produzido por uma "binga", que "Pai Pedro" guardava, com a cautela com que as vestais velavam o fogo sagrado.

Entra Ângelo.

-Pai Pedro, diz mansamente o jovem, pousando de leve, a mão sobre o ombro direito do velho negro, príncipe de uma das mais antigas estirpes africanas; rei na sua terra e escravo no Brasil!

-Que é "moleque"?

-Trago um frango, uma japona, uma calça, uma camisa, uma ceroula, um chapéu e uma espingarda.

-O que? exclama "Pai Pedro".

-Sim, temos já um começo de armamento...

Despertado o pessoal, passaram os seis "quilombolas" a deglutirem o frango, suculentamente condimentado, enquanto o valente crioulo ia fazendo a narrativa do seu valoroso feito.

Longe estava d. Margarida de prever que o frango mandado reservar para o padre Marcondes, serviria de ceia a pobres criaturas de Deus, reduzidas pela barbaridade dos homens, ao estado de escravos.

A arma nada valeria, se não fora, de outra feita, ter sido encontrada grande quantidade de pólvora e chumbo, em volumes caídos da sobrecarga dos burros que formavam uma tropa, que, vinda da corte, se dirigia ao arraial de B...

Prosseguia a festa na fazenda, quando, às duas horas da madrugada, ia ser servida a mesa do chá.

Severina teve um grande calafrio, quando se lembrou da recomendação de sua senhora, quanto ao frango reservado para o Padre Marcondes, e que ela, num momento de irreflexão, dera a Ângelo.

Finda a mesa das senhoras, começou a dos cavalheiros.

A cabeceira, como era de praxe coube ao padre Marcondes, que a todos dirigia pilhérias, entretendo os comensais em perene hilaridade.

Belos doces ornavam a grande mesa, à qual não faltavam o clássico bolo inglês, os tarecos, os bons-bocados.

- Dona Margarida, onde está o meu frango? perguntou o vigário.

A esposa do coronel Solano vai à cozinha e exige de Severina o frango que lhe recomendara guardar.

-Não sei como "sinhá", o frango desapareceu.

-Esganada, tu o comeste!

E assim falando, a senhora, tomada de uma colher de pau, quebrou-a à ação das pancadas, que deu em Severina, deixando esta com grande brecha na cabeça, e de onde jorrava sangue.

Folhetim do Getulino 5 (02/09/1923)

Regressando à sala, d. Margarida narrou ao padre, o que sucedera.

O ministro de Deus, o apóstolo do meigo rabino da Galiléia, profligou o procedimento da escrava de forma assaz veemente, porque não se podia conformar a situação, que ela lhe criara e arrematou: "Negra assim é um perigo dentro de casa; o seu lugar é no 'eito', sob chicotes do feitor e dos capatazes".

Arrumados uma travessa, os "ossos" de leitoa e peru, foi dado ao padre Marcondes farta refeição, regada com os finos e velhos vinhos, sempre abundantes na adega da fazenda.

Encerrou-se, nesse dia, a festa e com a retirada dos convidados, voltou a fazenda à sua vida normal.

Severina era descendente de um casal de negros da raça Mina, cujos traços fisionômicos se confundem com os dos mais belos tipos provindos da raça árabe.

O nariz, a boca, a correção do porte, tudo o que apresentavam os brancos da antiga Ásia, se encontrava nos indivíduos da raça Mina.

Severina era uma bela rapariga, então com vinte anos, servia desde a idade de quatorze, como "mucama", sendo, pelo seu asseio, escolhida para copeira.

Uma vez, sua senhora deixara sobre a mesa da copa, certo número de ovos para serem empregados no preparo de um bolo.

Passando pelo corredor, a Casemira, uma pobre escrava invalidada pela tuberculose em último grau, divisou a infeliz os ovos e pediu a Severina que lhe desse um.

Filantrópica sempre, a crioula cedeu dois dos ovos, o que lhe valeu uma tremenda sova.

Humilde e generosa a pobre rapariga era muito bem-quista por todas as companheiras.

A palavra do representante do poder espiritual valia, invariavelmente, como uma sentença emanada de Deus e, por isso, Severina passou no dia imediato a trabalhar no "eito", "sob os chicotes do feitor e dos capatazes", como dissera o padre Marcondes.

Após os festivos dias, voltou a fazenda ao severo regime, que estabelecera o coronel Solano.

O agregado, que fora vencido por Ângelo, na luta travada no seio da mata virgem, escondera os pormenores do fato, narrando ao feitor somente o encontro com um "quilombola", que fugira, espavorido, pela vertente da serra abaixo, pois confessar a cabal derrota, seria determinar a sua expulsão da fazenda.

A segunda tarde, que sucedera à da festança, apresentava uma encantadora "boca da noite", iluminada por um pôr do sol esplêndido, desses que matizam os horizontes brasileiros e que tornariam célebres os mais modestos pintores patrícios, se estes não preferissem na sua grande maioria, reproduzir os menos belos horizontes europeus, nas suas viagens de "instrução"...

O último "rodo" fora erguido do chão, estando o café em pequenos montes no vasto terreiro; a boiada, farta de sal, que comera no cocho do curral, pastava já no "mangueirão", ávida de alimento; sentado no banco do alpendre da fazenda, o coronel Solano soltava, em

espirais, a fumaça do seu cigarro de fumo de rolo, desfrutando o prazer dos nababos, quando, tendo deixado "batendo" milho no paiol e descascando as espigas, a escravatura entregue aos capatazes, aproxima-se da escada o sr. Miguel, o bárbaro feitor.

-Patrão, boa noite. Dá licença?

-Suba, disse o coronel, acrescentando: há alguma novidade?

-Sim, senhor! Um dos agregados, destacado para observar o movimento na serra do Bugio, encontrou um "quilombola", que deitou a correr logo que se viu pressentido, parecendo-me certo que existe lá a toca, onde vivem Pai Pedro, Ângelo, Joaquim, Rafael e outros negros fugidos.

Folhetim do Getulino 6 (09/09/1923)

-Trate, sr. Miguel, de organizar uma batida na mata, mas eu quero um serviço em regra.

-O cavalo se amarra à vontade do amo", diz-se na minha terra, que é a ilha de S. Miguel, e garanto ao meu patrão que eu me incumbo de dar cabo do "quilombo", naturalmente existente nas matas da serra.

-Se preciso for, determina o coronel Solano, podem matar os mais rebeldes, pois a lição será frutífera. Não me consulte mais e pode organizar o serviço, pois lhe dou carta branca.

Após um momento de silêncio o sr. Miguel retira-se, dizendo:

-Deus lhe dê boa noite, sr. patrão. E saiu do alpendre;detendo-se no último degrau da escada, para acender o seu "macaio", batendo o isqueiro.

Pouco depois eram os escravos recolhidos às senzalas, fazendo-se absoluto silêncio, só quebrado pelos gemidos dos que partiam do quarto do tronco, onde jaziam em tortura alguns negros.

Depois de soar no velho sino, o toque do silêncio, tomando da sua foicinha, lá se foi o sr. Miguel estrada afora, percorrendo meia-légua, até a encruzilhada do Vargem de Fora onde moravam os agregados, em cujo número se contava, o que Ângelo escorraçou.

Os cachorros, que dormiam à porta da casucha, deram sinal da aproximação do visitante e os homens - armando-se até os dentes, pois gente assim era sempre covarde ao extremo - vieram à soleira da porta da casa.

O sr. Miguel, que vinha ao lado oposto, bradou em voz forte:

-Ô de casa!

Reconhecendo a fala do feitor, os agregados gritaram:

-Pode chegar, e saindo para o terreiro foram ao seu encontro, conduzindo-o à cozinha da casa, travando-se o seguinte diálogo:

-Vocês não me esperavam, hein?

-"Nhôr", não. O que há?

-O patrão quer que se dê cabo do "quilombo" da serra do Bugio...

A estas palavras, obtemperou aquele agregado, que recebera de Ângelo a terrível lição:

-Garanto-lhe, sr. Miguel, que hei de ser o primeiro a entrar na fuma desses patifes.

-É preciso muita ordem no serviço, diz o feitor, esfregando as mãos, Pai Pedro é respeitado por todos os seus parceiros, como o maior feiticeiro destas terras. Não acredito em "bruxa", nem em "mandingas" mas dizem tanta coisa dele, que eu não deixo de temê-lo.

Olhem, dizem que ele é mestre em fazer "cangerês"...

-O "encanto" dos feiticeiros tira-se com "rabo de tatu", primeiro, e, depois, com uma sova de "bacalhau" de taquara, que é uma boa "vara de condão". Essas palavras foram pronunciadas por aquele miserável, que se recolhera à casa no estado em que o deixara o valente crioulo, na floresta!...

-Bom, disse o sr. Miguel, vamos tratar do caso, com toda a cautela e segredo, porque não se deve dar demonstrações da nossa intenção.

Fica assentada para sexta-feira próxima, à noite, uma batida em regra na serra do Bugio, pois temos boa lua e a ocasião é própria.

Como sabemos no "quilombo" não existe armamento de espécie alguma.

-É mesmo, exclamaram os agregados, que, entreolhando-se, denunciavam a certeza de que lá haveria, pelo menos, um "trabuco", pois bem conheciam o caso ocorrido na véspera.

Assim, prosseguiu o feitor, podem afoitamente ir até o esconderijo dos negros.

-O sr. Miguel não vai? pergunta um dos agregados.

-Eu não, porque não posso arredar pé do serviço. E com essa, me vou embora, pois os galos estão a cantar e deve ser isto já por volta de meia-noite.

Sacou do relógio, certificando-se, e retirou-se para a fazenda, divisando, pelo caminho, em cada moirão de cerca, o vulto de um "quilombola"...

Enquanto isso se passava cá embaixo, lá no alto da serra do Bugio, havia, no "quilombo" de Pai Pedro, grande alvoroço.

É que um branco conseguira maquear a boa fé de Pai Pedro, e, com falazes promessas, captara as boas graças do velho, que estava negociando com ele a "redenção" sua e a dos seus "companheiros".

Um espanhol de nome d. Aguirra propusera a "Pai Pedro" seguirem todos para Goiás, onde poderiam enriquecer com a extração de diamantes de ouro.

Assentadas as bases do negócio, d. Aguirra, astuto, perverso e hipócrita, induzira-os a seguir, devendo tomar um caminho que passava pela cidade de Taubaté.

Aquele branco surgido das brenhas, tinha o aspecto de um ser sobrenatural, para os pobres "quilombolas", acostumados a passar fome, se alimentando de alguns bichos que cabiam nos seus "laços" e de pássaros que apanhavam em suas "arapucas".

O Brasil era a Terra da Promissão, o Eldorado, com o qual sonhavam os que precisavam se furtar às agruras do cárcere, com passaportes falsos para aqui vinham, aos bandos, os que procuravam viver vida de aventuras.

Por isso é que aportara no Brasil d. Braz Aguirra, natural de Málaga, em cujo cadastro criminal figuram o seu nome num processo por crime de morte para roubar.

Desembarcado do porão da escuna em que transpusera o Atlântico, o espanhol empregara-se no serviço dos barcos de pesca no Rio de Janeiro, adquirindo regular pecúlio no comércio de contrabando realizado com os veleiros estrangeiros, até que, envolvido num processo, fugiu para o interior, transpondo a serra do Mar e se embrenhando pelas matas espessas que cresciam à margem do Paraíba.

Idealizou o astuto castelhano um plano, assaz singular, de fazer fortuna, sem esforço de espécie alguma, é que consistia em penetrar nos "quilombos", sequestrando os negros fugidos prometendo-lhes a liberdade e fascinando-lhes o espírito com a promessa de irem,

como homens livres, trabalhar em minas auríferas que dizia possuir em remotas regiões goianas.

Palmilhando a estrada de "serra acima" conseguiu D. Braz arrebanhar muitos escravos fugidos de Maxambomba até S. José do Barreiro, vendendo-os em Conservatória, Barra Mansa, Resende até Pindamonhangaba, de onde regressou para tomar outra diretriz.

Bem armado sempre, Aguirra não se deixava acompanhar por pessoa alguma, invadindo as matas, afrontando as feras e arrastando todos os perigos, oferecidos aos que ousavam divagar pela selva virgem, tudo o que ele preferia a subir ao patíbulo na Espanha.

Raramente topou o Espanhol com algum "puri", como se tratavam os índios mansos.

Descia já o sol no quadrante do poente, raros pios de "inhambu" ou de "jacu" perturbavam o silêncio em que, naqueles lugares, se mergulhavam a natureza, quando o aventureiro divisou o acampamento de Pai Pedro.

No seu convívio com os africanos, Aguirra aprendera algumas palavras da língua falada pelos negros do Congo e, sem saber que se dirigindo ao chefe do "quilombo", se entendia com um filho dessa terra, o astucioso aventureiro dirigiu-lhes estas palavras:

- "Aiê! Guere comgome ticombambe".

A essa saudação, respondeu Pai Pedro:

- "Aiê, Guere combombe tietate!".

Folhetim do Getulino 8 (23/09/1923)

Tinham se saudado os dois homens. Pai Pedro, lembrando-se da sua juventude, ébrio de alegria, tonto de prazer, se dirigiu para o sítio onde, bordando um sorriso de perjuro, se mantinha imóvel o aventureiro infame.

Ao redor da figura simpática do velho africano, postaram-se os seus companheiros de "quilombo".

A conquista estava feita e fácil foi a Aguirra desenhar aos olhos lacrimosos dos pobres escravos o quadro da sua liberdade e enriquecimento, terminando por propor-lhes seguir com ele para as suas minas sitas em Goiás.

Pai Pedro aceitou, prazerosamente, a oferta do audacioso aventureiro, que lhe propunha a obtenção da liberdade, oferecendo-lhes alto salário para trabalharem nas grandes minas, que ele, mentirosamente, asseverava possuir em Vila Bela de Goiás.

Assim, ao romper do dia imediato, seguiram todos os "quilombolas" rumo oposto ao da fazenda São Solano, descendo a alcantilada serra dos Bugios, com destino à vila do Piquete.

Vencidas cerca de cinco léguas, caminhadas por entre abismos, em mata virgem, à tarde desse dia, chegou o comboio à venda do sr. Gervásio Alves, que tinha também uma estalagem, pois esse ponto era pouso forçado dos viajantes que se destinavam a todo o interior, vindos da Boa Corte.

Aguirra dissera a Pai Pedro que, para arredar qualquer suspeita ele os trataria como escravos e eles o reconheceriam como seu senhor.

Apenas chegada a comitiva, foi servido abundante jantar a d. Aguirra e frugal repasto, umas colheres de feijão e outras tantas de angu, aos "quilombolas", que, logo após "matarem a fome", se deitaram em umas velhas esteiras, estendidas no chão do rancho, destinado à guarda dos arreios das tropas que "navegavam" por esse "caminho da nação", ou estrada real, como se chamavam até então as artérias da viação pública.

Estavam todos dominados pelo cansaço, inclusive d. Aguirra que se recolhera ao leito.

Seriam nove horas, quando o silêncio daquele ermo lugar foi quebrado pelo tropel dos cavalos, montados por um fazendeiro e o seu "pajem", que pernoitaram na estalagem.

Aquele homem vinha de além da vila do Piquete e se destinava ao Rio de Janeiro, onde pretendia comprar alguns escravos, preciosos para o aumento da sua já considerável lavoura.

Esse forasteiro sr. Pinto foi acomodado em um dos catres existentes no quarto de d. Aguirra.

À luz bruxuleante do "mancebo" e que se alimentava de azeite de mamona, entabularam eles conversação, provocada por d. Bráz:

-Para onde vai o senhor?

-Vou à corte somente para comprar uns negros.

-Quantos?

-Uma meia dúzia deles.

-Os escravos estão caros não?

-Um bom exemplar vale ainda uns dois contos de réis, ou mais, conforme a raça...

D. Aguirra, mentalmente, multiplicou o valor dos seis "quilombolas" por dois contos e achou o total de doze contos de réis, que, naqueles ditos tempos de câmbio acima do par, davam para comprar milhares de alqueires de terras férteis e novas.

-Olhe, meu senhor, eu levo comigo seis negros, que valem ouro, se quiser os vendo a dois contos de réis, entregando-os em sua fazenda. O seu lucro é apreciável, porque daqui à corte são mais de trinta léguas, isto é, sessenta, ida e volta.

-Veremos, amanhã, os escravos, redarguiu o fazendeiro.

-Eu preciso enganá-los, porque eu os comprei sob promessa de os levar para Goiás, voltarei junto com vossa mercê até a sua fazenda, onde os entregarei.

E dormiram ambos.

No dia imediato foi efetuada a transação, voltando para a sua fazenda o sr. Pinto, acompanhado pelo espanhol que conduzia à sua frente os pobres "quilombolas", para, ao cabo de uma semana de penosa vereda, através de serras e "varando" rios sem pontes, chegar à fazenda Santa Clara, onde, a mais de trinta léguas da serra do Bugio, caiu o "quilombo" em novo cativo.

Folhetim do Getulino 9 (30/09/1923)

Protestos, acusações tremendas, feitos pela boca dos infelizes escravos, nada valeram!

D. Aguirra partira, tão depressa recebera o dinheiro para continuar a explorar esse criminoso tráfico, que tantas fortunas levantou, fazendo rutilar custosas gemas em artísticos adereços onde a pureza do brilho do diamante contrastava com o lampejo vermelho dos rubis.

Voltemos à fazenda S. Solano e descrevamos o assalto ao "quilombo" da serra do Bugio, agora abandonado, onde só uma coisa atestava a existência da escravidão: um papagaio, que, outrora, entretia Pai Pedro, e que, agora, imerso em profunda tristeza, com a cabeça agasalhada sob a asa, parecia querer se furtar a ver aquele quadro, onde não mais figurava o velho "quilombola", que tanto o queria.

Os agregados tinham se aprestado e empreenderam, como havia sido ordenado pelo feitor, a batida da mata, galgando, na noite de sexta-feira, a grande serra do Bugio, que, coberta de escura e elevada mata, era mal iluminada pela fraca luz, que se projetava da lua no seu derradeiro minguante.

Apenas o pio agourento dos notívagos perturbava a quietude em que a natureza estava imersa.

Quando o curiango, desferindo seu vôo, se postava à frente dos agregados, estes balbuciavam, trêmulos, de medo, as palavras santas, dirigidas a Deus, nos momentos tormentosos.

Corujas, da família das 'rasga-mortalhas', estridentemente, soltavam o seu canto horripilante, oqual sacudia a negra alma de bandido dos agregados, e mergulhava no mais profundo pavor.

E aquelas terras virgens, onde os indígenas, outrora, praticavam o seu culto aos deuses "curupiras" e "manitos", eram calcadas agora, pelo pé do invasor andaz que, assalariado, queria agrilhoar os que haviam salvo do cativeiro nefando.

Caminharam, a bom caminhar, os capangas, por entre os estorvos, naturais, até que o longínquo cantar dos galhos, anunciava-lhes a segunda hora.

Um dos "capitães do mato" esbarrou na coberta do rancho do quilombo e, sobressaltado, num salto enorme, retrocedeu segredando aos ouvidos dos que o seguiam o desejado "eureca"!

Estava descoberto o agasalho dos negros fugidos e, nesse momento, o astro noturno, ocultando-se, negou aos perseguidores a claridade.

Estatelados, com o coração a palpitar excessivamente, com a mente dominada pelo pavor, os agregados se postaram em posição de ataque, aguardando a madrugada ridente desse dia, cujas horas se escoavam na ampulheta do tempo, vagarosamente, como as que formavam aquelas em que os condenados à morte eram postos "em capela"...

Recrudesce o longínquo canto matinal dos galos e, pela floresta se espalha o chibro dos pequenos pássaros: aqui a cambaxirra, alí o pintassilgo, acolá o gaturamo, começam a saudar o dia em seu prelúdio de alvorada, enquanto o macuco, o inó e rasteiros palmípedes, sacudindo as suas plumagens tão variegadas, vão tomando o seu banho de ar.

O sol, aquele Phebo, amoroso esposo de Tétis, abandonado o tálamo conjugal, era saudado em todas as terras em todos os mares.

Tinha-se feito dia.

Em posição de ataque, os três agregados, de "tocaia", atrás dos grossos cedros que abundavam no local, seguravam as velhas espingardas, portadoras de grandes cargas de "perdigotos" em perspectiva de disparo.

Folhetim do Getulino 10 (07/10/1923)

O silêncio no rancho era absoluto nem o arfar de um peito humano denunciava a existência de alguém; somente o belo papagaio, que tanto carinho merecera de Pai Pedro, se conservava empoleirado na pequena cumieira do tosco rancho, e, como para não presenciar o triste quadro do assalto, trazia a sua bonita cabeça resguardada sob a asa, chorando talvez de saudade.

Seriam nove horas quando os emissários do sr. Miguel, o desumano feitor, penetravam no "quilombo", onde nada encontraram, senão umas panelas de barro, rudimentarmente fabricadas pelos que se tinham ido...

Regressaram os agregados à fazenda, comunicando o ocorrido ao coronel Solano, e, mais tarde, ao feitor.

De hipótese em hipótese, chegaram os interessados à conclusão de que os "quilombolas" haviam transferido o esconderijo para mais seguro canto e ficou deliberada outra expedição, que deveria permanecer na mata longos dias, para que a sua tarefa fosse coroada de êxito.

Havia alvoroço na fazenda, pois um grave fato se dera no cafezal, onde a escravatura trabalhava.

Marciano, um escravo quase branco, daqueles que vinham das províncias do extremo norte, muitas vezes nascidos livres mas vendidos pelos progenitores, se havia sublevado e desrespeitado o seu capataz e o feitor, que ao levantar o relho para o castigar, foi por ele agredido e vencido.

Apanhavam os escravos o café, que lhes escapara da peneira caindo ao chão, quando, não percebendo a presença do capataz, Marciano, ajoelhado, deteve-se um minuto a fim de bater o isqueiro, para acender o seu pito.

A uma brutal censura do seu parceiro, investido de autoridade, que lhe dava o chicote de capataz, Marciano, entontecido pela saudade do seu chapéu de couro, que usava quando vaqueiro nas vastas campinas do Piauí, respondeu ao capataz, numa imprecação terrível, que envolvia a certeza de não ser escravo e fê-lo com a energia de quem tinha a virilidade dos vinte anos.

O capataz gritou pelo sr. Miguel, que, rapidamente, chegou ao local e, ouvida a queixa do seu preposto, deu dois passos à retaguarda e ergueu com os seus fortes braços o látego de volumosa trança de couro cru.

Marciano, num gesto de natural repulsa, destemido e valoroso, avança para o seu algoz e, com um terrível "abraço", o deita ao chão.

Nesse comenos, dois capatazes detêm o revoltado, que, devidamente algemado, é conduzido à sede da fazenda, por um dos auxiliares do feitor, acompanhado por possantes capangas.

Posto no tronco, Marciano passou o resto do dia e a noite privado de alimento e presa de grande sede.

No dia imediato, pela manhã, apenas a escravatura fora para a roça, deu-se início ao castigo determinado pelo coronel Solano.

Rafael, um musculoso mulato, que era o primeiro pajem do coronel, e Afonso, o mais inteligente carapina da fazenda preparavam o "pelourinho" como melhor podiam.

Para dar uma pálida ideia do todo bárbaro que revelavam os fazendeiros, em sua maioria, vamos descrever, pormenorizadamente, a cena do "bacalhau".

Como se lembrará o leitor, ao centro do pátio da fazenda, erguia-se uma capela sob a invocação de S. Solano, cuja imagem estava colocada sobre o luxuoso altar, onde tudo dominava a efígie serena do meigo Jesus de Nazaré, morto sobre a cruz para redenção da humanidade.

Pois bem, a face externa da parede do pequeno templo, recebeu a escada de pedreiro que lhe justapôs Rafael.

Era essa a principal peça do "bacalhau".

Enquanto no canto do pátio, uns filhos do coronel brincavam com pequeno carro de cabritos, noutro ângulo, umas sobrinhas da casa entretinham-se, animando belas bonecas, centenas de pombas domésticas andavam pelo chão à cata de migalhas, arrulhando meigamente; um bando de "pássaros pretos", esvoaçando, pousou na cumieira da capela; o sol dardejava raios de luz sadia e toda a natureza, esplendorosa, se ostentava soberba.

Fazia uma bela manhã.

Eis senão quando, sai do quarto do tronco o tétrico cortejo: -Marciano, desalgemado, marcha entre Rafael e Afonso, caminho do suplício, antevendo o seu triste fim, prevendo, talvez, a sua próxima morte.

Folhetim do Getulino 11 (13/10/1923)

Sedento e faminto, traz a cabeça pendida, os seus braços, torturados por tão longas horas, não tem mais agilidade; o seu andar é titubeante, porque ele bem sabe que vai ser submetido ao maior castigo dos que a perversidade humana jamais inventara!

Os seus verdugos trazem na mão direita os chicotes, pequenos chicotes formados por tiras soltas de couro cru enroscado.

Aproxima-se a vítima do patíbulo e, por natural manifestação de instinto, detém-se e se quer evadir; debalde pretende fazê-lo, pois, vencido pela fome, pela sede e pelo martírio, é amarrado à escada e, desprovido de qualquer vestimenta, começa logo o seu corpo, desde as costas até as nádegas, a verter copioso sangue, emanado das feridas feitas pelos chicotes.

Aos gritos desesperados da vítima de tamanha, mas comum barbaridade, as pombas despovoaram o pátio e, no espaço, no azul etéreo, formam uma nuvem branca que contrasta com o negror do bando de "pássaros pretos", que partiram também.

As meninas, aquelas que brincavam num ângulo do pátio, espavoridas, com o coração a palpitar e os olhos a marejarem lágrimas, correram para o interior da casa, enquanto os meninos, ridentes, aproximavam-se do lugar do suplício, parecendo pelos meneios de suas cabeças, dizerem: Eu também hei de ter escravos!

Já não gemia mais o desgraçado Marciano, já quase não arfava mesmo, quando uma voz estertorosa ecoou, dizendo: Basta!

Era o coronel Solano, que, satisfeita a sua voluptuosidade neronica, pelo espetáculo que presenciara de começo ao fim, mandava, da janela do seu quarto, parar o suplício, para que não sofresse a sua fortuna, com a morte de um robusto escravo...

Era, porém, tarde!

Descido da escada, o corpo quase inerte de Marciano é conduzido à enfermaria, onde as suas chagas foram pensadas pelo "cirurgião" da fazenda, um sujeito de muita barba e muito cabelo, mas sem caridade nenhuma e nenhuma ciência.

Pouco tempo decorrido, o sr. Moreira, o "cirurgião" é chamado para almoçar na fazenda.

Alegremente recebido pela família, foi para a mesa, onde apenas sentado, dirigiu-lhe a palavra d. Margarida:

-Está muito machucado o Marciano?

-Não, responde, risonhamente, o cirurgião, acrescentando: foi uma boa sangria somente. O "cabra" é muito propenso à apoplexia e é preciso, a miúdo tirar-lhe um pouco de sangue...

Nesse ínterim uma "mucama" anuncia a chegada do padre Marcondes, que é recebido pelo coronel, sendo conduzido à mesa.

-Olá, dr. Moreira, o senhor está por aqui?

-Vim à serviço, pois estou cuidando de salvar um pedaço de fortuna do nosso coronel, cuidando de curar um escravo...

Mal terminara as suas palavras o "cirurgião", quando o enfermeiro da fazenda penetra na sala de jantar, dirigindo-se ao coronel para comunicar que Marciano agonizava.

O padre Marcondes, que preparava ainda a sua primeira garfada, exclamou, levantando-se:

-Agora, o remédio só pode ser dado por mim, e caminhou para a enfermaria.

Jazia num catre desconjuntado, sobre cujo estrado, formado de grossas tábuas, estorcia-se nos paroxismos da morte, o escravo rebelde, cujo corpo dilacerado despejava abundante sangue.

O padre Marcondes, persignando-se, dirigiu-se ao infeliz, dizendo:

-Marciano, tu vais morrer; confessa os teus pecados e te arrependas deles, para que eu possa te absolver. "O que eu ligar na terra será ligado no céu e o que eu desligar na terra está desligado ao céu".

Um silêncio solene se fez, só quebrado pelo zunir das moscas que, em abundância, pastavam no corpo nu do moribundo, até que, num esforço inaudito, retorcendo-se no derradeiro movimento, o escravo abre desmesuradamente os olhos e, sorrindo o último sorrir, gozando já da bem-aventurança, exclama: Padre! Vai-te! Eu sou filho de padre!

Folhetim do Getulino 12 (21/10/1923)

E com o olhar calmo de uma fera, fitou o padre Marcondes o feliz escravo, que cerrara para sempre as pálpebras, evolvendo-se o seu grande espírito para o regaço de Deus!

Nessa hora, talvez, é que tivesse caído sobre a ara do altar, partindo-a, o pesado crucifixo de bronze, encontrado, depois, nessa posição, na capela da fazenda.

O padre Marcondes voltou à mesa, onde tomou a sua refeição, com a tranquilidade de quem assistiu o trespasse de um justo.

Horas depois, no velho cemitério da fazenda, abria-se uma cova, onde, no estado do momento do suplício, rolou o corpo de Marciano.

Não era a primeira vítima da crueldade dos senhores de escravos, a qual era entregue à abençoada terra brasileira, e nem seria a última.

À noite, quando a escravatura se recolheu às senzalas, a notícia lúgubre circulou entre os infelizes companheiros de Marciano, cada um dos quais, na linguagem que Deus bem entende, dirigiu ardente prece pela paz da alma do morto.

Quando o padre Marcondes se recolheu, já na residência paroquial, ao seu leito, o seu espírito começou a sobressaltar com a repetição das derradeiras palavras do pobre escravo: "Padre! Vai-te! Eu sou filho de padre!".

O padre Marcondes, nem com o poder das orações, rezadas mentalmente ao começo, e recitadas em voz alta ao depois, logrou tranquilo sono, pois passou a noite em claro.

Desde esse dia evadiu-se-lhe do espírito a sua perene alegria. começando a bem compreender a doutrina ensinada pelo Messias, afagando as ideias abolicionistas e revoltando-se sempre contra o desumano poder absoluto outorgado pela lei dos senhores de escravos.

Passeando no cemitério da fazenda São Solano, o espírito de Marciano ia repetindo sempre, à luz do sol como à sombra da noite, os lancinantes gemidos, apavorando os transeuntes, que proclamaram ser o local "mal assombrado".

Não era um mal que afetasse só a alma brasileira, o nefando comércio do próprio filho, pois a terrível prática era peculiar à instituição negra, que maculou a vida de todas as nações americanas, onde exerceu-se o tráfico de africanos.

Buckingham, visitando os Estados Unidos da América do Norte, em sua narrativa, revelou coisas exatamente iguais às que se observavam no Brasil, quanto à venda dos filhos pelos senhores e quanto à "indústria" da procriação dos escravos apurando-se a raça e etc.

Um lavrador "yankee" disse ao visitante bretão que toda a sua produção de escravos era considerada como objeto seguro de renda: I have, at this time, a hundred and fifty of these people; and their annual increase may be estimated, as adding as much to my income, as arises from other sources!

Na Virgínia, ao que contava aquele viajante, a prosperidade econômica de muitos proprietários, era devida à "indústria" da criação de escravos em grande escala, para o comércio.

Lá, narrava o forasteiro, os escravos eram criados para negócio como se fossem gado: These are regularly bred and multiplied for sale; like cattle.

Ainda mais - coisa que não nos consta ter sido praticada no Brasil - compravam-se escravos ainda no ventre materno, correndo-lhe o risco!

Jornais de Washington e de Augusta inseriam anúncios diários prometendo dinheiro por um escravo provável: "Cash for likely negroes".

Como no Brasil, o senhor vendia o próprio filho, havido com mulher escrava!

Em vinte anos apenas, período decorrido de 1830 a 1850, a população escrava aumentou trinta por cento, algarismos que determinariam a duplicação da população em cerca de vinte e cinco anos.

Não era, portanto, privativo do caráter dos nossos patrícios a prática vergonhosa de atos de tão inaudita perversidade humana; o vício era inerente à instituição, que tanto mancha a nossa história pátria.

As leis canônicas colocavam o escravo em terreno inferior ao do homem livre, embora ambos fossem criados por Deus à sua imagem e semelhança!

A lei de 4 de setembro de 1850, extinguiu o tráfico de africanos, mas continuou ele a ser exercido por contrabando, como se deduz das provas que vamos produzir.

No seu "Rio de Janeiro - 1821-1921", Hermeto Lima refere a prisão do espanhol d. Francisco Ruvirosa, efetuada na chácara da Lagoa, em plena capital do império, a 10 de maio de 1853, (três anos quase depois da promulgação da lei abolidora), por entregar-se o criminoso ao tráfico de africano.

Folhetim do Getulino 13 (28/10/1923)

Ainda mais - o ministro da Justiça, em seu relatório de 1852, referiu-se entre outros os seguintes fatos:

Na erva praia de Tramandaí, Rio Grande do Sul, foram desembarcados, clandestinamente, 300 africanos, dos quais só pôde o governo, salvar 24 da escravidão.

Em dezembro do mesmo ano, um navio negreiro dera, na praia de Bracuí, desembarque a africanos. Era o brigue norte-americano "Camargo", que zarpara do Rio em abril, rumo ao Cabo da Boa Esperança, para comércio lícito, mas que seguira depois para Moçambique e Quelimane, de onde trouxeram 500 africanos, que foram vendidos a fazendeiros das províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro!

Desses homens foram apreendidos no município de Bananal, São Paulo, 84, sendo pronunciados como cúmplices do delito, os seguintes fazendeiros no referido município: Manoel de Aguiar Valim, Luciano de Almeida, Antônio José Nogueira e Pedro Ramos Nogueira.

Intercalando aqui, notas, como esta, temos por objetivo único provar ao leitor que não nos entregamos à fantasia, e sim só narramos o que é autêntico.

Esses fatos, buscados em documentos oficiais de tal cunho, bastam para, de vez, convencer o leitor do quanto de sinceros somos na execução da tarefa a que nos impusemos de dizer o que de bárbaro, de aviltante, de degradante envolveu o negro manto que agasalhou a maldita instituição.

Fôra, afinal, infrutiferamente, organizada nova "batida" nas matas da serra do Bugio.

Depois de passarem oito dias em tão esconsas paragens, regressaram os "agregados" trazendo a certeza de que nenhum "quilombola" vagava pela longa extensão percorrida.

Corriam tranquilas as coisas em S. Solano, quando, inesperadamente, aporta à fazenda d. Braz Aguirra, montando um belo ginete ricamente ajaezado.

É que o traficante espanhol ouvira, no arraial B., a notícia, para si auspiciosa, de que o coronel Solano gratificaria com a quantia de um conto de réis, a quem lhe indicasse, com segurança, o lugar onde se achassem acoitados Pai Pedro e os seus parceiros, que habitavam o "quilombo" abandonado.

O audacioso ladrão, não adivinhando a sorte que teria a sua aventura, deliberara ir a S. Solano na esperança de obter mais esse provento no seu comércio indigno.

Recebido pelo coronel Solano, Aguirra contou-lhe que, vindo do interior, pernoitara na fazenda "Santa Clara", onde soube terem sido vendidos diversos escravos idos de S. Solano em companhia de um forasteiro.

Após profundo silêncio, lapso de tempo em que se entregou a profundas meditações, o coronel assim se dirigiu ao seu visitante:

-Não há dúvida sobre a gratificação de um conto de réis, a que o senhor faz jus. Dar-lhe-ei, porém, só depois de aqui chegarem os "quilombolas", o que provará a verdade da sua informação. Se lhe for agradável, poderá ir com os meus emissários...

-Fácil é à vossa mercê compreender o perigo que minha vida correria nesse caso, pois, como lhe disse sou conhecido do fazendeiro...

-Então ficará conosco, dando-lhe eu, com prazer, hospedagem.

À noite, o coronel organizou a "caravana", cuja chefia foi entregue a um "vaqueano", o mais idoso dos "agregados" e capangas que a formavam, o qual recebeu uma carta de apresentação para o proprietário da fazenda "Santa Clara".

Ao romper do dia imediato, partiu a "expedição".

Montavam todos fortes burros, conduzindo cada cavaleiro uma algema à garupa e um "trabuco" a tira-colo.

Foram, em oito dias, vencidas as dezenas de léguas, que separavam as duas fazendas para, às três horas da tarde de um dia nublado e frio, chegar a comitiva ao terreiro de "Santa Clara".

O sr. Teixeira Leite, proprietário da fazenda, recebeu das mãos do chefe da expedição a carta do coronel Solano e, depois de ser o resto do pessoal recém-chegado, devidamente acomodado, passou a ler a missiva.

Folhetim do Getulino 14 (04/11/1923)

A narrativa do modo por que recebeu o coronel Solano a denúncia da existência de escravos seus em "Santa Clara", impressionou vivamente o espírito de Teixeira Leite, que manteve com o emissário do coronel Solano, o seguinte diálogo:

-Você viu o homem que foi contar ao seu patrão a existência aqui de escravos de "São Solano"?

-Vi, "nhôr" sim.

-Como é a sua feição?

-Ele não é gente de cá; parece ser da "estranja". Tem olhos de gato, cabelo ruivo, fala "arrastada" e é muito barbudo...

-De que cor é o cabelo?

-Eu já disse, patrão, cabelo ruivo.

-É baixo?

- "nhôr" sim?

-É gordo?

-Bastante

-Chama-se...chama-se...Ora! Chama-se d. Braz?

-O nome não sei

-É ele mesmo! É o patife do d. Braz, que me vendeu os negros.

Teixeira Leite fez conduzir o emissário de São Solano para o cômodo onde se havia alojado o pessoal e dirigiu-se ao interior da casa, indo ter com sua esposa na sala de costura, onde um grande número de "mucamas" se entregava aos seus labores cotidianos.

Aqui, umas crioulas cosiam à mão saias e camisas para as escravas; ali cosiam outras a "tamina" para os escravos, acolá, por sobre as almofadas, tiniam "bilros" jogados por hábeis mãos de exímias fabricantes de rendas.

-Aninha, diz o fazendeiro à esposa, saberás que fui furtado em tantos contos de réis, quantos dei aquele espanhol que me vendeu os negros, outro dia mesmo...

-Bem eles disseram que tinham sido roubados pelo tal d. Braz...

-Esta carta é do senhor, exigindo a imediata entrega dos seus escravos. Não há dúvida. Eu irei com eles e oxalá encontre em S. Solano o espanhol.

No dia seguinte, acompanhado do seu pajem de confiança, partiu Teixeira Leite com os que regressavam para S. Solano.

Cada "quilombola", devidamente algemado, era escoltado por um homem, que trazia sempre à mão, engatilhada, a arma de fogo.

Penosa foi a viagem, pois, incessante chuva caiu, torrencialmente, durante toda a travessia de tão longa distância, através dos ínvios "caminhos da Nação", que formavam, então, os meios rudes de viação.

Afinal, ao cair de uma tarde, em que o tempo levantava, quando os "arcos da velha" frisavam o firmamento, em todos os seus quadrantes, chegou a comitiva à fazenda São Solano, onde, desprendendo-se do tubo, através da cetilha, a água abundante impulsionava o rodízio, que pondo a pedra em movimento, fazia partir do moinho de fubá estranho canto, que lembrando o zumbido das operosas abelhas ao redor da colméia, parecia um hino ao trabalho, uma canção à vida.

Tudo era movimento!

Fôra hospedado d. Braz Aguirra em um quarto contíguo ao destinado à guarda dos arreios, e, da janela do qual pôde observar a chegada dos "quilombolas", lobrigando entre os que os conduziam o vulto do sr. Pinto, o fazendeiro a quem, na estalagem do sr. Gervásio Alves, vendera, como seus escravos, os "quilombolas" de S. Solano.

Afeito à prática do crime, o aventureiro tinha a alma empedernida, insensível às emoções que se geram nas consciências sadias.

Entretanto, o temor do castigo que se lhe impunha, nasceu espontaneamente no espírito do bandido, onde nem um resquício de honra ainda se podia encontrar.

Que se aguardaria para sua pessoa?

A essa pergunta, respondia-lhe o presságio terrível de sua condenação, vendo erguer-se ante seus olhos o "patíbulo", que, na "Puerta del Sol", em Madri, sempre se achava armado à espera dos famigerados criminosos provincianos.

E nessa terrível perspectiva, o castelhano recolheu-se ao leito, deveras apavorado.

O coronel Solano, sentado no alpendre, lá do alto, dirigia a palavra aos "quilombolas", tendo recebido o sr. Pinto, que se conservava ao seu lado.

Já a escuridão da noite envolvia a natureza, e, para melhor conhecer o fato, o coronel fez subir ao alpendre Pai Pedro, com ele mantendo o seguinte diálogo:

-Porque foi você parar tão longe?

-Um espanhol penetrou no nosso "quilombo", convidando-nos para ir com ele para Goiás, onde disse ter grandes minas de ouro nas quais nos daria trabalho e a liberdade.

Folhetim do Getulino 15 (11/11/1923)

-Um espanhol é que induziu vocês a irem?

-"Nhô", sim!

-Bom! exclama o coronel, mandando que se retirassem os "quilombolas", que foram postos no tronco, tantos quantos lá couberam, sendo os demais algemados e calcetados.

Quando o coronel e o sr. Pinto ficaram a sós, entabularam animada conversação, aludindo o fazendeiro de "Santa Clara" ao espanhol, o que fez brotar na mente do coronel Solano a convicção de que esse intrujão, outro não era senão d. Aguirra, o seu hóspede, que fez conduzir à sua presença e à do sr. Pinto.

Apenas chegado ao alpendre, iluminado por uma candeia de azeite "da terra", o aventureiro foi reconhecido pelo sr. Pinto, como o "comboieiro", que lhe vendera Pai Pedro e os seus companheiros.

Num assomo de indignação, a vítima do ladrão arremessou-se contra o audacioso explorador, exclamando:

-É este, coronel, é este, o bandido, que me enganou e roubou!

Aguirra, como todo o indivíduo do seu jaez, covarde ao extremo, com os olhos pregados no chão, tudo ouvia sem dizer palavra.

Ato contínuo, o coronel mandou pôr a ferros o aventureiro, que, entre as vítimas da sua perfídia, deles ouvindo doestos e pragas, sem poder conciliar o sono, ia bem compreendendo a extensão do castigo, que lhe aguardava o dia seguinte.

A conversação do coronel com o seu hóspede, gravitou exclusivamente sobre o recente sucesso e estudaram ambos os meios seguros de, por um exemplo terrível, evitar a repetição de fatos análogos ao que os preocupava no momento.

Ao recolher-se ao quarto, que lhe foi luxuosamente preparado, o sr. Pinto recebera do coronel a recomendação terminante de pensar bastante no meio seguro de bem punir o audacioso espanhol.

Passou-se a noite.

Um sol patente iluminava o dia, que surgira com um céu de anil despovoado de nuvens.

Parte a escravatura para a faina cotidiana, uns alegres, outros tristes, mas todos eles possuidores da alma saturada da resignação, que caracterizava o africano, cômico da liberdade em que nascera, mas suportando, com religiosa paciência, os grilhões do cativeiro.

Apenas rolara o portão do pátio sobre os goncos, um quadro horripilante se apresentava aos olhos das "mucamas" e dos pajens da fazenda.

Inácio, um mulato fôrro, e que desempenhava o lugar de ferreiro da fazenda, punha em funcionamento a forja, fazendo o fole trabalhar e colocando, por sob o carvão, o ferrete que tinha a letra F., que representava a palavra - fugido.

Ó Deus de misericórdia, dir-se-ia que os senhores de escravos desafiavam a inexorabilidade do celestial castigo, que obriga a pagarem os homens de hoje as culpas dos seus antepassados, porque, como lá está escrito nos livros santos:

- "Quem com ferro fere, com ferro será ferido"! Adstrinhamos a nossa pena à simples narrativa.

Ao sopro do fole, ao enrubescer do instrumento abjeto, os míseros "quilombolas", enfileirados ao redor da tenda, esperavam receber na sua testa, na parte nobre do cérebro, - o asilo da alma, que só pertence ao criador - o estigma terrível!

E assim sucedeu.

À ação altamente crostante do ferro em brasa, abria-se na pele da testa dos indefesos escravos a letra, que os indicava como "quilombolas".

A carne chiava e um cheiro pronunciado de vianda assada alimentava os instintos sanguinários do coronel Solano, que, impassível - numa impassibilidade sem igual - observava, postado à porta da tenda, quanto se passava.

Voltaram depois os negros ao tronco, menos Pai Pedro, que foi alojado num dos cantos do pátio, onde passou a fabricar peneiras para as colheitas, tendo por dever gritar ininterruptamente:

- "Sinhô", Pai Pedro taí, palavras que serviam para testar a sua presença na fazenda!

E o espanhol?

Que ia suceder ao grande bandido d. Braz Aguirre?

É o que o leitor vai saber.

Levado, de novo, à presença do coronel Solano e do sr. Pinto, cercado sempre de capangas, Aguirra foi obrigado a entregar à sua vítima o dinheiro que lhe extorquira e o que cosera na parte interna da sua "japona".

Folhetim do Getulino 16 (18/11/1923)

Graças a um movimento seu, divisaram os detentores, pendente do seu pescoço um "picuá", uma bolsa de couro, muito maior do que os escapulários comuns.

Aguirra, que negara a sua procedência e bem sabia o que se continha naquele objeto, que sempre o acompanhara, deixou-se dominar pelo desespero, tentando se salvar da situação mas infrutiferamente, porque foram dominados todos os seus movimentos.

Cortada à canivete a costura da bolsa, dela saltou um papel, assaz bem conservado, e no qual se lia em espanhol, o que vamos verter para o vernáculo:

"Declaro chamar-me Braz Aguirra y Perez, filho de d. Antônio Obes y Perez e dona Conceição Aguirra.

Nasci em Valladolid e fui batizado em Málaga.

Com catorze anos matei um rapaz de doze, com vinte e três estrangulei uma moça e, ultimamente, para roubar, assassinei a golpes de navalha, um homem de oitenta anos.

Dos dois primeiros crimes me livre, mas pelo último fui condenado à morte, razão por que fugi para o Brasil.

Peço que depois de minha morte, escreva quem este achar, a minha mãe d. Conceição Aguirra, comunicando-lhe o fato. Sua residência é Calle de la Victoria, 312, Málaga, Espanha."

Lido pelos dois fazendeiros, essas declarações em que se patenteavam os péssimos precedentes deste feroz delinquente, houve um momento de silêncio, em que entreolharam-se aqueles numa afirmação muda de absoluto horror.

Foi o espanhol metido no tronco, seguindo mais tarde para a corte, de onde foi remetido pela polícia para a Espanha, no brigue "Ciudad de Madrid".

A bordo deste navio, foi Aguirra posto a ferros.

Poucos dias depois da partida do veleiro, feroz temporal castigou o Atlântico, açoitando veementemente a embarcação que, desarvorada, arribou a Cabo-Frio, onde recebeu novo pano e mastreação.

No rigor do temporal, havia o capitão da embarcação posto o preso livre dos grilhões.

Zarpou de Cabo Frio a "Ciudad de Madrid", rumo norte, fazendo feliz viagem até os rochedos dos Abrolhos, onde, dando numa pedra, fez água, soçobrando com toda a carga e passageiros.

Assim recebeu Aguirra o castigo merecido.

Velozes correram os dias, passaram-se os meses, até que chegou a quaresma, a época da "desobriga", quando os fazendeiros chamavam os padres para procederem à confissão geral da escravatura.

Havia desaparecido um rico anel, que ostentava um "solitário" muito custoso e que d. Margarida recebera como presente de noivado.

O coronel adquirira, havia pouco tempo o escravo Laurindo, que por longos anos trabalhara na extração de diamantes em Garimpo das Canoas, afamado lugar de uma das mais ricas zonas da província de Minas Gerais.

Esse escravo era muito prático nos serviços de mineração, pois trabalhara, por longo tempo, nas "catas" onde arrancava do seio da terra o aurífero metal.

O pobre Laurindo, qual judeu errante, nascido em Benguela, fora roubado dos carinhos maternos bem criança, tendo vindo para o Rio de Janeiro, de onde fora vendido para a capital mineira.

Após longo penar, sua odisséia terminou com a sua chegada à fazenda "S. Solano", onde desempenhava as funções de alfaiate da escravatura, ofício que bem conhecia.

Fora ele quem achara o anel de d. Margarida, o qual valia cerca de três contos de réis.

Conhecendo, aproximadamente, o valor do achado, o pobre escravo bem sabia que a sua inestimável liberdade residia naquele objeto, que, Deus lhe fizera encontrar, e, por isso, o escondera dos olhos de todos, parceiros ou estranhos.

O espírito do infeliz cativo sonhava com a liberdade, toda a vez que nas retinas dos seus olhos se apresentava a figura do enorme brilhante, cujo lampejar se lhe afigurava como a auréola da sua alforria...

Qual o meio a aplicar para que pudesse alcançar o seu perene desejo?

Com a sua enferrujada tesoura cortava Laurindo uma calça de algodão grosso destinado a qualquer escravo, quando ouviu passos de quem se aproximava da oficina, onde à sós se achava.

Era o padre Marcondes, que chegava.

- "Sois Cristo", exclama o negro.

Folhetim do Getulino 17 (25/11/1923)

"Para sempre seja louvado", responde o padre, acrescentando:

- Quero que você me corte umas "calças de enfiar"; aqui está a fazenda e tome medida.

Enquanto Laurindo correndo a fita, ia vendo na medida, os pontos, o seu raciocínio era empregado, com natural afã, na solução do problema da sua liberdade.

O padre, precisamente nesses momentos, deitava olhares inquietos, através da porta da oficina, e que iam morrer na enfermaria, onde falecera Marciano, cujas derradeiras palavras continuavam a ser ouvidas por seu espírito sobressaltado.

E retirou-se.

Nas fazendas, quando estava o sacerdote, eram-lhe prestadas as honras devidas aos possuidores das mais altas condecorações.

O padre, dominando as consciências, com o seu poder de comutar futuras penas, cujo cumprimento pertence ao domínio do além, estendia a sua autoridade até onde só uma justiça existe, a do Criador.

Assim sendo, ia a fazenda "S. Solano" ficar sob o governo do padre Marcondes, nesses três dias, em que aí ia permanecer, para proceder à "desobriga", a confissão anualmente ministrada na época quaresmal.

Fora para esse fim, que ele chegara.

Como já dissemos o passamento de Marciano, presenciado pelo padre Marcondes, tocara-lhe tanto a alma que ele se tornara abolicionista, tendo feito o firme propósito de trabalhar, à surdina, por uma ação oculta, pela redenção dos cativos.

Pregar do púlpito tais ideias seria provocar da parte das altas autoridades eclesiásticas, severo castigo, pois as Ordens Religiosas tinham muitos escravos e os fâmulos dos bispos eram também também pobres cativos, e, fazer objeto de suas palestras assunto de tão grande importância oferecia o perigo de ser expulso da freguesia em uma "e na magra", como era moda fazer-se, naqueles tempos de obscurantismo, com os elementos "perniciosos"...

O padre Marcondes era, entretanto, desde o momento em que "ouvira" em confissão, na hora da morte, o escravo Marciano, um outro homem.

Macambúzio, quase misantropo, o velho levita, absorto, vivia entregue à mistagogia, com o espírito preso a Deus e o coração à humanidade.

Tinha compreendido, afinal, a missão que lhe cabia na terra, que o Senhor povoou por entes iguais e irmãos.

Emanado do sol, filete de luz dourada refletia-se no espelho, decompondo-se e projetando-se, multicôr, na página da breviário, que o padre Marcondes lia, sentado na rede que fechava um dos ângulos da sala de visitas.

O trecho que o padre recitava era o "De Profundis".

Mergulhado o espírito do sacerdote em assunto que tanto fala à alma cristã, não se apercebeu ele de que dava entrada na sala, d. Margarida, a esposa do coronel Solano, a qual se sentou em uma cadeira, à janela.

Terminara o padre a leitura, fazendo o sinal da cruz e fechando o livro.

Vendo, então, na sala, d. Margarida, o padre Marcondes a ela dirigiu a sua saudação.

Não se conteve a fazendeira, e no propósito de conseguir o seu desejo, assim se lhe dirigiu:

-Foi-me, há tempos, roubado um rico anel e, agora, como é fácil ao senhor padre conseguir, deve-se descobrir o seu paradeiro...

-Como?

-Ao confessar o pessoal fôrro e os escravos da fazenda. Saberei recompensar os seus esforços.

O padre, sustentando um sorriso, bem pensado no caso, respondeu, com um gesto de cabeça, afirmativamente, enquanto, reconhecendo a sua pequenez, via toda a enorme grandeza de Jesus, quando tentado por Satanás!

Ele julgava ser ali o representante do cristianismo e a personificação do Messias e passou a fazer vistas gordas, para não enxergar, em todas as suas minudências, o muito audacioso e sacrílego de tal proposta.

Jesus, pensou ele, recusou impérios e riquezas que lhe ofertou o demônio, pois eu hei de tudo recusar dessa mulher em quem se encarnou o diabo, querendo que eu, agora muito outro, continue a profanar o sacramento da confissão.

À hora do jantar, o coronel Solano, para reforçar o pedido de sua mulher, interpela-a, na presença do padre Marcondes.

-Já falaste ao senhor padre sobre o anel?

-Já. Ele nos auxiliará.

Um sorriso trêfego e malicioso estampou-se no semblante do sacerdote.

Folhetim do Getulino 18 (02/12/1923)

Corria o segundo domingo da quaresma, quando começou a ser ministrado o sacramento da Penitência, segundo a liturgia romana, em São Solano.

Desde o chefe da casa até o mais humilde escravo, todos os habitantes da fazenda, foram levar ao padre, em confissão, os seus pecados, implorando-lhe o perdão, em nome de Deus.

Era intenso o movimento no pátio da fazenda, onde se estendia, em alas, toda a escravatura, enquanto, pelos cantos, agrupavam-se os "agregados" e os negros forros, estes em muito diminuto número.

Tocou a vez ao Laurindo.

O feliz possuidor do grande achado, genuflexo e contrito, humildemente, na barra do Tribunal da Consciência, mais ou menos, assim se dirigiu ao confessor:

-Senhor padre, encontrei à beira de um rego da horta, quando arrancava tiririca, um anel, que, sob seu inviolável segredo de confissão, lhe vou confiar. Esse anel pode me restituir a liberdade, em que nasci. Obrigó-me, na presença de Deus, a restituir aos seus donos, o seu valor.

Perplexo, atônito, o padre exclama:

-Como?

-Levando-o o senhor padre para vendê-lo, e com o produto me comprar para me forrar depois. Ei-lo, e peço-lhe pelo corpo de Deus, que tomou hoje na missa, não deixe de me atender.

O padre, entregando-se, prostrado, à profunda meditação, ergueu depois a cabeça e deu a absolvição ao penitente, guardando o anel.

Era um caso grave, o qual deveria submeter à consulta do seu prelado diocesano, mas que ele resolveu, em face da teologia moral, conciliando os princípios, pois se o anel era um "achado", o Laurindo era um ente roubado na sua terra e por cuja liberdade estava a clamar a voz de Deus, através das letras santas, que representam a palavra do maior dos homens, o Nazareno.

Pela manhã do dia imediato, havia terminado o seu serviço divino, o padre, que partiu para a sede da sua freguesia.

Bem fácil é compreender a opressão do espírito do levita, devido ao que sucedera na véspera.

Através dos campos ou das matas umbrosas, onde mais solenemente nos fala a natureza, ia o vigário a pensar no caso, único que, no seu longo tirocínio, impressionara de veras o seu espírito.

É que se tornara outro homem!

Uma luta terrível se travou entre o cérebro e o coração do sacerdote.

A férrea razão e o sentimento se chocavam; fora no ano anterior, naquele em que Marciano, nos últimos instantes de vida, o fitara, pronunciando as terríveis palavras, que ainda lhe repercutiam na alma, e, então, d. Margarida receberia a jóia e o pobre negro teria sorte igual à da vítima da tirania senhorial.

É inviolável o sigilo da confissão auricular; outrora, ia pensando o padre, a confissão era publicamente feita nos adros das igrejas, isso quando os primitivos cristãos se regiam pelos princípios do socialismo pregado pelo Messias; depois veio o confessor agasalhar o sacerdote, que, representando a comunidade cristã, ouve em nome de todos, a confissão do penitente.

Represento, pois, concluiu o padre, a santa igreja católica, apostólica romana, a qual, esposa do Espírito Santo, não pode de forma alguma, obrigar a ser restituído por um cristão - um ente roubado na longínqua África - um objeto por ele achado, desde que o possuidor dessa vítima é o detentor de um homem roubado à família e privado da sua liberdade, salve-se, antes, o homem, porque é resgatável a dívida que Laurindo contrairá!

Sem mais detença, o padre Marcondes, encerradas as solenidades da Semana Santa, partiu para o Rio de Janeiro, aí vendendo a preciosa pedra, conservando o aro do anel para poder Laurindo, a todo o tempo, mandar nele cravar um brilhante de igual dimensão.

Regressou o vigário à sua paróquia, trazendo os dez mil cruzados, cerca de quatro contos de réis, que produziu a pedra, apressando-se a ir a São Solano, a fim de efetuar a compra do escravo.

Era de fácil execução a tarefa do levita, que, graças ao seu caráter sacerdotal, dominava a vontade dos que pairavam sob a sua estola, que representava, na freguesia, o báculo diocesano e a tiara pontifical.

Dirigiu-se, de novo, o padre Marcondes a São Solano, onde, por estar o coronel na roça, foi, reverentemente, recebido por d. Margarida, que, com toda a sua prole, osculou o anel simbólico, então, ostentado por todos os presbíteros.

Propícia era a ocasião para o padre efetuar o negócio, pois a opinião de d. Margarida era sempre acatada pelo coronel, cuja prosperidade teve por gênese a enorme herança de sua esposa.

-D. Margarida, sabe ao que vim?

A essa pergunta do vigário, respondeu a esposa do fazendeiro:

-Não posso saber, mas o que garanto é que há de ser para alguma coisa nobre e boa, porque o senhor só se entrega à prática do bem...

-Posto que lhe pareça coisa estranha, venho comprar-lhe um escravo, que muito me servirá. Outros que comprei, vendi com lucro, mas esse eu quero para meu sacristão.

-O Laurindo?

-Esse mesmo, e é com a senhora que me quero entender.

-Mas...

-Então vai a senhora me negar esse pedido?

-...ele nos custou cinco mil cruzados...

-E eu lhe dou três contos de réis, ou seja sete mil e quinhentos cruzados.

-Agora o preço dos negros subiu muito, com a lei da proibição do tráfico.

-Ainda se os comprem de contrabando e há um projeto de lei, segundo o qual será extinta a escravidão dentro de poucos anos.

-Como?

-Não estamos mais no meio do século. Corre o ano de 1864 e o visconde de Jequitinhonha, no dia 17 do mês passado, o de maio, apresentou um projeto de lei, que bem poderia passar, extinguindo dentro de dez anos, a escravidão no Brasil. Haverá indenização, mas essa será muito pequena. O movimento emancipatório vem do Rio de Janeiro e, ainda há muito pouco tempo, deu-se lá um fato bem expressivo. Foi posta em leilão uma escrava e um senhor A. de Moraes e Silva cobriu a avaliação, arrematando-a. Por meio de uma cotização entre abolicionistas, levantou a quantia despendida e concedeu imediata liberdade à infeliz mulher. ("Rio de Janeiro, 1821-1911" pelo Dr. Hermeto Lima)

-Qual! Não creio que a escravidão desapareça! O clero tem escravos e é, portanto, um dos fortes esteios da instituição, mas para o senhor padre ter uma prova do quanto o consideramos, está feito o negócio, sendo desde já o Laurindo seu escravo.

- "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade", exclamou o padre, erguendo, triunfalmente os olhos para o alto.

Pouco tempo decorreu entre esse momento e o em que regressou da roça o coronel Solano, que, ao encontrar o padre Marcondes em sua casa, ufano de tal distinção, tornou-se jovial e comunicativo.

Foram todos para a mesa, tendo início o jantar composto, do trivial mais uma sobremesa de "doce de vidro", como se chamava a compota francesa, que já, naquele tempo vinha, pela sua procedência estrangeira, desbancando os puros doces de calda feitos, com asseio pelas donas de casa.

A conversação circunscreveu-se à discussão deste ponto: qual o melhor escravo africano.

O coronel sustentava que o melhor braço para a enxada era o do negro congo, mas para os ofícios o benguela revelava especial tendência e para o terreiro não tinha, na labuta, rival pro cassange.

Quanto às escravas, acrescentou o coronel como tipo de belo porte e finos traços, ponho, em primeiro lugar a mina, em elegância, pelo seu donaire, não tem igual, porém, a negra "monjola"...

O padre inquiriu sobre a tribo de Laurindo, ao que lhe respondeu d. Margarida, ser esse negro benguela, e, dirigindo-se ao marido, disse:

- É verdade Solano, fiz hoje um negócio com o padre Marcondes...

- Compraste-lhe um rosário de caroços das azeitonas do Jardim das Oliveiras, de Jerusalém, cujo dinheiro vai para a Terra Santa...

- Nada comprei. Vendi-lhe o Laurindo por três contos de réis.

- Um dinheirão deu o vigário por um negro "quarentão". Ótimo negócio esse!

- Só resta, obtempera o padre, dar-lhes o dinheiro e me hão de dar licença para fazê-lo já.

Sacando a carteira, dela tirou o padre a importância, que entregou ao coronel, dizendo:

- O recibo que me vai dar, servirá de quitação.

Findo o jantar, foram para o caramanchão, onde compareceu Laurindo:

- Queres servir ao senhor Marcondes? pergunta o coronel ao escravo.

- Quero, "nhô", sim. O senhor padre há de ser bom para mim.

-Pois vá arrumar a oficina, que hoje mesmo a entregará ao Benedito.

Assim que se retirou o negro, d. Margarida, enternecida, não, mas envaidecida, dirigiu-se ao sacerdote.

-Veja, senhor padre, como os escravos nos querem bem.

O padre, numa dissimulação suprema, concordou com a fazendeira, que não podia atinar com a causa do copioso pranto a que se entregou Laurindo, ébrio de prazer por ter visto raiar a aurora da sua liberdade.

Ordenadas as coisas, no dia imediato partiram, caminho da sede da paróquia, o padre Marcondes e Laurindo.

Só o tropel do cavalo montado pelo vigário, perturbava o silêncio.

Laurindo, a passo acelerado, acompanhava o cavaleiro.

Ao dobrarem a curva longínqua da estrada, que marginava o Paraíba, divisaram ainda, no alpendre da fazenda, os vultos de d. Margarida e do coronel Solano, que dizia:

-O padre estará louco? Dar tanto dinheiro por um escravo para fazê-lo seu sacristão!

-Foi bom negócio, retruca d. Margarida.

Soava no pequeno sino da matriz o toque de Ave-Maria, quando entraram o padre e o Laurindo no arraial.

Os poucos transeuntes que caminhavam pelas ruas, descobriram-se reverentemente, recitando a saudação angélica.

O vigário detém, por momentos, o seu animal e, concentrando o espírito, reza, em voz alta, a oração da tarde, no que é acompanhado pelo negro.

Mal chega à casa, lança num papel qualquer a declaração de haver manumitido Laurindo, que, assim, dormiu o primeiro sono da liberdade.

No dia imediato, entregou o padre ao liberto o saldo que havia da "transação" do brilhante, e do qual tirou Laurindo a quantia precisa para a compra de um burro destinado à sua montaria na longa viagem que ia empreender ao Rio de Janeiro.

Para livrar o negro de alguma cilada dos que usavam escravizar homens livres, o padre conseguiu de um caixeiro-viajante levá-lo como pajem.

Saberá mais adiante o leitor tudo quanto sucedeu ao feliz ente, que, por mero acaso, se viu livre da triste posição de cativo.

Enquanto a crueldade dos senhores de escravos tanto se acentuava no interior, era horripilante a barbaridade existente no Rio de Janeiro.

Nenhum moderno povo civilizado nos excedeu na prática de atos verdadeiramente selvagens, em se tratando dos ominosos tempos da escravidão, muito embora o país - essencialmente católico - tivesse sido formado e governado por Sua Majestade Fidelíssima, título que aos soberanos portugueses fora outorgado pela Santa Sé.

O negro, roubado na África, era transportado para o Brasil, em estado de absoluta nudez, desprovido de todo o conforto higiênico, em promiscuidade, nos porões infectos dos navios, onde nem um raio alentador da luz solar espadanava as densas trevas, e assim vindo até o Rio de Janeiro, era alojado nos armazéns, que existiam nas proximidades da praia.

"Acompanhados de praças de polícia - narra Mello Moraes - e marinheiros dos respectivos navios, acorrentados muitos e algemados outros, tropas de escravos chegavam ao seu destino - isto é aos armazéns do Valongo.

Famintos, opilados, héticos, cobertos de feridas, aqueles esqueletos sentados ou de cócoras, apresentavam-se com a pele lustrosa e impregnada de óleo de ricino...

Na lufa-lufa do povo, quando chegavam os brigues e as galeras da costa d'África, as cenas mais estranhas passavam no Valongo, aviltando os nossos sentimentos e os nossos costumes.

Aqui era um pretendente que revistava o corpo e os dentes de uma pobre escrava; ali um indivíduo exigente que fazia dançar um negro para certificar-se de sua agilidade, acolá um fazendeiro que escolhia um lote, depois de tatear a mercadoria mais apetecida, levando em conta o sexo e a idade..."

Essas cenas degradantes não era, porém, tudo!

Conduzidos como carga bruta, a granel, das costas de Moçambique para o Brasil, respirando somente o ar oxigenado quando abriram-se as escotilhas para se lhes atirar o alimento, os pobres negros iam alguns morrendo e os restantes definhando,

Dentro os terríveis flagelos que os dizimavam, salientava-se o terrível mal da cegueira.

Chegados ao Rio de Janeiro, os escravos eram, a bordo, vendidos aos "comboieiros" e, os refugados, em terra, postos em leilão, sempre assaz concorrido.

No convés da embarcação, ao desembarcar, no portaló, era o negro examinado cuidadosamente e aí do que estivesse cego, porque a sua sorte era a de um grande bandido.

O "Diário Fluminense", de cuja publicação existem exemplares nas bibliotecas, em seu número de 16 de fevereiro de 1826, inseriu um anúncio dizendo que, nesse dia, ia ser publicado mais um número da "Atalaia da Liberdade", contendo a descrição de um bárbaro acontecimento, ocorrido a bordo de um navio, ancorado no porto do Rio de Janeiro carregado de escravos e procedentes da África.

Era a notícia detalhada do sacrifício desumano, bárbaro, inqualificável, da vida de trinta e seis vidas, nascidas do sopro do Criador!

As leis cíveis e os cânones davam, estranhamente, o direito aos senhores de matar o pobre escravo!

Durante a longa viagem marítima, trinta e seis dos pobres negros, que, digamos assim, formavam a carga do navio, abarrotando-lhe os porões, haviam cegado.

Não foram essas infelizes criaturas adquiridas pelos "comboieiros": ninguém os queria porque nenhum trabalho podiam executar.

Havia já, por aquele tempo, instituições de beneficência no Rio de Janeiro, as quais, no granito das fachadas, ostentavam esculpidas por mãos de mestre, as armas cristãs, representadas pela cruz, pela âncora e pelo coração, símbolos da Fé, Esperança e Caridade, as virtudes teologais.

Nessas casas não se asilavam, porém, escravos, considerados, então; fora da comunhão cristã!

Ancorado a curta distância da praia, flutua um brigue, um corsário, que opera não sob a luz meridiana, no vasto campo aberto do mar, mas sim na escuridão da selva africana, caçando gente nas brenhas.

É um navio negreiro, que postado em frente à ermida de Santa Luzia, aguarda o despertar do capitão para ser alijada o resto da sua carga.

A luz do seu farol de sotavento vai morrendo e no cesto da gávea se divisa o vulto de um marinheiro, que de lá vai descendo.

Dissipam-se as trevas o frouxo clarão antecede à majestosa aurora, como só a tem o Rio de Janeiro com o seu mar belamente verde e o bordado feito no azulado firmamento pelos contornos de suas serranias esplêndidas.

Começa o reboião a bordo: forma a equipagem ao soar da sineta.

No convés um espetáculo tristíssimo se vai dar, com lances da mais horrenda barbaridade: é uma grave ofensa a Deus, um ultraje à civilização cristã, um desrespeito à advogada da vista, aquela Santa Luzia, que tem uma casa a pequena distância do veleiro, bem à sua frente, e o seu patrocínio, tantas vezes invocado nada valerá agora aos pobres cegos.

Abrem-se as escotilhas, arrancam-se, a golpes de brutalidade, dos porões, trinta e seis negros cegos que são colocados, em fila, junto à amurada da embarcação balançada bruscamente pela ressaca, que sempre reinou na Baía de Guanabara.

Nada percebem as pobres vítimas, cujos pulmões se dilatam ao respirar o ar fortemente oxigenado, o ozônio marítimo: sentem-se bem, fora dos porões infectos da escuna.

Eis senão quando, quatro grumetes desabusados, quatro moços robustos, avançam, com cordas nas mãos e, com maldosa perícia de algoz, um deles joga ao pescoço da primeira vítima a laçada mortal, enquanto outro ata à extremidade da corda um pesado pedaço de ferro velho e os outros dois erguendo o corpo do negro cego, o atiram à água, que se abre para receber em sua voragem o objeto do inaudito crime:

Morreu o primeiro cego!

Trinta e seis são os escravos, trinta e seis são as vezes, que o ato selvagem se repete à sombra do Pão de Açúcar, nas águas poéticas da mais bela baía do mundo, iluminada por um sol sem igual.

Sem ver o que se ia dando com os seus parceiros, sem atinar com a razão dos curtos gemidos que iam soltando ao ser estrangulados, os infelizes que aguardavam inconscientemente a hora fatal, inebriados pelo prazer de respirarem o ar tonificante, bem-diziam esse momento, em que se viam libertados da masmorra, onde haviam perdido a vista.

Folhetim do Getulino 22(30/12/1923)

Foi assim, foi num momento de grande alegria, que foram eles trucidados!

E esses corpos, cadáveres compostos de ossos, pele e tênues músculos, sem carne e sem gordura, serviram de pasto aos peixes, os quais tendo devorado avidamente a matéria humana, ainda com ela, em (ilegível) digestão, nas entranhas, (ilegível) pescados e serviram de (ilegível)oso manjar aos cariocas, (ilegível) deglutir tão fino prato, iam comendo também a carne dos seus semelhantes.

Quantas vezes, Deus de infinita misericórdia, quantas, essas cenas de canibalismo se repetiram no nosso mar?

Tantas, talvez tantas, que as ondas encapeladas, ostentando a candura na sua alva espuma e purificadas pelos beijos acariciadores da brisa fagueira, perpétua dominadora das águas guanabarrinas, escondem, como jóias, como relíquias de cruentos martírios, nos insondáveis abismos, onde medram os corais e abundam as pérolas, e onde não chega a voz humana, os ossos nus, que, zombando do poder transformador do tempo, clamam, na mudez da matéria, pela natural vingança, embora pelos pais paguem os filhos.

Acaso, os traficantes gozariam, em outros países, do direito dado no Brasil aos negociantes de escravos?

Esse bárbaro massacre, tão brutal sacrifício de vidas humanas, não tinha, é verdade, a solenidade das cenas desenroladas ante os olhos dos milhares de espectadores, que enchiam o circo da Roma pagã, porque só os tripulantes de meia dúzia de escaleres, os de algumas faluas de pesca e de poucas canoas, que bordejavam o navio negreiro, convertido em patíbulo, enxergavam o quadro macabro.

Mas o que falava de suntuosidade, daquela de que se revestiam as cenas tétricas do circo, substituíam-se pela indiferença com que se ia matando entes pelo simples fato de se terem invalidado para o trabalho!

Que história outra, que não a nossa, consigna fato de tal jaez?

Nenhuma!

Hoje, a precisa eliminação dos cães vadios pegados nas vias públicas, não é mais tão rudemente feita, porque se, de fato, ainda em certos lugares são eles afogados, noutros a pronta morte pela ação da eletricidade substitui aquele péssimo meio e, nas grandes cidades, já se pensa em fundar asilos onde se recolham tais animais, que, assim, não serão mais sacrificados.

Naquele tempo, porém, o pobre escravo, que não fosse "homem-máquina", não tinha direito à vida e nem uma voz se levantava em prol do cativo, posto fora da humanidade.

A coroa tinha escravos, e estes, fossem do Estado ou de particulares, não podiam contar, em caso algum com a munificência imperial, como se deduz do decreto de 18 de Abril de 1829, que rezava:

"Tendo sido muito repetidos os homicídios praticados por escravos em seus próprios senhores, talvez pela falta de pronta punição, como exigem delitos de uma natureza tão grave e que podem até ameaçar a segurança pública e não podendo jamais os réus compreendidos neles fazerem parte de minha Imperial Clemência, hei por bem ordenar que todas as sentenças proferidas contra escravos por morte feita em seus senhores, sejam logo executados independente de subirem à minha presença. Com a rubrica de S. M. o Imperador - Lúcio Soares Teixeira de Gouvea."

Não se admitia o erro judiciário em casos tais e o poder moderador não valia para o elemento servil!

Em vigência de tão iníqua disposição, foi a população do Rio de Janeiro vivamente sacudida por um acontecimento narrado pelo dr. Hermeto Lima, no seu "Rio de Janeiro 1821-1921".

Em 17 de Fevereiro de 1837, no largo de S. Domingos, foi enforcado, "com pregão e barão", como um grande bandido, o preto cego Domingos Moçambique, acusado como autor da morte de um caixeiro, crime ocorrido à rua do rosário n. 57.

Poucos dias depois, nos seus derradeiros momentos de vida, um homem, na Santa Casa de Misericórdia, confessa que fora ele o verdadeiro assassino e assevera que o pobre cego Domingos Moçambique dormia quando fora perpetrado o crime!

A crueldade dos senhores era a resultante da barbaridade das leis.

Folhetim do Getulino 22 (sic) (06/01/1924)

O clero que pregava aos escravos absoluta obediência aos senhores, mas a estes não lembrava a exercício da Caridade, pouca importância ligando ao direito de vida que, diverso pela lei civil devia eles ser homogêneo perante a letra canônica.

O escravo não tinha nem a proteção das leis, nem o benefício das virtudes religiosas.

Para descrever o quanto de desumano havia, por exemplo, na forma de se capturar um negro fugido, basta reproduzir a descrição feita por Machado de Assis, no conto "Pai contra mãe".

Efetou a pega um Cândido Neves qualquer, que, à míngua de recursos, em extrema miséria, levava um filhinho seu para a Roda dos Expostos da Santa Casa.

No caminho, divisou Cândido pobre mulata que caminhava desconcertadamente e, havendo lido no jornal do dia, a notícia da fuga de uma parda, entra rapidamente numa farmácia, pedindo ao boticário que, por momentos, lhe guardasse a criança, e sai, sôfrego, no encalço da mulata, que presumia ser a anunciada escrava fugida.

Reproduzamos a cena, tal como a descreveu Machado de Assis:

"Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio. Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só, quando ele tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível Cândido Neves com as mãos robustas aiava-lhe os pulsos, e dizia-lhe que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mais entendeu logo que ninguém viria libertá-la. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus. -Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se vossa senhoria tem algum filho, peço-lhe pelo amor dele que me solte; eu serei sua escrava; vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte meu senhor moço! Siga repetiu Cândido Neves. Me solte!

Não quero demoras, siga!

Foi arrastando a escrava pela rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor. -Aqui está a fujona disse Cândido Neves.

-É ela mesma. Meu senhor!

-Anda, entra; Arminda caiu no corredor. Ali o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil réis da gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada de medo e de dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. O fruto de algum tempo entrou sem vida no mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono."

Já descrevemos o castigo inflingido nas fazendas aos escravos, quando eles não atingiam a "tamina", mas não era só pelos sertões que esse regime triunfava, pois no Rio de Janeiro, na capital do império davam-se cenas bárbaras, expondo-nos ao menosprezo dos estrangeiros que visitavam o nosso país, observando os nossos hábitos.

O dr. H. J. do Carmo Neto cita as seguintes palavras escritas por Van Boelen:

"Trabalhavam desumanamente no serviço interno e externo da casa ou eram alugados pelos respectivos senhores para os mais diversos misteres, sendo os mesmo obrigados a trazer à casa dos senhores, uma certa quantia, sendo que se faltassem a isso, eram castigados sem piedade, como fui testemunha por mais de uma vez".

Em mais remotos dias, houve surtos de moralização dos costumes por parte das autoridades, mas eram efêmeros os resultados.

José Clemente Pereira, na qualidade de Intendente de Polícia da Corte mandou por ato de 17 de setembro de 1828, intimar os senhores de escravos, a vestirem os negros que, dizia a portaria, "andam inteiramente nus, pelas ruas do Valongo, o que constitui um escândalo público".

Em 1832, a 19 de dezembro, um ato oficial produziu grande escândalo, no qual figurou senhora de respeitável família.

Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, então Chefe de Polícia remete ao juiz do Crime de S. José, para formação de processo, o inquérito aberto sobre o crime cometido por dita senhora, moradora à rua do Sabão n. 121, a qual martirizava uma escrava sua, ainda jovem, por se ter esta deixado seduzir por um amante daquela.

É desnecessário acrescentar que a senhora foi impronunciada e fácil, bem fácil é

Folhetim do Getulino 24 (13/01/1924)

ao leitor calcular a sorte da infeliz escrava.

A imprensa divulgava atos que nos envergonhavam em todo o mundo civilizado, como se vê do seguinte anúncio inserto no "Diário do Rio de Janeiro", do dia 4 de dezembro de 1827:

"Quem quizer dar 600\$000 a prêmio por seis meses, recebendo como reféns, excelente preto, que excede a esse valor, anuncie para ser procurado".

Repitamos - num país, cuja religião oficial era a católica, apostólica romana, não se reconhecia a alma do escravo, equiparando-se-o a um animal!

Toda a nossa narrativa se limitando aos fatos ocorridos na corte, não é difícil ao leitor calcular o que se passaria, naqueles tempos, em todo o interior.

O escravo era objeto de penhor e muitas infelizes menores nascidas no cativeiro, servindo de meio para torpe comércio, para o vil exercício do lenocínio.

No seu "O Brasil Social e Político", referindo-se à infeliz sorte das escravas menores impúberes, consigna o dr. Mello Moraes, a compra de muitas escravas de 10 a 12 anos de idade, as quais eram entregues à perdição, exercendo seus senhores a torpe, a imunda exploração, da qual colhiam vultosos proventos.

À página 72 da citada obra, refere-se o autor o seguinte:

"Este último mal foi em parte remediado pelo segundo delegado de polícia, que, ciente da desmoralização, mandou chamar os senhores dessas escravas, nomeou curadores, e, usando do direito romano, que manda libertar a escrava, quando o senhor tenta contra a sua honestidade, conseguiu libertar quatrocentas escravas".

"Esse delegado, acrescenta Mello Moraes, que ia andando bem, foi demitido pelo governo".

Então, como agora!

A lei do "Ventre-Livre" não foi plenamente observada, pois páginas adiante, Mello Moraes profliga a matrícula, como escravos dos, "ingênuos", como se chamavam os nascidos de mulher escrava, depois da vigência da lei de 28 de setembro de 1871.

O que abalou os alicerces do trono brasileiro foi a áurea-lei da extinção da escravidão, muito embora Pedro II, o grande patriota, o santo monarca, com o seu magnânimo coração cheio de virtudes cristãs, fosse infenso à negra instituição, que tanto ofuscou a história pátria, na época da nossa formação, nada podia fazer.

Talvez, bem compreendendo os desejos dos vassalos, o imperador entregava a solução do problema ao legislativo: éramos governados pela monarquia constitucional e nessa forma, como dogmatizou Thiers, "O rei não governa, reina".

Vem a propósito, recordar o fim que teve o projeto da extinção do cativeiro, aprovado pela Câmara dos Deputados em meados de 1871 e que caiu no Senado.

Tinha ainda Pedro II tutor, era ainda adolescente, quando, em 1834, foi publicado o Regulamento do Paço.

É um papel histórico de grande valor porque nele se acha estampado o espírito do Regente que o redigiu.

Entre as assaz minuciosas disposições, encontra-se esta:

"Fica proibido demorar-se negro algum nos quartos de S. M. I. devendo cada um entrar e sair somente nas ocasiões indispensáveis".

Foi, muitos anos depois, esse monarca quem ensinou aos seus súditos a verdadeira democracia, quando teve, num baile, que se efetuava no Paço, aquele gesto nobilíssimo, e que se tornou assaz conhecido.

As notas sonoras de uma valsa animavam o salão, onde inúmeros pares dançavam.

Um grande homem, descendente próximo de africanos, escritor notável e jurisconsulto de renome, oferece o seu braço a uma dama, que, por ser branca, recusou unir o seu ao do preto de tão grande valor.

Observou o imperador o fato, tomou pelo braço a princesa imperial, a herdeira presuntiva da Coroa, e conduziu à presença desse grande negro, pedindo-lhe que com ela dançasse.

Minutos depois, retirava-se a dama para a sua aprazível vivenda, um palacete em Botafogo, ao lado de seu marido...

Um dos elementos étnicos, que preponderaram na formação da nossa raça, foi incontestavelmente, o negro.

A primitiva capital do Brasil Unido foi a cidade do Salvador, sede da capitania da Bahia, cuja população era, em 1549, composta de 12.000 almas, sendo 6.000 índios convertidos, 4.000 escravos negros e 2.000 brancos segundo refere Handelmann ("História do Brasil", pág. 130).

Folhetim Getulino 25 (20/01/1924)

Séculos decorridos, em 1798, a população do Brasil acusava 1.500.000 negros para 800.000 brancos, como diz Maciel da Costa ("Memória sobre o tráfico" - Rio, 1821)

Lendo esses algarismos, vendo esses dados estatísticos, é que o estrangeiro audacioso para, como sós sempre acontece, nos deprimir, diz, pejorativamente, que somos um país de negros!

Que o sejamos!

Como um caudaloso rio, em cujo leito correm as águas diversas dos afluentes, trás o líquido precioso da sua fonte, da sua nascente remota, assim também a raça brasileira conserva o valoroso contingente africano.

Não era somente os escravos que pesava o rigor do absolutismo, pois o regime em que viviam as populações das capitanias era o do maior despotismo.

Os donatários enfeixavam em suas rudes mãos todos os poderes, de que usavam discricionariamente, como verdadeiros tiranos, porque ninguém prestava contas.

O monarca dava-lhes força e poderio, bastando citar a Carta Régia de 28 de setembro de 1532, pela qual d. João III conferiu a Martim Afonso, donatário da capitania de São Vicente, a faculdade de impor a pena de morte, dizia o escrito real, a peões, escravos e índios e o direito de exportar para a metrópole os escravos desnecessários ao serviço da capitania, os quais eram vendidos em Lisboa, livre do pagamento de siza, enquanto a venda dos escravos procedentes da África estava sujeita ao régio tributo.

Quando Portugal, de que a nossa terra era vassala, caiu desgraçadamente, sob o jugo usurpador da Espanha, começou a ser fomentado, de modo assombroso, o tráfico de africanos, pois Sua Majestade, a católica, contratou, primeiro com os franceses e, depois, com os ingleses, a introdução dos escravos africanos no Brasil.

Naquele triste tempo, quando, por sobre o verdor das nossas terras, tremulava, soberanamente, o pavilhão castelhano: o tráfico de escravos tocou o auge da desumanidade: os infelizes eram vendidos nas costas brasileiras, "não por cabeça, mas por tonelada nos porões dos navios, como verdadeira mercadoria". (Rodrigo Otávio, "Festas Nacionais")

A ação abolicionista dos membros da Companhia de Jesus, pareceu enérgica e sincera, mas, como diz Rodrigo Otávio - obra citada - "Eles que eram no continente negro caçadores e mercadores de escravos, arvoravam-se na América em curadores dos índios, em inimigos da escravidão. Nada mais faziam, entanto, do que promovê-la na mais alta escala, sob uma aparência enganadora de proteção e caridade".

Um grande vulto destaca-se, porém, entre os jesuítas, mas como o de grande político do que como o de um levita fervoroso, embora fossem os seus serviços de catequese de grande, de extraordinária monta.

Esse homem que se imortalizou pela sua ação beneficente, foi o ilustre padre Antônio Vieira.

Leiamos o que escreveu H. Handelmann, na sua "História do Brasil":

"O padre Antônio Vieira, da Companhia de Jesus, nascido em Lisboa em 1608 e falecido na Bahia em 1696, pregador na corte de Lisboa e, como já mencionamos, também muito hábil como diplomata e estadista, havia, impelido pela vocação, renunciado aquele cargo a fim de poder trabalhar como missionário. O rei d. João IV, depois de ter intentado em vão desviá-lo do seu intento nomeou-o em 21 de outubro de 1652 superior da Missão do Maranhão, com poderes extraordinários. Ao chegar em S. Luiz na primavera de 1653, Vieira tomou a si a defesa dos oprimidos, e logo no primeiro domingo da Quaresma subiu ao púlpito e aproveitou o ensejo para falar seriamente aos negociantes de escravos. O seu sermão principiou por um ataque decidido contra a instituição da escravidão e continuou ele expendendo as seguintes ideias, sem dúvida qualquer pessoa que conserve o seu próximo na escravidão, quando estaria em suas mãos libertá-lo, acha-se em estado de pecado mortal: nem o turco, nem o demônio pudera justificar ou desculpar a escravidão e muito menos o cristão e o sacerdote".

Quando na sua velhice, caiu prisioneiro em Belém, no Pará, o padre Vieira teve o conforto, o amparo único de uma escrava, segundo refere Southey, "História do Brasil".

"Essa mulher - diz Silva Rocha, 'História da Colonização do Brasil' - a que se dirigiam todas as ameaças, não se deteve e diante do impulso do seu coração e com gestos os mais alevantados, soubera diminuir

Folhetim do Getulino 26 (27/01/1924)

as iras dos inimigos daquele pregador".

Na vida terrena, foi esse, talvez, o único fruto que colheu o grande abolicionista, da sua ação fecunda contra a escravidão.

Para justificar a razão da negra instituição, iam os escravagistas revolver a Bíblia, buscando, como Aimé Martin, na lei mosaica a base segura da escravidão, apoiando-se no fato de que Moisés permitiu aos pais a venda temporária dos filhos; outros iam mais longe, atingindo o trono de Deus para, como Pelletier de Clary, declararem que a escravidão do negro era uma instituição de direito divino.

O negro era equiparado aos irracionais:

"A outra metade do primeiro centenário começou com a entrada no Brasil de diversas órfãs, educadas em conventos, e que vinham para ser dadas em casamento aos oficiais e receber da Real Fazenda, negros, vacas e éguas de criação". Silva Rocha, "Op. Cit."

E através dos séculos continuou a perdurar esse estado de coisas.

As tentativas em prol da extinção da escravidão sempre tiveram os seus entraves.

A cessação do tráfico africano só se verificou em 1845, depois de "lord" Aberdeen ter exigido do parlamento inglês o "bill" de violências contra os traficantes.

Uma presiganga foi ancorada pelos ingleses, em frente ao Paço Imperial, na baía do Rio de Janeiro, onde eram lançados brasileiros e estrangeiros que se empregavam no tráfico da escravatura (Mello Moraes, "Op. Cit.").

Capital do país, onde a luz irradiando dos centros de instrução tudo iluminava, a cidade Estácio e Mem de Sá, não sentia os eflúvios benéficos da liberdade, porque o menor movimento de progresso social era tolhido à pata de cavalo e a espaldeiradas.

Foi, pois, a um ambiente assim à corte, que, depois de penosa viagem, chegou Laurindo, despedindo-se do caixeiro-viajante e, com o pouco dinheiro que ganhara do patrão e o que lhe entregara o padre Marcondes, começou vida nova, empregando-se numa oficina de alfaiate sita no largo do Moura, onde se preparavam obras de carregação e se recortavam fardas de soldados de linha.

A sorte começou logo a bafejar a vida do ex-escravo, que sentia o quanto valia a liberdade.

Econômico e sem vícios, Laurindo tudo fazia para acumular dinheiro a fim de cumprir a sua promessa feita, em confissão, ao padre Marcondes, quando asseverou a este que havia de indenizar o coronel Solano, do valor da jóia, que, em feliz momento, Deus lhe pusera na mão e do que lhe adveio a alforria.

Assim foi juntando elevada soma em peças de ouro, e que teve começo no pataco, a simples moeda de cobre, e deste passou aos patações, pratas grandes.

Em poucos anos o alfaiate da fazenda S. Solano se tornara possuidor de elevada quantia, ganha com a sua tesoura, com toda probidade, trabalhando afanosamente, dia e noite.

Já se achava então, estabelecido na rua do Cano e a sua freguesia era de primeira ordem.

Foi quando chegou o momento de pagar a sua dívida e, para esse fim, dirigiu, por mão de outrem, uma carta ao padre Marcondes, que ainda apascentava o rebanho a que pertencia a alma do coronel Solano.

O correio só chegava naquele tempo de três em três dias à freguesia e uma carta postada na corte só ia ter às mãos do destinatário muitos dias depois.

Uma tarde lia o padre Marcondes, à porta de sua casa os "Diálogos de dom frei Amador Arraes, bispo de Porto Alegre" quando lhe fez o sacristão entrega da única missiva que chegara nesse dia.

Jogando a caixa de rapé, a qual sempre tinha presa à mão na página que lia, o sacerdote fechou o livro e, limpando as lentes dos óculos, leu, atentamente, a missiva, cujo texto era este:

"Rio de Janeiro, em 10 de janeiro de 185...

Reverendíssimo senhor padre Marcondes,

Peço, de mãos postas, a Nosso Senhor Jesus Cristo que estas mal traçadas linhas sejam por Vossa Reverendíssima, recebidas em pleno gozo de saudade.

Advinhará o senhor padre quem lhe escreve?

É o Laurindo, aquele escravo, que sua grande generosidade libertou do infame cativoiro.

Folhetim do Getulino 27 (03/02/1924)

Quero, graças ao Onipotente, cumprir o que lhe prometi em confissão, mas como fazê-lo?

É o que vou saber, devendo aí chegar no princípio de março.

Com muita gratidão, é que me declaro

De V. Revma.

Humilde servo

LAURINDO

Rua do Cano, 26."

Em geral, o negro roubado à pátria africana, conservava, integralmente, o amor à sua terra, o que bem compreendo Castro Alves, escreveu:

"Escravo, não, não morri,
Nos ferros da escravidão;
Tenho livre o coração!
Nas minhas carnes rasgadas,
Nas faces ensanguentadas,
Sinto as torturas de cá;
Deste corpo desgraçado
Meu espírito soltado
Não partiu - ficou-me lá!...

Naquelas quentes areias,
Naquela terra de fogo
Onde livre das cadeias
Eu corria em desafoço...
Lá nos confins do horizonte...
Lá nas planícies...no monte...
Lá nas alturas do céu...
De sobre a mata florida
Esta minha alma perdida
Não veio - só parti eu."

Não obstante a nostalgia, que castigava Laurindo, o amor à terra do seu cativo, ofuscava o brilho do seu patriotismo.

O amor à Pátria é inato no homem, e não é sentimento é instinto.

O cão expondo a sua vida em defesa do terreiro onde nasceu e vive, não o faz com o mesmo denodo com que defendemos a nossa terra?

E fá-lo instintivamente, porque nunca o clangor do clarim o chamou a formatura, nem as notas de um hino lhe plantaram no coração o pátrio amor.

O que prendia Laurindo ao Brasil era, não o amor instinto, mas o amor sentimento.

Seu coração de escravo fora bem livre para amar a "mucama" Severina, que, pela linguagem divinal dos olhos, sem articular palavra, lhe asseverara plena correspondência do afeto.

Ela, crioula, descendente da raça mina, ele, africano, nascera no Koromantun, raças que cevavam recíproco ódio, como as moçambique e conga. (Ferdinand Denis - "Descrição Histórica do Brasil").

Severina não era como as "mucamas" enaltecida pelos poetas: dela não se poderia dizer como disseram Machado de Assis da sua "Sabina"; "Se alguém lhe acende os olhos de gazela, é pessoa maior; é o senhor moço; Castro Alves, da "Maria": "Levas hoje algum segredo...pois te voltaste com medo, ao grito do bem-te-vi"; Gonçalves Crespo, da criatura que "Por ela o feitor diziam que andava perdido de amor", mas sim com Arthur Azevedo, repetir: "Não havia mucama assim com tão belos predicados".

Sob os raios esplendentes do sol ou encharcado pela chuva, revela o vulto de Severina a altivez que tanto a elevava.

Naturalmente pudica, seus pensamentos eram sempre alevantados, e espírito superior, sua resignação absoluta, sofrendo as agruras do cativo, serenamente, por perceber, por intuição, ser esse o meio purificador da sua alma.

Bondadosa, por índole, procurava sempre minorar o sofrimento alheio, amando o seu próximo como a si própria, como ensinou Jesus.

Escrava de "estimação", foi, todavia, jogada no eito, onde espiou seus "crimes" por havê-la isso condenado o padre Marcondes naquela noite, em que se deu a festa comemorativa da passagem do meio centenário do coronel Solano.

As exigências do serviço interno da fazenda, fizeram com que, pouco tempo depois da ida de Severina para a roça, tornasse ela ao seu antigo lugar de "mucama".

Fora, então, que Laurindo a conheceu.

Tipo, esbelto, porte nobre herdeira de toda a beleza dos indivíduos da raça Mina, rivais dos antigos árabes, como os descreveu Bernardo Guimarães ("O bandido do Rio das Mortes"), Severina encantara Laurindo, que, embora não tivesse sido, por muito tempo, seu "malungo", o amava como a força do santo sentimento.

Laurindo não queria Severina com a lubricidade que analisa o homem; o seu afeto

Folhetim do Getulino 28 (10/02/1924)

era puro e sincero, pureza e sinceridade que elevam o maior sentimento do coração humano a um atributo angelical.

A vida movimentada da corte; os folguedos constantes que cultivam, diariamente, os cariocas, permanente trabalho a que se entregava o alfaiate, nada disso lhe retirava dos olhos o quadro que, antigamente, na quietude S. Solano, inebriava-lhe o coração.

Nenhuma mulher detinha os olhos do pobre alfaiate, senão alguma, cuja fisionomia lhe recordasse a eleita do seu coração.

E, então, a lembrança da sua "parceira" de outrora lhe acendia na alma toda, o fogo da saudade, que estiola o coração, e cujo lume se alimenta das recordações alegres, de tudo o que de bom se passou com a gente.

Ao padre Marcondes prometera Laurindo resgatar a dívida contraída e à Severina dera ele a certeza de a libertar, para com ela se unir pelo matrimônio.

Ia, agora, cumprir a promessa que lhe fizera, saldando também o débito, que tinha para com o seu ex-senhor.

Severina, por sua vez, continuava a amar Laurindo, cujo semblante sempre se revelava prazenteiro, nas suas visões, em sonhos tidos quase todas as noites.

A esperança que tinha era tão intensa que nutria a certeza de ver realizado o seu ideal de liberdade, porque antevia o fato de serem quebrados os grilhões do seu cativeiro pela mão benfazeja do seu ex-parceiro.

A fidelidade que devotava ao noivo ausente era tão completa que, nunca se murmurou qualquer coisa quanto a irrepreensível conduta.

Um dos escravos de S. Solano que mais a estimavam, era "Pai Pedro", aquele infeliz chefe do "quilombo" da serra do Bugio, que, algum tempo depois da partida de Laurindo, morreria.

"Pai Pedro", pouco antes de exalar o último suspiro dissera no delírio fatal, que Severina não morreria cativa, visto o seu grande mérito, como pessoa caritativa.

Era uma profecia.

"São Solano", não era mais aquela fazenda de outros tempos.

A casa Quaresma tivera seu fim na bancarrota, causando um enorme prejuízo ao coronel Solano, prejuízo esse que obrigara o fazendeiro a severa economia.

Por outro lado, o café sofrera baixa no preço, de tal forma que as despesas com a tropa condutora do produto ao porto de embarque, não eram compensadas pelo exíguo preço.

A escravidão da fazenda estava reduzida a dois terços, devido a venda de muitos negros.

O coronel Solano, para satisfazer compromissos, ia vender grande território da sua propriedade.

Era, digamos, desolador o quadro oferecido ao visitante que penetrasse nas terras do coronel.

Os mais antigos escravos articulavam, baixinho, violentas objurgatórias, maldições terríveis: "esse homem está pagando ao diabo o que fez a Deus", exclamavam aqui; "ainda falta mais coisa! Ele há de morrer na miséria", bradavam acolá, outras vítimas.

Assim, no desespero, o coronel Solano, que sempre se entregara as libações copiosas, deu em se embriagar diariamente e de tal forma que já se apresentavam os primeiros sintomas do "delírio-tremens".

D. Margarida, essa criatura tão má, como que se regenerava aos poucos, tolhendo os desumanos movimentos do seu desalmado marido.

Os filhos do coronel Solano, nascidos na opulência, cresceram na ociosidade e completamente ignorantes, pois a instrução, que receberam do mestre-escola da freguesia, limitava-se ao conhecimento da tabuada mal sabida, e da leitura e escrita.

O coronel dizia sempre que a carreira da lavoura não exigia senão prática e que a teoria era uma tolice muito grande.

Foi, na plenitude da mocidade, quando a previsão do futuro é cheia de encantos, que, de chofre, foram os moços atirados à mais negra miséria, com a completa queda financeira do

Folhetim do Getulino 29 (17/02/1924)

coronel, que sem se lembrar do prêmio que recebeu Jó, pela sua resignação, rebelava-se contra tudo inclusive o Criador.

Poucos anos depois da festa do seu quinquagenário, o coronel Solano, só possuía uma modesta vivenda no arraial, onde ia diariamente, se entregando abusivamente às libações alcoólicas, até o dia em que entregou a alma a Deus.

Ficou d. Margarida na mais negra penúria, tendo a sorte querido que os seus filhos ficassem todos espalhados, longe dela.

Quando caía a tarde de um dos derradeiros dias de março, e o arraial estava em lufalufa pois se festejava o mês de São José, com toda a solenidade; ao espocar dos foguetes e ao som das marchas, que a banda de música fazia soar, entra uma pequena comitiva ruas adentro, provocando a atenção geral.

Era Laurindo que, acompanhado de um pajem, vinha do Rio de Janeiro.

Apeando, o ex-escravo nos trajes de viagem mesmo, dirige-se, diretamente, à igreja, onde se achava entoando a ladainha do santo padroeiro, o padre Marcondes.

Ao terminar a cerimônia religiosa, foi debulhando-se em lágrimas, que o grato Laurindo beijou a mão do seu benfeitor, que, tomado de espanto, abraçou o ex-escravo, que lhe devia a liberdade.

O padre exigiu que Laurindo fosse seu hóspede, acolhendo também o pajem.

Após o leilão de prendas que se prolongou até quase meia-noite, recolheu-se o padre à residência paroquial, onde, depois de farta ceia, que serviu de jantar ao Laurindo e ao camarada deste, e, depois de repousarem as demais pessoas, começou o recém-chegado a confabular com o seu grande benfeitor.

-Então, Laurindo, graças a Deus, podes, agora solver o teu compromisso para comigo, saldando a tua dívida para com a viúva Solano, não é?

-Viúva Solano? Como assim, senhor padre?

-Pois não sabes que o coronel morreu há pouco tempo?

O semblante do Laurindo contraiu-se, revelando um misto de espanto e de dor, soltando ele estas palavras:

-Meu Deus! Tende piedade dele!

-Pois é isso mesmo, Laurindo: o teu rico e opulento ex-senhor morreu na miséria...

-Mas na fé de Deus, não, senhor padre?

-Qual o que! Morreu blasfemando; a obstinação é das desgraças todas a maior que pode haver...

-Não se confessou?

-Isso seria o de menos! Morreu numa alucinação diabólica, gritando: "Passem o bacalhau nesse negro! Tirem daí para fora o Marciano e levem para o tronco esse diabo que se chama Pai Pedro! Senhor Miguel, não me quer o senhor atender! Era enfim a visão do passado! Você ainda não pertencia ao coronel, quando foi supliciado o Marciano, morrendo em virtude das pancadas, que recebeu no "bacalhau".

-Que me diz, senhor padre! Seria visão mesmo, ou coisa imaginária? Olhe que no Rio de Janeiro há gente que acredita na aparição das almas dos mortos. Não é isso, o que chamam no interior de "alma do outro mundo", nem "mula sem cabeça", ou "sacis", mas coisa diferente. No caminho do Realengo e na estrada real de Santa Cruz, não passa ninguém, à noite, indo sozinho. No "Pouso do Tenente", encruzilhada, que fica na estrada do Iguaçu, toda a sexta-feira aparece um oficial de milícias, que, bramindo a espada, avança contra todos. A estalagem desse lugar acha-se abandonada e só se passa por lá dia claro. O senhor padre não acha que essas aparições ao coronel Solano, na última hora da sua existência, provam que os mortos vivem...

Folhetim do Getulino 30 (24/02/1924)

-Laurindo, se fossemos, nós, os que estudamos teologia a fundo, interpretar os Evangelhos, chegaríamos à conclusão de que a cessação de nossa vida material, não importa na partida definitiva da nossa alma: o corpo é sepultado e, nas trevas terrenas, é transformado, cedendo ao solo todos os princípios químicos que, agregados pela ciência divina, formaram a vida; o espírito, esse que não é substância, não é matéria, evola-se, abandonando, mercê de Deus, o corpo e tendo um destino que só Deus sabe.

-Mas, senhor padre, há céu, inferno e purgatório?

-Sim. O céu só se atinge pela perfectibilidade. O purgatório não é lugar onde seja a gente causticada por estranho fogo; é, sim, o espaço incomensurável, onde reinam perpétuas trevas e o inferno, ah Laurindo, o inferno é aqui mesmo, não uma "caldeira de Pedro Botelho", onde a gente seja cozido, como inhame para os porcos. O céu é o lugar onde reina a visão beatífica, e, para se ver Deus, é preciso a alma estar puríssima. Eu não me engano, dizendo que temos ainda muito que sofrer para chegarmos ao céu.

-Agora, chegou o momento, senhor padre, de lhe comunicar as causas da minha vinda. Aqui está este anel...

-Exatamente igual ao da d. Margarida, se me não trai a memória.

- ...e este dinheiro é o produto do que me entregou o senhor padre, mais os juros do total da minha dívida...

-E vem num momento, em que vai ser isso de grande utilidade para a viúva Solano. "Deus escreve certo por linhas tortas".

-O senhor padre entregará tudo à sua legítima dona.

-Amanhã mesmo.

-E compra a Severina para mim?

- A Severina? Então que queres tu, Laurindo, fazer?

-Casar-me com ela, aqui mesmo, antes de voltar para o Rio de Janeiro.

Absorto, ficou, o padre Marcondes, repousando a larga cabeça, ornada de vasta cabeleira crespa, cuja alvura fazia-a semelhante a flocos de algodão, manteve-se silencioso, como se estivesse dominado pelo sono.

Laurindo, picava o fumo que ia colocando numa palha que alisara, colocando sobre a mesa, onde se recostara o levita.

Passaram-se minutos e mais minutos até que, erguendo, rapidamente, a cabeça o padre, meneando-a, exclama, batendo com as mãos na mesa.

-Oh, Senhor Deus! Será um sonho?

-Não, senhor padre, não, é a realidade...

-...ou será um romance...

-Bem vê, senhor padre, que sei gozar a minha liberdade: se a tenho, devo à Deus, em primeiro lugar, e ao senhor em segundo, e a Severina a terá, graças a Deus antes de tudo, e depois ao senhor padre...

- E se não fora a minha intervenção, não se haveria de registrar na história do cativo fatos, assim tão cheios de interessantes peripécias, como esses que se me antolham. Olha, Laurindo, Deus te fadou para representar um papel heróico, nessa maldita coisa, chamada escravidão. Prossegue na tua rota, diante de nada recues, porque tu és o anjo tutelar de Severina e esta...Cala-te, oh boca!

E duas lágrimas rolaram pelas faces retintas do bom negro, enquanto com o seu lenço de alcobaça escondia o padre seu pranto.

Ambos choravam o choro ameno da alegria.

A velha pendula da sala, onde se desenrolava essa cena, soavam duas horas, enquanto; lá fora, uníssono, alegremente se espalhava o primeiro canto matinal dos galos.

Foram ambos dormir, o Laurindo fatigado pela longa viagem e o padre cheio de satisfação, pela messe de glórias, que lhe prodigalizara o destino.

Era já dia claro, o sol subia alto, quando despertaram o padre e os seus hóspedes.

Laurindo sentia o seu coração palpitante de alegria, receber os eflúvios divinais do amor.

No peito heróico de um cabo de guerra, como no de um simples soldado; no de um sábio como no do mais ignorante dos homens; no de um opulento banqueiro como no do mendigo, que nos estende, na via pública, suplicitamente, a mão; o amor é homogêneo na sua essência, porque não depende a sua vida nem da inteligência, nem do dinheiro, nem da sabedoria.

Folhetim do Getulino 31 (02/03/1924)

O amor é o único sentimento, que domina o homem e a mulher, matando todos os outros atributos do espírito e do coração; tornando covarde o valente, humilde o potentado, orgulhoso o mendigo.

Força propulsora de todo o bem e ela, muitas vezes a causa de todo o mal.

Quem ama, como se deve amar, é, muitas vezes um louco, preso de uma ideia fixa.

O ambicioso, de glórias tem o excesso da imaginação sobre a razão; o avarento é pobre vítima do domínio do ouro, mas quem cai nas malhas de uma ardente paixão, nada quer, nada almeja, que lhe possa trazer honrarias humanas, ele só pretende a posse do objeto amado, não quer o fausto que fascina a humanidade e sim o silêncio, a quietude, o isolamento, a solidão, em que possa gozar os carinhos daquela que é o ídolo do seu afeto.

Bem poucos são os que obtêm a reciprocidade do afeto, porque sob a máscara sublime do amor, muitos são os personagens, que, por conveniências bastardas, se apresentam como apaixonados.

O amor nutrido no generoso coração de Severina, era o verdadeiro sentimento, que para ser sincero deve ser puro, tão casto como o afeto maternal, o que era retribuído por Laurindo com toda a igualdade.

Amavam-se igualmente.

Apenas celebrada a missa, o padre Marcondes voltou à residência paroquial, onde, fechados no escritório, passaram a combinar sobre tudo, o que trouxera Laurindo do Rio de Janeiro.

O pequeno sino da matriz anunciava o meio dia, quando à porta da casa da viúva Solano chegava o padre.

Recebido com toda afabilidade e respeito, o vigário tomou assento na sala, cuja mobília bem atestava extinta fortuna da sua proprietária.

D. Margarida vestida de pesado luto, ao entrar na sala, osculou reverentemente a mão do sacerdote, e, apenas sentada na cadeira de balanço, assim se dirigiu ao padre Marcondes.

- Ao que devo a sua agradável visita?

- A um fato bem grato à senhora. Vim trazer-lhe um achado, que muita alegria lhe dará...

- Um "achado"?! Ah, senhor padre, já sei o que é... Veja só!

-Nem por sombra...

-Se sei! Esta noite quase não dormi, pois tive um sonho muito interessante, que bastante me impressionou.

- "Não crerás em sonhos e superstições", está escrito nos livros santos.

- E José não decifrava os sonhos do seu rei Faraó?

- Isso naquele tempo. Mas prossiga na sua narrativa.

- Apareceu-me, em sonho, um menino muito bem trajado, de fisionomia muito simpática, que, estendendo a mão oferecia-me um lindo anel, que muito se assemelhava ao que sumiu na fazenda...

- Oh! Releve-me, d. Margarida, uma pergunta: a senhora, como se estivesse em confissão, assevera ser exatamente a verdade tudo quanto acaba de narrar?

- Eu se o senhor padre exigisse, o atestaria sob o mais solene juramento.

- D. Margarida, esse menino que apareceu em sonho é, ou o seu Anjo da Guarda, ou algum grande protetor celestial, como facilmente se convencera, porque essas teorias sobre telepatia não passam de hipóteses que a pseudo-ciência procura estabelecer para furtar à teoria religiosa, toda a sua origem divina. Dou graças a Deus de me haver concedido oportunidade para observar tão eloquente fenômeno espiritual. Deverá também a senhora, dar profundas provas de gratidão ao onipotente, pela graça que lhe foi concedida.

Um longo silêncio se estabelecem na sala e, enquanto d. Margarida se conservava imóvel, recitando mentalmente um Padre Nosso, o padre Marcondes se entregava a profunda reflexão, travando-se em seu pensamento uma grande luta,

Folhetim do Getulino 32 (09/03/1924)

entre a verossimilhança do que afirmara a sua interlocutora e a possibilidade de alguém haver ouvido a conversação entretida entre ele e Laurindo na noite em que este chegara.

Erguendo a cabeça, d. Margarida, como se estivesse despertada de profunda letargia, revelando indomável alegria, assim se exprime:

- Então, vem o senhor padre trazer-me o anel...

O padre Marcondes, tirando do bolso da batina a preciosa jóia e estendendo a mão num gesto nervoso, entrega-a a viúva, dizendo:

- Queira ver se é esta a jóia, que, já vão longe os dias, uma feita me pediu para fazer com que lhe fosse restituída e este envelope contém dinheiro...

- O senhor padre acaba de fazer um milagre!

- É esse mesmo o anel?

- Se é! Veja, senhor vigário, este sinal de solda no meio do aro, é o indício de ser ele o meu anel. Sendo um pouco grande, foi preciso para se ajustar ao meu dedo, cortar uma pequena tira.

- Agora, peço licença para me retirar, porque...

- Não, senhor, não irá sem tomar ao menos uma xícara de café.

- Aceito a oferta.

- Senhor padre, quero gratificar a pessoa que achou o anel...

- Ela já está largamente recompensada.

- Mas quem foi essa pessoa?
- O segredo da confissão me inibe de dizer o seu nome. Não insista.

Servido o café, deixando d. Margarida dominada pela máxima alegria, o padre se retirou.

Em frente à residência paroquial divisava-se o vulto de um homem estranho e que passeava de cá para lá, em frente da casa, cuja sombra se projetava sobre o lugar por ele pisado.

Era Laurindo.

Aproximando-se o vigário diz:

- Graças a Deus, está desempenhada a parte mais difícil da minha tarefa, pois acabo de fazer a entrega da jóia e do dinheiro a d. Margarida.

- Graças a Deus, sim, senhor padre.
- Vamos agora tratar da segunda parte: a redenção de Severina.
- E como há de ser?
- Amanhã depois do almoço irei a São Solano.
- Então o senhor padre levará o dinheiro para a compra. Quanto chegará?
- Como se trata de uma "mucama", é bom levar dois contos de réis...
- Aqui estão três, disse Laurindo, entregando essa importância ao padre.

Entraram ambos na sala, onde, com a alma inebriada pela alegria, produzida pela ação cometida o padre narrou todas as peripécias ao Laurindo que, absorto, exclamou:

- Mas, senhor padre diga, com franqueza: vivemos ou não com os mortos? Essa visão, esse sonho, o aviso sobrenatural, não prova que a gente deve crer que sem vermos estamos rodeados pelos que partiram para a outra vida?

- Laurindo, façamos ponto aí. Vivemos num profundo mistério!

Após os preparativos para a ida a S. Solano, partiu bem cedo, no dia imediato, o padre Marcondes afim de comprar a escrava Severina.

(Continua)

Folhetim do Getulino 33 (16/03/1924)

Os novos proprietários da fazenda, da família Breves, eram gente muito pouco propensa a se desfazer do que era seu: compravam quando podiam e nada vendiam.

Além disso havia um grande empecilho na realização da projetada compra de Severina, pois esta era a ama-seca de Nico, o caçula do casal Breves.

Os raios poderosos do sol iam dissipando a neblina reinante à margem do Paraíba, quando montado no seu "Penacho", um burro de bela estampa, penetrou no terreiro de São Solano, o velho vigário, cuja inesperada chegada causou natural surpresa.

Tão depressa ouviu o capitão José Breves bater a porteira do terreiro, desceu do alpendre e segurando com a mão esquerda as rédeas do "Penacho", com a direita firmou a caçamba do selim, para que, mais facilmente apeasse o padre, que, apenas pisou o solo, exclamou com humildade, agradecendo a cortesia: "Deus esteja nesta feliz casa".

Enquanto o pajem do padre amarrava os animais no tronco de uma copada laranjeira, o capitão Breves conduzia o vigário para o interior da casa, entretendo-o com amistosa conversação.

Mal se sentara o levita, quando surge d. Emília, esposa do capitão, rodeada de seus filhos, um dos quais era conduzido ao colo, pela Severina.

Todos beijaram ungidos de fé, a mão do sacerdote, sucessivamente o "Deus o abençoe!"...

O Padre fitou Severina com um olhar cheio de alegria e parecia bem compreender a crioula, que algo lhe comunicava o pensamento do vigário.

Retirou-se a criançada, ficando na sala o casal Breves e o estimado hóspede.

Veio o café com biscoitos finíssimos feitos por d. Emília.

Depois de sorver o saboroso líquido, o padre entreteve animada conversa com os donos da casa, terminando por lhes pedir permissão para visitar a capela, para onde se dirigiram.

Num dos genuflexórios, ficou o levita, por longo tempo, entregue a fervorosa prece, cujo escopo era o de obter de Deus a graça de ser feliz no seu tentâmen, orando com aquela fé, que, como diz o Evangelho, "transporta montanhas".

No seu trajeto, a cada passo, os moleques e as rapariguinhas, juntando as mãos e as erguendo, numa súplica cheia de sincera veneração iam se dirigindo ao padre dando o "louvado", respondendo-lhes o levita, sorridente sempre, com o costumeiro "Para sempre".

Já haviam decorrido horas depois da chegada do padre Marcondes a São Solano, quando foi anunciado o almoço.

Durante o farto repasto, conversou-se sobre tudo, menos sobre o assunto que tanto interessava ao vigário, mas quando foi servido o café com leite, que fechava o cardápio da refeição matinal, naqueles tempo de abundância, o padre aventurou uma pergunta:

- Dona Emília, a senhora não vende a Severina?

Num sobressalto, cruzaram-se os olhares do capitão e de sua esposa, que, após curto silêncio, obtemperou, num riso fugaz, e que não dissimulava bem o que lhe ia na alma:

- Vender a Severina, a melhor "mucama" que tenho e a "ama-seca" do meu filho Nico?

Folhetim do Getulino 34 (23/03/1924)

- Ninguém faz falta. E se ele morresse, como se arranjaríamos as coisas? A senhora é dona da crioula, mas a sua vida é de Deus. Eu desejava comprá-la.

O capitão José Breves era o tipo mais bem acabado do usurário, o que bem sabia o padre, que, para bom êxito da sua tarefa, acrescentou:

- Uma boa escrava mesmo, muito prendada, não alcança maior valor do que um conto de réis e eu ofereço um conto e quinhentos mil réis.

- Lançando, num gesto de imensa sedução o braço sobre os pequenos ombros do capitão, acrescentou:

- Olhe que é um dinheirão...

- Lá isso é, resmungou Breves fitando a esposa, que entendendo o seu pensamento, interveio.

- Um conto e quinhentos...isso não é tão grande dinheiro para...

- Pois eu dou já dois contos de réis, atalhou o padre.

- Dois contos de réis, é negócio que serve: não achas, diz d. Emília fitando o marido.

- Bem. Está feito o negócio senhor vigário, retruca o capitão Breves.

Ato contínuo o padre Marcondes abriu a carteira, dela tirando a soma precisa, a qual entregou ao capitão, que, com mãos trêmulas a recebeu, levantando-se e se dirigindo para o seu pequeno escritório, onde passou o recibo de venda da Severina.

Entregando ao padre o documento, sentou-se de novo à mesa, mandando chamar a escrava, da qual fez entrega ao seu novo senhor.

Ao receber a notícia de sua venda, Severina emocionou-se bastante, chorando muito.

É que ela não previa o seu futuro, supondo que fosse sofrer as torturas do cativo em mãos de outra senhora, que não fosse tão boa como D. Emília.

Curtos foram os momentos passados, até quando o padre Marcondes dirigiu-se a ela.

- Severina, não debes ficar triste, pois te podes considerar liberta desde este momento. É fácil compreender o fim que vais ter, casando-te com o Laurindo.

Trêmula, num quase delírio desses que prendem a alma assaltada pelos eflúvios de um bem inesperado, a pobre "mucama" tendo as lágrimas a lhe rolares pelas faces, soltou um largo sorriso exclamando:

- Ah! Senhor padre Marcondes será possível tanta coisa boa!

- Sim, Deus assim o quis! Vai preparar a tua trouxa o mais rapidamente possível.

E pelo longo corredor, lá se foi a "mucama" em busca dos seus "mulambos", as saias velhas de d. Emília, as quais, quando não toleravam mais remendos, passavam a servir de vestuário à crioula de estimação.

Deixaram todos a varanda dirigindo-se para a sala de visitas comentando a atitude da Severina, ao receber a notícia da sua venda.

Como são as coisas neste mundo, como são elas, disse o vigário, dirigindo-se ao capitão Breves.

Pouco depois do almoço partiram o padre e a "mucama" com destino à freguesia, percorrendo o mesmo trecho de estrada por onde havia tempos, passara Laurindo com o padre Marcondes, que o comprara do coronel Solano.

(Continua)

Folhetim do Getulino 35 (30/03/1924)

O vigário continha o animal que montava, de forma a poder Severina andar naturalmente.

As sinuosidades do poético Paraíba, cujo largo leito é cheio de ilhotas verdejantes, beijadas nas suas bordas pela água que, impetuosamente corria, então, por entre extensas matas que vestiam os morros, agora, desnudados, oferecendo um belo panorama à vista, encantavam essa tocante cena da redenção de uma pobre escrava.

E o padre que se conservava silencioso, entregava-se à apreciação do fato, recordando-se de tudo e analisando a causa de todo esse bem, em que teve ele tamanha contribuição.

Aproximavam-se os viajantes da porteira existente na entrada do "patrimônio", que formava o perímetro urbano da vila, quando divisaram encostado ao mourão da porteira, um vulto, para o qual convergiram os olhares de ambos.

Passo a passo, ia o animal que o padre cavalgava e ao lado do qual, sobraçando a trouxa dos seus "mulambos", seguia a boa Severina.

Quando mais perto da porteira o padre, antes de Severina reconheceu Laurindo e, numa risada sadia, cheia de alegria exclamou:

- Ei-lo Severina!

- Quem?

- O Laurindo.

Como o pobre cego que dá em cheio com o corpo numa muralha estacou Severina, transida de admiração enquanto célere, precipitou-se Laurindo em vertiginosa carreira ao encontro da boa crioula.

O padre num movimento rápido, arredou o animal para a beira da estrada enquanto Laurindo abraçava, freneticamente, aquela, que escolhera para sua esposa.

- Padre, diz o alfaiate, padre, perante Deus, de quem é vossa reverendíssima representante na terra recebo Severina com minha verdadeira mulher.

Sufocada pelo pranto que vertia a mucama diz:

- E eu também te recebo como meu marido...

Não pode ser assim, explica o padre, é preciso que seja obedecida a liturgia, e, saltando do animal, justapõe a mão direita do nubente à noiva e faz com que ambos pronunciem o "Eu Fulano recebo a vós etc", abençoando o matrimônio findo o que diz: "Os celebrantes do sacramento do matrimônio são os noivos, cabendo ao padre as funções de mera testemunha, em nome da Igreja Católica". Estão casados desde este momento, e tão bem casados aqui, à sombra desta secular floresta, ao som cadenciado das límpidas águas do Paraíba como sob o teto do templo, onde o cheiro do incenso não perfuma mais o ambiente do

que o odor das flores silvestres, nem os acordes do órgão mais falam à alma do que o murmúrio da correnteza do gigantesco rio que perto de nós vai deslizando.

Permaneciam abraçados os personagens que figuravam nesse ato, final de tão comovedora cena.

- Sigamos diz o levita, montando a cavalo, sigamos até a vila, onde, antes de partirem iremos à missa para eu lhes dar, solenemente, a bênção nupcial.

Sobre o seu eixo, rolou a pesada porteira, para dar passagem do ditoso par, atrás do qual seguia o padre Marcondes.

O capitão Breves havia dado ao padre o recibo da quantia por que lhe vendera Severina, mas ele não queria ficar com a falsa glória de a haver libertado pois fora Laurindo quem cometera tão nobilitante ato.

Apenas chegados à residência paroquial, mandou o vigário chamar o escrivão de Paz da freguesia, o qual legalizou a alforria daquela que já era, perante Deus, a esposa de Laurindo.

Com a celeridade do raio, correu a grata notícia pela vila inteira.

Maldizendo a sua sorte, a beira do tosco fogão da sua modesta casa Margarida mexia o angu para o seu frugal jantar, quando uma sua vizinha, penetrando em lugar, leva a ex-senhora dos noivos a notícia da libertação da sua ex-escrava e do consórcio tão singularmente realizado.

Retendo nos lábios um sorriso que lhe traía a aparente demonstração de alegria a ex-fazendeira ia soltando, quase sílaba por sílaba estas palavras com que procurava ocultar o pensamento brutal que lhe tangia na alma a corda da desumanidade.

(Continua)

Folhetim do Getulino 36 (06/04/1924)

- Mas apesar de ganhar a sua liberdade, que irá lucrar Severina casando-se para ir morar no Rio de Janeiro, onde a vida é tão difícil. Nos dias felizes da minha perda abastança, jamais pensei em mudar-me da roça, onde a gente vive a vida simples e agradável da quietude. Nada lucrará ela, que foi, por certo, escolhida pelo Laurindo, não para mulher, mas para simples criada.

Enquanto assim falava, d. Margarida tinha um pressentimento, qual o de ir morar com a melhor "mucama", que possuía nos dias em que, nas auras da prosperidade, vivera em S. Solano.

Mergulhava-se o astro diurno, rapidamente, no poente matizado das cores poéticas de um excelente "pôr-do-sol", perdendo-se os derradeiros raios de frouxa luz, no manto da noite, que vinha tudo envolvendo, quando nas cadeiras enfileiradas da casa do padre Marcondes, mantinham-se o vigário e o casal.

Súbito, levanta-se Laurindo propondo a ida à casa de d. Margarida.

É que no deleite da vitória, ele, o bom africano descendo o seu pensamento até a causa primordial de todo o bem, que desfrutava, lembrou-se da possuidora da valiosa jóia, que determinara toda a fortuna sua e de Severina.

- Senhor padre Marcondes, não acha de nosso dever - meu e de Severina - irmos visitar nossa ex-senhora, a quem, indiretamente, mercê de Deus e devido a sua intervenção, devemos toda a nossa alegria? Eu desejava que fôssemos todos à casa de "sinhá"...

- Muito bem! Provas, Laurindo, teres uma alma nobre.

Mandando recolher as cadeiras o padre recomendou ao seu criado e sacristão guardar bem a casa e seguiram para a casa de d. Margarida, que, a esse tempo, se achava sentada na sala, falando a uma amiga sobre Severina, relembando fatos passados, inclusive a festa do quinquagenário do coronel Solano.

Bate à porta o padre Marcondes, vindo abri-la d. Margarida. que recebeu-o, alegremente, dizendo:

- Parabéns, Severina, então estás fôrra e esposa do Laurindo. Parabéns! Parabéns sinceros. Sentem-se.

Laurindo fitando o anel que trazia no dedo, d. Margarida, assim se dirigiu a ela:

- "Sinhá" me há de permitir convidá-la para assistir a missa de amanhã, quando receberemos a bênção nupcial.

- Com prazer, Laurindo, lá estarei, se Deus o permitir.

Animada correu a conversação até próximo às nove horas, momento em que se iam retirar os visitantes e quando d. Margarida instou com os recém-casados para pernoitarem na sua casa.

As delicadas recusas, não foram aceitas tendo Laurindo e Severina cedido ao gracioso convite, sendo-lhes dado pouso num dos quartos do interior da casa.

O vigário retirou-se então.

Até alta madrugada, animada conversação foi sustentada, sendo dela objeto as coisas da fazenda S. Solano.

D. Margarida lastimava o seu precário estado de fortuna e, a certa altura, declarou a Laurindo que pretendia vender o seu anel, única jóia que possuía, para ver se, com o produto, poderia adquirir uma pequena chácara, onde explorasse a venda de verduras e de leite.

Assim respondeu Laurindo:

- "Sinhá" não faça isso. Eu quero que nunca saia do seu dedo essa preciosa jóia e o meu desejo é de ter "sinhá" sempre em nossa casa.

- É assim mesmo, exclama Severina.

- Como diz d. Margarida, como hei de viver na companhia de vocês sem os auxiliar e de onde tirar o dinheiro?

- Isso não, "sinhá", diz Laurindo, nós faremos todas para suas despesas...

- Mas vocês não são meus escravos.

- Para isso o seremos de boa mente. Resolva "sinhá", e iremos todos à corte, onde estou bem colocado.

Folhetim do Getulino 37 (13/04/1924)

- De tudo isso eu sei. O padre Marcondes me deu notícias da prosperidade de você.

- Então, vamos? atalhou Severina.

- Veremos. Há de ser o que Deus quiser.

Recolheram-se, depois, aos seus quartos.

Severina, sem saber a causa de tão grande insistência de Laurindo, aprovava o alvitre por este sugerido, a fim de proporcionar a d. Margarida felizes dias na velhice, que lhe ia já adiantada.

Laurindo, quando a sós com sua mulher, assim lhe falou:

- É preciso que "sinhá" vá conosco para a corte. Eu tenho dever de cuidar dela porque, se não fora a sua indireta contribuição, eu e você seríamos ainda escravos e havíamos de morrer no cativeiro.

- O quê?

- Sim. Não posso já te contar o que há. No Rio de Janeiro te direi tudo o que se prende à história da nossa liberdade, na qual tomou parte muito saliente o bom padre Marcondes.

Entregaram-se depois ao sono, o grande reparador das forças, tendo sonhado Severina com os fatos da véspera, pois o seu espírito estava atordoado, devido ao imprevisto de tudo o que de bom lhe sucedera naquele dia.

O dia seguinte surgiu sob denso nevoeiro.

Levantaram-se bem cedo Laurindo e Severina, tendo esta ido à cozinha onde, acendendo o fogo, colocou a chaleira no fogão para, causando uma agradável surpresa a d. Margarida, coar o café matinal.

Enquanto entregava-se a "ex-mucama" a este trabalho, Laurindo manejava a mão de pilão, socando o café torrado, pois, a sua ex-senhora, na pobreza mesmo, conservava o hábito de só tomar café socado no ato de ser passado no coador.

Conservava-se o novo casal em absoluto silêncio, quando penetra na cozinha d. Margarida, que risonha, assim se dirige aos seus hóspedes:

- Então de onde surgiu-me essa tão boa criadagem? Foi de certo mandada por Deus...

- "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", dizem ambos os ex-escravos.

- Oh! Não me trates assim! Vocês não são meus escravos...

- Mais do que nunca, "sinhá" o que manda a gratidão: escravos humildes até a hora da morte.

- Por quê? Se eu te vendi, Laurindo, e se, por dívidas entreguei Severina aos nossos credores...

- Ah! "Sinhá" um dia há de saber muita coisa...

E sacando do bolso um alvo lenço, o bom africano soluçante, entregou-se a copioso pranto, sentado à beira do pilão.

Não era bem o remorso que turbava a alma de Laurindo, porque, instrumento dos feitos já conhecidos, não fora d. Margarida lesada; não era a lança do remorso que lhe feria o coração, mas o sentimento de gratidão, por ação desconhecida da sua benfeitora, que não podia compreender tudo o que via, atribuindo à misericórdia divina esse singular procedimento de Laurindo e Severina.

- Não chore Laurindo! Vejo que das centenas de escravos que possuí, só dois me estimam e esses são vocês.

Assim dizendo, d. Margarida retirou-se, a fim de ir se preparar em seu quarto, acrescentando:

- Vou, Severina, tomar hoje um cafezinho, como há longo tempo não vejo...

D. Margarida apenas se retirou, Laurindo continuou a sua voluntária tarefa tomando da mão de pilão.

Severina à beira do fogão atizando o lume, perplexa conservava-se silenciosa, por não poder compreender a razão de quanto vira visto saber que Laurindo fora vendido em prósperos dias do coronel Solano, quando não lhe era preciso apurar dinheiro.

A um gesto do nobre africano, aproximou-se a crioula a cujo ouvido pronunciou Laurindo estas palavras:

- Eu na corte te contarei tudo e compreenderás o motivo da minha gratidão a "sinhá".

A água fervilhava na chaleira e o café já estava reduzido a pó, preparando Severina o precioso líquido, de que sorveram um "coité" cada qual.

Foi depois Severina à copa de onde conduziu o preciso para preparar a mesa de d. Margarida.

Regressando do quarto d. Margarida tomou assento à mesa, servindo-se do saboroso café, enquanto Laurindo e Severina permaneciam cada um ao
(Continua)

Folhetim do Getulino 38 (19/04/1924)

lado de sua ex-senhora, que a eles se dirigia, lastimando-se de fatos ocorridos com sua família, terminando por estas palavras que conturbaram a alma dos seus hóspedes:

- Que vida tive eu meu Deus! Filha de gente poderosa, nasci e cresci rica. Casei-me. Do meu consórcio nasceram filhos. Quis fazê-los felizes, mas Deus não o permitiu. Educados no temor de Deus, tornaram-se rebeldes e nos abandonaram. O Solano sempre me dizia: "Margarida, nossos filhos entregaram-se aos vícios, perderam o amor de família e o respeito devido a Deus. Eu vejo em tudo isso o dedo de Deus. É o castigo do céu que cai sobre nós". Pois eu, Laurindo, tenho essas palavras como vindas do Espírito Santo. Mereço sofrer ainda mais...

E debruçando-se sobre os braços, d. Margarida chorava, enquanto os seus ex-escravos, que bem conheciam os hábitos dos filhos do coronel Solano, por meneios de cabeça, comunicavam um ao outro, o pensamento.

Batem à porta.

Célere vai Severina ver quem é. Poucos momentos depois, entra até a sala de jantar, o padre Marcondes:

- Deus esteja nesta casa, diz o levita acrescentando: Que é isso, d. Margarida, a senhora está chorando? De alegria, talvez?

- Não, senhor padre, a alegria que ora experimento, está para a grande dor que sempre me oprime, como a gota de orvalho para a imensidão do oceano.

- Nada de tristezas! Já tomaram o seu café e eu estou em jejum: vamos à igreja, onde celebrarei a missa em intenção do novo casal, dando-lhe a bênção do ritual. Vamos, que já estou com o estômago a roncar.

Saíram todos, dirigindo-se para a matriz, onde começara o sacristão a tocar o sino, avisando a população que ia ser celebrado o Santo Sacrifício da Missa.

Receberam Laurindo e Severina a benção despertando o fato grande surpresa nas poucas pessoas que se achavam no templo, e após a cerimônia, seguiram em companhia do vigário para a residência paroquial, onde lhes foi servido farto almoço, durante o qual foi assentada a viagem de regresso de Laurindo, cuja alegria era indescritível, pela realização do seu sonho dourado.

Três dias depois, apenas surgira o sol, seguiram viagem os recém-casados, que, depois de penosa viagem, feita a cavalo, chegaram ao Rio de Janeiro.

Quando Severina contemplou pela primeira vez, o mar, do mirante do Passeio Público, ponto em que o mais formoso panorama é oferecido na terra carioca, como que arrebatada em êxtase, deslumbrada pelo grande prazer que se lhe gerara na alma, assim se dirigiu ao esposo:

- Como somos felizes! Laurindo, Deus nos concedeu a grande ventura de nos tornarmos livres e a felicidade de nos libertarmos da vida taciturna da roça. Vamos mandar buscar "sinhá"?

- Ah! Severina, é chegado o momento de te declarar o motivo da minha gratidão a d. Margarida, que, embora sem querer contribuiu para que obtivéssemos a nossa alforria. A história é assaz interessante e vou contá-la : uma feita, havendo muita tiririca na horta, nossa "sinhá" mandou que todo o pessoal do terreiro da fazenda fosse arrancar a praga e eu, embora

alfaiate, lá fui com os nossos "malungos". Éramos, talvez, uns oito ou dez, os que limpavam os canteiros. A horta, como você sabe, era grande e ficamos bem distanciados uns dos outros. O sol brilhava bastante, quando percebi a existência de um anel com enorme pedra. Fui "garimpeiro" e, por isso, facilmente conheço o diamante. Vi logo que era um enorme brilhante. Apanhei a jóia e a coloquei numa fenda do lado externo da parede da senzala onde ficou por longos meses, até que, chegando a quaresma, ao confessar-me com o padre Marcondes, entreguei-lhe o anel, pedindo-lhe que dele retirasse o brilhante, conservando o arco, a fim de, vendendo a pedra com o produto me comprar para me dar a liberdade...

- Então é ao senhor vigário que tudo devemos.

- Ouça, Severina, toda a história. O vigário atendeu à

(Continua)

Folhetim do Getulino 39 (01/05/1924)

- Mas o que fez d. Margarida por nós? Ao padre, sim, e só a ele é que devemos nossa felicidade.

- Não há dúvida sobre isso, mas eu quero valer a "sinhá", agora, quando ela se acha sofrendo porque assim eu presto um preito de gratidão ao próprio objeto, que nos fez livres do cativeiro. O padre Marcondes não precisa de nada.

- Mas Laurindo, devemos, então, a nossa liberdade a um simples acaso?

- Não! À misericórdia de Deus, que assim nos proporcionou tamanho bem.

- Então vais buscar a d. Margarida? Coitada! Que vida leva ela! Os filhos se espalharam, os seus haveres foram dissipados e, agora, vive como uma criatura desprezada de todos.

Anoitecia já, quando o casal retirou-se do terraço do Passeio Público, detendo-se cheios de admiração diante daquela obra-prima do Mestre Valentim, o menino que enfeixa uma fita onde se lê "sou útil, ainda brincando".

E descendo pela Guarda Velha, rumou o casal para a rua do Cano, onde moravam na sobreloja da alfaiataria.

A descrição que fizera Laurindo, impressionara Severina, cujo espírito era de absoluta pureza e de muita vivacidade, pairando-lhe no pensamento uma dúvida terrível, quanto à sua

liberdade, pois ela pensava ser preferível a condição de escrava, à de liberta, em virtude de um crime, isto é, de um roubo.

Não se conteve a crioula, que comunicou ao marido o seu pensamento.

Laurindo disse-lhe:

- Se crime houvesse, eu, somente eu, seria o criminoso, mas não há...

- Sim, perante o mundo, onde, por pouco tempo, estamos, mas perante Deus, nosso Senhor?

- O padre Marcondes foi o nosso guia e ele me disse que, uma vez indenizado o dano, não há pecado no que sucedeu comigo e ele é homem muito entendido em religião.

- Pois eu, Laurindo, não me sinto feliz, senão por ser tua esposa, mas a minha consciência me diz que se os senhores de escravos, os possuem em virtude de um crime, de um roubo, nós gozamos a liberdade, em virtude também de um crime...

- Cala-te Severina; isso não te dê preocupações pois o peso de tudo venha sobre mim.

A noite, quase toda, passou o casal em discussão sobre esse assunto.

A noção que tinha a boa "ex-mucama" do que fosse a honra, era completa e sentia em extremo não poder gozar a sua liberdade visto ser ela não uma conquista de Laurindo, mas sim o fruto de uma esperteza.

Laurindo não poderia jamais repôr a d. Margarida a sua joia; o anel que ela supunha ser o do presente de noivado não representava a verdadeira dádiva, porque a pedra fora substituída.

Sentir-se-ia bem a mulher de Laurindo, se pudesse narrar o fato a sua "ex-sinhá", mas os deveres, que lhe impunha a sua condição de esposa obrigavam-na a tudo calar.

No dia imediato, ainda se renovaram os argumentos contrapostos às asserções de Laurindo, que sentia o influxo da lógica de Severina.

Foi, então, quando o casal assentou definitivamente, o convite a d. Margarida para vir morar com ele, pois, tendo-a em casa fácil seria o entendimento com ela sobre o assunto que tanto afligia Severina e, por último, ao Laurindo.

Uma carta chegou pelo correio, era preciso que fosse sua leitura confiada a pessoa de absoluta confiança do Laurindo, seu destinatário.

Foi escolhido para lê-la, um alfaiate muito amigo da casa.

Eis o texto da missiva:

"Laurindo:

Há de Deus permitir que esta te encontre, bem como a Severina em gozo de boa saúde e da felicidade, que Ele dá aos lares tranquilos.

Estou com o coração imerso na mais profunda dor, determinada pelo passamento do nosso estimado vigário, o saudoso padre Marcondes, que teve a morte que Deus reserva aos justos.

Foi emocionante o quadro que se ofereceu aos olhos dos que lhe assistiram nos últimos momentos de vida.

Sucumbiu sem agonia, embora estivesse de cama mais de uma semana, sob os cuidados do cirurgião Moreira que tudo empregou para salvá-lo.

Vitimou-o um antraz.

O fulgor do seu olhar, aquele sorriso habitual e aquele aspecto de bondade, só se extinguíram quando exalou o último suspiro.

Poucas horas antes do seu falecimento, mandou-me ele chamar, exigindo de mim a formal promessa de ir morar com você, pois sabia ele que era esse o teu desejo e o de Severina.

Irei, fiquem certos.

Não é preciso que me venham buscar, pois mais dia, menos dia, aí chegarei.

Espero que orem bastante pelo bondoso padre Marcondes, que na Glória há de sempre interceder por todos nós.

Adeus.

Margarida."

(Continua)

Folhetim do Getulino 40 (13/05/1924)

Enquanto era lida a carta, Laurindo e Severina vertiam, soluçantes, copioso pranto e, depois a retirada do leitor ambos se conservaram silenciosos, pois os seus espíritos, como abandonando os corpos, se uniam, pelo pensamento, ao seu grande benfeitor.

O resto do dia foi de rigoroso luto para a casa, havendo Laurindo fechado a oficina.

No dia imediato dobravam os sinos da igreja de São José onde era, por ordem do casal beneficiado pelo extinto, celebrada missa em intenção do padre Marcondes.

Puseram Laurindo e Severina pesado luto, como os filhos punham, naqueles tempos, pelos progenitores falecidos.

Os dias se sucederam, até que, em uma radiante tarde, para à porta de Laurindo uma comitiva.

Era d. Margarida, que em companhia de uma família residente na corte chegava de mudança.

As seguras da vida de pobre batendo o orgulho que nutria nos faustosos dias de abundância em que nascera e vivera por tão dilatados dias, fizera de d. Margarida uma outra pessoa.

Se os sentimentos inatos, os atributos dos espíritos de eleição não se podem transformar vindo de bom para o mal, os sentimentos rudes se podem transformar, porque negar a regeneração dos costumes é ofender a bondade do Criador, que, como dizem as letras sagradas, não quer a morte do pecador, e sim que se converta e viva.

Se o julgamento de Deus é inexorável, a caridade divina é ilimitada, e quando o crente lhe dirige uma prece cheia de fé, é esta atendida.

D. Margarida, nas suas vigílias, entregava-se à oração e não pedia ela a volta da sua perdida grandeza, mas o perdão das suas faltas horrorizando-lhe a lembrança de tudo o que praticara nos ominosos dias em que mantinha no nefando cativeiro, aqueles pobres africanos, roubados às suas famílias e à sua pátria.

Longe do ambiente da fazenda, tendo na mente a horrorosa vida levada pela escravatura, ela compreendia toda a desdita do cativo.

O escravo era um ente sobre quem pesavam todas as responsabilidades inerentes a um ser humano porque de seus feitos terrenos devia ele contas a Deus, mas não podia promover sequer os meios da sua salvação.

A desumanidade brutal dos pais, passavam aos filhos como um legado de que fossem simples usufrutuários, ciosos de bem cumprirem o seu dever transmitindo a herança intacta.

Ou isso, ou, então, era um contingente danoso à saúde do espírito, que se ia perpetuando através das gerações, como o micróbio das repugnantes doenças assalta o descendente daquele cujo físico depauperou-se ao ser contaminado.

Os filhos dos senhores de escravos, salvo assaz raras exceções, tinham no coração uma célula vazia, onde a filantropia costuma habitar.

Acostumados a verem o suplício e a ouvirem os gemidos das vítimas, os seus olhos começavam, desde a infância, a se habituarem a esse espetáculo, tornando-se brutais e indiferentes ao sofrer daqueles que se lhes ensinava serem os réprobos da sociedade.

E, para cúmulo da selvageria, nem amor tinham às suas amas, cujo leite, que lhes dera a vida, equiparavam ao leite da vaca, da cabra ou da ovelha!

A voz do sangue?

Essa não existe, porque se existisse havia de amenizar os desumanos sentimentos daqueles, cujas mães tendo perdido o leite, foram alimentados por uma escrava, escolhida entre as mais robustas, como se procurava ainda uma vaca sadia para dela tirar o leite preciso para a criação de um recém-nascido cuja progenitora não possa alimentar.

Esses sentimentos, na noite negra da sua desgraça d. Margarida havia purificado pelas lágrimas que se lhe não orvalhavam as faces, inundavam-lhe o coração.

A regeneração é, de fato, possível, enquanto negá-la é negar a misericórdia infinita de Deus!

O acolhimento, que o casal de ex-escravos dera a sua "sinhá", fora cheia de carinho.

Para eles, era d. Margarida ainda sua senhora, mas trazendo à mão, não a "vara de marmelo" de outrora, e sim um punhado de flores; um cetro não, mas um bastão de bom pastor.

Cercada, pois, de todo o carinho, a velha mulher sentia como que mitigada a grande dor que lhe infligia o destino.

Passou d. Margarida a viver uma vida tranquila, despreocupada das coisas do mundo, e entregue à oração.

(Continua)

Folhetim do Getulino 40 (sic) (01/06/1924)

"Devemos rezar constantemente, diz ela, porque Jesus orou muito".

Quando repicavam os sinos das igrejas da circunvizinhanças, lá ia a velha senhora em demanda do templo, ora a matriz de S. José, ora as pequenas igrejas do Parto, da Cruz dos Militares do Rosário, etc.

Laurindo prosperava sempre e gozava da felicidade do lar, visto como Severina era uma exemplar esposa.

Compreendendo o quanto acabrunhava o espírito de seu marido, a ex-escrava não lhe externava a sua convicção de que não tinha obtido a sua liberdade com a lisura desejada, julgando que só a um crime devia a sua atual condição.

A sua alegria não era senão aparente, visto como cada vez que fitava d. Margarida, julgava-se na presença de uma vítima de Laurindo.

D. Margarida tratava com especial carinho Severina, em quem concentrara todo o afeto devido ao desprezo que lhe votava toda a sua prole.

Passaram-se os anos, e o dia chegou em que a Deus aprouve chamar para a sua mansão aquela que se tornara piedosa e boa.

Uma insidiosa enfermidade atacara d. Margarida cujo estado mórbido se prolongou por longo tempo sendo desveladamente tratada pelo casal.

No derradeiro período da moléstia, tinha a velha alta febre que determinava delírios, cheios de visões do passado.

Falava nos filhos e no marido e como se vivesse ainda nos dias felizes que passou em S. Solano, falava nos escravos, em todas as horrendas cenas desenroladas nos seus domínios perdidos.

Havia três dias que a doente melhorara, mas todos tinham esse estado como o da "visita da saúde".

De fato um dia em que o sol banhava toda a cidade e em que se celebrava a festa do padroeiro, o estado de D. Margarida se agravara de forma alarmante, prevendo todos o triste desenlace.

O abatimento profundo, a sonolência ininterrupta, alta febre, tudo desaparecera, aparentando a enferma uma grande melhora.

Os gemidos se sucediam e d. Margarida não achava sossego no tosco leito em que se retorcia, dominada pelas dores.

Eis senão quando, acenando para o casal que lhe acompanhava os gestos, assim se exprime em palavras lentamente pronunciadas.

- Morrerei dentro de pouco tempo, Severina, e quero te legar um objeto que possa te lembrar sempre a minha amizade e gratidão. Tire este anel.

Estendendo a mão para a sua ex-mucama, juntou às palavras pronunciadas, as seguintes:

- Essa pedra brilhou no dia do meu casamento, no fausto da minha abastança, no palacete dos meus pais, que foi o solar de um capitão-mor; agora nesta modesta casa ela brilha, brilha na solidão a que Deus me condenou. Longe dos meus filhos, por eles abandonada, eu reconheço o quanto devo a vocês. Laurindo, por maior que seja a miséria em que te aches jamais vendas essa pedra, que representa o mais precioso presente de noivado o qual recebi em dia tão solene. Adeus!

Laurindo ajoelhando-se à cabeceira da cama de sua ex-senhora exclamou, entre soluços:

- "Sinhá", perdõe-me, "sinhá" essa não é a pedra do anel, eu a vendi!

Severina, notando a imobilidade de d. Margarida, cujos olhos se conservavam fechados, aproximou-se de Laurindo, dizendo-lhe ao ouvido, baixinho:

- "Sinhá" está morta, nada tendo ouvido.

O pobre homem, desvairado, num gesto de grande desespero, levanta-se e, com as mãos à cabeça abandona o quarto, entregando-se à dor que lhe fazia verter copioso pranto.

Preparado o caixão, com toda a pompa, à expensas de Laurindo foi, à tarde do mesmo dia dado corpo à sepultura, em uma carneira do cemitério S. João Batista.

A noite que se sucedeu passaram-na Laurindo e Severina na maior inquietude de espírito, entregues à oração.

De quando em vez, o casal dialogava sobre o sucedido, lamentando Laurindo não haver feito o que desejara Severina, isto é, narrar a d. Margarida a história do anel e a qual teve tão inesperado epílogo.

Era fato consumado, pensavam ambos.

(Continua)

Folhetim do Getulino 42 (08/06/1924)

Uma profunda tristeza dominava Laurindo, que vivia perseguido pela ideia de vir a sofrer algum castigo por tudo o que fizera.

Severina não usava o anel que trazia sempre oculto das vistas de todos, numa pequena caixa guardada em seu baú.

Seu espírito não se conformava com o fato de gozar de uma liberdade nascida de um delito, praticado por Laurindo.

Sempre aos seus olhos se apresentava a figura do padre Marcondes a lhe consolar e a de d. Margarida a lhe fazer gestos que traduziam perdão, mas nada disso lhe assegurava tranquilidade absoluta.

Laurindo bem percebia o desassossego em que se mergulhava Severina e com ela evitava trocar ideias sobre o assunto.

Uma feita saíra o bom marido ficando ela a sós em casa e, por isso, lhe pareceu azada a ocasião para contemplar o anel, o objeto que gerara todo o suplício de sua alma.

Não ousou Severina pô-lo no dedo, limitando-se a contemplá-lo, não em busca da beleza do brilho da jóia, mas para entregar-se a meditação profunda.

Contemplava ela o brilhante, quando como que por encanto, a pedra desengasta-se do aro e começa a descrever uma espiral até o teto de onde se projeta ao solo pulando, desordenadamente como que impelida por uma estranha força.

Assombrada, estonteada por quanto via, Severina ia se retirar da alcova para a sala, quando destaca, como fora em vida o vulto de d. Margarida.

O pavor que se apossou do espírito conturbado da pobre mulher, tirou-lhe os sentidos, caindo ela ao chão entregue a uma espécie de letargia.

Passam-se horas até quando Laurindo regressa da rua.

Ao penetrar no cenário de tão triste sucesso, Laurindo, sem atinar com a causa de tudo aquilo, toma a esposa em seus braços e a conduz à cama, onde, depois de terríveis convulsões, volta a si.

- Não quero esta liberdade! Isto não é ser livre! Mais valera estar sob o relho do feitor malvado do que viver assim! Deus me fez nascer escrava e escrava deve morrer.

Diante dessas expressões de sua mulher, Laurindo se sente presa de estranha opressão e a voz como que se lhe foge. Não pode falar. Não raciocina mesmo.

Cede a agitação e ambos se podem entender:

- Que foi Severina, que foi que te fez sofrer assim?

Narrou, então, a ex-mucama tudo o que vira, e que impressionou muito Laurindo.

O anel lá estava no chão, e o bom africano tenta erguê-lo, porque, como uma brasa lhe escaldava os dedos toda a vez que pretendia segurá-lo.

Laurindo chama pela Severina, que ergue a jóia e a põe, horrorizada, no lugar que a ela destinara.

Passa-se o tempo, vindo a noite, quando entregaram-se eles ao repouso.

Estavam estafados como se houvessem caminhado longas horas por uma estrada coalhada de pedras.

Dormiram, sem o sono tranquilo que a consciência pura nos dá.

No dia imediato Severina revela ao marido o desejo de se entregar voluntariamente ao cativoiro, pois comparava a sua situação a de um criminoso evadido da prisão.

Ela queria crer ter vindo ao mundo para sofrer e que quem, contra os desígnios de Deus, procura retirar o cálice de amargura, é comparável ao próprio suicida.

Nascera em condição humilde, porque assim o merecia e se houvesse soado a hora da sua redenção, Deus lhe daria meios honestos de se libertar.

Laurindo se limitava a asseverar que só a ele cabia a responsabilidade de tudo, mas isso não a consolava, porque Severina entendia que ele e ela deveriam voltar a sua primitiva condição.

(Continua)

Folhetim do Getulino 43 (15/06/1924)

Dias depois e estranhos ruídos e gritos perturbavam a tranquilidade da casa, onde não mais existia aquela felicidade que constituía o encanto desse lar, até então, venturoso.

Uma noite, em que se achava Severina entregue à vigília, teve ela horrorosa visão, que lhe incutiu no pensamento a ideia de se entregar a voluntária escravidão, por não se poder seu espírito coadunar com aquela situação angustiosa.

Ela sabia que a liberdade que usufruía, não provinha de uma fonte pura mas derivava-se de uma ação criminosa, praticada por Laurindo.

Assaltavam-lhe a mente, ideias extraordinariamente heróicas, quanto ao meio de se entregar ao cativoiro e sentia ter fenecido todo aquele santo amor que voltara ao Laurindo que ora ia-lhe causando natural repulsa, por julgá-lo um criminoso.

Já não se entendia o casal, vivendo Laurindo preso de grande tristeza.

Severina deliberou concertar com um negro fôrro que morava na vizinhança um plano, de que lhe adviesse a liberdade do espírito, e que ela preferia à liberdade física.

Esse liberto era Pai Casimiro, um quitandeiro muito velho, que havia longos anos, residia na corte.

Pai Casimiro entendeu-se com um negociante de escravos, com quem combinou a venda de Severina para fora do Rio de Janeiro, devendo o dinheiro ser dividido entre eles dois.

Proposto o negócio à pobre rapariga, ela o aceitou com grande prazer.

Contar a Laurindo o plano que engendrara seria evitar o sucesso, por isso Severina nada revelou ao seu esposo, deliberando executar a tentativa da execução.

Uma bela manhã, como são as de maio, saiu Severina de casa, com a roupa do corpo, na ausência do marido, deixando o fatídico anel num pequeno cofre, onde Laurindo guardava o dinheiro miúdo.

Encontrando-se com Pai Casimiro, foi a ex “mucama” ter à rua dos Arcos, onde havia o negociante estabelecido o seu depósito de escravos.

Retirou-se Pai Casimiro, depois de entregar ao negociante a pobre Severina e dele receber metade da importância provável da venda a se realizar.

Horas depois era Severina vendida a um fazendeiro de "serra acima", o qual por ela pagou um conto e quinhentos mil réis, por lhe ter agradado a estampa e haver verificado os seus predicados.

No mesmo dia, com mais cinco escravos adquiridos pelo seu novo senhor, partiu em companhia dele, a voluntária cativa.

Não articulava uma só palavra a infeliz Severina, que, de vez em quando, vertia copioso pranto atribuído pelo seu comprador à saudade da casa, de onde fora vendida.

Caiu a noite e, já em Maxambomba, tomaram pouso os viandantes em uma estalagem.

Durante a noite, que passou em claro, teve Severina uma visão consoladora: apareceu-lhe d. Margarida, que lhe disse ter o seu sacrifício agradado a Deus e que ela ia em breve, ter a recompensa dos que cumprem o seu dever.

Afeita ao rude sofrer de escrava pois nascera nos grilhões do cativeiro, a infeliz mulher resignadamente sofria os gritos que a estupidez arrancava da boca do seu novo senhor, que, como todos os senhores considerava o escravo não como um seu semelhante, mas sim como um inferior, uma máquina de trabalho!

E enquanto galgavam, passo a passo a serra do Mar, iam os do grupo cantarolando, ao passo que a voluntária escrava conservava-se muda e indiferente a tudo.

Iam para o Bananal, então próspera localidade paulista.

Deixemo-los na sua jornada para volvermos à corte, onde encontrava-se Laurindo.

Logo após a saída de Severina, voltara à casa o alfaiate, que sofreu terrível choque com a falta de sua companheira.

Para ele, tudo era possível até mesmo a prática do nefando suicídio, menos porém, a fuga, o abandono do lar motivado por questão de amor, pois jamais poderia pôr em dúvida a absoluta honradez de sua virtuosa companheira, que bem sabia ser relicário de virtudes.

(Continua)

Folhetim do Getulino 44 (22/06/1924)

Num natural desejo procurou Laurindo verificar se como poderia ter feito, Severina lançara mão do seu dinheiro, mas ao abrir o cofre, uma grande emoção sacudiu-lhe o espírito, ao fitar o anel que lá pusera a sua infeliz mulher que não subtraía um vintém sequer.

Laurindo passou a ter uma vida tristíssima, varado pela saudade daquela que tanto o acalentara o seu coração perdera o bálsamo suave da felicidade, enquanto o seu espírito se imergia no desespero, que gerara o misterioso desaparecimento daquela mulher a quem desejara ardentemente votar à sua existência.

O bom africano, cuja renda proveniente dos imóveis que possuía lhe assegurava tranquilo viver, não mais sentia o bem estar, que nunca provém da riqueza, mas cuja gênese está na tranquilidade da consciência.

Buscando a razão do abandono do lar levado a efeito por sua chorada companheira, fácil foi compreender a causa da sua enorme desdita que repousava fato que mais ainda elevava Severina, que sempre declarara preferir a vida de escrava a de liberta por via de um crime.

Assaltou a cabeça do velho africano uma ideia: teria Severina procurado no ascetismo de algum claustro, a vida que vivem, fora do mundo, os que professam nas ordens, onde a vida contemplativa dá aos espíritos martirizados, quietude absoluta?

Existiam naqueles tempos mais claustros do que agora e o noviciado em todas as Congregações religiosas aumentava então.

Sem mais detença, saiu Laurindo, de porta em porta pelos conventos, a fim de falar à diretoria, para colher informações que lhe pudessem dar a certeza de que Severina trocava a vida tranquila de um lar venturoso, pelo silêncio sepulcral de um convento.

Essa ideia, brotada no cérebro de Laurindo, bem provava o sãõ conceito que ele fazia da sua companheira.

Em casa religiosa, que batia a resposta era sempre a mesma, isto é, que não lhe podia ser ministrada informação alguma.

Desvairada, na inquietude que lhe ocasionara a insônia que o castigava louco de dor, sem poder achar conforto lenitivo ao seu desespero, foi, nas suas ilações, descendo tanto que no seu cérebro doentio se gerou a maior infâmia; isto é, o pensamento de que Severina abandonara o lar, dominada por alguma paixão lúbrica, que a generosidade dos homens confunde com o amor, que, os lírios, não pode surgir no lodo.

E lá se pôs o pobre negro a caminho de inglórias aventuras, no passo acelerado dos desesperados.

Adveio-lhe logo um terrível pensamento, que atingia a honra de sua fiel esposa.

Havia um português, conhecido por "Vinagre", graças à sua grande avareza, o qual tivera uma venda próxima à residência de Laurindo.

Celibatário e sem parentes no Brasil, "Vinagre" procurava fazer relações com os vizinhos, todos muito seus amigos.

Quantas vezes com esse homem, não havia ido, através de tantas ruas o casal até a igreja de Santo Antônio dos pobres ouvir missa, ungidos todos pela fé ardente dos devotos do miraculoso taumaturgo?

Pois bem, "Vinagre", vendendo o seu negócio se transferiu para o "Cabuçu", lugar situado à margem do caminho da serra do Matheus, e que partia do Engenho Novo.

Primeiro a suspeita depois a dúvida e afinal a certeza a convicção que alucina, puseram no coração de Laurindo a dor e no cérebro a ideia de vingança, pois era preciso acabar com a vida daquela para quem quisera viver!

Caminha agora Laurindo, não mais com a firmeza de quem quer praticar o bem, mais cambaleando como que agitado por pensamentos que o embriagam e turvam a razão.

Desconfiou do "Vinagre", soube do seu paradeiro e, não podendo atinar com a razão da sua retirada do centro da cidade para um arrabalde longínquo, então em começo de desenvolvimento arma-se o embrenhar-se pelas capoeiras da fazenda do macaco, hoje Vila Isabel, do paradeiro do inocente português, a quem ele atribui a sedução de Severina, sem trepidar em assacar à pobre rapariga a maior das injúrias, que se pode atirar a uma mulher casada que bem compreende o seu dever conjugal.

(Continua)

Folhetim do Getulino 45 (06/07/1924)

Dentro de algumas horas, chega Laurindo ao Cabuçu e logo depois à venda do Custódio, que, saindo do centro urbano se libertara da alcunha de "Vinagre".

Dentro do tosco balcão o negociante ia servindo sua pequena freguesia despreocupadamente quando assoma à porta o desvairado negro transido da angustiosa dor de cruel ciúme.

Laurindo não disse palavra ao penetrar no cômodo da venda, tomando assento num grosseiro banco colocado fora do balcão.

O português, esse "Vinagre" prazenteiro, sempre sorridente, mas a apreensão bem patente, tornara-se sério e mediante o vulto de Laurindo, trocando com o seu inesperado hóspede olhares cheios de desconfiança.

O balcão se esvaziara com a saída da freguesia.

Ficaram ambos mudos, nessa mudez que produzem as grandes emoções que embargam a voz.

Decorridos minutos, Laurindo num esforço extremo solta estas palavras, numa imprecação cheia do ódio que lhe dominava o espírito:

- Então "seu Vinagre", você está contente com a minha desgraça?

- Que te aconteceu, Laurindo? Eu já notei tua agitação.

Erguendo a cabeça, despregando o seu olhar que cravava, imóvel, no chão, a pobre vítima do amor, saltando pondo-se junto ao balcão, assim falou:

- Não se faça de tolo, português, eu quero conta da Severina que você seduziu e, sacando de uma pontiaguda faca, acrescentou: nesta arma está a tua vida.

"Vinagre", penetrando numa escura e pequena alcova, que servia de sobreloja da sua venda, de lá regressou empunhando um grosso cacete de peroba e com ele dando forte pancada sobre o balcão exclamou, dominado pela coragem que é estimulada pelo desespero:

- Não sei do paradeiro de Severina. Ela aqui não apareceu. Não posso compreender a tua audácia. Ou estás louco ou com o diabo no corpo.

Nesse comenos, penetra, inesperadamente, nesse local, que ia servir de palco a horrível cena de sangue, epílogo de um drama passionai, o inspetor de quarteirão, autoridade que naquelas priscas eras, representava grande poder policial.

O mantenedor da ordem evita a consumação do delito e procura harmonizar os contendores, que desvairados ambos, cruzavam aqueles olhares de feras embravecidas, próprios dos desesperados.

Harmonizá-los seria quase impossível, mas dar uma pronta solução ao caso, era coisa que se demandava argúcia e habilidade.

Foi o que fez o inspetor de quarteirão chamando para a rua Laurindo, e com ele entretenendo longa palestra da qual resultou a convicção do bom africano de não se achar Severina homiziada na casa de "Vinagre".

Havia no cérebro de Laurindo uma grande balbúrdia pela pluralidade de idéias concebidas cada qual mais extravagante e sinistra.

As vítimas do amor são sempre refratárias à razão que fica obliterada, elas são sempre infensas à verdade e pendem para a fantasia; não concebem seu cérebro coisas verdadeiras por estar ele dominado pela morbidez gerada por um estado de alma saturado de dor.

Laurindo tinha uma ideia fixa qual a de encontrar a sua esposa, e para a vitória do seu desejo, era preciso entregar-se a toda a sorte de peripécias.

Não media sacrifícios e era preciso criar asas para, como os abutres, atravessar distâncias cruzando profundos abismos, cujas alturas mais fascinam os seres que as dominam vitoriosamente.

Era um desesperado e dos desesperados nada se pode esperar senão tudo que a ausência da razão determinar.

Ele, o bom esposo, pensava assim, perdido de toda a confiança absoluta que cegamente, depositara em Severina: ela prevaricou abandonando o lar e fugindo com outro homem.

Quero, preciso encontrá-la. Ao vê-la, defrontarei com o sedutor e é preciso lavá-la a ignomínia com o sangue dele e depois de morto esse infeliz, devo vingar-me dela, tirando-lhe a vida, para em seguida me suicidar, pondo termo à malfadada sorte de todos nós.

Era essa a série de téticas ideias que alimentava o velho africano para quem não havia outro caminho a palmilhar.

Laurindo, com a excitação de quem não come nem dorme pensando numa só coisa, regressou para a cidade, ao passo incerto de um louco, ora correndo ora caminhando pausadamente.

Era um infeliz para o qual não havia esperança alguma.

Vencidas as léguas, que o distanciava de casa, penetrou ele na sua residência, despovoada daquela grande alegria, que, outrora, dava ao seu lar os encantos da felicidade conjugal.

Um raio da divina misericórdia iluminou-lhe o espírito, entregue às trevas do desespero.

Adveio ao seu espírito, as luzes do raciocínio que lhe trouxe a consolação, tornando-o um resignado.

Vive, agora, sem a mente escaldada pelo fervilhar de ideias de vingança.

(Continua)

10/08/1924 - 07/09/1924 - interrupção do folhetim

Folhetim do Getulino 46 (14/09/1924)

Chegou, afinal, à fazenda de Palmeiras, o comboio de que fazia parte Severina.

Quem, hoje, partindo de Cruzeiro, próspera localidade sita à margem da Estrada de Ferro Central do Brasil, se dirige pela rede Sul-Mineira, a Passa Quatro, cidade mineira, projetando do alto da serra da Mantiqueira um olhar investigador, para as profundezas dos abismos, divisa um fio cristalino que a distância faz pequeno mas que é uma grande cachoeira, de um rio que se precipitando serra abaixo, como que fende a alta cordilheira, contrastando a alvura da água com o verde escuro da majestosa mata virgem. É que o fazendeiro de Bananal destinara essa pequena leva de escravos a sua nova fazenda, cuja sede - uns ranchos de pau-a-pique - demorava à margem dessa cachoeira.

À sombra do vasto arvoredo em cuja copa frondosa, ágeis macacos recebiam ao cantar da passarada, os raios alentadores do sol, que, banhando as grossas raízes que se evadindo da terra cobriam as grandes pedras, iam aquecendo grandes répteis; à sombra dessa pujante selva, as onças viviam à vontade.

O murmúrio da cascata, nas noites de esplêndido luar, se casava com os urros das feras.

Neste sertão bruto é que se iam abrir as lavouras, que mais tarde formariam a maior fazenda da circunvizinhança.

Pois nesse antro, nesse presídio, o espírito de Severina, encontrava-se mais satisfeito do que nas ruas movimentadas da corte.

No dia imediato ao da sua chegada, começou Severina o serviço da abertura de covas para o plantio do milho, serviço assaz moroso porque era preciso saltar por sobre os grandes troncos das árvores derrubadas havia pouco tempo e que, à ação crestante do fogo, haviam perdido a casca.

O aspecto do panorama bastava para amedrontar, mas naquela solidão horrenda, encontrava a voluntária escrava o bálsamo refrigerador para o seu espírito castigado pela adversidade.

Galgando, passo a passo, as íngremes fraldas da serra, ia o espírito de Severina se purificando.

Entre os poucos escravos, que ela encontrara na nova fazenda, se contavam algumas negras idas do Bananal todas elas boçais, conhecendo somente os serviços da enxada.

Fácil é imaginar-se o quanto sentia a ex-mucama a falta de uma companheira capaz de lhe falar em coisa, que lhe entretivesse o espírito.

Vinha o tempo propício à plantação das roças, densos nevoeiros envolviam os cumes dos morros que, agregados pela Natureza, formam a extensa serra. E, logo, lá se via a ex-mucama a atirar os grãos nas covas, tirando-os com a mão direita da grande cuia, e com o pé, num movimento rápido e certo, cobrir as sementes com um pouca de terra.

Depois seguia-se a colheita, sendo conduzidas para os paióis de madeira roliça cobertos de "tabuinhas", as grandes espigas conduzidas no "jacá", amarrado às costas dos escravos com cipós tão resistentes como as cordas de linho, que nos vem agora da Europa ou dos Estados Unidos da América do Norte, único meio de transporte em tal local.

O novo senhor de Severina, lá de ano em ano, transpondo a longa distância ia à sua nova fazenda passando alguns dias empenhado em caçadas, com alguns vizinhos do Bananal.

As covas forneciam sempre renda, para então avultada, proveniente da venda de toucinho a poucas patacas por arroba, a alguns tropeiros que cruzavam por esses recônditos lugares sitos em São Paulo e em Minas Gerais.

Nem uma vaca com o seu mugido atestava a reprodução da espécie, pois só o burro, o "desbravador" do Sertão, atestava pelas pegadas que ia deixando nos trilhos, cheios de zigzag, a sua passagem pelos ínvios lugares.

Uma tarde, tarde quente de rigoroso verão, tombou, a meia dúzia de passos da senzala, a pobre Severina, picada por um urutu, réptil cujo letal veneno é bem conhecido.

Em dois minutos ficou a infeliz criatura privada da voz, da vista e da audição, morrendo sem dizer adeus ao mundo e sem ver a beleza da natureza e sem ouvir nem o horripilante bramir das feras, nem o (*ilegível*)

(*ilegível*) que foi ali que morreu uma das vítimas da famigerada quadrilha de malfeitores, que (?)[rava] na llegendária serra, e numa invocação cheia de fé elevam a Deus a sua súplica pelo descanso eterno da alma daquele que julgam uma vítima do banditismo.

E como poderá ir vivendo Laurindo, o marido de Severina, que, tão longe, goza o bafejo da felicidade?

Folhetim do Getulino 47 (21/09/1924)

Transportemo-nos à enorme distância de cerca de cinquenta léguas, para encontrarmos o velho africano, na corte arrastando a sua existência, como um infeliz.

De fato, desde que se ausentara Severina, Laurindo vivia a vida de um condenado; cheio de atribulações, sentia o aguilhão do desespero chagar-lhe ao espírito sempre sobressaltado pelo remorso que lhe envolvia a consciência.

Quantas vezes ele, sentado à beira-mar, na praia de Santa Luzia ou na do Boqueirão, vendo desdobrarem-se à luz merencória da lua, uma por uma, as ondas do mar revoltas as quais se desfaziam em alva espuma não via no esplêndido quadro a reprodução da sua vida, vida de que fazia parte integrante Severina, aquela pobre "mucama"?

E, então, cristalinas e rutilantes, precipitavam-se dos seus olhos grossas lágrimas que longe de lhe mitigarem o ardor da paixão que lhe ia debilitando o ser, maior faziam a dor do desespero, que bem sentem os apaixonados, sem a poderem definir.

A areia da praia, tragando-lhe sedenta, as lágrimas, parecia lembrar-lhe a pureza de Severina, que Laurindo acreditava viver ainda na corte.

Horas e horas decorriam, até que despertasse o velho africano daquele êxtase de amor que o retirava do mundo para o colocar sob o domínio da fantasia.

Muitas e muitas vezes ele, entre lágrimas e soluços, deixava que lhe escapasse não uma maldição, mas uma expressão do quanto era sublime nutrir uma paixão.

Definhou o velho Laurindo e o seu moral se abateu por via da perda das forças vitais, até que tombou no leito, que fora o seu tálamo conjugal.

Como todos os que se aproximam da morte, Laurindo previu o desenlace fatal e, por isso chamou o confessor, que o preparasse para o trespassse.

O sacerdote ouviu a narração de toda a vida daquele que roubado à família na pátria africana, tivera episódios para contar, da sua longa estada no Brasil.

O padre fez vir um tabelião, que escreveu uma por uma, as disposições de última vontade de Laurindo, o qual legava todos os seus haveres a Severina para ele ainda viva.

Dias depois expirou o pobre africano, que, nos últimos momentos, teve visões belíssimas, nas quais Severina se lhe apresentou em espírito.

Mas o que ele dizia nos paroxismos da morte, todas as suas exclamações eram tidas como puro delírio.

Morreu Laurindo vendo já no regaço de Deus, aquela por quem vivera longos anos.

Houve o enterro modesto como recomendara o extinto e foram distribuídas as esmolas e ditas as missas instituídas pelo testamento, a cargo do professor Manoel Silveira, dado por abonado em juízo e fora dele.

O prazo para a liquidação do testamento era de dois anos.

O professor Manoel Silveira era um daqueles "mestre-escola" da época, em que o distintivo do magistério era a palmatória, que levavam os professores, quando, de casa em casa, iam tomar a lição de leitura e tabuada, aos discípulos...

O traje característico do "mestre-escola" era o de chapéu alto, cartola ensebada, sobrecasaca curta e calças largas de enfiar, tudo de fazenda muito ordinária.

O "método" de ensinar era o do bê- a- báa e no que dizia com a tabuada era a clássica cantoria: 5 vezes 4 vinte, nove fora vezes 2 igual a 6, e, nessas "matérias", gozava o mestre Silveira da fama de profundo pedagogo.

Carregado de filhos, não podia ter ele abastança no lar, pois os mais ricos pagavam-lhe, por mês, pataca por discípulo, entretanto, depois de assumir o cargo de testamenteiro, começou a se tornar novo o fato e luzidia a cartola do "mestre".

O povo começou a murmurar e o vigário, quando vinha à baila o assunto, costumava sentenciar: "Procurador não me enganas tu procuras para ti"...

O empenho maior do mestre Silveira era descobrir a herdeira universal de Laurindo, cujo acervo atingia a elevado número de contos de réis, sem falar no anel, que teve rápido extravio.

Passados meses bastantes convenceu-se mestre Silveira da impossibilidade de ser descoberto o paradeiro de Severina e engendrou um terrível plano para se apossar da herança.

Com cerca de cinquenta anos de idade, tendo passado a vida toda a trabalhar em vão para a conquista de alguns haveres, bem compreendeu mestre Silveira o todo propício desse momento, para se tornar rico.

Era preciso arranjar uma Severina qualquer, o que se lhe afigurou fácilimo, e também testemunhas idôneas que a reconhecessem como a "viúva" de Laurindo.

No aparelhamento do plano gastou mestre Silveira longos dias, porque cada concepção de seu cérebro representava uma ideia irrealizável.

Afinal, apareceu-lhe uma Severina e a dificuldade era encontrar as preciosas testemunhas.

Folhetim do Getulino 48 (28/09/1924)

Quem subisse, na época, a ladeira do Cotovelo, logo na terceira casa à direita, encontraria, em mangas de camisa, a porta, um tipo singular, baixa estatura, muito gordo, usando longas calças, sempre risonho.

Era um vendeiro de nacionalidade portuguesa, conhecido por "morgado", mas cujo nome era Joaquim Seixas Mendes.

Uma boa testemunha essa, por ser afeito a compra de contrabandos de gêneros de estiva...

Mestre Silveira procurou fazer relações com esse tipo repelente e uma feita, à sós, lhe expôs a necessidade que tinha de sua colaboração no plano de assalto à herança de Laurindo.

Fascinado pela soma que lhe era prometida, cerca de cinco contos, para serem divididos entre ele e o companheiro que conseguisse, Morgado arranjou outra testemunha, um espanhol que tinha um pequeno sítio em Jacarepaguá.

Faltava-lhes ser apresentado a "Severina", uma pobre africana que mal entendia a nossa língua...

E lá foi mestre Silveira à presença do Juiz de Órfãos e Ausentes, apresentar a herdeira universal de Laurindo, cuja identidade era atestada pelas testemunhas adrede preparadas.

Correra o inventário os trâmites legais, sendo vendidos em hasta pública os bens imóveis e os móveis, para ser recolhida a importância ao cofre à disposição da herdeira ausente.

Fora a bem alta quantia, o monte e mestre Silveira nos termos do testamento feito por Laurindo achava-se abonado em juízo e fora dele, não tendo portanto de prestar contas à autoridade alguma senão no prazo instituído em dito documento.

Mas o mestre Silveira era, preferível desvencilhar-se da responsabilidade, podendo entrar na posse da herança, pois a sua alma não era suscetível de remorso.

O advogado de mestre Seixas era um sujeito que à longa prática necessária a "chicana", aliava as luzes que adquirira nos dois anos que cursara a Universidade de Coimbra.

Era o "doutor" Alvarenga o mais procurado pelos que demandavam nos auditórios da corte, cujo foro já pautava um sem número de advogados formados no Recife e em São Paulo.

Apareceu a disputar a herança de Laurindo a falsa Severina, que ficou, afinal, na miséria, caindo tudo nas mãos usurpadoras de mestre Silveira, que tratou de tomar passagem no primeiro navio, que zarpou rumo a Europa.

Mais tarde a justiça divina castigou o desonesto mestre Silveira, que não pode usufruir o produto do seu roubo monstruoso, enquanto descoberta a falcatura a justiça brasileira procurou agir, mas tardiamente.

E assim aquele anel fatal encontrado pelo pobre escravo não produzira senão o mal, que sempre tomou a forma aparente do bem.

Laurindo era uma vítima da barbaridade das leis, e, como Severina padeceu a tortura do cativeiro, mas não lhes era lícito gozarem da liberdade mal-adquirida, provinda de outro roubo, embora o que ele praticara não se pudesse comparar com o que perpetrava quem de um ser humano, tornava um infeliz escravo.

E, enquanto nas brenhas de uma cordilheira cheia de abismos, descansam os restos mortais de Severina e na necrópole pomposa da Corte se achava o corpo de Laurindo, todos os haveres deste foram parar na velha Europa, atravessando as mesmas águas sulcadas pelo navio negreiro que trouxe ao Brasil o africano infeliz.

Por sobre o argênteo lençol do Atlântico, esvoaçam as garças alvas, enquanto na última morada de Severina, o solitário "curiango" com o seu cantar monótono vai despertando

infinita tristeza e a coruja no cemitério carioca com o seu pio agourento pousa na tosca cruz onde os ossos de Laurindo, reduzido aos restos mortais se confundem com os de outros atirados na grande vala comum destinada ao recolhimento dos esqueletos existentes nos túmulos abandonados.

Ao menos, à boa Severina coube repousar perpetuamente na sua sepultura nesse silêncio e nessa quietude reservada aos que foram bons na peregrinação errante.

Fim.